

ANA CLAUDIA RIBAS

A “BOA IMPRENSA” E A “SAGRADA FAMÍLIA”:

Sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis – 1929/1959.

FLORIANÓPOLIS

2009

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANA CLAUDIA RIBAS

A “BOA IMPRENSA” E A “SAGRADA FAMÍLIA”:

Sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis – 1929/1959.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Santa Catarina, como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestra em História do Tempo Presente.

Orientadora: Dr^a Gláucia de Oliveira Assis. **Co-orientadora:** Dr^a Marlene de Fáveri.

FLORIANÓPOLIS

2009

ANA CLAUDIA RIBAS

A “BOA IMPRENSA” E A “SAGRADA FAMÍLIA”:

Sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis – 1929/1959.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Santa Catarina, como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestra em História do Tempo Presente.

Banca Examinadora:

Profª Drª Gláucia de Oliveira Assis (Orientadora)

Profª Drª Marlene de Fáveri (Co-orientadora)

Profª Drª Joana Maria Pedro (UFSC)

Profª Drª Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)

Ao meu querido companheiro Cleber e

A meus pais Cirineu e Jussara,

Dedico.

AGRADECIMENTOS

É muito gratificante chegar ao fim de mais uma etapa. E como em nenhuma estrada se caminha completamente só, gostaria de agradecer àqueles que em algum momento estiveram ao meu lado, e me ajudaram na construção deste trabalho. Portanto agradeço...

À Prof^ª Marlene pelo estímulo que me inspirou a seguir em frente.

À prof^ª Gláucia pela paciência diante de meus “atropelos”, pelas leituras atentas, e pela segurança transmitida, especialmente nos últimos momentos desta pesquisa.

À prof^ª Maria Teresa pela atenção e pelas carinhosas sugestões.

Ao prof. Reinaldo pelos bons conselhos e pela disponibilidade.

À família Faraco pela atenção, especialmente a Felipe Cunha Faraco, que sempre gentilmente me atendeu, fornecendo-me informações preciosas.

À minha amiga Simone Rengel, companheira sempre pronta a ajudar.

Ao meu irmão Cleyton Murilo, que tanta atenção dedicou aos meus escritos.

Ao meu companheiro Cleber que sempre esteve ao meu lado.

E a todos a quem não citei nestes agradecimentos, mas que me ajudaram nesta caminhada pelo “vale das sombras”. A todos agradeço pela ajuda, pelo estímulo! Grata!

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar, dentro de uma perspectiva historiográfica, o conteúdo dos discursos da imprensa católica catarinense, através de seu representante, o jornal *O Apóstolo*. Fundado em 1929 pelo Apostolado da Oração da Catedral Metropolitana de Florianópolis, com apoio oficial da Igreja Católica, e posteriormente estabelecendo-se como órgão da Congregação Mariana de Florianópolis, *O Apóstolo* atuou como instrumento de propagação de discursos normatizadores. Dentro do período compreendido entre 1929 e 1959, as representações normativas referentes à família e a identidades de gênero, presentes nas páginas de *O Apóstolo*, construíam-se não apenas pautados em preceitos religiosos, mas dialogavam com interesses políticos e com anseios do clero catarinense, sem perder de vista os interesses e projetos do Vaticano. Estes discursos normativos, pautados em uma perspectiva tradicional do catolicismo, buscavam reagir contra uma modernização da sociedade que ameaçava sua visão de mundo e que propunha outras representações e modelos de conduta. Valores morais e de civilidade, a preocupação com a preservação do corpo, com a leitura e com o cinema, a construção de modelos de santidade feminina, eram temas recorrentes nestes discursos de *O Apóstolo*. Discursos que dialogavam e resistiam às dinâmicas sociais, em um jogo de estratégias, que lhe possibilitou desempenhar importante papel no processo normatizador da Igreja Católica durante a primeira metade do século XX.

Palavras-chaves: Imprensa Católica, Representações, Família.

RÉSUMÉ

Cette dissertation a l'objectif de analyser, à l'intérieur d'une perspective historiographique, le contenu des discours de la presse catholique catarinense, via son représentant, le journal '*O Apóstolo*'. Établi en 1929 par l'Apostolat de la Prière de la Cathédrale Métropolitaine de Florianópolis, avec le support officiel de l'Église Catholique, et ultérieurement en s'établissant comme agence de la Congrégation Mariana de Florianópolis, '*O Apóstolo*' était utilisé comme instrument de propagation de discours normalisateurs. Au cours de la période entre 1929 et 1959, les représentations normatives concernant à la famille et aux identité de genre, présents dans les pages de '*O Apóstolo*', se construisaient non seulement formés dans des règles religieuses, mais ils dialoguaient avec des intérêts politiques et avec des intentions du clergé catarinense, sans perdre de vue les intérêts et les projets du Vatican. Ces discours normatifs, formés dans une perspective traditionnelle du Catholicisme, voulaient réagir contre une modernisation de la société qui menaçait sa vision de monde et qui proposait autres représentations et modèles de conduite. Des valeurs morales et de civilité, la préoccupation avec la conservation du corps, avec la lecture et avec le cinéma, la formation de modèles de sainteté féminine, étaient des sujets récurrents dans ces discours de '*O Apóstolo*'. Discours qui dialoguaient et résistaient aux dynamiques sociales, dans un jeu de stratégies, qui lui a rendues possible jouer un important rôle dans le processus de normalization de l'Église Catholique pendant première moitié du siècle XX.

Mots clés: Presse Catholique, Représentations, Famille.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Figura 1: Primeira página comemorativa a visita de Getúlio Vargas em 1940. *O Apóstolo*, 15 março de 1940, nº 234, p. 01. (Foto do original feita pela autora).....51
- Figura 2: Primeira página comemorativa publicada em 1º de março de 1944. *O Apóstolo*, 01 março de 1944, n.329, p. 01. (Foto do original feita pela autora).....52
- Figura 3: Primeira página comemorativa de 1945. *O Apóstolo*, 01 março 1945, n. 353, p.01. (Foto do original feita pela autora).....52
- Figura 4: Homenagem a Nereu Ramos na primeira página de *O Apóstolo* em 1940. *O Apóstolo*, 01 abril de 1940, n. 235, p. 01. (Foto do original feita pela autora).....55
- Figura 5: Primeira página homenageando o novo governador catarinense Aderbal Ramos da Silva em 1947. *O Apóstolo*, 15 abril de 1947, n. 404, p.01. (Foto do original feita pela autora).....59
- Figura 6: Texto antidivorcista publicado em setembro de 1951. *O Apóstolo*, 01 setembro de 1951 n. 509, p. 03. (Foto do original feita pela autora).....104

- Figura 7: Texto antidivorcista escrito pelo Mons. Brandão (foto) - voz da moralidade católica em *O Apóstolo*. *O Apóstolo*, 15 setembro de 1951, n. 510, p. 04. (Foto do original feita pela autora).....104
- Figura 8: Referências bíblicas possuíam o maior poder legitimador do discurso católico, e não poderiam ser dispensadas na campanha antidivorcista. . *O Apóstolo*, 01 outubro de 1951, n. 511, p. 02. (Foto do original feita pela autora).....105
- Figura 9: O apelo à manutenção da família era a grande bandeira católica. *O Apóstolo*, 01 outubro de 1951, n. 511, p. 02. (Foto do original feita pela autora).....105
- Figura 10: Capa do livro sobre a vida de Maria Goretti, escrito pelo Pe Alvino Braun – Publicado em *O Apóstolo* em 1951. *O Apóstolo*, 01 janeiro de 1951, n. 493, p. 02. (Foto do original feita pela autora).....167
- Figura 11: O interesse do clero catarinense na instauração do processo de canonização de Albertina era explicito nas páginas de *O Apóstolo* – 1953. *O Apóstolo*, 01 janeiro de 1953, n. 493, p. 01. (Foto do original feita pela autora).....170
- Figura 12: Primeira página marcando o início da sequência quinzenal de trechos da hagiografia de Albertina Berkenbrock - *O Apóstolo* 01 de março de 1953. *O Apóstolo*, 01 março de 1953, n. 543, p. 01. (Foto do original feita pela autora).....172
- Figura 13: Ilustração representando Albertina Berkenbrock no centro da coluna *Graças Recebidas* – 1953. *O Apóstolo*, 15 dezembro de 1953, p. 03. (Foto do original feita pela autora).....173
- Figura 14: Túmulo coberto de flores “devoção do povo”. *O Apóstolo*, 15 março de 1953, p. 01. (Foto do original feita pela autora).....172

Figura 15: Túmulo da menina Albertina – O Apóstolo 1953. *O Apóstolo*, 15 maio de 1953, p. 01.

(Foto do original feita pela autora).....176

Figura 16: Os pais da ‘Serva de Deus’, retrato da simplicidade – *O Apóstolo* 1953. *O Apóstolo*, 01 abril de 1953, p. 01. (Foto do original feita pela autora)..... 176

Figura 17: Professor de Albertina – *O Apóstolo* 1953. *O Apóstolo*, 15 abril de 1953, p. 01. (Foto do original feita pela autora).....177

Figura 18: Irmã de Albertina, descrita como seu “file retrato” – *O Apóstolo* 1953. *O Apóstolo*, 15 abril de 1953, p. 01. (Foto do original feita pela autora).....177

Figura 19: A representação de santidade de Albertina tinha por objetivo inspirar as jovens católicas. - O Apóstolo 1953. O Apóstolo, 01 março de 1953, p. 01. (Foto do original feita pela autora).....181

Figura 20: Única imagem publicada do suposto assassino de Albertina – O Apóstolo 1953. O Apóstolo, 15 dezembro de 1953, p. 01. (Foto do original feita pela autora).....184

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: Entre o diálogo e a tradição: a trajetória do jornal <i>O Apóstolo</i>.....	16
1.0 Questões para a História do Tempo Presente	17
1.1 A Boa Imprensa, um Bom Jornal e uma Boa Nação.....	25
1.2 Tempos conflitantes: <i>O Apóstolo</i> entre políticas, Crises e Guerras.....	45
1.3 Tão sábios quanto Salomão: as vozes normatizantes de <i>O Apóstolo</i>	68
CAPÍTULO II: A essência da lei: os preceitos católicos em <i>O Apóstolo</i>.....	78
2.0 Os discursos normatizadores de <i>O Apóstolo</i>	79
2.1 Matrimônio, família e a norma nas páginas católicas.....	81
2.2 O corpo: um templo sacrossanto.....	107
CAPÍTULO III: No silêncio dos pensamentos: entre as representações da modernidade	126
3.0 Representações conflitantes.....	127
3.1 A pedagogia da punição em <i>O Apóstolo</i>	129
3.2 O fruto proibido: amores e romances.....	139
3.3 O cinema: inebriante veneno dos bons costumes.....	152
3.4 Martírio e virgindade: as representações da santidade feminina.....	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
FONTES.....	191
BIBLIOGRAFIA.....	193
ANEXOS.....	200

INTRODUÇÃO

Aos que não comungam as nossas crenças mas encaram a religião exclusivamente pelo lado natural e humano, permitimo-nos lembrar-lhes estas palavras, extraímos do precioso livrinho do Pe Paschoal Lacroix, a que nos referimos em número precedente. Diz este ilustre educacionista: “Sem religião e religião profunda, não há governo honesto nem povo ordeiro. Este fica sem freio e sem direção. O país mais cedo ou mais tarde, precipitar-se-á no anarquismo, senão na revolução. Sem a religião boa e verdadeira as bases da sociedade caem. É a dissolução por toda parte! É o desmoronamento moral e social, econômico e muitas vezes até nacional. Só a religião católica é a força sobrenatural que sabe dominar a besta humana, vencer todas as crises, sarar todas as feridas e consolar todos os corações”.¹

O fragmento acima, retirado das páginas do jornal católico catarinense *O Apóstolo* publicado em agosto de 1930, nos ajuda a entender o ambicioso papel normatizador que este periódico desejava exercer, enquanto voz da oficialidade católica, na sociedade através de seus discursos.

Na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX no Brasil, iniciava-se uma cultura da leitura de foro íntimo, que estimulou a produção de periódicos dentro dos mais variados objetivos e orientações – jornais operários, anticlericais, liberais, entre muitos outros. Eram produções provenientes de um espaço urbano e destinadas ao mesmo.

Esta efervescência de publicações estimularia a Igreja Católica brasileira a também se utilizar da imprensa como meio de propagar suas idéias. Assim, nas últimas décadas do século XIX surgia a Boa Imprensa, a imprensa católica, dirigida e supervisionada pelo clero, cujo objetivo centrava-se na normatização de costumes dentro dos preceitos cristãos.

¹ O Sacerdote. *O Apóstolo*. Florianópolis, ago. 1930, n. 12, p. 02.

A Igreja Católica nutria uma constante preocupação com a fragilidade de sua visão de mundo,² com a estruturação e o controle social, com a nomatização de costumes. Acreditando ser necessário “ancorar o oscilante edifício da ordem social”,³ passava a fornecer representações normativas a seus fiéis, também através da Boa Imprensa.

Em Santa Catarina uma quantidade razoável de periódicos católicos chegou a circular, alguns com uma existência muito curta. Mas foi em 1929 que surgiu o representante da Boa Imprensa catarinense com maior longevidade: *O Apóstolo*.

Criado como órgão do Apostolado da Oração da catedral Metropolitana de Florianópolis, *O Apóstolo* inicia sua circulação com edições mensais. A partir de 1931 este o jornal passa a ser órgão da Congregação Mariana da capital, torna-se, então, uma publicação quinzenal em junho de 1931, contando com um censor arquidiocesano responsável pela publicação.

Este jornal possuía uma pauta específica: a moral católica. A partir deste tema central, os discursos veiculados por *O Apóstolo* passavam a propagar uma visão de mundo, em um empreendimento normatizador, que em muitos momentos dialogava com outros discursos, como o médico e o político.

Entendendo os discursos como elementos táticos em um campo de correlações de forças,⁴ a pesquisa aqui apresentada objetiva interrogá-los em dois sentidos: quais as representações normativas oferecidas por estes discursos, e como a relação com outros discursos se refletia na produção destas representações.

Trabalhando com a premissa de que a religião é um produto histórico e um sistema cultural⁵ - tendo como norte os trabalhos de Peter Berger e Clifford Geertz⁶ -, e que é um fenômeno

² Embasando-me nos trabalhos de Clifford Geertz, utilizo o termo “visão de mundo” como sendo um conjunto de idéias elaboradas sobre o que seria a ordem dentro de um estado real das coisas, em aspectos cognitivos e existenciais, elaborados na simples realidade da sociedade em si mesma. A “visão de mundo” torna-se emocionalmente aceitável por apresentar-se como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é a expressão autêntica. In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989, p.93-94.

³ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado* – Elementos para uma teoria sociológica da Religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 42-44.

⁴ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 6 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 97.

⁵ GEERTZ, 1989.

⁶ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado* – Elementos para uma teoria sociológica da Religião. & GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*.

de “mão dupla”, ou seja, capaz de produzir e ser produzida pela sociedade⁷ em um empreendimento contínuo, buscou-se compreender de que maneira os discursos do jornal *O Apóstolo* articulavam-se no sentido de desempenhar um papel normativo, como um fornecedor de representações que objetivavam exercer o papel de formuladoras de uma “ordem social”.

Adotando, para a realização desta pesquisa, o jornal *O Apóstolo* como seu objeto e sua fonte, duas foram às preocupações que a nortearam: seu suporte - ou seja, suas condições de produção, suas condições de circulação, seus colaboradores e colaboradoras -, e análise dos conteúdos dos discursos veiculados por este periódico.

Dentro destas perspectivas, a questão norteadora desta pesquisa visava interrogar os discursos católicos veiculados pelo jornal *O Apóstolo* no sentido de perceber quais as representações normativas eram oferecidas por estes discursos, assim como suas relações com outros discursos não religiosos, como por exemplo, os discursos políticos e os discursos médicos.

Durante a primeira metade do século XX a sociedade brasileira se modernizava. Novas representações de homens e mulheres e outras possibilidades de relações sociais surgiam. A Igreja Católica reagia reafirmando suas representações normativas, utilizando para tal empreendimento as páginas da Boa Imprensa.

Como em outros momentos de sua história, durante a primeira metade do século XX a Igreja Católica toma para si a função de discorrer sobre os mais diferentes temas, especialmente dentro do que se refere ao corpo, sexualidade e identidades de gênero, utilizando-se de discursos como ferramenta de normalização de condutas.⁸ Todos estes culminavam em uma representação de família católica, a *célula-mater* da sociedade, a mantenedora da ordem social. Esta representação de família nas páginas da Boa Imprensa era perpassada por fortes representações de identidades de gênero.

Neste sentido, “considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto”,⁹ para compreender as representações normatizantes

⁷ BERGER, 1985. P. 23.

⁸ RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

⁹ CHARTIER, Roger. *Á Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 177.

fornecidas pelos discursos católicos, e as tensões com os demais modelos existentes na sociedade do período, tornou-se válido lançar mão da categoria de análise Gênero, no intuito de pensar as construções representativas de homens e mulheres como parte do sistema cultural religioso.

Dentro do recorte temporal proposto para a realização desta análise - 1929/1959 -, *O Apóstolo* apresentava-se o único representante da Boa Imprensa em Santa Catarina, ou seja, a voz da oficialidade católica em terras catarinenses. Pode-se dizer este periódico almejava, dentro da sociedade católica, desempenhar importante papel como instrumento de divulgação, não apenas de fé, mas também de regras de conduta que ultrapassassem as paredes de alvenaria da igreja, atingindo a vida privada de seus fiéis. Assim, temas como filhos, harmonia familiar, ambientes próprios ou impróprios, surgiam constantemente em suas páginas. Mas eram as mulheres católicas o grande foco dos textos veiculados em *O Apóstolo*. Representadas com as âncoras para uma boa família cristã, recebiam especial atenção dos discursos normativos. Neste sentido, pensar as representações de família nos discursos católicos implica também em pensar especialmente suas representações femininas.

Para melhor compreender estes discursos normativos que se encontravam veiculados em *O Apóstolo* foram analisados as publicações deste periódico a partir de julho de 1929 a dezembro de 1959, um total de 709 publicações, entre quinzenais e mensais.

Voltar os olhos para um impresso periódico católico como objeto e fonte é uma prática relativamente nova, como nos afirma a historiadora Tânia Regina de Luca¹⁰, isto devido ao ideal de verdade dos fatos buscada pela historiografia, que acabava por desqualificar os periódico enquanto fontes confiáveis para a construção de uma pesquisa histórica. A desconfiança para com os periódicos e seus conteúdos mudou junto com as novas perspectivas historiográficas que acabaram se firmando a partir das últimas décadas do século XX, com a terceira geração dos *Annales*.

A opção pela utilização do jornal *O Apóstolo* enquanto objeto e fonte para a realização desta pesquisa, pauta-se nestas mudanças de perspectivas da historiografia, especialmente por tratar-se de uma análise realizada a partir da História do Presente, que muito se vale de periódicos para buscar responder seus questionamentos.

¹⁰ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi [et al]. *Fontes Históricas*. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2006.

Assim, buscando fugir da tentação de procurar nas páginas deste jornal apenas a confirmação de hipóteses já formuladas¹¹, mas entendendo-o como fonte de uma análise crítica, buscou-se localizá-lo em duas linhas específicas: uma diacrônica e uma sincrônica. Na primeira procurando compreender as permanências nos discursos católicos e seus preceitos durante o período analisado, na segunda buscando situá-lo dentro do contexto social de sua época de produção, compreendendo-o como um reflexo das várias concepções de mundo que o cercavam e com quem dialogava ou resistia.

Dentro destas perspectivas, esta pesquisa foi desenvolvida em três capítulos. No primeiro desenvolvemos uma análise da relação entre o contexto social e político que envolveu a fundação de *O Apóstolo* e a produção de seus discursos, a fim de compreender os conflitos com a modernização da sociedade brasileira presentes em suas páginas, assim como as aproximações e os distanciamentos com tensões políticas e sua relação com a oficialidade católica.

No segundo, uma vez que pretendíamos trabalhar com as representações de família dentro dos discursos católicos de *O Apóstolo*, preocupamo-nos em analisar como se construíam estas representações, sua relação com outros discursos, como o discurso político e o discurso médico, e como este modelo de família pautava o projeto normatizador católico.

No terceiro capítulo, analisamos o combate a outras representações que, segundo a ótica católica, ameaçavam seus preceitos normativos. Assim, buscamos compreender como se dava o combate às representações de papéis de gênero, casamento e moral, fornecidas pela literatura e pelo cinema. Neste mesmo capítulo analisamos ainda a tentativa da Igreja Católica em reafirmar seus preceitos normativos através de novas representações de feminilidade e santidade, na tentativa de contraporem-se aos novos valores sociais.

¹¹ LUCA, 2006. P. 117.

CAPÍTULO I

ENTRE O DIÁLOGO E A TRADIÇÃO: A TRAJETÓRIA DO JORNAL *O* *APÓSTOLO*.

1.0 Questões para a História do Tempo Presente.

*“É preciso crer para compreender
e não compreender para crer.”
Jackson de Figueiredo*

Ao se voltar os olhos para a civilização ocidental, é possível perceber a intensa presença (e influência) do Cristianismo em toda sua história, que “tem causado impacto na vida familiar, transações econômicas, alianças políticas, realizações artísticas e na maneira em que compreendemos o significado da vida e do propósito humano”.¹² E mesmo que, para muitos, o século XXI significasse uma secularização crescente da sociedade, essa não parece ser uma premissa que esteja em vias de se concretizar, muito pelo contrário, o que parece estar acontecendo é um retorno a posicionamentos religiosos tradicionais, por vezes dotados de uma intransigência fundamentalista. E esta é uma tendência seguida, também, pela Igreja Católica.

Após a morte do papa João Paulo II, em abril de 2005, em uma das mais rápidas eleições de conclave da história recente da Igreja Católica, escolheu-se seu substituto: o cardeal Joseph Ratzinger. Adotando o nome de Bento XVI para exercer seu pontificado, Ratzinger era personagem atuante ao lado do falecido papa, muito conhecido por suas atitudes conservadoras e por questionar alguns “caminhos da modernidade”.

¹² REESE, J. Thomas. *O Vaticano por dentro: a política e a organização da Igreja Católica*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999, p. 11.

A notícia da escolha de Bento XVI foi recebida por muitos estudiosos como o sinal de que a Igreja Católica estaria se voltando para rumos conservadores, e a eleição de Ratzinger se trataria uma estratégia anti-reformista. Compartilhando dessa idéia, o teólogo brasileiro Leonardo Boff ¹³, chegou a descrever a escolha de Bento XVI como um “confronto com a modernidade” por parte da Igreja Católica, uma vez que, enquanto “outros papas, como João XXIII, estabeleceram um diálogo com o mundo moderno”, a carreira eclesial de Ratzinger apontaria para um rumo diferente, ou seja, para uma “radicalização de posturas”. ¹⁴

A escolha de Ratzinger, deste modo, passou a ser entendida como uma estratégia para a continuidade de ações e posturas iniciadas com o pontificado de João Paulo II, que apesar do carisma com que se relacionava com os fiéis e especialmente com os meios de comunicação, acabou por direcionar a Igreja Católica para rumos mais tradicionais. Havia o claro interesse do então Sumo Pontífice João Paulo II em reafirmar os princípios

¹³ Leonardo Boff ingressou na Ordem dos Frades Menores em 1959. Em 1970, doutorou-se em Filosofia e Teologia na Universidade de Munique, Alemanha. Ao retornar ao Brasil, ajudou a consolidar a Teologia da Libertação no país. Lecionou Teologia Sistemática e Ecumênica no Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis (RJ) durante 22 anos. Foi editor das revistas *Concilium* (1970-1995) (Revista Internacional de Teologia), *Revista de Cultura Vozes* (1984-1992) e *Revista Eclesiástica Brasileira* (1970-1984). Seus questionamentos a respeito da hierarquia da Igreja, expressos no livro *Igreja, Carisma e Poder*, renderam-lhe um processo junto à *Congregação para a Doutrina da Fé*, então sob a direção de Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso”, perdendo sua cátedra e suas funções editoriais no interior da Igreja Católica. Em 1986, recuperou algumas funções, mas sempre sob severa vigilância. Em 1992, ante nova ameaça de punição, desligou-se da Ordem Franciscana e do sacerdócio.

¹⁴ GUERREIRO, Lucia. Bento XVI é estratégia anti-reformista da Igreja em crise, diz Leonardo Boff. *UOL – Últimas Notícias*. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2007/05/19/ult1766u21766.jhtm>. Acesso em 15 maio 2008.

defendidos por papas que antecederam o Concílio Vaticano II (1962-1965), como a romanização¹⁵ e o ultramontanismo.¹⁶

Desta maneira, João Paulo II - apresentado pela mídia mundial como o papa mais popular da história recente -, buscava contra-balancear suas atitudes conservadoras com muitas viagens pastorais pelo mundo, com o diálogo com outras religiões monoteístas e com muitas beatificações e canonizações. Neste empreendimento de retorno ao tradicional empreendido pelo Vaticano, durante seus 26 anos de pontificado, destacou-se a figura de Joseph Ratzinger, então Cardeal. Nomeado em 1981 como prefeito da Congregação da Doutrina da Fé¹⁷ pelo próprio Papa, Ratzinger compartilhava de suas posições conservadoras, destacou-se como um dos mais importantes defensores da ortodoxia católica, afirmando que sua intenção seria de atender às expectativas dos fiéis que seriam “pessoas preocupadas com a intenção de que a Igreja Católica continue sendo a Igreja Católica”.¹⁸

Mesmo que João Paulo II não tenha alcançado pleno êxito em convencer aos fiéis a seguirem os preceitos católicos em termos como o controle de natalidade, relações pré-matrimoniais, divórcios, celibato clerical e ordenação de mulheres, a estratégica eleição de

¹⁵ Processo através do qual a Igreja buscou assumir o controle efetivo das concepções e práticas católicas em diversos locais do mundo. Esse não foi um processo interno ao catolicismo brasileiro, estando inserido num processo mais amplo, iniciado por Pio IX (1846-1878) e que pendurou até a I Guerra Mundial. Foi período marcado por extraordinário crescimento e congregações e das ordens religiosas e pela expansão missionária católica.

¹⁶ Doutrina que defende a infalibilidade papal, proclamada durante o Concílio Vaticano I, em 1870, e que na prática, acarreta a veneração do “santo padre” para “além das montanhas”.

¹⁷ A Congregação para a Doutrina da Fé (*Congregatio pro Doctrina Fidei*) é a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos da Santa Sé. Fundada pelo Papa Paulo III no ano de 1542 esteve ligada a Inquisição, passando por vários nomes, até o Papa Paulo VI modificá-lo para o atual. De acordo com o art. 48 da Constituição Apostólica sobre a Cúria Romana, de 1988, “a tarefa própria da Congregação para a Doutrina da Fé é promover e tutelar a doutrina da fé e a moral em todo o mundo católico. Por esta razão, tudo aquilo que, de alguma maneira, tocar este tema cai sob sua competência”. In: REESE, 1999. P. 344.

¹⁸ Ibid. P. 345.

Bento XVI é a sinalização de uma possível continuidade deste trabalho de radicalização de postura e retorno a um tradicionalismo. No que se refere a temas como moral familiar, métodos anticoncepcionais e o aborto, assim como a reafirmação da centralização do poder da Igreja no clero, os posicionamentos do atual Papa vem reforçar tais expectativas.

Esta opção por uma postura conservadora por parte da Igreja Católica em pleno século XXI, apesar de configurar-se aparentemente como que destoada dos elementos que compõe a sociedade ocidental, parece estar relacionada à tentativa de apresentar-se como um “um símbolo e um baluarte do era eternamente válido e imutável”¹⁹, contrapondo-se a uma certa efemeridade de que estaria permeada a vida neste Tempo Presente, buscando desde modo, diferenciar-se através de declarações dogmáticas que acentuariam uma identidade católica, tornando o catolicismo mais atrativo, não apenas frente ao grande mercado religioso existente, mas também frente as situações sociais de competitividade, violência e instabilidade. A atuação estratégica do Vaticano guia a Igreja em direção à centralização, uniformização e à doutrinação.²⁰

As posturas, tanto de João Paulo II quanto de seu sucessor Bento XVI, parecem trazer novamente à pauta discursos de cunho normatizante, em tons que lembram posturas de pontificados anteriores ao Concílio Vaticano II, e que no Brasil alcançaram seu ápice durante a primeira metade do século XX. Isto não significa um retorno, ou uma simples retomada de um modelo ou de posturas tal como se constituíam no século passado, ainda porque se trata de um outro contexto social e um novo momento de diálogo entre a Igreja Católica e a sociedade. O que acaba por ocorrer é a continuidade de um empreendimento de cunho normatizante, que nunca foi realmente abandonado, mas que apenas deixou de ocupar o centro da ribalta em alguns momentos da história recente da Igreja Católica.

Nesta perspectiva, pensando a História do Tempo Presente como uma história da

¹⁹ Ibid. P. 367-368.

²⁰ Ibid. P. 378.

continuidade e não da instantaneidade, capaz de fomentar questões que partem da atualidade voltando-se para um passado relativamente próximo, proporcionando uma melhor compreensão dos detalhes²¹, o pontificado de Bento XVI acaba por instigar questionamentos que guiam os olhares para o século XX, onde é possível encontrar vários elementos que compunham uma cena onde o catolicismo buscava destacar-se através da divulgação de preceitos morais e religiosos, colocando-se abertamente contra outras religiões ou crenças, contra o perfil laico do Estado e reafirmando seu poder no clero.

A produção desses discursos, durante a primeira metade do século passado, se desenrolava paralelamente às mudanças ocorridas em toda a sociedade ocidental, seja na política, na produção e consumo de bens ou nos comportamentos e valores difundidos nesses novos arranjos sociais. As duas Grandes Guerras e as redes de notícias que se estabeleciam, especialmente pela ascensão da mídia em nível mundial, tornavam o mundo cada vez menor, mais próximo, proporcionando uma gama de mudanças que não atingiam somente as políticas de Estado, mas também a vida cotidiana e o privado, remodelando-a, gerando expectativas e novas perspectivas.

O início do século XX é marcado pela difusão da imprensa e formação de uma cultura de massa. A ascensão da mídia, representada nestas primeiras décadas pelos jornais, e seu estabelecimento no papel de instrumento de remodelação das condutas, trabalhando no sentido de produzir representações²² capazes de dar sentido a novas distinções sociais que se desenhavam, causaram grandes impactos entre a população mundial, especialmente dos centros urbanos.

²¹ RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: MORAES, Marieta; AMADO, Janína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Ed. EFGV, 2006, p. 207-209.

²² Pensando os conceitos de “representação” a partir dos trabalhos desenvolvidos por Roger Chartier. CHARTIER, Roger. *À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGS, 2002.

Frente a este contexto, a Igreja Católica buscava adaptar-se à sua maneira. No caso da imprensa, foi Leão XIII (1878-1903) o primeiro papa a conceder uma entrevista coletiva a jornalistas em 1879. Entretanto, seu sucessor, Pio X (1903-1914) não demonstrou a mesma receptividade, e ao contrário, proibiu a leitura de jornais pelos seminaristas e estabeleceu censura as publicações dos sacerdotes com a criação do *Imprimatur* e do *Nihil Obstat*, ainda hoje em vigor.²³

Desde o pontificado do Papa Leão XIII a orientação que todo o mundo católico recebia era a de que era preciso propagar a “verdades católicas” e ainda “despertar a simpatia” pelo catolicismo, propagando por “todas as partes” seus discursos “civilizadores”.²⁴ Para tanto, se fazia necessário que a Igreja também passasse a utilizar-se da imprensa em seus empreendimentos catequizadores, pois como o próprio Dom Sebastião Leme²⁵ chegou a afirmar: “Se na tática moderna não há arma mais poderosa do que a imprensa, como deixá-la nas mãos dos inimigos neutros?”.²⁶

Este empreendimento de utilização de meios considerados modernos para a difusão de seus discursos, hoje faz parte da prática evangelizadora da Igreja Católica com muita força, seja pelo rádio, televisão ou pela *internet*, onde é possível perceber sua adaptação às novas tecnologias. Entretanto, é importante lembrar que esta midialização do discurso religioso não representa necessariamente uma postura mais branda, por parte da

²³ PEIXOTO, Maria Cristina Leite. “*Santos da porta ao lado*”: caminhos da santidade contemporânea católica. UFRJ, Rio de Janeiro: 2006 (Tese de Doutorado), p. 196.

²⁴ *O Apóstolo*. Florianópolis, 07 jul. 1931, n. 23, p. 03.

²⁵ Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, o Cardeal Leme, foi o segundo cardeal brasileiro (1930-1943). Também atuou nos cargos de Arcebispo de Olinda e Recife e Arcebispo do Rio de Janeiro. Exerceu relevante papel nos dias decisivos da Revolução de 1930, quando convenceu o então presidente da República Washington Luis Pereira de Sousa a deixar o cargo para os revoltosos. Manteve uma grande proximidade do governo de Getúlio Vargas, desde seus primeiros momentos, assim como, durante o Estado Novo. Disponível em: <http://www.proerdpinhal.com.br/cardeal/index.htm>. Acesso em: 20 jul. 2008.

²⁶ *O Apóstolo*. Florianópolis, 07 jul. 1931, n. 23, p. 03.

Igreja frente às novas práticas e valores da sociedade contemporânea, pelo contrário, os discursos divulgados nesta mídia católica estão em consonância com os preceitos católicos ditos tradicionais. O mesmo aconteceu nas primeiras décadas do século XX com a imprensa católica brasileira.

Durante a primeira metade do século XX, a imprensa passa gradativamente a se tornar um importante veículo de divulgação dos discursos católicos, e apesar da leitura ter sido, em muitos momentos, considerada como fonte preocupação para a Igreja, chegando a não ser considerada como uma boa prática por vários de seus pensadores – que a viam como um hábito extremamente perigoso e contrário às práticas evangelizadoras da Igreja²⁷ – torna-se uma importante ferramenta para a divulgação e reafirmação do catolicismo no Brasil. E foi esta preocupação com as práticas de leitura dos fiéis católicos que acabou por inspirar alguns padres franciscanos a criarem, na cidade de Petrópolis, uma imprensa com fins de produzir “literatura didática” pré-aprovada por censores da Igreja Católica²⁸. Esse trabalho, que em princípio almejava concentrar-se apenas dentro desse ambiente didático acabou por obter tamanho êxito que estimulou os franciscanos a iniciarem a impressão de outros gêneros de leitura, especialmente romances chamados de edificantes, contos e novelas, pois se fazia necessário, de acordo com a ótica destes religiosos, criar uma literatura apropriada para o universo católico, especialmente para as senhora e senhoritas²⁹, que eram consideradas as mais susceptíveis a má influência de leituras impróprias.

Este trabalho dos freis franciscanos em Petrópolis com a imprensa teve como grande impulsionador um padre alemão de nascimento e naturalizado brasileiro chamado Pedro Sinzig, que durante parte de sua vida dedicou-se ao ofício de escrever e divulgar os

²⁷ PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte: Ed. Autentica, 1997, p. 57-60.

²⁸ Este trabalho com a imprensa viria a originar a Editora Vozes.

²⁹ PAIVA, 1997. loc. cit.

preceitos católicos através da imprensa.³⁰

O trabalho do frei Sinzig começa a ganhar destaque durante sua estadia em Santa Catarina, nas cidades de Blumenau e Lages, onde a partir de 1898 deu seus primeiros passos em seu empreendimento de evangelizar através da imprensa. Um mês após sua chegada ao planalto catarinense, o frei Sinzig cria um semanário católico o qual chamou de *Cruzeiro do Sul*, que seria o primeiro de uma série de seis jornais que fundaria, além de outros sete onde atuaria como diretor. Transferido para Petrópolis em 1907, Pedro Sinzig é considerado o fundador da Boa Imprensa³¹, ou seja, a imprensa de orientação católica, no Brasil.

Com a ascensão da imprensa no meio social e a entrada da Igreja Católica nesta disputa por leitores, estabeleceu-se um curioso conceito didático de classificação, por parte dos clérigos, a divisão de tudo que era publicado em dois blocos distintos: a Boa Imprensa e a Má Imprensa. Tudo o que fosse publicado e estivesse em perfeita sintonia com os discursos oficiais do catolicismo, e que pudesse contar com a supervisão direta de um representante do clero passou a ser denominado de Boa Imprensa. Desta forma, os fiéis católicos eram aconselhados a lerem apenas as publicações provenientes e indicadas pela Boa Imprensa.

Esse não foi um movimento restrito apenas ao Brasil, mas um empreendimento de escala mundial, muito apoiado e estimulado pelo Vaticano, tanto que em 1936, entre os meses de abril e outubro, demonstrando seu interesse por este trabalho de difusão dos discursos católicos através da imprensa, o Papa Pio XI autorizou uma Exposição Mundial da Imprensa Católica.

É obra do Santo Padre o qual mais uma vez quer mostrar ao mundo quais são os

³⁰ Id. Ibid.

³¹ Id. Ibid.

méritos e os esforços da Igreja para promover a cultura e para combater a ignorância a qual é a maior inimiga não só da verdade, mas também da Igreja Católica que é a única Igreja verdadeira.³²

No Brasil, o objetivo da Boa Imprensa estava focado na “moralização” da sociedade numa “tentativa de fazer valer a moral católica como crivo fundamental para o cristão se relacionar com a produção escrita”.³³

Em Santa Catarina, a Boa Imprensa contou, também, com o empenho do primeiro Bispo de Florianópolis, Dom João Becker (1909-1912), que muito estimulou a imprensa católica, levando em consideração as recomendações pontifícias do próprio Leão XIII, proferidas durante o Concílio Plenário Latino-americano.³⁴

Foi durante a gestão de Dom João Becker que “foram criados os jornais: ‘a Estrella’, ‘Mensageiro de Santo Antonio’, ‘Guarapuviano’, ‘Der Kompass’, ‘Verdade’, ‘Cruzeiro do Sul’ e ‘Sineta do Céu’”. Também em Florianópolis, no ano de 1910, ainda sob a orientação de Dom Becker, criou-se o jornal *A Época*, de propriedade do senhor Henrique Fontes, que circulou pela capital catarinense até o ano de 1921.³⁵

De todos estes representantes da Boa Imprensa catarinense, indubitavelmente, é *A Época* que merece maior destaque, pois este trazia uma inovação para a Florianópolis de sua época: um suplemento chamado *Pena, Agulha e Colher*, destinado e produzido por mulheres.

De acordo com a historiadora Joana Maria Pedro, foi a partir do século XX que em Florianópolis a participação das mulheres na esfera pública e literária tornou-se mais efetiva, quando “passaram a divulgar seus poemas e seus textos nos jornais e em livros”.³⁶

³² Apostolado: intenção geral para o mês de abril. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 mar. 1936, n. 138, p. 01.

³³ PAIVA, 1997. P. 50.

³⁴ SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed UFSC, 1997, p. 118.

³⁵ Id. Ibid. P. 118.

³⁶ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. 2ª ed., Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, p. 102.

Mas essa presença feminina tinha seus locais pré-determinados, restritos e demarcados. E um desses espaços onde lhe era permitido participar do espaço público era nas páginas de *Pena, Agulha e Colher*.

E, assim, surgiu o **Pena, Agulha e Colher**. As mulheres que o publicavam reivindicavam algum ‘trabalho intelectual’, depois de ter cumprido ‘todos os deveres’.

Eram mulheres católicas, muitas ‘filhas de Maria’, de classe média. Ridicularizavam as mulheres que pretendiam ser ‘deputadas, senadoras, soldadas, engenheiras e eleitoras’. Faziam-no numa época em que nos centros maiores, as mulheres da classe média ocupavam inúmeras profissões e reivindicavam o direito ao voto.

Em Florianópolis, mesmo, vimos como inúmeras mulheres já ocupavam funções em repartições públicas e bancárias, além de exercerem profissões liberais. No entanto, essas redatoras do **Pena, Agulha e Colher** reafirmavam o lar como espaço próprio da mulher. O máximo de avanço que pretendiam era algum trabalho intelectual, após a realização dos deveres do lar.

Nas páginas deste jornal eram publicadas receitas de comida, informações sobre romances apropriados para as moças, moda, poesias, contos, etc.³⁷

Todas estas publicações acabariam por servir como de importante fonte de inspiração para outra publicação da Boa Imprensa sediada na capital catarinense alguns anos mais tarde: o jornal *O Apóstolo* que, ao contrário da maioria de seus predecessores, destacou-se por sua longevidade.

Foi a partir do dia 28 de junho de 1929, sob a orientação atenta de Dom Joaquim Domingues de Oliveira³⁸, sucessor de Dom João Becker, que se iniciou a publicação de *O Apóstolo* na capital catarinense.

³⁷ Ibid., p. 105.

³⁸ Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis (Eleito a 02 de abril de 1914 e tomando posse a 07 de setembro do mesmo ano, D. Joaquim Domingues Beleza de Oliveira permaneceu à frente da Diocese, que se tornou Arquidiocese em 1927, até o ano de 1967, quando faleceu). In: PIAZZA, Walter F. *A Igreja em Santa Catarina: notas para sua história*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1977, p. 160-169. Foi uma forte presença centralizadora para a Igreja Católica em Santa Catarina.

Durante os dois primeiros anos de sua circulação, *O Apóstolo* manteve a regularidade de sua publicação mensalmente, sendo que a partir de 21 de junho de 1931, passou a ter sua circulação quinzenal.³⁹

1.1 A Boa imprensa, um Bom jornal e uma Boa nação.

*“A Boa Imprensa é o primeiro entre os meios
para propugnar o triunfo da Igreja.”*

Pio IX

O Apóstolo possuía algumas características muito próprias, o que o diferenciavam de seus predecessores, e que certamente, auxiliaram para manter sua regularidade, assim como, estender consideravelmente o período de sua existência. Um ponto que merece especial destaque é que, ao contrário do jornal *A Época* – seu predecessor mais próximo –, *O Apóstolo* não pertencia a um proprietário particular, iniciando sua circulação como parte dos trabalhos de uma organização católica: o Apostolado da Oração, ou seja, estava intimamente ligado ao trabalho desenvolvido na arquidiocese da capital catarinense.

Embora com o nome diferente, mas com a mesma finalidade dos órgãos que o precederam, aparece hoje, com desejos de longa vida, posto que sem compromissos de espécie alguma, a não ser a sujeição, voluntária e ilimitada aos ensinamentos da Igreja de Jesus Cristo, o “Apóstolo” redigido por um punhado de católicos, e órgão do Apostolado da Oração desta Capital.⁴⁰

Em seus primeiros anos, há uma significativa participação de leigos na produção

³⁹ Não foi possível averiguar até quando *O Apóstolo* circulou regularmente, ou até quando se manteve ativo, pois não localizei os arquivos relacionados a este periódico. Nos arquivos da Biblioteca Pública de Santa Catarina encontram-se as publicações de 1929 até o ano de 1959, em uma coleção completa, além de alguns exemplares da década de 1980, tornando, até então, difícil determinar com precisão a extensão de seu período de existência.

⁴⁰ O Nosso Aparecimento. *O Apóstolo*. Florianópolis, 28 jul. 1929, n. 01, p. 01.

deste periódico.⁴¹ Tal participação, entretanto, não acontecia sem a atenta vigilância do clero: desde sua fundação *O Apóstolo* contou com a supervisão de um censor, cuidadosamente escolhido pelo próprio Dom Joaquim.

Em sua primeira edição, datada de 28 de julho de 1929, *O Apóstolo* sinalizava seu objetivo divulgador da fé católica, especialmente destinado aos “residentes nesta Ilha”, onde deveria zelar “pela causa da Igreja”.⁴² Distribuído exclusivamente através de assinaturas, em seus primeiros anos mantém sua circulação restrita a Florianópolis e região. Com o passar dos anos amplia sua distribuição, chegando ao Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, chegando a enviar alguns exemplares para Portugal, Espanha e Itália⁴³. Na década de 1950 alcançou seu auge, sendo distribuído até a região norte do país.

Durante as décadas de 1930 e 1940, tendo a frente Dom Joaquim, um propagador dos princípios morais cristãos, o periódico *O Apóstolo* buscou revitalizar a imprensa católica em Santa Catarina - uma vez que este estado já não contava com quaisquer outras publicações da Boa Imprensa, como acontecera outrora -, focando seus discursos em campanhas de higienização e moralização da sociedade, e empreendendo uma batalha contra o liberalismo, o comunismo, o protestantismo e o espiritismo, que, segundo sua ótica, ameaçavam o bom andamento da sociedade.

O clero florianopolitano buscava, através das páginas de *O Apóstolo*, responder às muitas mudanças que chegavam a capital catarinense nesse século XX. A economia, a política e a sociedade mudavam, e tornava-se necessário adaptar-se às novas conjunturas.

Muitas eram essas mudanças. Durante o século XIX o porto de Desterro tornou-se um importante meio de acumulação de riquezas por parte da elite da capital, entretanto, no

⁴¹ A participação de leigos à frente do jornal nos primeiros anos de sua circulação contava com as presenças de Dr. José da Rocha Ferreira Bastos como Diretor, Francisco Miguel da Silva como gerente e Heitor Dutra como Redator.

⁴² *O Apóstolo*. Florianópolis, 28 jul. 1929, n. 01, p. 03.

⁴³ Por onde é lido O Apóstolo? *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 nov. 1934, n. 105, p. 03.

início do século XX, este porto entrou em decadência, sendo substituídos por outros, em cidades próximas como Itajaí, São Francisco e Laguna. Além deste novo contexto econômico, também um novo contexto político passava a definir seus contornos a partir da consolidação República.⁴⁴ A ascensão de uma nova elite política trazia consigo novos contextos para a Igreja Católica no Brasil: era o fim do regime de Padroado.⁴⁵

As mudanças em Florianópolis refletiam-se em sua estrutura urbana e em sua organização:

A área central de Florianópolis, neste início do século, passou por inúmeras reformas e melhoramentos: em 1909, foram instaladas as primeiras redes de água encanada; entre 1913 e 1917, foi construída a rede de esgotos; em 1910, instalada a iluminação pública com energia elétrica; em 1919, também, foi dado início à construção da primeira avenida da cidade, a qual, em sua conclusão, passou a chamar-se Avenida Hercílio Luz. Em 1922, foi dado início à construção de uma ponte ligando a Ilha de Santa Catarina ao Continente fronteiro; esta, em sua conclusão em 1926, também chamou-se Hercílio Luz.⁴⁶

É importante ressaltar que apesar da economia de Florianópolis não estar em crescimento - muito pelo contrário - a cidade mostrava através das reformas urbanas a força de sua elite política.⁴⁷ E foi esta força que acabou por despertar a atenção do clero local, que empreendeu uma aproximação estratégica da política e de seus representantes.

Vale ressaltar que o momento em que surge *O Apóstolo*, possui ainda mais minúcias, ultrapassando os contextos políticos e econômicos, isto porque os católicos

⁴⁴ PEDRO, 1998. P. 81.

⁴⁵ É a designação do conjunto de privilégios concedidos pela Santa Sé aos reis de Portugal e de Espanha. Eles também foram estendidos aos imperadores do Brasil. Tratava-se de um instrumento jurídico tipicamente medieval que possibilitava um domínio direto da Coroa nos negócios religiosos, especialmente nos aspectos administrativos, jurídicos e financeiros. Porém, os aspectos religiosos também eram afetados por tal domínio. Padres, religiosos e bispos eram também funcionários da Coroa portuguesa no Brasil colonial. Isto implica, em grande parte, o fato de que religião e religiosidade eram também assuntos de Estado (e vice-versa em muitos casos). O fim do regime de padroado no Brasil se deu com a Proclamação da República em 1889.

⁴⁶ PEDRO, 1998. P. 81.

⁴⁷ Ibid. P. 81.

responsáveis por este periódico estavam inseridos em um outro universo de disputa, que se desenrolava no espaço público: eram enfrentamentos com outras religiões e com anti-clericais.

No ano em que é fundado *O Apóstolo* também circulavam jornais da Igreja Presbiteriana e da Federação Espírita. O espaço público tornava-se, então, um espaço de debates e discussões religiosas.⁴⁸

Apesar disso, *O Apóstolo* não se concentrava apenas em veicular suas críticas a outras perspectivas religiosas, mas dedicava-se a um empreendimento mais ambicioso: apresentar a Igreja Católica como única capaz de fornecer um verdadeiro referencial para a organização social, para a estabilidade, frente aos momentos de mudança pelo qual passava o mundo pós-Primeira Guerra. Trata-se de uma simbiose entre os interesses nacionais e as orientações vindas do Vaticano.

A consonância com a oficialidade católica está em documentos como o Concílio Vaticano I (1869-1870), onde se reafirma a representação da Igreja Católica sendo o modelo de “sociedade Perfeita”, assim, única fonte “segura” de “civilidade” para as sociedades.⁴⁹ Desta forma, *O Apóstolo*, que se apresentava como porta-voz do catolicismo oficial, propagava as “corretas” formas de conduta, assim como, definia as representações dos papéis a serem desempenhados pelos fiéis católicos dentro dessa sociedade, que segundo os clérigos, encontrava-se a beira do caos relacional⁵⁰ promovido pela modernização de costumes.

⁴⁸ Podemos citar com exemplos os periódicos: *O Atalaia* de responsabilidade da Igreja Presbiteriana e *Caridade* de responsabilidade da Federação Espírita da capital catarinense.

⁴⁹ *CONCILIO VATICANO I - 1869-1870*. Disponível em: <
<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=concilios&artigo=vaticano1&lang=bra>
>. Acesso em: 25 ago. 2008.

⁵⁰ O conceito de “caos relacional” foi desenvolvido por Berger, e refere-se a ascensão de situações consideradas marginais, que acabam por revelar a precariedade do mundo social construído, e que podem acabar por causar sua ruína, culminando em uma situação de total anomia. In: BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado* – Elementos para uma teoria sociológica da Religião. São Paulo: Paulus, 1985.

Com a Revolução de 1930 no Brasil, a sociedade estaria, de acordo com a ótica do clero, necessitando de um referencial seguro de civilidade, papel que seria, indubitavelmente, legado à Igreja Católica. Esta relação com o novo governo instaurado a partir de 1930 diz respeito também à classe social com quem tanto o governo, quanto o clero brasileiro priorizavam o diálogo: a classe média. A Revolução de 1930 representava a classe média urbana que “havia crescido muito em número e importância durante as primeiras décadas do século XX”.⁵¹

A partir da classe média urbana – público a quem estava direcionado o periódico *O Apóstolo*⁵²-, construíam-se as representações utilizadas nos discursos católicos. Algumas alcançaram grande êxito, outras com menor receptividade, acabaram substituídas do decorrer desse diálogo com os fiéis.

Uma dessas representações é a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Esse deveria ser o símbolo da nova sociedade católica almejada.

Era um apelo à afetividade. O fulcro da vida estava no coração, na afetividade, nos sentimentos e nas emoções sadias. O coração, na imagem do Sagrado Coração de Jesus é visível, ele está fora do corpo. Assume posição de destaque. A imagem, na perspectiva da Igreja, pode ser símbolo do sentimento e elo de amor. Mas era, acima de tudo, neste período, símbolo de incorporação ao corpo doutrinário da Igreja romanizada.⁵³

Esta nova e almejada sociedade seria pautada em princípios católicos, mas especialmente teria traços da romanização como “a espiritualidade centrada na prática dos sacramentos e o senso da hierarquia eclesiástica; o bom católico, segundo esse modelo, é aquele que frequenta regularmente os sacramentos e obedece incondicionalmente à

⁵¹ KADT, 2003. P. 60.

⁵² Considero que jornal *O Apóstolo* se direcionava a camada média devido aos temas por ele abordados, uma vez que descrevia situações não comuns às classes populares, como estarei apresentando e desenvolvendo no decorrer desta pesquisa.

⁵³ SERPA, 1997. P. 43.

autoridade eclesiástica”.⁵⁴ Como se percebe em *O Apóstolo*, esta romanização empreendida no Brasil tem por objetivo atrair agentes leigos para a organização paroquial, entretanto, sem ultrapassar os poderes do clero.⁵⁵

Investindo nessa devoção do Sagrado Coração de Jesus, a Igreja Católica brasileira funda o Apostolado da Oração, uma organização de leigos, regida por um clérigo criteriosamente designado para sua orientação, que de maneira geral acabou contando principalmente com uma participação efetiva de mulheres de classe média, cujos objetivos centravam-se em “angariar fundos, reunir-se sob a presidência do vigário para planejar e executar as festividades ao santo”.⁵⁶

O vigário responsável pelo Apostolado da Oração era nomeado pelo próprio bispo, e tinha como dever manter toda essa associação e suas manifestações dentro dos mais restritos preceitos do catolicismo oficial, hierárquico e ultramontano.

Foi significativo o papel desempenhado pela devoção ao Sagrado Coração de Jesus como afirmação identitária do catolicismo no Brasil:

O sagrado Coração de Jesus tornou-se um símbolo de múltiplas funções. Na apostasia ele “aproxima e une as pessoas a Cristo”. Na “falta de fé”, no “indiferentismo”, no “definhamento da vida católica”, na “opressão à Igreja”, na “hostilidade para com o Sumo Pontífice”, no “fastio para com os bens eternos”, no “egoísmo descaridoso das economias particular e pública”, o Sagrado Coração era símbolo da fé viva, era misericórdia e clemência, era aumento do fervor religioso pela prática aos sacramentos das associações religiosas era defesa energética dos direitos da Igreja e era também abnegação e caridade ao bem do próximo.⁵⁷

De acordo com os mitos religiosos católicos, teria sido em uma aparição à Santa

⁵⁴ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: Gênese, cultura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985, p. 283-284.

⁵⁵ Ibid. P. 290.

⁵⁶ SERPA, 1997. P. 43.

⁵⁷ Ibid. P. 43-44.

Margarida Alacoque, que Jesus Cristo teria mostrado seu peito aberto seu coração ferido – o Sagrado Coração de Jesus –, recomendando-lhe que fundasse o Apostolado da Oração.⁵⁸ Tal pedido, de acordo com a crença católica, encontrava-se em perfeita consonância com a imagem do Cristo dos evangelhos, uma vez que por várias passagens, este teria orientado seus seguidores a prática da oração, chegando até mesmo a ensinar uma oração específica: O Pai –Nosso.⁵⁹

Nesta mesma perspectiva, o jornal *O Apóstolo* é representado como “um enviado do coração de Jesus e de Maria e do Papa e deseja ardentissimamente fazer o bem a CADA família católica”.⁶⁰

Entretanto, esse movimento do Apostolado da Oração não consegue alcançar as dimensões esperadas pela Igreja Católica, tornado-se uma devoção quase que exclusivamente feminina. Essa feminilização e conseqüentemente o afastamento e a falta de envolvimento de homens, não apenas nessa organização, mas dentro do próprio contexto de participação de leigos, causou preocupação ao clero. Cientes da importância masculina na sociedade, não seria estratégico dispensá-los de suas “fileiras”, e que, por tanto, se fazia necessário que novas organizações fossem criadas dentro dessa instituição, para que se estabelecesse “todo um ritual devocional com objetivo de atraí-los”. Assim novos apostolados, com perfis mais *intelectualizados*, foram criados.⁶¹

Esta não era uma preocupação originalmente nascida do clero catarinense, mas provenientes do alto clero brasileiro, que não desejava ter seu poder diminuído pela falta de fiéis influentes. O então Cardeal Sebastião Leme estimulava instituições como o Centro

⁵⁸ A religiosa Margarida de Alacoque (1647-1690) teria entrando no convento Paray-le-Monial da Ordem da Visitação de Santa Maria com 24 anos, onde, de acordo com a fé católica, teria recebido a visita de Jesus Cristo. Disponível em: <http://www.sticna.com/consagracao_Coracao_Jesus_Maria.html>. Acesso em: 29 out. 2008.

⁵⁹ A Oração. *O Apóstolo*, Florianópolis, 28 jul. 1929, n.01, p. 02.

⁶⁰ Único Jornal católico deste Estado. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jan. 1935, n. 109, p. 03.

⁶¹ SERPA, 1997. P. 44-45.

Dom Vidal, onde se destacavam intelectuais como Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, “intelectuais orgânicos da Igreja, no sentido de serem elementos ativos no processo de constituição dos movimentos católicos a partir dos anos 20”.⁶²

Esse processo que ocorreu dentro da Igreja encontrava-se refletido também nas páginas do periódico *O Apóstolo*. Possivelmente, graças a feminilização do culto a representação ao Sagrado Coração de Jesus, assim como do Apostolado da Oração que nele encontrava sua inspiração, acabou por pesar sobre a organização desse representante da Boa Imprensa. Tanto que a partir da edição de número 18, de março de 1931, quando não se haviam completados sequer dois anos após sua fundação, *O Apóstolo* passa a ser Órgão da Congregação Mariana de Nossa Senhora do Desterro.

A Congregação Mariana é uma associação religiosa, que surge como instrumento de “santificação dos fiéis leigos e de seu engajamento no serviço apostólico”⁶³, segundo os próprios clérigos. De acordo com registros da Igreja Católica, as Congregações Marianas teriam surgido por volta do ano 1563, quando em Roma, um padre chamado Jean Leunis, professor no Colégio Romano, teria organizado com seus alunos uma associação que visava estimular uma vida cristã “exemplar e fervorosa”, sempre ligada a um trabalho apostólico “como o ensino do catecismo e a visita a hospitais e prisões”, mas que acima de tudo, prestasse uma “especial devoção a Virgem Maria”⁶⁴, pois “A Congregação é a família predileta de Nossa Senhora”.⁶⁵ Essa iniciativa acabou inspirar a formação de associações similares dentro dos Colégios Jesuítas.

Uma interessante característica dessa organização leiga católica é que, desde o seu início, as Congregações Marianas são essencialmente masculinas, sendo que apenas em

⁶² FARIAS, Damião Duque de. *Em defesa da ordem: aspecto da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: Ed. Hucitec – USP, 1998, p. 37.

⁶³ *As Congregações Marianas no Brasil*. 5ª ed., São Paulo: Ed. Loyola, 1997, p. 06.

⁶⁴ Idem, *passim*.

⁶⁵ Congregação Mariana: Ideal do verdadeiro Congregado. *O Apóstolo*, Florianópolis, mar. 1931, p. 03.

1751 o Papa Bento XIV pelo Breve *Quo tibi* passa a autorizar a agregação feminina.

As bases filosóficas de formação das Congregações Marinas datam do século XVI e são muito presentes e vivas nas páginas de *O Apóstolo* em pleno século XX, especialmente a profunda dependência da hierarquia eclesiástica, assim como, no íntimo vínculo com os jesuítas, que se dava através do Colégio Catarinense.

A participação dos Soldados de Jesus⁶⁶ na produção do periódico *O Apóstolo* remete às suas primeiras edições, quando estes atuavam como censores arquidiocesanos desse jornal. Deste modo a transição para a regência da Congregação Mariana não implicou em grandes transtornos.

A divulgação das atividades, assim como dos preceitos e da própria organização da Congregação Marina eram o que constituía a espinha dorsal dos textos veiculados em *O Apóstolo*, especialmente em seus primeiros anos de circulação. Tanto que há, em suas páginas durante as décadas de 1930 e 1940 ⁶⁷, um destaque às festividades dedicadas a Maria, durante no mês de maio - quando eram lançados números especiais com mais páginas, onde a cor da impressão do jornal passava do preto tradicional para um azul celeste. O destaque do mês mariano era maior do que as festas natalinas, que contavam com apenas a menção a data, sem maiores destaques ao nascimento de Cristo.

É importante ressaltar que a Congregação Mariana era uma organização composta por leigos, mas regida atentamente por clérigos. Era também regulamentada por um regimento pré-aprovado pelo Vaticano, chamado de “Regra de Vida”, onde, a partir de preceitos muito rígidos e perfeitamente concordantes com o catolicismo oficial, objetivava-se alcançar a “perfeição”, o católico mais próximo de modelos como o de Maria.

⁶⁶ É costume entre os jesuítas, após assinarem seus nomes, incluírem as letras S. J., que significam Soldado de Jesus, numa forma de confirmar ao leitor sua participação consagrada na Ordem da Companhia de Jesus.

⁶⁷ Período em que *O Apóstolo* foi dirigido pelo Pe Emilio Dufner, S. J. .

É preciso considerar que havia uma seleção prévia para aqueles que desejavam participar da Congregação. Tratava-se de uma organização pautada na tradição católica, tanto que as “Regras de Vida” que deveriam ser seguidas pelos congregados marianos eram as mesmas desde 1910, além de únicas para quaisquer Congregações Marianas pelo mundo cristão. Estas “regras” destinavam-se a proporcionar a “sintonia” entre o congregado e a Igreja como instituição, visando a realização de uma “plena obediência” a “Autoridade Eclesiástica, em espírito de união e docilidade ao Magistério da Igreja” [grifo meu].⁶⁸

Nas páginas de *O Apóstolo* surgem alguns exemplos de “Regras de Vida” do Congregado Marino:

O fim da congregação é a satisfação dos seus membros e a do meio em que está estabelecida, para maior glória de Deus, honra de Maria Santíssima e defesa da Igreja de Jesus Cristo contra os ataques da impiedade (Regra I).

Os dois principais meios empregados para alcançar fim altíssimo são:

- a) A luta séria e constante contra os próprios defeitos;
- b) A caridade efetiva para com os semelhantes, quer no seio da congregação, quer no meio em que ela vive.⁶⁹

A forte hierarquia e o ultramontanismo também são características desse grupo de leigos católicos, uma vez que não poderiam ser constituídas Congregações Marianas sem o consentimento por escrito do bispo local. Essa romanização significava a afirmação de uma Igreja institucional e hierárquica, capaz de afastar os católicos de um catolicismo mais popular, envolto em sincretismos e independente de um poder clerical.

Muitas revistas e jornais foram fundados como órgãos oficiais das Congregações Marianas pelo Brasil, representando o grande interesse dos católicos desse país em ingressarem na vida congregada. As conseqüências desse engajamento dos fiéis puderam ser sentidas a partir de 1935, quando o Brasil despontou como líder mundial no número de

⁶⁸ *As Congregações Marianas no Brasil*, 1997. P. 41.

⁶⁹ Congregação Mariana: Ideal do verdadeiro Congregado. *O Apóstolo*, Florianópolis, mar. de 1931, p. 03.

Congregações Marianas e congregados no mundo, chegando a receber do próprio Papa Pio XII, através do Cardeal Dom Sebastião Leme - arcebispo do Rio de Janeiro -, elogios pelo desenvolvimento desses grupos em terras brasileiras. As Congregações Marianas sempre se auto-descreviam como escolas de santidade, orgulhando-se dos santos, mártires, beatos e santas que alcançaram tal *status* depois da experiência da vida mariana.

As “Regras de Vida” e os objetivos dos congregados marianos faziam parte integrante dos discursos veiculados pelo jornal *O Apóstolo*. Mas para compreender com maior amplitude esse periódico, se faz necessário compreender também o contexto em que se encontrava inserido: *O Apóstolo* fazia parte de um grande projeto da Igreja Católica, que almejava uma integração entre as publicações periódicas da Boa Imprensa, de forma que estas acabassem influenciando umas nas outras, criando um conteúdo muito similar de seus discursos.

Essa influência mútua é visível em de *O Apóstolo*, especialmente quando “Algumas evidências anunciam que a criação do jornal *O Apóstolo*, parece ter se pautado no jornal ‘Mensageiro da Fé’, periódico baiano, de orientação católica, cujo primeiro número data de 2 de janeiro de 1921 (...)”.⁷⁰ Mas não apenas das páginas de *Mensageiro da Fé* vêm suas influências, muitos dos artigos publicados não eram escritos por florianopolitanos, ou sequer por moradores de Santa Catarina, eram sim, reproduções de textos publicados em outros jornais católicos. Isso acabava por transformar *O Apóstolo* em uma interessante colcha de retalhos, possibilitando, assim, para um olhar mais atento, perceber a uniformidade pretendida para os discursos católicos normatizantes em terras brasileiras, sempre muito bem geridos por seus líderes clericais.⁷¹

⁷⁰ SILVA, Márcio Cláudio Cardoso da. *Um olhar sobre os protestantes no espaço social de Florianópolis – Representações no jornal O Apóstolo (1929-1933)*. UDESC, Florianópolis: 2001 (Trabalho de Conclusão de Curso), p. 14.

⁷¹ Durante o desenvolvimento desta pesquisa foi possível encontrar em *O Apóstolo* referências de muitos jornais e revistas da Boa Imprensa brasileira que inspiravam e, por vezes, acabavam por ter seus artigos,

Tão bem geridos que em 1935, *O Apóstolo* filia-se a Associação Jornalística Católica, associação destinada a englobar não apenas jornalistas e periódicos exclusivamente pertencente à Boa Imprensa – onde censores clericais exerciam veementemente seu poder de veto e influência –, mas também jornais e jornalistas independentes, mas que simpatizavam com a causa católica.

Trata-se de um intenso trabalho de separação entre aqueles que atendiam aos preceitos do catolicismo oficial e aqueles que não o faziam. Em verdade o grande interesse do clero brasileiro estava em recuperar seus privilégios perdidos com a República, e restabelecer sua influência na esfera pública e política, utilizando-se entre outros artifícios, da Boa Imprensa.

O Estado instaurado pela burguesia agrária após a proclamação da República é um Estado laico. Apenas dois meses após a queda da monarquia o governo provisório decretava a separação entre Igreja e Estado, tornava obrigatórios registro civil e o casamento civil e secularizava os cemitérios. A constituição de 1891 ratifica esses decretos e acrescenta-lhes ainda outros dispositivos laicizantes como o ensino laico nas escolas públicas, a proibição de subvenções governamentais aos cultos religiosos e a exclusão do direito de voto para religiosos submetidos ao voto de obediência. Tais medidas bem refletem a influência dos positivistas no governo provisório e na assembléia constituinte, mas sobretudo elas refletem a própria natureza do Estado burguês, de índole liberal.⁷²

ou parte deles, reproduzidos em suas páginas. Entre eles é possível citar entre as revistas: *Mater Teu Admirabilis* – Porto Alegre; *Rainha dos Apóstolos* – Vale Veneto, Rio Grande do Sul; *Liga Católica Jesus Maria José* – Aparecida do Norte – São Paulo; *Estrela do Mar* – Rio de Janeiro; *O Lar Católico* – Juiz de Fora, Minas Gerais; *O Legionário de Maria* – Belém, Pará; *O Mensageiro de Salette* – Rio de Janeiro; *Sanctuarium*, – Paranaguá, Paraná; *O Apóstolo* – Nova Friburgo, Rio de Janeiro. E os jornais: *A Reação* – Manaus; *O Santuário de São Francisco* – Canindé, Ceará; *A Cruzada* – Rio de Janeiro; *Santuário de Aparecida* – Aparecida do Norte, São Paulo; *O Horizonte* – Belo Horizonte, Minas Gerais; *O Lampadário* – Juiz de Fora, Minas Gerais; *O Pão de Santo Antônio* – Diamantina, Minas Gerais; *O Santuário de Santa Therezinha* – Taubaté, São Paulo; *O Paroquiano de Pinheiros* – São Paulo; *O Santuário de S. Coração de Jesus* – Pomba, Minas Gerais; *Folha Mariana* – Ceará; entre outros.

⁷² OLIVEIRA, 1985. P. 269.

Apesar da impressão primeira demarcar grandes perdas para Igreja Católica com o fim do regime de padroado, este acabou trazendo benefícios, uma vez que a República – concebida a partir da concepção de um Estado laico –, proporcionou ao clero católico maior liberdade de atuação. Mas, tão logo se passaram algumas décadas, os clérigos brasileiros voltavam a almejar uma participação mais efetiva na vida política nacional, assim como, contar com alguns privilégios que lhes haviam pertencido outrora. E foi durante o governo de Getúlio Vargas que estas oportunidades tornaram-se plausíveis.

Desde sua ascensão em 1930 os laços entre Igreja e Estado estreitaram-se. É certo que a chegada de Vargas ao poder foi a “ratificação de um momento emergencial, exigido pelo todo social e aprovado pelo discurso religioso que legitimava o governo revolucionário”.⁷³ A vinculação entre Estado e Igreja Católica tornava-se perceptível logo nos primeiro momentos da transição do poder, quanto o próprio cardeal Dom Sebastião Leme, na capital nacional, havia servido de mediador entre os revolucionários e o presidente Washington Luiz, convencendo-o a retirar-se do poder. E embora algumas correntes católicas desconfiassem do governo instaurado pela revolução, a Igreja Católica, graças à atuação de seu clero, foi capaz de voltar a ocupar especial destaque na esfera pública.

Esse destaque não foi puro acaso, mas fruto de um intenso trabalho, onde aparições públicas e eventos religiosos relacionados a eventos civis acabaram por aproximar oportunamente Igreja e Estado, em uma situação vantajosa para ambos os lados.

O governo Vargas, especialmente durante o Estado Novo, estabeleceu alianças em torno de valores como a Ordem e dos Destinos da Pátria, legando à Igreja Católica um papel de co-fiadores dos fundamentos da nacionalidade, onde o poder legitimador da religião surge como interessante moeda de troca.

⁷³ SOUZA, Rogério Luiz de. As Imagens do Renascer Brasileiro: Catolicismo e Ideal Nacional (1930-1945). In: *Fronteiras: revista Catarinense de Historia*. Florianópolis, n. 11, 2003, p. 35.

A aliança entre Igreja e Estado estava personificada nas figuras de Dom Sebastião Leme e Getúlio Vargas. Eventos públicos tratavam de apresentar à população uma aura de sintonia entre estes dois espaços distintos. Com especial destaque dois eventos religiosos merecem serem lembrados: tanto a proclamação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida como Rainha e Padroeira do Brasil, quanto a inauguração do Cristo Redentor no Morro do Corcovado, ambos no ano de 1931.

Proclamada em 1930 pelo Papa Pio XI como Padroeira do Brasil, foi em 31 de maio de 1931 que a pequena imagem, que segundo a crença católica, teria sido encontrada por três pescadores pobres no rio Paraíba em 1717, foi elevada a mais alta distinção, na tentativa de “despertar no povo sua consciência de nação católica”.⁷⁴ A cerimônia dirigida com esmero pelo Cardeal Leme no Rio de Janeiro, não dispensou a “oportunidade para realizar em praça pública grandiosa manifestação, na presença do primeiro escalão do governo”⁷⁵, “mostrando ao Presidente Vargas todo o poder que uma pequenina imagem de barro é capaz de emanar”.⁷⁶ Tamanha força reverberou também na capital catarinense, onde em *O Apóstolo* publicou-se um telegrama que teria sido enviado pelo Cardeal Leme ao então secretário do Vaticano – e que mais tarde se tornaria o papa Pio XII -, Cardeal Pacelli:

A imponente das solenidades é indescritível.(...)

A procissão foi uma maravilha e ninguém se recordava de ter visto espetáculo semelhante.

-O Cardeal D. Sebastião Leme, ao regressar da procissão, passou ao Papa o seguinte telegrama:

“Cardeal Pacelli, secretário do Vaticano – Multidão cerca, talvez, mais um milhão pessoas, presença 25 bispos, Nuncio Apostólico, membros corpo diplomático, presidente da República, autoridades civis e militares, instituições

⁷⁴ FERNANDES, Rubem César. Aparecida: nossa rainha, senhora e mãe, sarava!. In: SACHS, Viola [et al]. *Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 90.

⁷⁵ FARIAS, 1998. P. 96.

⁷⁶ FERNANDES, op. cit. P. 90.

religiosas, cívicas, classes populares, levou triunfo imagem padroeira unanimemente aclamada Rainha do Brasil, mãe povo brasileiro”.⁷⁷

No mesmo ano, aos 12 dias do mês de outubro, em outra cerimônia solene, foi inaugurado a Monumento ao Cristo Redentor⁷⁸, estrategicamente “implantado no alto da capital da República”, contando com as presenças do presidente Getúlio Vargas e seu ministério, além de 45 bispos representando os católicos de todo país.⁷⁹

Em *O Apóstolo*, a descrição do evento foi revestida de detalhes, que descreviam desde as dimensões da estátua, até momentos da cerimônia, como o sobrevôo de aviões que teriam deixado cair flores sobre o monumento. Mas é a descrição da disposição dos participantes do evento que mais chama a atenção: “o cardeal tinha a sua direita o Dr. Getulio Vargas e exma. esposa (...)”, uma referência não apenas de proximidade física de ambos os líderes, mas o lugar da Igreja e do Estado num contexto simbólico.

Para o Estado essas cerimônias acabaram por legar-lhe a consciência de que a Igreja dialogava “diretamente com a esfera pública, mostrando seu interesse na participação e na construção da nova sociedade”⁸⁰, uma sociedade fundada em valores cristãos e no reordenamento social, no restabelecimento da autoridade, poupando a população de seus dilemas, ou seja, investindo no mito “da sociedade perfeita, definida como o reino da total harmonia, da ordem, da estabilidade, da constante paz entre as classes, de preferência, uma sociedade cristã”.⁸¹

Esta sintonia entre Estado e Igreja não se limitava apenas à esfera federal, o

⁷⁷ A Padroeira do Brasil. *O Apóstolo*, Florianópolis, ago. 1931, n. 23, p. 03.

⁷⁸ A campanha pela construção desse monumento inicia-se com o Congresso Eucarístico de 1922, quando é lançada sua pedra fundamental, e faz parte de um projeto restaurador da Igreja Católica no Brasil, encabeçada pelo Cardeal Sebastião Leme, que vê a oportunidade de aliar este projeto a nova situação política instaurada com a Revolução de 1930.

⁷⁹ DIAS, Romualdo. *Imagens de Ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996, p. 126-128.

⁸⁰ SOUZA, 2003. P. 37.

⁸¹ DIAS, 1996. P. 66.

mesmo acontecia também em Santa Catarina, onde Dom Joaquim de Oliveira, segundo bispo da Diocese de Florianópolis⁸² adotou uma postura conciliadora entre o Estado e a Igreja⁸³, do mesmo modo que seu superior Dom Sebastião Leme. Essa aproximação, figurada pelo interventor da República, Nereu Ramos e o arcebispo metropolitano, Dom Joaquim, estava concebido dentro de um mesmo projeto nacionalizador e civilizador.

Este Dom Joaquim que harmonizava os discurso católico com os discursos nacionalistas de Vargas e de seu interventor Nereu Ramos, foi o mesmo que se constituiu como um porta-voz da romanização em Santa Catarina⁸⁴, e foi também aquele que estimulou a fundação, em Florianópolis, o jornal *O Apóstolo*.

É bem verdade que a postura tanto de Dom Sebastião Leme, quanto do próprio Dom Joaquim tinham precedentes, uma vez que desde o fim do regime de padroado a Igreja Católica brasileira buscava meios de florescer frente a este novo regime secular. Entretanto o apogeu desse empreendimento de reaproximação dos discursos imanentes e transcendentais contou com maior sucesso entre 1930 e 1945, quando o conservadorismo da Igreja e seus discursos sobre hierarquia e ordem eram consonantes com os planos do presidente Getúlio Vargas.

A Igreja apoiava Getúlio Vargas não só por causa dos privilégios que recebera, mas também devido a afinidade política. A ênfase que a Igreja atribuía à ordem, ao nacionalismo, ao patriotismo e ao anti-comunismo coincidia com a orientação de Vargas. Clérigos destacados acreditavam que a legislação de Getúlio realizava a doutrina social da Igreja e que o Estado Novo efetivamente conseguia superar os males do liberalismo e do comunismo.⁸⁵

⁸² Somente pela bula *Quum Sanctissimus Dominus Noster*, de 19 de março de 1908, o Papa Pio X criaria a Diocese de Florianópolis, abrangendo o território de Santa Catarina.

⁸³ OTTO, Clarícia. *Catolicidades e Italianidades – Tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis: Insular, 2006, p. 38.

⁸⁴ SERPA, 1997. P. 83.

⁸⁵ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 47.

Estabelecia-se, desde modo, uma aliança civilizadora. Civilizar, de acordo com Norbert Elias⁸⁶, está intimamente ligado ao controle de conduta, o autocontrole, e era dentro desta perspectiva que se construía o discurso civilizador da Igreja Católica brasileira. Para esta, o grande problema estava no mundo moderno, entendido como “maligno porque corroía essa fé devota e encorajava o culto da personalidade, do prestígio, do dinheiro e do poder” e que, portanto, acabava por corroer “um grande número de valores relacionados com a religião, tais como a família tradicional e o respeito pela autoridade”.⁸⁷

Esta aliança civilizadora entre Estado e Igreja não poderia ser considerada, dentro das perspectivas católicas, uma novidade, pois como se justificava nas páginas do próprio jornal *O Apóstolo*, “a religião cristã é desde 19 séculos a religião dos povos mais civilizados [grifo meu]”⁸⁸. E é dentro desta perspectiva, e tendo como norte o aforismo de J. J. Rousseau de que “Ainda não houve uma nação que a religião não lhe servisse de base”⁸⁹, que se fundamentavam os discursos civilizadores de *O Apóstolo*.

Em suas páginas a aliança entre Estado e Igreja é justificada, não apenas por uma versão peculiar da história européia, mas pelo fato de que a Igreja Católica teria necessidade de mais poder e patrimônios, uma vez que seria ela, e apenas ela, a responsável pelo bem-estar tanto dos cidadãos vivos, quantos daqueles já falecidos.

A Aliança estreita da Igreja com o Estado constituía então [durante a Idade Média, segundo este texto] o regime universal da Cristandade, consagrado pelo direito consuetudinário de cada país.

(...)

Do mesmo modo os Estados da Idade Média e os Estados do Antigo Regime

⁸⁶ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*: Volume 2 – formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 1993.

⁸⁷ MAINWARING, 2004. P. 44-45.

⁸⁸ Quem é Cristo? *O Apóstolo*, Florianópolis, ago. 1930, n. 13, p. 03.

⁸⁹ *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 fev. 1934, n. 87, p. 02.

(Ancien Regime) praticaram a aliança com a Igreja sem conhecer em tempo algum a instituição do orçamento dos cultos. O regime normal seria que a Igreja possuísse da sua parte um patrimônio mobiliário e imobiliário proporcionando às suas necessidades e criado pela liberdade dos vivos e dos mortos.⁹⁰

Instituíam-se um momento singular para a história da Igreja Católica no Brasil, uma íntima união entre o “amor a Deus” e o “amor a Pátria”, onde as imagens das instituições, tanto políticas quanto religiosas seriam criadas e recriadas, através de um discurso normatizador, com vista em um objetivo maior: a regeneração social que geraria um sentimento de identidade nacional⁹¹, lutando contra inimigos comuns. Deste modo, o jornal *O Apóstolo* poderia, em terras catarinenses, atuar como importante instrumento dessa propaganda.

O Santo Padre Pio X, numa carta aos Bispos da Colômbia escreveu: “É de temer que os ímpios procurem, como o fazem em outras partes, abusar, também, entre vós, das classes desvalidas para perverter seus costumes e afastar seus corações da Igreja, que maliciosamente representam como indiferente à sorte dos pobres!”.

(...)

Defendamos, pois os nossos interesses católicos-sociais, fazendo propaganda do *Apóstolo* que nos dará as instruções teóricas e práticas, como nos devemos portar na luta contra os falsos apóstolos.⁹²

Dentro das perspectivas tradicionais da Igreja Católica, a família recebia especial atenção. Considerada como a *célula-mater* da sociedade, o lugar para a educação de um bom cristão e de uma boa cristã, a Boa Imprensa legou especial espaço a esse tema em suas páginas, especialmente focada no objetivo de normatizar essas famílias na cristandade.

A produção e veiculação desses discursos normatizantes realizada pela imprensa católica ansiava por edificar uma prática regulamentadora baseada na moral cristã, que

⁹⁰ *O Apóstolo*, Florianópolis, mai. 1931, n. 20, p. 02.

⁹¹ SOUZA, 2003. P. 33-34.

⁹² O Apóstolo Social. *O Apóstolo*, Florianópolis, 28 jul. 1929, n. 01, p. 01.

segundo a ótica da Igreja Católica, se fazia necessária nessa sociedade moderna que apontava para uma grande anomia social ⁹³, um caos relacional, perceptível nos avanços comunistas e liberais, nos avanços protestantes e anticlericais, que reverberariam na perversão dos costumes, na desorganização social, na desestruturação das famílias, culminando até mesmo em atos desesperados como suicídios. Pois:

Os fatores que promovem este terrível mal [o suicídio], são a falta de religião, a imoralidade, a miséria econômica devida à desorganização da sociedade moderna. Em regiões de boa vida católica raríssimas vezes há suicídio. [grifo meu] ⁹⁴

Desde modo, concluía-se a argumentação afirmando que:

Qualquer que seja a opinião que se tenha sobre o valor dos dogmas religiosos, não se pode desconhecer esta verdade elementar da sociologia: que a Religião é um freio moral de primeira ordem. ⁹⁵

A religião católica, através de seus muitos instrumentos, especialmente através da Boa Imprensa, empenhava-se, dentro das perspectivas daqueles que a produziam, em atuar para estabelecer poderosas e duradouras disposições e motivações para uma ordem de existência geral. ⁹⁶

⁹³ O termo “nomos”, enquanto “ordem significativa”, é derivado dos estudos de Durkheim. Entretanto o conceito de “nomos” e “anomia” aqui adotados, provém dos estudos desenvolvidos por Peter Berger, e referem-se a compreensão de uma sociedade enquanto um todo orgânico (visão funcionalista). A “anomia” significaria, deste modo, uma doença neste todo orgânico, caracterizada pelas mudanças que ocorrem na sociedade, modificando-a. A Igreja Católica, dentro de sua visão de mundo, não compreende as mudanças sociais como parte da dinâmica histórica, mas sim como um problema anômico. Dentro desta perspectiva, utilizo o conceito de “anomia” na tentativa de compreender a perspectiva que pautaram a produção dos discursos veiculados em *O Apóstolo*, não partilhando de tal visão. In: BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da Religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

⁹⁴ Do Suicídio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 20 jun. 1934, n. 96, p. 02.

⁹⁵ *O Apóstolo*. 10 jan. 1932, n. 35, p. 02.

⁹⁶ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1989, p. 67.

Entendendo a sociedade como um empreendimento de construção de mundo, é possível perceber como a religião – também como criação humana – adota para si o papel de mantenedora deste mundo, ou seja, acredita desempenhar um papel normativo⁹⁷, como fornecedora de recursos simbólicos para uma ordem social, em um empreendimento constante contra a anomia.

A Leitura do Bom jornal dá grande baixa no movimento das prisões, defende a honra das famílias e fomenta a paz das consciências. Ajuda-se, portanto, o bom jornal, recrutem-se para ele muitos leitores, angariem-se recursos para a sua manutenção porque ajudar o jornal é ajudar ao catequista do povo.⁹⁸

Fazia-se necessário, então, para que se pudesse garantir o sucesso da Boa Imprensa catarinense, assim como de seu projeto normativo, que “cada família católica do Estado de Sta. Catarina” adquirisse a assinatura do “único jornal católico deste Estado ‘O Apóstolo’”, contribuindo não apenas para a circulação idéias normatizadoras desse periódico, mas também, financeiramente, através do pagamento de sua assinatura.⁹⁹

Enfim, tornava-se necessário que esse grande projeto elaborado pela Igreja contra a anomia social - perigo que estaria prestes a tomar toda essa sociedade imersa em valores modernos -, englobasse o maior número possível de católicos, pois somente assim, o sucesso poderia ser alcançado.

Compreender este imbricamento entre Igreja, movimentos de leigos e Estado, implica em perceber uma sintonia discursiva dentro do âmbito do universo católico. Trata-se de uma sincronia fascinante que surge como resultado de vários processos ocorridos no interior da instituição Igreja, sendo talvez o mais significativo, o processo de romanização, pois é somente através desse que se torna possível o trabalho de produção de discursos

⁹⁷ BERGER, 1985.

⁹⁸ Dom Eduardo – bispo de Uberaba. O Bom Jornal, *O Apóstolo*, Florianópolis, 19 mar. 1934, n. 90, p. 02.

⁹⁹ Cada Família Católica do Estado de Sta. Catarina. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 maio 1935, n. 118, p. 02.

normativos consonantes. Pode-se dizer que este foi “a confirmação do imaginário unificador que cercava os católicos”¹⁰⁰.

As articulações discursivas presentes na Boa Imprensa, especialmente em *O Apóstolo*, não se limitavam apenas a uma consonância com os projetos nacionalizadores do Estado. Abarcavam também, dentro do empreendimento civilizador proposto pela Igreja Católica nessa primeira metade do século XX, um discurso higienista. Como afirma Rogério L. de Souza, a Igreja Católica brasileira “tomando para si uma discursividade médica, mostrará para a população a importância das medidas profiláticas e eugênicas na formação de uma estirpe saudável e apta para o trabalho”.¹⁰¹ Tratava-se do esforço de manter intactos princípios morais cristãos e ainda garantir a legitimidade de seus discursos, num esforço para estimular uma vida casta e fomentar casamentos legítimos, capazes de prover, para a nação, filhos fortes, bem educados, e principalmente saudáveis. Ou seja, o discurso médico, nas páginas da Boa Imprensa tem seu foco voltado para a família.

É interessante perceber que essa apropriação do discurso médico reverbera em vários momentos, nas páginas de *O Apóstolo*, em situações, que podem no mínimo, serem chamadas de inusitadas, como nesta a seguir, onde o Papa Pio XI é descrito como “médico das nações”:

Passou um tanto despercebida, entre alguns círculos de leigos, a notabilíssima Encíclica “Mens nostra” do gloriosamente reinante Papa Pio XI, publicada há poucos anos.

(...)

Como médico das nações, nomeado por Deus, dotado da ciência e do poder de diagnosticar e curar as doenças dos povos, Pio XI estuda, nesta Encíclica, com suprema autoridade os males de nosso tempo e prescreve o remédio.¹⁰²

¹⁰⁰ SOUZA, 2003. P. 36.

¹⁰¹ Ibid. P. 43.

¹⁰² M.. Uma Encíclica de Pio XI. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 dez. 1934, n. 108, p. 03.

Para a produção e o sucesso dos discursos veiculados pela Boa Imprensa, assim como para efetivação dessa simbiose entre discursos religiosos, políticos e médicos, se fazia necessário que não apenas intelectuais da própria Igreja, mas também intelectuais leigos estivessem dispostos a colaborar. Desde modo, personagens como, por exemplo, Tristão de Athaide, passam a figurar entre os autores dos textos dessa imprensa católica.

Esse tipo de atitude também implicava em um efeito colateral: as explicações teológicas presentes nos textos da Boa Imprensa e especialmente aqueles publicados em *O Apóstolo*, acabam sendo portadores de uma linguagem mais intelectualizada, o que acaba por selecionar seus leitores.

Circulando basicamente entre as camadas médias da capital catarinense - especialmente em seus primeiros anos de existência -, *O Apóstolo* esforça-se, durante as décadas de 1930 e 1940 em difundir sua assinatura e manter o funcionamento e a regularidade, uma vez que se tratava do último representante da Boa Imprensa em Santa Catarina.

Deveria haver neste Estado 3 ou 4 grandes jornais católicos. Há só um, O APÓSTOLO, o único defensor nosso contra o imenso perigo das heresias, do comunismo, da ignorância religiosa e outros inimigos.

(...)

Não deveria haver, em todo o Estado, nenhuma uma única família que não assinasse O APÓSTOLO.¹⁰³

Para manter este último remanescente da Boa Imprensa em circulação, além de fazer com que pudesse, realmente, torna-se o instrumento de normatização desejado, campanhas de divulgação desse “bom jornal” eram promovidas constantemente:

Propagar

¹⁰³ Único Jornal Católico deste Estado. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jan. 1935, n. 109, p. 03.

O “Apóstolo” é dever de todo congregado e congregada [referindo-se a Congregação Mariana].

Assiná-lo

O de todos os católicos.

Assinatura Anual.....3\$000

Publicação Quinzenal.¹⁰⁴

Essa era a convocação direta da população católica catarinense para engrossarem as fileiras em prol da campanha civilizadora, e da cruzada normatizante empreendida pela Igreja Católica.

Anúncios como estes eram corriqueiros.¹⁰⁵ Em muitos se podia perceber instruções, similares a mandamentos de como proceder, assim como, a maneira certa de auxiliar na difusão das mensagens veiculadas pela Boa Imprensa.

Um católico inteligente faz assim:

1. Assina um jornal na sua diocese.
2. É pontual em pagar sua assinatura.
3. Faz propaganda entre amigos, angaria novos assinantes.
4. Lê de cabo a rabo o jornal e conta aos outros o que leu.
5. Defende o jornal católico, avisa a redação sobre fatos e pessoas, sobre erros e enganos.
6. Manda anúncios e publicações que paga de bom gosto.
7. Não rasga o jornal, mas passa-o às mãos de outros que desejam tê-lo.
8. Generosamente apóia com donativos a boa imprensa.
9. Quando morre, deixa alguma esmola para o jornal católico.¹⁰⁶

Dois são os pontos de centrais nestas instruções apresentadas acima: o apoio financeiro ao a Boa Imprensa e a divulgação de suas mensagens. No entanto, não é difícil perceber a que classe social esta Boa Imprensa esta dirigida. Um exemplo é o sexto item da citação acima, que se dirige a pessoas com um nível de escolaridade mais elevado, capaz de

¹⁰⁴ *O Apóstolo*, Florianópolis, 07 abr. 1932, n. 41, p. 02.

¹⁰⁵ Referindo-se ao recorte temporal que compreende esta pesquisa – 1929/1959.

¹⁰⁶ Um católico inteligente faz assim. *O Apóstolo*, Florianópolis, 10 jan. 1932, n. 35, p. 02.

habilitá-los a produzirem artigos críticos ou literários, os quais, para tê-los publicados, não encontrariam problemas em pagar de “bom gosto”. Certamente não se dirigia a classes populares.

A esta disponibilidade em colaborar com o trabalho da Boa Imprensa eram prometidas bênçãos nos discursos católicos, assim como ameaças de punição àqueles que, descuidados, não se dedicassem a este propósito:

Lê-lo, pagá-lo, procurar novos assinantes.
Que responderá no ultimo juízo aquele que nada disto tiver feito?
Que há de replicar o servo indolente quando seu justíssimo senhor lhe pedir
contas dos talentos que lhe foram confiados? ¹⁰⁷

Além das assinaturas, a saúde financeira de *O Apóstolo* era mantida através da venda de espaços para anunciantes. Certamente essa deveria ser uma boa fonte de renda para a manutenção desse periódico, uma vez que, para garantir ainda com mais ênfase os resultados de seus anúncios, *O Apóstolo* publicava repetidamente - durante as décadas de 1930 e 1940 -, um artigo intitulado “Os mandamentos da Boa Imprensa”, onde se encontrava a seguinte sugestão: “Faz tuas compras em firmas e negócios anunciados por jornais impressos em tipografias católicas”. ¹⁰⁸

Como se tratava de um periódico religioso, não podia deixar haver referências ao transcendente e a bênçãos provenientes deste:

Anuncie no “O Apóstolo”

Ganhará as simpatias dos clientes católicos e as bênçãos de Nosso Senhor. ¹⁰⁹

¹⁰⁷ A Imprensa. *O Apóstolo*, Florianópolis, 14 out. 1934, n. 104, p. 03.

¹⁰⁸ Os mandamentos da Boa Imprensa. *O Apóstolo*, Florianópolis, 07 jul. 1931, n. 23, p. 03.

¹⁰⁹ *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1937, n. 163, p. 02.

Todo o trabalho de divulgação¹¹⁰ fez com que este jornal acabasse ampliando de forma muito significativa sua difusão, alcançando um bom número de cidades catarinenses e chegando a possibilitar aos seus redatores afirmar que “nenhum outro jornal é tão espalhado em todas as cidades, vilas e povoações do Estado como ‘O Apóstolo’”¹¹¹.

O significativo papel desempenhado por esse jornal católico, assim como, sua influência junto a seus leitores podia ser sentida também através de suas páginas. Um bom exemplo dessa afirmação é a campanha empreendida pela canonização de Albertina Berkenbrock na década de 1950, que em muito ajudou na construção da representação de santidade dessa menina, que recentemente ascendeu a *status* de “beata”. Em tal campanha, além de difundirem os elementos que constituíram a legitimidade da santidade de Albertina, *O Apóstolo* tornou-se um local privilegiado para se perceber os resultados desse trabalho, servindo de espaço para a divulgação do crescimento dessa fé, nos mais diferentes pontos do estado catarinense, através de uma coluna chamada *Graças Recebidas*, onde agradecimentos a possíveis milagres eram publicados.¹¹²

1.2 Tempos conflitantes: *O Apóstolo* entre Políticas, Crises e Guerras.

¹¹⁰ Através de informações obtidas através do próprio jornal foi possível perceber uma estratégia que facilitava a divulgação desse periódico por regiões mais interioranas: a participação de agentes. Estes poderiam ser clérigos ou leigos que se disponibilizavam a divulgar o jornal, colher assinaturas, renová-las e receber pagamentos. Estes agentes tinham correspondência direta com o responsável por *O Apóstolo*, e eram incumbidos da distribuição quinzenal dos jornais entre os assinantes de sua localidade. Graças a este artifício este periódico católico pode ser distribuído até a região norte do Brasil.

¹¹¹ Fazer anúncios n’O Apóstolo... Por quê? *O Apostolo*, Florianópolis, 01 jan. 1940, n. 229, p. 03.

¹¹² Este tema é desenvolvido com mais atenção no último capítulo desta pesquisa.

“A Imprensa católica – disse o Papa – que serve aos interesses da verdade e da justiça assume uma importância sem precedentes no mundo dos nossos dias.” ¹¹³

Quando é lançado o primeiro número de *O Apóstolo*, em meados de 1929, o mundo já vivia momentos de apreensão. O fim de uma grande guerra e o início de uma grande crise financeira estendia-se em um efeito dominó.

Durante a década de 1930 ocorria a ascensão de regimes totalitários e o Brasil entrava em um regime ditatorial. Nas páginas da Boa Imprensa catarinense, o mundo parecia muito mais sereno, ameaçado apenas pelos maus costumes da modernidade.

Esta escolha pelo silêncio torna-se um interessante dado, pois como escreveu Durval Muniz de Albuquerque Júnior, “não há evento histórico que não seja produto de dadas relações sociais, de tensões, conflitos e alianças em torno do exercício do poder, de dada forma de organização da sociedade, produto de práticas e atitudes, individuais e coletivas” ¹¹⁴, o que nos remete a questionar as relações que culminaram na opção pelo silêncio de *O Apóstolo*.

Durante o papado de Pio XI, entre os anos de 1922 e 1939, houve uma certa resistência por parte do Vaticano em aceitar os regimes totalitários, mesmo apesar da assinatura do Tratado de Latrão (1929) ¹¹⁵, quando se estabeleciam relações cordiais entre o Sumo Pontífice e o regime fascista italiano.

Com os posteriores ataques de Mussolini às organizações católicas, Pio XI reagiu

¹¹³ Ação Católica: a voz de Deus. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1951, n. 514, p. 03.

¹¹⁴ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: 2007, p.27.

¹¹⁵ Foi criado em 11 de fevereiro de 1929 um novo Estado, por meio do Tratado de São João Latrão ou simplesmente Tratado de Latrão, assinado pelo ditador fascista Benito Mussolini, então chefe do Governo italiano, e o cardeal Pietro Gasparri, secretário de Estado da Santa Sé. Este Tratado formalizou a existência do Estado do Vaticano (cidade do Vaticano), Estado soberano, neutro e inviolável, sob a autoridade do papa. In: CORNWELL, John. *O Papa de Hither: a história de Pio XII*. 2 ed., Rio de Janeiro: Imago, 2000, passim.

com a encíclica *Non abbiamo bisogno* (1931)¹¹⁶, que denunciava a hostilidade fascista contra seus fiéis. As vésperas da Segunda Guerra e diante do decorrer dos eventos, especialmente os que ocorriam na Alemanha, o papa passa a condenar também o nazismo com a encíclica *Mit brennender Sorge* (1937).¹¹⁷

Com a morte de Pio XI em 1939, foi eleito no dia 02 de março do mesmo ano para o cargo mais alto da Igreja Católica, o então secretário do Vaticano, Cardeal Eugenio Pacelli, que adota o nome de Pio XII. Dotado de perspectivas diferentes do seu predecessor, optou por não mais censurar ou advertir os nazistas e fascistas. Pautou-se em uma política de “apaziguamento” que se estendeu pelos longos anos de guerra. O papa Pio XII desejava apresentar uma imagem pública de quem estava constantemente trabalhando pela paz.¹¹⁸ Mas a neutralidade de Pio XII diante dos atos tanto de Mussolini, quanto das atrocidades da política nazista de Hitler, tornava-se incomoda até mesmo para muitos católicos.

A ambição de Pacelli de se tornar um juiz de juizes, um mediador internacional *no* mundo, mas não *do* mundo, baseava-se não tanto na neutralidade, mas sim em sua estimativa da suprema superioridade do vigário do Cristo-Rei na Terra. O objetivo remontava à “soberania perfeita” de Leão XIII e aos sonhos de influência preenchendo o vazio da perda do poder temporal do papado.¹¹⁹

¹¹⁶ Esta carta destina-se principalmente a denunciar a perseguição às organizações católicas e defender a Ação Católica contra a acusação fascista de que ela não passava de uma frente do antigo *Partido Popolare*, ou seja, a oposição política católica com um novo nome. Mas o papa ampliou sua condenação, transformando-a num ataque geral à idolatria fascista, à “adoração pagã do Estado”. E censurou o juramento fascista como intrinsecamente contrario à lei de Deus. In: DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores: história dos papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998, p. 258.

¹¹⁷ A *Mit Brennender Sorge* (“com viva ansiedade”) denunciava tanto as ações diretas do governo [alemão] contra a Igreja, violando a concordata [acordo entre o governo nazista e a Igreja Católica], quanto a teoria racial nazista em geral. Deu uma surpreendente e deliberada ênfase à validade permanente das Escrituras Judaicas, e denunciou o “culto idólatra” que substituíu a crença no verdadeiro Deus por uma “religião nacional” e pelo “mito da raça e do sangue”. Contrastou essa ideologia perversa com a doutrina da Igreja, na qual havia um lugar “para todos os povos e todas as nações”. In: DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores: história dos papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998, p. 261.

¹¹⁸ CORNWELL, 2000. P. 253.

¹¹⁹ CORNWELL, 2000. P. 254.

Os reflexos desta postura do Sumo Pontífice podiam ser percebidos também nas páginas da Boa Imprensa catarinense. *O Apóstolo* veiculava representações de Pio XII revestido de uma aura mística de infalibilidade papal, buscando ligá-lo, dentro desse universo simbólico, com a figura do próprio Cristo. Deste modo: “O primeiro dever de um filho é amar o pai. Amemos o Papa, que não é apenas o Soberano Pontífice, é o Pai querido das nossas almas”. Assim, “Amar, obedecer, defender o Papa e orar por ele”¹²⁰ seria um princípio básico da catolicidade.

Os redatores de *O Apóstolo* tomavam especial cuidado em não propor discussões sobre a postura papal frente à guerra, utilizando o artifício de reafirmar sua estreita ligação com o divino, assim como, sua postura irredutível pelo restabelecimento da paz mundial.

Por um telegrama de Nova York sabemos a seguinte informação:

Os altos dignitários da Igreja apresentam a idéia de que o Papa forme parte da Conferência da Paz, quando chegar esse momento tão desejado.

(...)

Faça Deus que, na hora otaviana [sic] que estamos a esperar, tenha o Vigário de Jesus Cristo o lugar devido, para formular o seu voto nos postulados de pós-guerra.¹²¹ [grifo meu]

A postura de neutralidade de Pio XII dura até o natal de 1942, quando começaram a chegar ao Vaticano informações confiáveis sobre a Solução Final executada pelo regime nazista. E apesar “dos insistentes pedidos dos Aliados e de organizações judaicas para que se manifestasse com franqueza”¹²² muito antes do natal, Pio XII protela tal pronunciamento até o dia 24 de dezembro deste mesmo ano, quando decide incluir “na mensagem de Natal o que lhe pareceu uma clara e inequívoca condenação ao genocídio”.¹²³

¹²⁰ *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 ago. 1947, n. 411, p. 03.

¹²¹ O Papa na Conferência de Paz. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jan. 1944, n. 325, p. 04.

¹²² CORNWELL, 2000. P. 302.

¹²³ DUFFY, 1998. P. 264.

Ele [Pio XII] agonizou até 24 de dezembro, antes de se referir, ao final de um longo pronunciamento sobre o Natal pelo rádio, “as centenas de milhares de pessoas que, sem qualquer culpa pessoal, apenas por causa de sua nacionalidade ou raça, são marcadas para a morte ou extinção gradativa”. Foi o máximo a que ele chegou em termos de condenação pública da Solução Final, num momento em que falar com clareza poderia fazer a diferença.¹²⁴

Nesta sua homilia, Pio XII reafirma a necessidade que o mundo estaria destinado a uma “ordenação pacífica da sociedade”, que poderia ser conseguida a partir da “fidelidade à Santa Madre Igreja”, salientando como premissa básica, a supremacia papal.¹²⁵ Este discurso é muito bem reproduzido em *O Apóstolo*:

A guerra – justo castigo de Deus a impiedade dos homens – com todo o seu cortejo de horrores, avassala o mundo ameaçando destruir, pelo alicerces, povos e nações. Á sua passagem, a humanidade, impotente e aflita, vê, por toda parte, destruição e morte.

Rios de fogo, sangue e lágrima tem corrido e continuam a correr deixando após si ruínas e desolação. E no meio desse mar revoltoso, *um rochedo* se ergue impávido – a Igreja: uma voz se levanta comandando todos para Deus, afim de obter a suspirada paz – *uma voz* do Santo Padre. Mas esta voz é abafada pelo troar dos canhões e mais ainda pelo bramir das ondas encapeladas das paixões. Por isso, o Vigário de Cristo lança o seu apelo *aos homens de boa vontade* – a quem está reservada a paz anunciada pelos anjos na noite de Natal, - concitando-os à oração.¹²⁶

As manifestações papais entre os anos de 1943 e 1947, possivelmente movidas pela estado de guerra no qual especialmente a Europa encontra-se mergulhada, caminhavam no sentido de acompanhar uma “renovação teológica”, mesmo diante do ambiente de atmosfera asfixiante e antimodernista em que a Igreja estava pautada. Na verdade a renovação estava alicerçada na tendência a enfatizar o caráter espiritual da Igreja.

¹²⁴ CORNWELL, op. cit. P. 302.

¹²⁵ Ibid., P. 328.

¹²⁶ No 1º número d'O Apóstolo e hoje!!. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jul. 1943, n. 314, p. 01.

Na encíclica teológica *Mystici Corporis* (1943) o papa propôs “um modelo orgânico e místico para a Igreja como o Corpo de Cristo, suplementar ao modelo da sociedade ‘perfeita’ - isto é, ‘completa e contida em si mesma’ -, na qual o pontífice era o general ou magistrado principal”¹²⁷.

Esta encíclica acabou criando duas situações em que se pautaram os discursos da Boa Imprensa, e conseqüentemente, os discursos de *O Apóstolo*: a centralidade na hierarquia eclesiástica, focada no poder papal e a exclusão direta dos demais cristãos, os não-católicos, deste plano divino.

Ela [a Igreja Católica] será infalível, indestrutível, progressiva... *infalível* no seu magistério, isto é: Quando o Papa, na qualidade de Chefe e Doutor supremo, promulga com suprema autoridade determinada decisão em matéria de Fé e costumes. Jesus prometeu a infalibilidade (...)

No momento preciso, a proa do barco, ergue-se, alva e serena, numa figura bem humana, estende o braço, tornando portentoso... e o vento cessa e o mar se acalma. “Quem é este a quem o mar e os ventos obedecem?...” é o Vigário de Jesus Cristo – é o Papa – o chefe visível da Igreja. “Eu te darei as chaves dos Céus: tudo que ligares na Terra, será ligado também no Céu...” é o Principado de Pedro!

Nesta hora angustiosa que vivemos, o 267º Vigário de Cristo dirige a “Barca de São Pedro”, Sua Santidade o Papa Pio XII.¹²⁸

Com o fim da guerra um clima de instabilidade e insegurança atingiu boa parte da população mundial e acabou por oportunizar que a Igreja Católica voltasse a investir em uma reafirmação discursiva de seu papel enquanto “organizadora” e “estabilizadora” das relações sociais, a “única” capaz de trazer e manter a paz frente as incertezas geradas pela Guerra.

Século XX... Século da luz... Século do progresso... mas também da confusão,

¹²⁷ DUFFY, 1998. P. 265.

¹²⁸ FARIA, Isaura. A Igreja. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 dez. 1945, n. 371, p. 02.

do espírito das trevas que joga, para assim dizer, a última cartada, numa luta de vida e morte.

Despedaçaram-se nações, potentados desapareceram na poeira dos caminhos – mas quase duas vezes milenar, a Igreja está de pé! Comovida, a humanidade contempla sobre o estendal de ruínas da velha Europa a cúpula fulgurante de São Pedro – que prossegue sem solução de continuidade de sua obra – a obra de Cristo – a REDENÇÃO UNIVERSAL.¹²⁹

Não apenas diretrizes vindas do Vaticano acabavam por influir na construção dos discursos da Boa Imprensa no Brasil, mas também os reflexos da guerra no contexto da política brasileira, onde a “participação do Brasil na guerra ao lado das nações democráticas acelerou poderosamente a decomposição do Estado Novo”¹³⁰, criando uma situação insustentável para o sistema ditatorial brasileiro, que trazia consigo a sombra dos regimes totalitários vencidos na Europa.

Fruto de sua época, o Estado Novo acabou por responder às necessidades do Brasil entre as décadas de 1930 e 1940, fornecendo soluções modernas para o país. Entretanto, as idéias de democracia e de liberdade haviam vencido a Guerra e o Estado Novo começa a se mostrar anacrônico, uma vez que havia se construído sob o estigma do fascismo, que agora perdia sua legitimidade.

A dificuldade de manutenção do regime estadonovista agravava-se graças a Constituição brasileira de 1937, que determina o fim do mandato do presidente Vargas, assim como, previa eleições no ano de 1943. Com as eleições atrasadas e a nova tendência da política mundial, havia dentro do próprio território brasileiro fortes correntes antifascistas que aglutinavam-se em um movimento contrário à política varguista, apoiados também pelos demais segmentos da sociedade brasileira que estavam interessados em uma abertura política. Era o caso dos intelectuais, políticos, da imprensa e dos militares, todos estes viviam um uma profusão do sonho democrático após a guerra, e acabaram agitando a

¹²⁹ FARIA, Isaura. A Igreja. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 dez. 1945, n. 371, p. 02.

¹³⁰ BRANDI, Paulo. *Vargas: da vida para a história*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

população, que também esperava por eleições.¹³¹

Nas páginas de *O Apóstolo* não era possível sentir esta ansiedade pela volta da democracia. É importante lembrar que este jornal surge quase paralelamente à chegada de Getúlio Vargas ao poder, e que grande parte de seus discursos foram construídos tendo como referencial a proximidade da Igreja Católica e o Estado Novo, e que, portanto, mesmo após a deposição de Getúlio, pode-se perceber que tais discursos não foram totalmente renovados.

Um sutil posicionamento político de apoio à manutenção a esse governo ditatorial se fazia presente, perceptível nas anuais comemorações à visita de Getúlio a Santa Catarina, ocorrida no ano de 1940. Em todos os meses de março, até o ano de 1945, e em primeira página, fotos da referida visita do então presidente Getúlio a capital catarinense eram publicadas, acompanhadas de legendas que não cansavam de salientar a importância de tão “honrosa visita” ao estado.

¹³¹ Ibid., 1983.



Figura 6: Primeira página comemorativa a visita de Getúlio Vargas em 1940.



Figura 7: Primeira página comemorativa publicada em 1º de março de 1944.



Figura 8: Primeira página comemorativa de 1º de março de 1945.

Durante as décadas de 1930 e 1940 o jornal *O Apóstolo* encontrava-se alinhado com os propósitos de construção de uma nação, de uma identidade nacionalista ao lado do

Estado Novo. Esta opção tornava-se visível em muitos momentos, como por exemplo, na cerimônia transcrita abaixo, acontecida por ocasião do dia da Bandeira:

O ponto culminante, afora a comunhão de todos, foi o içamento da Bandeira pelo representante do Interventor justamente no meio da Missa, no momento da elevação da S. Hóstia, alteando-se a Bandeira até acima da Catedral, num grande espetáculo e ao som da marcha batida, como homenagem ao Senhor dos Exércitos que dignara descer sobre o Altar.¹³²

Este empreendimento nacionalista serve de base para a construção de discursos em que a religião católica é apresentada como parte integrante da nacionalidade brasileira, um elemento aglutinador do próprio sentimento de patriotismo ao lado da língua portuguesa. Nas páginas de *O Apóstolo* estas são descritas como “duas cadeias de bronze que unem, no decorrer dos tempos, as gerações”.¹³³

A definição de Pátria como “o complexo das famílias enlaçadas entre si pelas recordações, pelas crenças e até pelo sangue”¹³⁴, presente nas páginas de *O Apóstolo*, parece querer justificar o grande número de textos dedicados ao tema família, assim como, ao empenho em normatizá-las dentro dos preceitos católicos, para que enfim, fosse possível construir uma nação brasileira.

O fim do Estado Novo e as conseqüentes mudanças no cenário político brasileiro entre os anos de 1945 e 1959, trouxeram algumas alterações nos discursos normatizantes de *O Apóstolo*, que, entretanto, mantiveram-se focados na família, seguindo as orientações vindas do Vaticano, que há muito se valia deste tema em suas estratégias de evangelização.

Em *O Apóstolo*, o patriotismo retratado com tanta ênfase durante o Estado Novo, não foi totalmente abandonado após a deposição de Vargas. Mesmo que a tendência

¹³² Pró-Pátria. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jan. 1939, n. 205, p. 01.

¹³³ Id. Ibid.

¹³⁴ Id. Ibid.

mundial estivesse centrada em “um novo espírito de cosmopolitismo e cooperação internacional”¹³⁵, os católicos da Boa Imprensa pareciam antecipar a volta deste discurso patriótico, que acabou ocorrendo com o retorno de Getúlio Vargas ao governo brasileiro pelas vias democráticas em 1950.

O nacionalismo, então, passou a desempenhar um papel cada vez mais importante na cena política brasileira daquele período.(...) Uma primeira manifestação disso foi a controvérsia sobre a nacionalização da indústria de petróleo que causou polêmica por dois anos a partir dos últimos meses de 1951. Encontrava-se adesão à posição nacionalista em amplos setores da população politicamente articulada, entre a classe média, a classe trabalhadora urbana, entre os militares, e o nacionalismo parecia um excelente meio para a construção de um consenso público.¹³⁶

A proximidade da Igreja Católica com a política getulista - em seus muitos momentos, mesmo com suas sensíveis oscilações -, refletiu-se também em Santa Catarina. Durante a vigência do Estado Novo, a história política catarinense foi marcada pela presença, no cargo de interventor, de Nereu Ramos¹³⁷ e por sua grande proximidade com o

¹³⁵ LAUERHASS JÚNIOR, Ludwig. *Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro: estudo do advento da geração nacionalista de 1930*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade e São Paulo, 1986.

¹³⁶ KADT, 2003. P. 67.

¹³⁷ Filho de Vidal José de Oliveira Ramos Júnior, governador de Santa Catarina de 1910 a 1914, formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1909. Foi deputado estadual por Santa Catarina, em 1911. Em 1930 foi eleito deputado federal, mas com o fechamento do congresso teve seu mandato extinto. Apoiou a Revolução Constitucionalista de 1932 e em 1933 foi eleito deputado constituinte com a maior votação de seu estado. Foi um dos 26 deputados integrantes da comissão encarregada de examinar o anteprojeto de constituição preparado pelo Governo Provisório da Revolução de 1930. Em 1935 foi eleito governador, sendo nomeado interventor em 1937, permanecendo neste cargo até 1945. Foi eleito simultaneamente deputado e senador pelo PSD em 1946. Presidente da Câmara de Deputados, em 1951, e vice-presidente do Senado, em 1955. Como presidente do Senado Nacional, Nereu Ramos assumiu a presidência após o suicídio do titular, Getúlio Vargas, e o impedimento do vice-presidente, Café Filho, e do impedimento do presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz, liderados pelo General Henrique Lott no Movimento de 11 de Novembro. Em 1956, assumiu o ministério da Justiça e Negócios Interiores, pediu exoneração em 1957 e retornou ao Senado. Morreu em um desastre aéreo em Curitiba, em 16 de junho de 1958. Disponível em: < http://biografias.netsaber.com.br/ver_biografia_c_917.html>. Acesso em: 12 nov. 2008.

clero catarinense. Tal aproximação reverberava nas páginas da Boa Imprensa local.

Descrito como um bom administrador público e como um católico praticante e atuante, Nereu Ramos é por várias vezes citado nas páginas de *O Apóstolo* como participante de destaque em eventos, encontros e celebrações católicas. Sua presença representava orgulho para o clero catarinense. Por vezes, discursos proferidos pelo próprio Nereu Ramos eram transcritos e publicados com destaque nas páginas desse representante da Boa Imprensa.¹³⁸ Havia, ainda, oportunas menções ao poder político de Nereu Ramos sendo utilizado para atender aos interesses católicos.¹³⁹



Figura 9: Homenagem a Nereu Ramos na primeira página de O Apóstolo em 1940.

¹³⁸ Um elogioso discurso proferido por Nereu Ramos em homenagem ao aniversário do Arquibispado de D. Joaquim Domingues de Oliveira, em um solene jantar comemorativo em 16 de agosto de 1945 foi transcrito e publicado na íntegra no dia 15 de setembro do mesmo ano, nas páginas de *O Apóstolo*.

¹³⁹ No exemplar de 15 de novembro de 1946 de *O Apóstolo*, é transcrita uma carta de agradecimento de Nereu Ramos ao prefeito de Criciúma, onde este agradece o apoio da prefeitura desta cidade ao Congresso Eucarístico ali realizado.

Com saída de Nereu Ramos do cargo de interventor em 1945 e fim do Estado Novo, desenhava-se uma nova situação política, da qual o clero católico ansiava por participar. As eleições para os “dirigentes regionais e seus delegados às câmaras” passou a ganhar destaque nas páginas de *O Apóstolo*.¹⁴⁰ Havia um forte interesse dos católicos em repetir a campanha de 1933, quando foram realizadas as eleições para a Constituinte e a atuação da Liga Eleitoral Católica¹⁴¹ auxiliou na eleição de uma significativa bancada católica¹⁴² capaz de garantir a aprovação das principais reivindicações de suas lideranças.¹⁴³

Uma breve digressão sobre as eleições de 1933 talvez se torne oportuna neste momento, no intuito de propiciar uma melhor compreensão dos discursos de *O Apóstolo* diante do processo de redemocratização no Brasil após o fim do Estado Novo. Esta digressão refere-se ao voto e participação feminina na política.

Interessante perceber que em *O Apóstolo* não há referências à presença feminina no espaço público da política, nem nas eleições de 1933, onde já se destacava a presença de Antonieta de Barros, por exemplo, assim como não houve nas eleições de 1945.

Apesar de Antonieta de Barros ter voltado à política como deputada estadual em

¹⁴⁰ Também uma forte campanha anticomunista começava a ser empreendida nas páginas desse jornal, que não cansava de alertar aos eleitores, para que estes estivessem “a postos para repelir infiltrações perigosas por parte dos inimigos do Brasil e da Igreja”, pois “a Igreja espera atitudes firmes e desassombradas contra os inimigos da pátria e a da civilização” In: *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1946, n. 394, p. 03. Esta não era uma campanha inédita para a Boa Imprensa catarinense, também nas eleições convocadas em 1933, para a escolha da Assembléia Constituinte, os católicos de todo o país haviam se mobilizado para lutar contra a eleição daqueles considerados os inimigos da fé católica.

¹⁴¹ Fundada em 1932 por Dom Sebastião Leme –concomitantemente à Ação Católica –, contou com participação de vários intelectuais como Tristão de Athayde e parcelas da classe média.

¹⁴² Pertenciam a bancada católica nomes como Luís Sucupira, Anes Dias, Plínio Correia de Oliveira e Morais Andrade. In: MACHADO, Antônio de Alcântara. *Trechos escolhidos*. 2 ed., Rio de Janeiro, Agir, 1970, p. 58.

¹⁴³ A Constituição de 1934 acatara as principais reivindicações católicas: a Constituição havia sido promulgada em nome de Deus; o catolicismo, instituído como religião oficial; o matrimônio, considerado indissolúvel; o casamento religioso, oficialmente reconhecido; foi implantado nas escolas primárias e secundárias o ensino facultativo da religião católica; a assistência religiosa às Forças Armadas, penitenciárias, asilos foi oficialmente autorizada. In: MACHADO, op. cit., loc. cit.

1948, de ter escrito para vários jornais da capital, e de ter sido figura de destaque também no âmbito educacional, seu nome ou qualquer referência a sua pessoa sequer é mencionada em *O Apóstolo*, o que induz à dedução de que o modelo de mulher pública que ela representava não era consonante com as representações de mulher vinculada ao lar e ao ambiente privado que este jornal fornecia em seus discursos.

Ironicamente, a mulher tornou-se o grande trunfo do clero católico brasileiro desde as eleições de 1933, quando se colocou em prática o voto feminino, e ao contrário do que se poderia esperar do conservador clero brasileiro, as católicas foram chamadas a participar do processo eleitoral. Mas esta participação deveria acontecer de maneira tutelada. Os redatores de *O Apóstolo* cuidavam das orientações às mulheres católicas: era preciso votar, mas sob o atento olhar clerical.

Uma idéia muito lembrada entre as senhoras é esta:

Que vai adiantar meu voto?

Mais vale ficar em casa trabalhando e rezando.

Não há dúvidas, minhas senhoras, que a oração tem força muito maior que o boletim do voto, mas também é verdade o que Nosso Senhor acentuou: Não são os que dizem Pai, Pai, e sim os que fazem a vontade de meu Pai que entraram no reino dos céus.(...)

Que todos vejam que as católicas sabem cumprir o seu dever para com a sociedade, tão bem como o cumprem para com o seu marido e os seus filhos.

Que cada uma procure a junta eleitoral de sua paróquia.¹⁴⁴

Os católicos responsáveis por *O Apóstolo* não desejavam estimular a participação efetiva de mulheres na política, mas apoiavam o voto feminino. Com um olhar mais atento, é possível perceber as nuances dessa suposta contradição. Na década de 1930 o medo de um comunismo ateu tomava conta dos católicos do mundo todo, tanto que o próprio papa Pio XI chega a publicar a encíclica *Divini Redemptoris* (1937) condenando-o. Com a

¹⁴⁴ PEDROSA, Cecília Luiza Rangel. O Voto Feminino. *O Apóstolo*, Florianópolis, 19 mar. 1933, n. 65, p.06.

convocação das eleições para as Constituintes estadual e federal, realizadas em 03 de maio de 1933 e com o novo Código Eleitoral de 1932, que estabelecia às mulheres brasileiras o direito de votar e serem votadas, o clero católico vislumbrou a possibilidade de reforçar suas fileiras no combate contra o comunismo com os votos das fiéis, senhoras e senhoritas, que freqüentavam regularmente a igreja e que poderiam representar uma grande força nas urnas, ajudando a eleger aqueles que representariam a força católica na Constituinte, e que acabariam por promulgar a Constituição brasileira mais católica da história da República.

O grande argumento para a participação do voto feminino estava na defesa da família. Por várias vezes reafirmando que “A Pátria é a família ampliada”¹⁴⁵ e que era preciso eleger políticos capazes de promulgar uma Constituição que viesse a defendê-la, assim como reafirmar a força da religião católica. Pois como ressaltava *O Apóstolo*, “a separação dos dois poderes, Igreja e Estado, de nenhum modo requer a exclusão até do nome de Deus do preâmbulo da Constituição”.¹⁴⁶

Em *O Apóstolo* negava-se veementemente a entrada da mulher católica na vida pública, pois, como tratavam de reafirmar constantemente, “as únicas ocupações contrárias à natureza da mulher são as que contrariam o seu papel de esposa e de mãe”.¹⁴⁷ Assim, para as mulheres católicas, participar das eleições significava buscar as orientações da “junta eleitoral de sua paróquia”¹⁴⁸, onde o pároco responsável a orientaria sobre como deveria proceder diante da urna.

Contra o aparecimento do elemento feminino às urnas levantaram-se várias objeções.

Aqui vamos registrar a maior e a mais freqüente e que serve de base a todas as

¹⁴⁵ A nossa hora. *O Apóstolo*, Florianópolis, 02 abr. 1933, n. 669, p.03.

¹⁴⁶ Deus na Constituição. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jun. 1934, n. 95, p.02.

¹⁴⁷ Votar não compete às mulheres. *O Apóstolo*, 01 maio 1933, n. 68, p.02.

¹⁴⁸ PEDROSA, Cecília Luiza Rangel. O Voto Feminino. *O Apóstolo*, Florianópolis, 19 mar. 1933, n. 65, p.06.

outras: a religião quer arrancar a mulher ao lar e atirá-la à política.

Não é verdade que a religião, que tanto insiste em prol do cumprimento dos deveres de estado, queira afastar a mulher do lar e fazê-la um político.

A vida moderna, com suas exigências, com as suas imperiosas e múltiplas necessidades, foi que levou as oficinas, as fábricas, aos escritórios e a burocracia o elemento feminino, que, nos tempo de antanho vivia segregado ao lar.

As modas e os modos dos nossos dias, abrindo clarões na moralidade pública, por via da imprensa, dos teatros, e de outros muitos gêneros de diversões, retiram do lar mães de família e donzelas, que, tranqüilamente, se ocupavam de seus labores diários, numa placidez quase completa.

(...) a Igreja manda que a mulher cristã cumpra o dever legal do voto, para que, desse modo, concorra para a salvação da sociedade moderna e evite que os elementos maus e anárquicos predominem na política e na administração do país.

Para cumprir o dever eleitoral não é necessário que a mulher abandone o lar: basta sair dele duas vezes: para o alistamento e no dia das eleições...¹⁴⁹ [grifo meu]

Não se fazia, segundo o discurso católico, necessário que a mulher compreendesse o processo eleitoral, os grupos políticos envolvidos ou os tramites eleitorais, pois para “poupá-la” dessa exposição, havia a orientação da Liga Eleitoral Católica.

O direcionamento do voto feminino e as Ligas Eleitorais Católicas realmente surtiram efeito: em 1934 a Constituinte eleita contava com um significativo número de católicos, o que acarretou na promulgação da Constituição mais católica da República brasileira, mas que graças ao golpe do Estado Novo, teve vida curta.

Esta atenção devotada ao voto feminino persistiu nas eleições de 1945. Obviamente não se faziam mais necessários discursos que legitimassem o apoio ao voto feminino dentro dos preceitos católicos, este já fazia parte das perspectivas políticas brasileiras. No entanto, uma certeza parecia permanecer entre os redatores da Boa Imprensa: eram as mulheres que representavam a força da Igreja Católica.

Retornando dessa digressão sobre o voto e participação feminina na política, gostaria de situar os discursos de *O Apóstolo* frente à sucessão no governo estadual durante

¹⁴⁹ O Voto Feminino. *O Apóstolo*, Florianópolis, 19 de jan, 1933, n. 61, p.03.

o processo de redemocratização.

Eleito como governador em 1947, Aderbal Ramos da Silva teve sua foto publicada em primeira página com a legenda: “‘O Apóstolo’ apresenta ao Exmo. Sr. Dr. Aderbal Ramos da Silva com felicitações os votos de um Governo feliz e benéfico pra a Terra Catarinense”.



Figura 10: Primeira página homenageando o novo governador catarinense Aderbal Ramos da Silva em 1947

Apesar das mudanças que ocorriam em todo contexto político nacional, os anseios católicos de manterem sua aproximação do poder temporal se faziam perceptíveis em muitos momentos, como por exemplo, na transcrição das palavras do novo governador Aderbal Ramos, comprometendo-se a governar dentro dos “trâmites que a doutrina social

da Igreja Católica preceitua”.¹⁵⁰ Era tudo o que as organizações católicas catarinenses desejariam ouvir, e não sem intenção, esta declaração ganhava destaque de primeira página em *O Apóstolo*.

Desde a eleição de Eurico Gaspar Dutra e sua posse em 31 de janeiro de 1946, o discurso católico encontrava dificuldades em entrar em consonância com o discurso político então em vigência, encontrando neste, pouquíssimos os pontos de intersecção.

Mas a segunda metade do século XX seria repleta de mudanças, e algumas já se encontravam às portas, como a eleição de 03 e outubro de 1950, quando “o Dr. Getúlio voltou, como prometera, ‘nos braços do povo’”¹⁵¹, contando com 50% dos votos válidos.

Mesmo a vitória eleitoral de Vargas, graças à qual voltou à Presidência da República, por aclamação popular, em 1950, revelou-se, de certo modo, uma vitória de Pirro. Embora ele tivesse confirmado o apelo, tanto ao seu carisma, como aos rumos do nacionalismo que personificava, não conseguiu restabelecer o domínio político efetivo que caracterizava o seu regime anterior. Já não era dono de sua própria casa.¹⁵²

Esse segundo governo Vargas já não podia contar com as mesmas condições de seu primeiro, já não estávamos mais no Estado Novo, e a imprensa agora trabalhava para provar que não estava mais à mercê da censura.

A imprensa nacional passava por toda uma grande modificação, após a Segunda Guerra Mundial e especialmente após o fim do Estado Novo, quando o governo norte-americano instituiu programas de intercâmbio cultural entre os dois países e inúmeros jornalistas brasileiros visitam os EUA, tomando conhecimento do funcionamento da imprensa longe da censura, adotando um modelo mais dinâmico e ágil. Neste período as universidades instituem os primeiros cursos regulares de jornalismo, o que acabaria por

¹⁵⁰ Dr. Aderbal Ramos da Silva, Governador Eleito. In: *O Apóstolo*, 15 abr. 1947, n. 404, p.01.

¹⁵¹ TEIXEIRA, Francisco M. P. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Global, 1993. 1993. P. 289.

¹⁵² LAUERHASS JÚNIOR, 1986. P. 157.

profissionalizar e mudar radicalmente a face da imprensa nacional.

A partir da Segunda Guerra Mundial começaram a desaparecer gradativamente títulos importantes em alguns municípios sobrevivendo apenas os veículos que acompanhavam as mudanças técnicas, que despertavam para novos padrões profissionais e procuravam ocupar espaços vazios deixados pelas publicações extintas.¹⁵³

Inaugura-se a época das fotonovelas, dos gibis, das revistas de fofocas que trazem todas as últimas informações sobre os astros de Hollywood. Neste novo contexto de imprensa que se instalava em terras brasileiras, também *O Apóstolo* adotou algumas modificações, buscando manter a aceitação dos leitores, que agora possuíam outras referências de leitura mais dinâmicas e mais modernas.

Alguns temas, antes tão corriqueiros em suas páginas durante a década de 1930 e meados de 1940, como o combate a outras expressões religiosas, passaram a ser abandonados, assim como poesias de louvores a Maria e imagens de santos e santas nas primeiras páginas.

O jornal passou a dar mais espaço a reportagens e notícias, aumentando o número de fotos e imagens em suas publicações. É certo que este periódico continuava sob a forte orientação do clero católico, contando também com a supervisão da arquidiocese de Florianópolis, o que significa dizer que preceitos e normas de conduta católicas ainda são constantemente reafirmadas em todos os seus textos e reportagens.

Certamente esta nova fase de *O Apóstolo* pode ser concebida como uma fase de sucesso, pois foi na segunda metade da década de 1940 e por toda a década de 1950 que este jornal passou a contar com um número expressivo de assinaturas, chegando a ultrapassar os limites do estado catarinense.

¹⁵³ PEREIRA, Moacir. *Imprensa e Poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli: FCC Edições, 1992, p. 38.

Tendo como norte as palavras de Pio XI: “Mais vale um bom jornal que meia dúzia de pregadores”, pois “o jornal penetra onde o pregador não pode entrar. O jornal tem palavras que persistem, continuam; ao invés da pregação que é ouvida e desaparece”¹⁵⁴, o jornal *O Apóstolo*, que desde a sua fundação empreende uma intensa campanha pelo aumento do número de seus assinantes, em meados da década de 1940 pode mostrar com satisfação os resultados de sua “cruzada pela boa imprensa”, possuindo assinantes nas cidades catarinenses de São Francisco, Tijucas, Tubarão, Itaiópolis, Urussanga, Vargem do Cedro, Indaial, Guaramirim, Penha, Laguna, Brusque, Itajaí, Nova Veneza, Sombrio, Blumenau, Concórdia, Vidal Ramos, Presidente Getúlio, Gaspar, Joinville, Araranguá, Piçarras, Barra Velha, Porto União, Jaraguá, Orleães, Rio Negrinho, Massaranduba, Criciúma, entre outras. Chegando a ser distribuído também em cidade dos estados vizinhos, como Curitiba, Foz do Iguaçu e Porto Alegre¹⁵⁵.

Apesar da divulgação desse periódico mostrar-se muito ampla dentro do estado de Santa Catarina, chegando a alcançar algumas cidades dos estados sulinos vizinhos, este foi um periódico que alcançou divulgação ainda maior, chegando a ter sua distribuição em algumas cidades do Acre e do Amazonas, de onde chegavam notícias como esta:

Os 27 “grandes” agentes recebem uns 5.900 jornais; e uns 9.000 jornais estão ao cuidado de ótimos agentes em paróquias e lugares menores.
A todos e a cada um nosso cordialíssimo “Obrigado!!!”¹⁵⁶

A divulgação nestes estados, e especialmente no Acre torna-se tão significativa que *O Apóstolo* chegou a incluir uma coluna em suas páginas chamada “Notícias do Acre”, que parecia agradar em muito os católicos dessa região, a ponto de receberem de uma única

¹⁵⁴ O valor da imprensa. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1946, n. 394, p. 04.

¹⁵⁵ Na maioria das localidades citadas são distribuídas pequenas quantidades deste jornal, em algumas contam com apenas um ou dois assinantes. Faz-se necessário lembrar que essas informações encontram-se no próprio jornal. In: *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1947, n. 420.

¹⁵⁶ *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 dez. 1947, n. 420, p. 03.

vez o pedido de 225 assinaturas desse periódico.

De onde teria vindo este pedido?
O leitor suspeitará: “Naturalmente do Acre!”.
Sim, é verdade (...)
Deste lugar, que até agora tinha 100 assinantes pede-se a inclusão de mais 225 assinaturas!¹⁵⁷

Tudo graças à rede de contatos estabelecida pelos responsáveis por esse periódico, que podiam contar com correspondentes e agentes de *O Apóstolo* – responsáveis pela venda de assinaturas -, como é o caso do vigário da cidade de Lavras em Minas Gerais, Pe Waldemar Goerdert S.C.J., que em uma única correspondência faz o pedido de 60 assinaturas do periódico catarinense.¹⁵⁸

Enquanto a distribuição de *O Apóstolo* crescia, também outro catarinense muito próximo ao clero católico destacava-se em nível nacional: Nereu Ramos.

Com o suicídio de Vargas, em 24 de agosto de 1954, instaurava-se uma crise no governo federal. O cargo de presidente parecia difícil de ser preenchido, uma vez que o vice-presidente João Café Filho, acaba sendo declarado impedido de exercer o cargo pelo Congresso Nacional. Toma o poder, então, Carlos Coimbra da Luz, então presidente da Câmara dos Deputados, em 09 de novembro de 1955. No entanto, dois dias depois, também por determinação do Congresso Nacional é substituído pelo então vice-presidente do Senado, Nereu Ramos, que governaria o país até as próximas eleições. Somente em 31 de janeiro de 1956 toma posse o presidente eleito, o mineiro Juscelino Kubitschek de Oliveira.

A década de 1950 foi um período de apreensão política, não somente para o Brasil, pois a conjuntura de disputa instaurada pela vigência da Guerra fria, os auspícios da doutrina Truman – que pregava ser função dos norte-americanos defender o mundo do

¹⁵⁷ DUFNER, Emilio. Colossa! “225 novas assinaturas!”. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 maio 1948, n. 430, p. 02.

¹⁵⁸ Carta de Lavras. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 fev. 1949, n. 447, p. 03.

“perigo vermelho” – e a corrida nuclear faziam com que os EUA estendessem seus tentáculos, buscando ampliar sua área de influência política e ideológica.

Após a eleição de JK, o alinhamento com a ideologia norte-americana já estava instaurado e o país inspirado neste novo contexto político entrava com mais fôlego na produção em massa e no consumo de bens manufaturados. O Brasil passou a ser embalado pela empolgação de um espírito empreendedor e desenvolvimentista, personificado pelo próprio presidente da República.

Como é sabido, o desenvolvimentismo defendido e posto em prática por Kubitschek trouxe, é inegável, a modernização da infra-estrutura e o incremento da industrialização do país; políticas que tiveram continuidade – sem o *glamour* – nos governos seguintes de uma forma ou de outra.¹⁵⁹

O governo de Juscelino Kubitschek acabou dando continuidade a um processo de industrialização que se iniciara ainda na década de 1940 no Brasil. E apesar de ser constantemente apontado como adepto de uma política chamada de entreguista, por favorecer a entrada do capital estrangeiro no país, diferentemente da política nacionalista de seu predecessor Vargas, a economia brasileira estava, na verdade, envolta nas transformações da economia mundial do pós-guerra, e se fazia necessário que o Brasil criasse condições para o desenvolvimento industrial segundo os objetivos almejados em escala mundial.¹⁶⁰

As mudanças que estavam ocorrendo no Brasil, entretanto, não poderiam ser restringidas apenas a perspectivas políticas, governamentais e econômicas. Como nos alerta Durval Muniz de Albuquerque Júnior:

¹⁵⁹ SIMÕES, Josanne Guerra. *Sirênico Canto* – Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem. Belo Horizonte: Autentica, 2000, p. 13.

¹⁶⁰ Ibid. P. 91.

Qualquer evento histórico é uma mistura tal de variáveis, é fruto do entrelaçamento de tantos outros eventos de natureza diferenciada, que visualizamos apenas parcialmente e temos em evidência apenas alguns destes elementos que o constituem.¹⁶¹

Dentro desta perspectiva, e buscando aumentar os elementos que auxiliaram na constituição das mudanças na sociedade da década de 1950, deixaremos um pouco o campo político.

O Brasil vivia um intenso processo de transformações sociais, que haviam se iniciado antes mesmo do fim da II Guerra Mundial. Estas mudanças relacionavam-se com a nova dinâmica da própria sociedade, mas que, nem por esse motivo, deixava de gerar conflitos. Pode-se elencar como um dos reflexos dessa dinâmica social a organização de movimentos de mulheres na década de 1950, que não estavam focadas em lutar contra a opressão que atingia “todas as mulheres, independente da classe ou camada social, grupo étnico ou cultura”, fato esse que não torna possível situar essas mulheres como feministas, mas que, entretanto, defendiam “mudanças no Código Civil e a aplicação de leis mais eqüitativas no que diz respeito ao trabalho, sua preocupação maior era a de melhorar as condições de vida das mulheres enquanto donas-de-casa e trabalhadoras”. Esses grupos eram dirigidos por pessoas ligadas ao partido comunista¹⁶². Apesar de não contarem com grande apoio e reconhecimento, tratava-se de reverberações de outras movimentações mundiais:

Toda essa mobilização vinha também em resposta ao apelo do II Congresso Internacional das Mulheres, realizado em Budapeste, que reuniu representantes de 56 países num intenso movimento pela paz. O I Congresso realizara-se em

¹⁶¹ ALBUQUER JR., 2007. P. 29.

¹⁶² LIMA, Maria do Socorro de Abreu e. Pela efetivação dos Direitos das mulheres: Associações Femininas em Recife dos anos 50. In: *Esboços*: revista do programa de pós-graduação em história da ufsc. Florianópolis, n. 17, 2007, p. 92.

Praga.¹⁶³

No Rio de Janeiro, no ano de 1949 ocorreu um debate em três dias, “com representantes de todo o movimento de mulheres do país, que resultou na fundação da Federação de Mulheres do Brasil (FMB)”¹⁶⁴.

As influências eram muitas, seja pelos movimentos ocorridos na Europa ou nos Estados Unidos no pós-guerra, seja pela movimentação de intelectuais, como a publicação de obras que serviriam de norte para inúmeras discussões sobre a mulher e seu papel e espaço na sociedade, como é o caso do livro *Segundo Sexo*, da francesa Simone de Beauvoir, publicado em 1949.

Estas movimentações acabam por criar um desconforto aos representantes da Igreja Católica.

A mulher do século XX, direi melhor, de após guerra porque hoje só se fala em um mundo após guerra, perdeu a noção da graça e do encanto do seu sexo. Sempre a chamamos de sexo fraco, delicado e recatado. Nossas avós nos apresentam o tipo da mulher modesta, delicada, mimosa cheia de muito pudor e muito encanto.

Enfim, a mulher cristã. Era ela a rainha, e foi sempre, graças a Deus, legítima tradição brasileira achar-se a mulher que é esposa e mãe no... lar! Até o povo cantava:

“A galinha e a mulher
Não deviam passear
A galinha bicho come
A mulher dá que falar”¹⁶⁵.

A resposta dos clérigos católicos encontra-se baseada no tradicionalismo católico, onde há a direta menção do espaço privado como sendo o espaço natural da mulher. Os

¹⁶³ Ibid. P. 99.

¹⁶⁴ Ibid. P. 96-97.

¹⁶⁵ BRANDÃO, Mons. Ascânio. Esposas e Mães Modernas. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 nov. 1948, n. 441, p. 04.

textos publicados pela Boa Imprensa catarinense descrevem o espaço público como indigno e capaz de afetar a feminilidade da mulher, afastando-a daquela que é descrita como sua missão divina como mulher: o casamento, a família e a criação dos filhos.

Que será dos filhos? Elas não querem filhos e quando os tem, é como se fossem uns seres inúteis e uns *trambolhos* ou *desmancha prazer*. Agora a mulher quer se masculinizar. [grifo meu]

(...) *deixou a função principal* para que Deus a criou, a *formação da família*. Eis meus senhores uma crise de hoje – *crise de esposas verdadeiras, crise de mães*. Mães, no sentido nobilíssimo da palavra, *mães cristãs*. Só uma legião de mães santas nos poderia salvar ainda!¹⁶⁶

As mudanças pelas quais a sociedade estava passando são descritas pela Boa Imprensa como uma crise, uma vez que colocava em xeque muitos preceitos morais católicos, e principalmente a visão de mundo¹⁶⁷ que sustentava boa parte de seu discurso.

Diante dessa pretensa crise apontada pelos membros do clero católico, buscou-se lançar mão de uma representação feminina forte, capaz de sensibilizar aos cristãos desviantes, e reafirmar o papel da mulher, dentro de um conceito de santidade, como mãe e esposa, reclusa ao ambiente doméstico, capaz de contrapor-se aos movimentos de mulheres e as feministas.

As representações femininas, dentro do catolicismo, desenharam-se tradicionalmente, dentro de um paradoxo: Eva e Maria. Estas representações são resultado das raízes judaico-cristãs clássicas que acabaram por cristalizar-se em “uma imagem dual do universo feminino”.¹⁶⁸ Em muitos momentos do cristianismo, teólogos difundiram uma visão negativa do gênero feminino, vinculando-o ao pecado e à necessidade de tutela

¹⁶⁶ BRANDÃO, In: *O Apóstolo*, 01 de novembro de 1948, n. 441, p. 04.

¹⁶⁷ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989, p.93-94.

¹⁶⁸ FRANCO, José Eduardo; CABANAS, Maria Isabel Morán. *O Padre Antonio Vieira e as Mulheres: o mito barroco do universo feminino*. São Paulo: Arké, 2008, p.21.

masculina, ou seja, a figura de Eva, a “primeira pecadora”.¹⁶⁹ Mas foi durante o século XX, especialmente durante o pontificado de Pio XII, que a outra face deste paradoxo feminino ganharia destaque: Maria.

A Virgem Maria é constantemente representada como a salvação do feminino, co-participante da redenção da humanidade, a anti-Eva e a exceção ao pecado original. Maria tornou-se a personificação da perfeição feminina. Desde dezembro de 1854, com a bula *Ineffabilis Deus*, do papa Pio IX, Maria já havia sido representada, oficialmente como eximida de todo o pecado original, ou seja, do pecado proveniente da concepção, uma vez que a concepção de seu filho Jesus havia sido sem mácula – assim como seu parto –, e que, portanto, estaria livre do pecado que se fazia presente em todo o restante da humanidade.

Durante o decorrer da história do cristianismo e da Igreja Católica a figura de Maria sofreu várias modificações e resignificações. Nem sempre sua representação contou com o destaque e o prestígio com que estava revestida durante o século XX. Mas não era esta a perspectiva que pautava os textos publicados em *O Apóstolo*:

O dia do Concílio de Éfeso, 22 de junho de 431, tornou-se historicamente o dia da *dignidade materna*; o dia santificado e cingido com um novo diadema. Sem Maria o nome está coroado com a coroa de espinhos de Eva, mãe dos homens. Em Maria, mãe de Deus, o nome de mãe toma outro aspecto transferido-se com um diadema de luz.¹⁷⁰

Foi no pós-Segunda Guerra que a figura de Maria passou a contar com maior destaque dentro dos princípios católicos, especialmente após a bula *Munificentissimus Deus* (1950), promulgada por Pio XII, onde se estabeleceu o dogma da Assunção Corpórea de Maria:

A convicção de que a Virgem foi assunta ao céu, em corpo e alma, após ter

¹⁶⁹ Ibid., passim.

¹⁷⁰ Dignidade Materna. *O Apóstolo*, Florianópolis, 11 out. 1931, n. 29, p. 01.

cumprindo sua missão na Terra é fato considerado. Ela teria deixado o plano terreno para entrar na eternidade, adquirindo os atributos da juventude, da imortalidade e da ubiqüidade. Além disso, todas estas qualidades coexistiriam com um corpo humano real.¹⁷¹

A própria Bula Papal esclarece:

Quando se definiu solenemente que a virgem Maria, Mãe de Deus, foi imune desde a sua concepção de toda a mancha, logo os corações dos fiéis conceberam uma mais viva esperança de que em breve o supremo magistério da Igreja definiria também o dogma da assunção corpórea da virgem Maria ao céu.

(...)

Deste modo, a augustíssima Mãe de Deus, associada a Jesus Cristo de modo insondável desde toda a eternidade "com um único decreto" de predestinação, imaculada na sua concepção, sempre virgem, na sua maternidade divina, generosa companheira do divino Redentor que obteve triunfo completo sobre o pecado e suas conseqüências, alcançou por fim, como suprema coroa dos seus privilégios, que fosse preservada da corrupção do sepulcro, e que, à semelhança do seu divino Filho, vencida a morte, fosse levada em corpo e alma ao céu, onde refulge como Rainha à direita do seu Filho, Rei imortal dos séculos (cf. 1Tm 1,17).¹⁷²

O momento em que foi lançado este dogma da assunção de Maria não poderia ter sido mais oportuno, uma vez que a Europa encontrava-se em um penoso processo de reconstrução depois da guerra e que as mulheres, ainda durante seu desenrolar, haviam assumido muitos papéis importantes nas atividades até então exclusivamente masculinas. O Dogma da Assunção acabou por significar não apenas a vitória da humanidade, e “vê-la, mulher e vitoriosa junto a Deus, ajudava a recuperar a esperança no futuro”¹⁷³, mas também, era uma forma que a Igreja Católica tornava-se capaz de dialogar com esse novo

¹⁷¹ ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. *Vozes da Mãe do Silêncio: a aparição da Virgem Maria em Piedade dos Geraís* (MG). São Paulo: Attar, 2003, p. 83.

¹⁷² PIO XII. *MUNIFICENTISSIMUS DEUS*: Definição do Dogma da Assunção de Nossa Senhora em Corpo e Alma ao Céu, 1950. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_pxii_apc_19501101_munificentissimus-deus_po.html>. Acesso em 10 ago. 2008.

¹⁷³ ALMEIDA, 2003, p.84.

mundo pós-guerra, uma vez que acabava por unir a tradicional fé católica na Virgem com a nova atuação feminina na sociedade, não deixando de reafirmar os valores e preceitos exigidos para uma boa mulher católica. Trava-se de uma estratégia normatizadora adaptada as novas situações.

Os tempos eram outros. Ao som da bossa nova, rodavam pelas estradas construídas pelo presidente Juscelino, fuscas, DKWs, FNMS, Simcas e Gordinis produzidos pelas indústrias nacionais, nos cinemas os filmes hollywoodianos ditavam modas e os filmes nacionais faziam história, as rádios deixavam de ser o maior meio de comunicação de massa e a televisão iniciava sua ascensão.

Durante as décadas de 1940 e 1950, mesmo diante das mudanças que atingiram a Boa Imprensa, as adaptações dos discursos católicos dedicam-se a manter alguns preceitos considerados fundamentais pelos católicos do século XX, como a família, a moral sexual feminina, o anticomunismo e o poder eclesiástico. Era a tentativa de construir um discurso de longa duração, que acabava colocado constantemente em xeque.

1.3 Tão sábios quanto Salomão: as vozes de *O Apóstolo*.

Por trata-se de um jornal diretamente ligado a uma organização católica oficial, *O Apóstolo*, sempre contou com a supervisão direta e atenciosa de um clérigo, cuidadosamente escolhido pela arquidiocese de Florianópolis.¹⁷⁴

Nos primeiros momentos de existência de *O Apóstolo*, sua coordenação ficava a cargo de Pe Nicolau Gesing. Fundado como órgão do Apostolado da Oração da Catedral Metropolitana, este periódico acabava por refletir as regras organizacionais desta

¹⁷⁴ Esta afirmação refere-se ao período analisado por esta pesquisa: 1929-1959.

agremiação católica, que trazia em seu estatuto a premissa de que deveria ser coordenado pelo pároco local.¹⁷⁵

Quando em 1932 *O Apóstolo* tornou-se um órgão da Congregação Mariana, sua direção sofreu alterações. Esta mudança acabaria por determinar uma longa hegemonia - que duraria até meados de 1950 - de membros da Companhia de Jesus à frente deste periódico. Isto se deve ao fato de que a Congregação Mariana teve sua origem no interior de um colégio jesuíta em Roma, no ano de 1563, e que esta agremiação espalha-se não apenas pela Europa, mas pelas Américas, graças ao empenho dos padres da Companhia de Jesus. Em Florianópolis a coordenação da Congregação Mariana ficava a cargo dos padres jesuítas, responsáveis também pela coordenação do Colégio Catarinense.¹⁷⁶ Destes clérigos, um em especial foi fundamental para a propagação da manutenção da circulação periódica do Jornal *O Apóstolo*: O padre Emilio Dűfner.

Quando em 1931 o Pe Emilio foi designado pelo próprio arcebispo de Florianópolis como censor responsável por *O Apóstolo*, inicia-se uma história que duraria até meados de 1950, quando sua saúde debilitada lhe impediria de continuar seu trabalho na Boa Imprensa catarinense.

Em 1936, é nomeado pela Cúria catarinense como Diretor da Federação das Congregações Mariana do Estado de Santa Catarina.¹⁷⁷ E foi a oportunidade que lhe permitiu assumir a direção do jornal no ano seguinte.

Nascido na Suíça, em 22 de fevereiro de 1887, Emilio Dűfner ingressou na Companhia de Jesus em outubro de 1907. Estudou na Áustria e na Holanda, de onde veio para o Brasil. Aqui trabalhou no Colégio Catarinense durante cinco anos. Em 1922 retornou

¹⁷⁵ É importante lembrar que o Apostolado da Oração é fundado em um período de intensa campanha pela reafirmação do poder e da hierarquia clerical.

¹⁷⁶ Sobre o Colégio Catarinense ver: DALABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites*. O ginásio catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

¹⁷⁷ *O Estado*, Florianópolis, 03 out. 1936.

para a Europa, para enfim ser ordenado na Holanda. Após sua ordenação retorna ao Brasil, desta vez para o Rio Grande do Sul, trabalhando em São Leopoldo e Porto Alegre, de onde retorna para Santa Catarina, para trabalhar novamente no Colégio Catarinense. Entre os anos de 1931 e 1934 atuou como diretor deste colégio.¹⁷⁸ Continuou desempenhado a função de professor neste mesmo estabelecimento de ensino até o final de sua vida, acumulando paralelamente outras duas funções: a coordenação da Congregação Mariana de Santa Catarina e direção de *O Apóstolo*.

Durante o período em que Pe Emilio dirigiu este periódico, uma considerável quantidade de correspondências foram trocadas com o arcebispo de Florianópolis. As cartas recebidas e os rascunhos enviados como resposta encontram-se arquivados na Cúria de Metropolitana, e constituem um interessante material que permite perceber não apenas a hierarquia clerical em que se pautava este relacionamento, mas também a cumplicidade e a sintonia existente entre ambos, que se refletiam nas páginas de *O Apóstolo*.¹⁷⁹

Enquanto esteve sob a regência de Pe Emilio tudo o que era publicado neste periódico recebia seu retoque pessoal, nada chegava ao público sem sua prévia aprovação. Colunas eram adicionadas e a estrutura desse jornal começa a firmar-se. Algumas dessas colunas inauguradas por Pe Emilio se perpetuaram mesma após seu afastamento, tornando-se de suma importância para este periódico. Foi o que houve com a coluna *Pela terra Catarinense – Conhecer pra amar!*, que acabou desempenhando importante papel na história deste jornal, como por exemplo, na campanha pela beatificação de Albertina Berkenbrock, de que trataremos mais adiante.

Como diretor de *O Apóstolo*, Pe Emilio proporcionou muitas mudanças a este periódico. Talvez a mais significativa tenha sido o aumento de sua tiragem, que de oito mil

¹⁷⁸ Ao Revmo Pe Emilio Dűfner S. J. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 set. 1952, n. 23, p. 01.

¹⁷⁹ Foram analisadas correspondências trocadas entre os anos de 1936 e 1942, arquivo da Cúria da arquidiocese de Florianópolis.

exemplares passa para vinte mil. Isto devido, não só ao empreendimento de divulgação, mas a um empenho pessoal do próprio clérigo, que cuidava pessoalmente das assinaturas e do aliciamento de agentes, que se incumbiam de vender assinaturas nas mais distantes regiões do território brasileiro.

Esta intensa participação de Pe Emilio na produção e divulgação também se fazia presente na escolha dos colaboradores que atuavam neste periódico. Além dos costumeiros “recortes” feitos de outras publicações da Boa Imprensa, haviam aqueles que eram especialmente convidados para escreverem para *O Apóstolo*. Entre estes convidados pode-se citar os irmãos Faraco, Biase e Daniel, que durante boa parte da existência do jornal colaboraram com sua produção.

Ambos tiveram carreiras de destaque social. Biase Faraco era médico. Nascido em 14 de outubro de 1913 cursou Medicina na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e desde 1938 trabalhava como médico no Departamento Autônomo de Saúde Pública da capital catarinense. Desempenhou também a função de diretor da maternidade Carmela Dutra, além de ter atuado como fundador e diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia e um dos fundadores da UFSC. Na política foi deputado estadual pelo extinto PSD – Partido Social Democrático. Faleceu em janeiro de 1980, quando ainda dedicava-se à Clínica Geral e à própria UFSC, como professor do Departamento de Microbiologia e Parasitologia e prestava assistência médica à comunidade da Paróquia São Luiz, no bairro da Agrônômica.¹⁸⁰ Também trabalhou como chefe do departamento de Sífilis do Centro de Saúde de Florianópolis¹⁸¹, o que acabou por influir também nos textos sobre doenças sexualmente transmissíveis nas páginas de *O Apóstolo*. Durante a década de 1940 o Dr. Biase Faraco residia e clinicava á rua Felipe Schmidt, número 05, no centro de

¹⁸⁰ Informações retiradas do site <http://www.poetaslivres.com.br/poeta.php?codigo=61>.

¹⁸¹ Informação retirada de um anúncio do consultório médico do Dr. Biase Faraco. In: *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 jan. 1940, n. 229, p. 03.

Florianópolis.¹⁸²

Participou intensamente junto aos movimentos leigos da Igreja Católica catarinense. Além de congregado mariano, também trabalhava junto ao Círculo Católico¹⁸³ como médico, onde atendia os associados semanalmente¹⁸⁴.

Em *O Apóstolo*, o Dr. Biase escrevia sobre os mais variados temas legando especial atenção a temas médicos.¹⁸⁵ Dedicava-se também a outros temas¹⁸⁶, utilizando para discorrer sobre estes, pseudônimos como Geraldo Luis e Clovis Cesarino.¹⁸⁷

A atuação e o prestígio de Biase Faraco junto aos movimentos leigos da Igreja Católica catarinense acabariam por tornar-lhe sucessor de Pe Emilio na presidência da Federação das Congregações Marinas de Florianópolis, no ano de 1950.¹⁸⁸

A trajetória de seu irmão Daniel Faraco, apesar de também muito prestigiosa, segue outros rumos. Funcionário do Banco do Brasil é transferido para o Rio Grande do Sul, onde se torna gerente e presidente do sindicato dos bancários. Nesta estado ingressa na política chegando a desempenhar papéis de destaque na política nacional até a ditadura militar pós 1964.¹⁸⁹

¹⁸² *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 jan. 1940, n. 229, p. 03.

¹⁸³ O movimento circulista inicia-se durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, e vê neste a possibilidade da concretização da política católica de retomada dos espaços junto aos trabalhadores. Iniciou-se no Rio Grande do Sul, com o Círculo Operário de Pelotas, fundado por Leopoldo Brentano, espalhando-se pelas cidades mais importantes do país. Em Santa Catarina o primeiro Círculo fundado foi em Joinville, em 1935, e posteriormente em Criciúma, Blumenau, Itajaí, Tubarão e Florianópolis. O Círculo de Florianópolis foi fundado em 1937, e atendia os filiados com assistência jurídica, médica e cultural. Informação fornecida informalmente pela pesquisadora Simone A. Rengel, durante sua pesquisa para sua dissertação de mestrado "Proletários de todos os países, uni-vos em Cristo" - Trabalhadores Católicos e o Círculo Operário de Florianópolis (1937-1945), pela Universidade Federal de Santa Catarina.

¹⁸⁴ *O Estado*, 24 jan. 1938.

¹⁸⁵ Este assunto é contemplado mais adiante, no segundo capítulo.

¹⁸⁶ Como exemplo, ver: *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 jan. 1940, n. 229, p. 03, onde se dedica a tratar de questões morais.

¹⁸⁷ Informação cedida em entrevista informal com a família Faraco.

¹⁸⁸ *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 jan. 1950, n. 469, p. 01.

¹⁸⁹ Informação fornecida pela pesquisadora Simone A. Rengel, durante o desenvolvimento de sua dissertação

Os irmãos Faraco também mostravam suas diferenças em seus escritos publicados nas páginas de *O Apóstolo*. Mais incisivo, Daniel dedicava-se a campanhas anticomunistas, e sempre que discorria sobre questões morais, buscava reafirmar enfaticamente os preceitos normativos referentes as mulheres.¹⁹⁰

Mas não apenas os irmãos Faraco atuaram como colaboradores importantes na Boa Imprensa Catarinense. Outro personagem importante foi o Monsenhor Ascânio da Cunha Brandão.¹⁹¹ Muito atuante na Boa Imprensa nacional, os textos escritos pelo Mons. Brandão recebiam lugar de destaque em *O Apóstolo*, seja em primeiras páginas ou contando com colunas especialmente criadas para comportar seus artigos. Amigo íntimo do Pe Emilio¹⁹², o Mons. Brandão enviava-lhe periodicamente seus textos.

S. José dos Campos, 25-3-50

Quero avisá-lo que no dia 10 de abril querendo Deus, irei a Roma assistir à canonização do Beato Claret. (...)

Antes de embarcar, escreverei para 'O Ap.' os artigos para uns três meses. Parabéns pela propagação sempre crescente d' 'O Apóstolo'! Quanto bem não faz por aí a fora! Um abraço do amigo sincero em J. C.

Mons. Ascânio Brandão.¹⁹³

de mestrado "Proletários de todos os países, uni-vos em Cristo" - Trabalhadores Católicos e o Círculo Operário de Florianópolis (1937-1945), pela Universidade Federal de Santa Catarina.

¹⁹⁰ Tema contemplado com maior atenção no segundo capítulo desta pesquisa.

¹⁹¹ SCIADINI, P. *Ser pequena para ser grande* – Biografia de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico, São Paulo, Loyola, 1996, p. 29-30: Monsenhor Ascânio da Cunha Brandão nasceu em Paraíba do Sul/ RJ, aos 03 de março de 1901. Desde a mais tenra idade revelou uma inteligência muito viva; era alegre e brincalhão. Foi secretário particular de Dom Epaminondas, bispo de Taubaté, diretor da imprensa diocesana, da obra das vocações, diretor espiritual do seminário, pregador de retiros. Também foi um escritor fecundo. Deixou muitas obras publicadas entre as quais, o "Breviário da Confiança". Em 02 de fevereiro de 1951 foi investido no cargo de primeiro pároco de São Dimas, em São José dos Campos. Faleceu em 20 de janeiro de 1956, sendo sepultado em Taubaté.

¹⁹² Segundo informações colhidas de textos publicados no próprio jornal *O Apóstolo*.

¹⁹³ Como Mons. Ascânio Brandão quer bem aos leitores d'O Apóstolo. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 abr. 1950, n. 476, p. 03.

Fundador do jornal São Dimas¹⁹⁴ e colaborador de outros jornais e revistas da Boa Imprensa brasileira, como a Revista Ave Maria¹⁹⁵, Mons. Brandão também publicou várias obras de cunho religioso e hagiográfico, muitas dessas divulgadas e vendidas através de *O Apóstolo*.¹⁹⁶

Durante as décadas de 1940 e 1950 a grande voz normativa de *O Apóstolo* foi o Mons. Ascânio Brandão, que empreendia um pesado discurso normatizador focado nas mulheres. Seus textos dedicavam-se a aconselhar as católicas de como proceder em seus casamentos, condenar a moda e a vaidade¹⁹⁷, colocar-se contra os namoros chamados de escandalosos, e discorrer contra os perigos do cinema, sempre lançando mão de artifícios discursivos que remetiam ao pecado e da punição como argumentos legitimadores.

Sim, existe o Diabo, o espírito mau das trevas, o anjo Caído. (...)

Existe o diabo, sim; fuja-mos do pecado, que é o único meio de combater e vencer.(...)

Vençamos a tentação. Não queiramos ser escravos do Diabo e perder nossa alma.¹⁹⁸

Com o falecimento do Mons. Brandão em 20 de janeiro de 1956 e pranteado por

¹⁹⁴ Informação recitada da revista Eletrônica: <http://jornal.valeparaibano.com.br/2006/11/16/bairro/ascanio.html>. Acesso: em 20 jul. 2008.

¹⁹⁵ Revista Ave Maria: Fundada no dia 28 de maio, nascia em São Paulo, a revista AVE MARIA um “periódico dedicado à Imaculada Virgem Mãe de Deus” contava com apenas 4 páginas e 300 exemplares, a pioneira das revistas marianas do Brasil. O objetivo seria que a AVE MARIA pudesse “infiltrar, em todas as camadas sociais, o verdadeiro espírito cristão”, sob a égide da Virgem Imaculada. Um ano após a publicação, a revista passou às mãos dos Missionários Claretianos, que logo trataram de difundir-la, ampliá-la e adequá-la aos novos tempos. Hoje, ainda em circulação, esta revista católica conta com 110 anos de história, é um dos poucos remanescentes da Boa Imprensa no Brasil. Disponível em: <<http://www.avemaria.com.br/revista/historico.jsp>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

¹⁹⁶ Um exemplo é o livro *São Benedito, o Santo Preto*, vendido pelo preço de Cr\$ 12,00. In: *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 mar. 1950, n. 473, p. 03.

¹⁹⁷ Exemplos são os textos publicados em primeiras páginas: *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 jun. 1955, n. 596, e *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 jun. 1955, n. 597.

¹⁹⁸ BRANDÃO, Ascânio. O Diabo e a tentação. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 fev. 1952, n. 520, p. 04.

O Apóstolo logo na edição da primeira quinzena de fevereiro ¹⁹⁹ - mesmo que de forma breve sem maiores detalhes -, seus textos não cessaram de serem re-publicados até 1959.²⁰⁰

É importante salientar que os textos escritos por estes personagens não desejavam atuar como noticiosos, mas como fornecedores de referenciais e opiniões embasadas em um catolicismo tradicional. Eram textos de cunho normatizante. Deste modo, é possível compreender porque, por vezes, *O Apóstolo* parecia ignorar conflitos que ocorriam tanto no Brasil como no mundo, procurando apresentar-se como portador de um discurso atemporal – não que o fosse -, publicando repetidamente textos que julgava corresponder às suas pautas.

Com o afastamento do Pe Emilio da direção de *O Apóstolo* após um derrame cerebral no ano de 1950, quem assume a função é o Pe. Flávio Azambuja, também jesuíta vinculado ao Colégio Catarinense, mantendo a estrutura do jornal criada pelo Pe. Emilio.

Em 27 de agosto de 1952, acometido por um terceiro derrame, Pe Emilio vem a falecer. Por ocasião de seus ritos fúnebres, foi possível perceber importância deste clérigo no cenário político da capital catarinense: em sessão da Assembléia Legislativa Estadual, homenagens póstumas foram realizadas ao falecido jesuíta:

Na Assembléia Legislativa do Estado, usaram da palavra exprimindo seu pesar os srs. deputados: Walter Tenório Cavalcanti, Oswaldo Cabral, Cássio Medeiros, Enedino Ribeiro. A presidência, designou estes srs. deputados e mais o deputado Paulo Marques para, em comissão, representarem a Assembléia Legislativa nos funerais.²⁰¹

Tratava-se de reflexos do empreendimento católico de aproximação do poder temporal.

¹⁹⁹ Para a Vida Eterna. *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 fev. 1956, n. 611, p. 03.

²⁰⁰ Afirmando que seus textos não cessam de serem publicados até a data de 1959 apenas porque esta é a data limite estipulada para esta pesquisa.

²⁰¹ Homenagens ao R. P. Emilio Dufner S. J.. *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 out. 1952, n. 533, p.03.

Mas não apenas homens escreveram para *O Apóstolo*. Mesmo contando com a grande hegemonia masculina, algumas mulheres se destacaram em páginas, nomes como Maria Desidéria, Ecléia Aducci, Joannita Chalbaud Misurelli e Isaura Faria, entre outros nomes que surgiam com menos frequência.

Entretanto estes nomes não são suficientes para que se possa conhecer mais sobre estas mulheres que adentravam este espaço público, pois uma prática comum, tanto para homens quanto para mulheres, era a utilização de um pseudônimo ao lançarem-se à escrita direcionada a jornais, sendo que muitas mulheres adotavam, ainda, pseudônimos masculinos como estratégia para que sua atividade de escritoras encontrasse maior receptividade neste meio dominado por homens.²⁰²

Entre aquelas que se utilizavam de pseudônimos pode-se citar Maria Desidéria, nome adotado pela baiana residente em Florianópolis, Ida Messeder.

A participação feminina é mais intensa durante a primeira década de existência do jornal *O Apóstolo*. Possivelmente este tenha sido um reflexo da participação das mulheres católicas em *A Época*. Esta suposição é reforçada também pelos textos assinados por Maria Desidéria em *O Apóstolo*, que além de contarem com o mesmo posicionamento conservador apresentado em *A Época* - em seu suplemento *Pena, Agulha e Colher* -, alguns destes artigos eram republicados, ou seja, já haviam sido veiculados por *A Época* e voltavam a sê-lo em *O Apóstolo*. Este é o caso de uma série chamada *Cartas a Isabel, Minha Afilhada*, onde eram apresentadas transcrições de cartas – das quais não foi possível averiguar se tratavam-se de fictícias ou não – onde Maria Desidéria discorre suas críticas as práticas de moda e comportamento das jovens, reafirmando os bons preceitos tradicionais do catolicismo de recato e modéstia.

Reconhecida e comparada a Amélia Rodrigues²⁰³, Ida é descrita como dotada de

²⁰² PAIVA, 1997. P. 122.

²⁰³ Autora baiana que a partir de 1918 lança-se ao lado do Frei Sinzig ao empreendimento de lutar pela Boa

uma inteligência privilegiada, que utiliza em prol de propagar a moral e a religião católica.²⁰⁴

“Maria Desidéria”, pseudônimo da talentosa escritora, exprime bem o íntimo do seu coração nobre, e o desejo de ser tudo: **por Cristo**, na sede ardente de apostola em seu zelo pelas almas; **com Cristo**, na vontade máscula e na perene prontidão pra lutar, cingida da certeza inabalável com que, qual criancinha, se abrigava de baixo das asas da Divina Providência, de que tudo esperava. [grifo meu]²⁰⁵

Os seus textos foram publicados também em outros representantes da Boa Imprensa como *Vozes de Petrópolis* e *Mensageiro da Fé*. Pautados em conteúdos de cunho fortemente normatizador e dirigido às moças católicas, Ida reveste sua escrita de uma postura tão conservadora, que acabam por remeter o leitor a vislumbrar sua autora como uma senhora muito vivida. Entretanto esta fervorosa escritora católica escreve somente até os 32 anos de idade, quando vem a falecer.

Nascida na Bahia em 17 de abril de 1901 estudou em um internato de Irmãs francesas. Com a morte do pai parte para o Rio de Janeiro para trabalhar em um escritório, de onde é recomendada para trabalhar junto as Irmãs da Divina Providência em Florianópolis, no colégio Sagrado Coração de Jesus. Acometida de tuberculose Ida parte para São Paulo, para um convento das Irmãs Beneditinas.

Quanto Ida ansiava pelo regresso a S. Catarina! Sabia-se vítima de um mal incurável e não podia contar com os parentes, e mesmo não desejava depender de ninguém... Quando, então, soube que em Florianópolis, fora construído anexo à Santa Casa um pavilhão para tuberculosos, implorou à Revda Madre que lhe providenciasse um cantinho, onde, perto de Jesus e das Irmãs da Divina

Imprensa, atuando também como censora. Ver: PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*.

²⁰⁴ BASTOS, Filiato. Ida Messeder. *O Apóstolo*. Florianópolis, abr. 1931, n. 19, p. 02.

²⁰⁵ Maria Desidéria. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 jul. 1944, n. 338, p. 03.

Providência, pudesse consumir, em holocausto, a sua vida...²⁰⁶

Retorna então a capital catarinense em 1929, falecendo no início de 1933.

Vitimada por pertinaz doença faleceu, a 22 de janeiro p. p. no nosso Hospital de Caridade, a grande escritora baiana, conhecida sob o pseudônimo de **Maria Desidéria**. (...)

Maria Desidéria tinha uma alma formada pelo cinzel do **Poverello d'Assisi**. Tudo nela tendia para o sobrenatural, como mostram as “**Cartas a Isabel, minha afilhada**”, publicadas nos primeiros números dessa folha.²⁰⁷

No entanto, o destaque e o prestígio legado a jovem escritora não era via de regra no que se referiam às mulheres que colaboravam com *O Apóstolo*.

Durante a década de 1930 destacaram-se, nas páginas de *O Apóstolo*, mais duas figuras femininas: Inês Faraco e Ecléia Aducci. A primeira dedicando-se a textos que refletiam sua preocupação a mulher e a segunda, como poetiza.

Sobre estas duas personagens, o jornal *O Apóstolo* não nos fornecia muitas informações. Entretanto, no arquivo da Cúria encontramos o Estatuto de Fundação da Juventude Feminina da Ação Católica, datada setembro de 1935, cuja presidente era a senhorita Inês Faraco. Esta organização era de responsabilidade das Irmãs da Divina Providência e contava com sua sede no Colégio Coração de Jesus na capital e as integrantes dessa agremiação incluíam-se entre suas alunas. Também em um pequeno cartão da Cúria metropolitana se encontrava uma anotação datada de 06/09/1938, onde constavam os nomes das lideranças da Liga feminina da Ação Católica, tendo como secretária Ecléia Aducci. Estas informações nos levam a dedução de que se tratavam de alunas, e portanto, moças solteiras.

Dentro do que nos foi possível apurar, as mulheres que participaram como

²⁰⁶ Maria Desidéria. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 jul. 1944, n. 338, p. 03.

²⁰⁷ Morte de Maria Desidéria. *O Apóstolo*. Florianópolis, 19 fev. 1933, n. 63, p. 01.

colaboradoras em *O Apóstolo* não eram casadas e desempenhavam este trabalho apenas enquanto não contraíssem o matrimônio. Isto explicaria porque depois de uma intensa participação no início da década de 1930 estas colaboradoras - Eclésia Aducci e Inês Faraco - desaparecem de suas páginas na década seguinte.

A prerrogativa de ser solteira, desvinculada de responsabilidade como esposa e mãe, para estar apta a participar do mundo público católico parece confirmar-se também ao tratarmos de Isaura Faria.

Esta congregada mariana publicou em *O Apóstolo* poesias e textos sobre os mais diversos temas, desde a luta contra o avanço do ateísmo²⁰⁸, incentivo as famílias católicas a freqüentarem a missa dominical²⁰⁹, propagação da fé católica²¹⁰, submissão as leis tanto divinas²¹¹ quanto terrenas²¹², até textos em honra a Virgem Maria.²¹³

Isaura Faria era professora e atou durante muitos anos junto a grupos católicos na catedral metropolitana, mantendo-se solteira.²¹⁴

Desta maneira, a solteirise ou a viuvez pareciam ser pré-requisitos importantes para a participação feminina na imprensa católica, pois com exceção destes casos, a mulher deveria estar executando seu papel como esposa e mãe. A conciliação entre as atividades do lar e atividades no espaço público, mesmo que para atuar junto a Igreja Católica, não parecia ser bem recebida pelos responsáveis por *O Apóstolo*.

²⁰⁸ FARIA, Isaura. Ecce ego, Mitte me! *O Apóstolo*. Florianópolis, 24 jul. 1932, n. 48, p. 01.

²⁰⁹ FARIA, Isaura. Domingo. *O Apóstolo*. Florianópolis, agosto de 1930, n. 12, p. 01.

²¹⁰ FARIA, Isaura. Ecce Lignum Crucis! *O Apóstolo*. Florianópolis, abril de 1930, n. 08, p. 01.

²¹¹ FARIA, Isaura. Elle. *O Apóstolo*. Florianópolis, 28 de julho de 1929, n. 01, p. 04.

²¹² FARIA, Isaura. Cristo, Operário. *O Apóstolo*. Florianópolis, junho de 1930, n. 10, p. 02.

²¹³ FARIA, Isaura. Maio. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de maio de 1932, n. 44, p. 01.

²¹⁴ Segundo informações obtidas através de conversas informais com as senhoras que atualmente fazem parte do Apostolado da Oração.

CAPÍTULO II

A ESSÊNCIA DA LEI: OS PRECEITOS CATÓLICOS EM *O APÓSTOLO*.

2.0 Os discursos normatizadores de *O Apóstolo*

Após brilhantes estudos o jovem médico viu bem depressa crescer sua clientela. Uma só coisa ainda lhe faltava: uma boa esposa.

Introduzido por um bom amigo numa família rica e virtuosa, chegou a conhecer a filha da casa, Emília, moça modesta e bem educada. Já passaram dois meses depois da primeira visita à família Gastão quando o jovem se atreveu a pedir aos pais a mão de Emília. Os pais tinham recolhido as informações mais lisonjeiras sobre o médico e com grande contentamento deram seu consentimento.

Cheio de alegria e gratidão, o médico já vivia na feliz previsão do futuro que o esperava.

Mas o matrimônio é um estado santo, instituído por Deus para procriar na fé e nos bons costumes uma geração destinada a povoar o céu. Para conseguir este sublime fim quis Jesus Cristo elevar o pacto nupcial a dignidade de sacramento. Que muito pois que o jovem médico se preparasse com uma vida ainda mais piedosa para este passo tão importante. Apenas dez dias o separavam desse momento decisivo, quando uma tarde foi ter com uma futura sogra. Depois duma cordial saudação o médico pediu licença de poder conversar alguns instantes a sós com Emília.

- Isto é impossível, meu caro Henrique, respondeu a senhora, com o mais amável sorriso.
- Mas, senhora?... Ainda nunca tive a felicidade de encontrá-la sozinha... Tenho que comunicar-lhe alguma coisa importante...
- Vossa insistência me dói, Henrique, tanto mais que não posso condescender nisso... Querei que eu a chame? Então podereis falar-me em minha presença.
- É uma coisa que eu gostaria mais de dizê-la a ela só.
- Mais uma vez, é impossível, retrucou a senhora com muita seriedade. Até agora jamais alguém falou a sós com minha filha. Mas depois de dez dias ela é vossa esposa. Então podereis falar-lhe com toda a liberdade, pois então ela não mais me pertence. Mas até aquele momento eu tenho de cumprir perante ela os deveres de mãe prudente e cristã.
- Ó senhora, exclamou o médico cheio de comoção, eu vos admiro por isso, e por isso posso com coração tranqüilo comunicar-vos o fim de minha visita.

Queria convidar vossa filha a fazermos uma novena, e nos prepararmos por uma confissão geral ao casamento se torne em verdade uma fonte de benções para nós.

- Meu filho, soluçava a mãe, que não podia conter as lágrimas e se ativa aos braços do jovem, meu filho, vossos bons sentimento me dão a garantia da felicidade de minha filha; vinde , vamos convidá-la para uma novena e para uma confissão geral.

Exemplo edificante para os noivos!²¹⁵ [grifos meus]

O texto acima, publicado em *O Apóstolo* no início do mês maio de 1936, exemplifica bem o projeto normatizador católico e a representação de como deveria se dar a formação de uma boa família cristã, assim como as identidades de gênero que a deveriam compor: o homem provedor, a esposa recatada e submissa, assim como uma mãe totalmente responsável pelo futuro de seus filhos.

A representação de família veiculada pelo jornal *O Apóstolo*, apesar de construída em sintonia com os preceitos católicos, não nasce exclusivamente dentro do discurso religioso. Fruto da sociedade capitalista e industrial moderna, que acabou por redefinir não apenas as relações entre as classes sociais, assim como as relações de gênero²¹⁶, esta representação de família conjugal moderna, especialmente focada no ambiente privado, constitui-se de elementos de um mundo feminino, vinculado à casa, oposto ao mundo público, exclusivamente masculino, delineando fronteiras entre o comportamento de homens e mulheres, promovendo o cultivo da “cultura familiar que enfatizava a privacidade, o amor materno e a criança, fazendo da mulher a própria encarnação de tudo

²¹⁵ “Ainda nunca tive a felicidade de falar a noiva sozinha...”. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 maio de 1936, n.141, p. 03.

²¹⁶ Utilizo aqui o termo gênero, entendendo-o como uma forma de organização social da diferença sexual, não limitada às diferenças físicas, mas como um conjunto de significados estabelecidos através desta. Estarei utilizando-me da categoria de análise gênero procurando alcançar uma melhor compreensão dos discursos de *O Apóstolo* no que se referiam as representações femininas e masculinas, tendo como norte os estudos de Joan Scott. In: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, Faculdade de Educação, UFRGS. V. 20, n. 2, p. 71-101, jul./dez. 1995.

aquilo que a vida privada e familiar passou a significar no plano do imaginário social”.²¹⁷

No Brasil, somente a partir da segunda metade do século XIX, as mudanças que se iniciavam com a modernização²¹⁸ viriam a acarretar mudanças na vida social, assim como, na estruturação familiar. Desenvolviam-se, especialmente nos espaços urbanos, novos modos de relacionamento, com bases na difusão das normas de disciplina médico-higiênicas, já consagradas na Europa.

Na primeira metade do século XX estas novas configurações de família já começavam a sofrer mudanças. Após os anos 30 quando as mulheres passam a ter maior acesso à educação, e conseqüentemente a ocupar outros espaços dentro do mercado de trabalho, proporcionando uma nova divisão sexual de funções. Essas mudanças não seriam rápidas, nem fáceis, e se estenderiam por todo esse século, refletindo-se não apenas dentro do espaço público do trabalho remunerado, mas também dentro da esfera privada, na convivência e nas organizações familiares.

O discurso católico, construído dentro de sua própria visão de mundo e de caráter essencialmente normativo, colocou-se na contramão dessas mudanças, especialmente aquelas que influíam diretamente na organização familiar, considerando-as ameaças à ordem social estabelecida. Fazia-se necessário, então, reforçar seus preceitos através dos discursos, promover o convencimento da população católica de que as transformações sociais traziam consigo a anomia e o caos relacional. E foi neste empreendimento de convencimento que o jornal *O Apóstolo* desempenhou importante papel como divulgador

²¹⁷ VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais*: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 29-31.

²¹⁸ O processo de modernização da sociedade capitalista acabou gerando uma de secularização da sociedade, um “desencantamento do mundo”, como afirmou Max Weber. Um desencantamento do mundo no plano das idéias, ou seja, desencantamento das imagens do mundo, desencantamento com a moral religiosa ou com a conduta baseada na religião, inspirada em uma racionalização técnico-científica. In: PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo*: todos ao passos do conceito em Max Weber. São Paulo: USP, 2003 (Tese de Doutorado).

dos preceitos católicos.

Para a efetivação deste empreendimento, entende-se que o clero lançou mão de preceitos tradicionais do catolicismo, e que, portanto, não se deve limitar a construção da análise desse momento histórico apenas considerando-o como parte de um fluxo constante, mas se faz necessário compreendê-lo para além do dinâmico, na busca pelas permanências e as cristalizações.²¹⁹ Deste modo, ganha destaque a defesa pelo casamento monogâmico indissolúvel, representado como “o grande sacramento” e “instituição de Nosso Senhor Jesus Cristo”²²⁰, assim como a legitimação da prole somente dentro da instituição familiar devidamente reconhecida pelos representantes da Igreja, além da defesa da fidelidade e a castidade pré-nupcial feminina, da dedicação à maternidade como maior função da mulher, entre outras questões que eram reafirmadas insistentemente nas páginas de *O Apóstolo* no decorrer do período de 1929 a 1959, dentro das mais variadas construções argumentativas.

2.1 Matrimônio, família e a norma nas páginas católicas.

“A mulher está ligada ao marido enquanto viver”
Cor. 7,39

Desde o final do século XIX, mas especialmente na primeira metade do século XX, as mudanças sofridas pela sociedade mundial acabaram por reforçar a hierarquia clerical, assim como o ultramontanismo. O pensamento ultramontano responsabilizava a própria sociedade pela perversão dos costumes, uma vez que muitos de seus membros passaram a desobedecer às normas de conduta católicas, cedendo a modernização pela qual

²¹⁹ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: 2007, p. 30.

²²⁰ BRANDÃO, Ascânio. Noivados e Casamentos. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 fev. 1938, n.184, p. 02.

a sociedade passava.

Dentro do ultramontanismo a figura da mulher surge como instrumento estratégico para a manutenção do poder da Igreja Católica, pois o clero acreditava que as normas católicas poderiam ser introduzidas no interior de cada família através da esposa/mãe, que educaria os filhos e influenciaria o marido. Desta maneira, a mulher seria a catalisadora dos preceitos normativos católicos, ao implementá-los primeiramente na família e, por conseguinte, a toda sociedade. Nas páginas do jornal *O Apóstolo*, os discursos normatizadores que se dedicavam à formação de uma família católica, acabavam tendo como seu principal foco a mulher e a propagação de suas representações.

Por estar sempre ligada ao lar e as funções maternas, a representação feminina católica construía-se tendo como modelo supremo a figura de Maria, considerada como exemplo de perfeição. Esta trazia em sua composição representativa o comportamento modesto, recatado, paciente, amável, humilde e manso, sem sobressaltos ou agitações, capaz de santificar o lar. O íntimo vínculo entre a representação da mulher católica e a representação de Maria desenvolveu-se dentro de um paradoxo comum na doutrina católica: Eva, a mãe dos homens e Maria, a mãe de Deus.²²¹

Enquanto Eva representava a mulher tentação, a perdição masculina, Maria surge como a porta da salvação, modelo de recato e pureza, desvinculada do desejo sexual, ligada ao lar e a maternidade.²²²

Todos os homens, os mais santos, mesmo aqueles que, por assistência especial do Espírito Santo, tão perfeitamente correspondem a graça, que não incorrem em culpas pessoais – todos, sem exceção, pagam seu tributo à lei do pecado original; todos, por mais ou menos tempo, experimentaram o jugo humilhante de escravos de Satanás, pela razão mesma de que a mancha do pecado converte-os em

²²¹ FRANCO, José Eduardo; CABANAS, Maria Isabel Morán. *O Padre Antonio Vieira e as Mulheres: o mito barroco do universo feminino*. São Paulo: Arké, 2008.

²²² Ibid, passim.

objetos da ira de Deus.

Maria Santíssima, porém, ante o universo inteiro pode e poderá sempre afirmar: **“Eu sou a Imaculada Conceição”!** – isto é – “Eu sou a privilegiada, a Exceção de uma lei universal. Sou Aquela que o criador imunizou da dívida comum dos filhos de Adão”.²²³

Esta preocupação em reforçar a representação de Maria como modelo supremo da feminilidade católica estava presente também nas ações e deliberações do Vaticano, a ponto de publicar-se na Boa Imprensa brasileira que:

Quem acompanha as encíclicas e alocuções pontificias para logo descobrirá uma pronunciada predileção de Pio XI pela devoção e doutrina da Mediação Universal de Maria Santíssima.²²⁴

Faz-se necessário lembrar que *O Apóstolo* era um órgão da Congregação Mariana. Esta por sua vez, tinha como maior objetivo estimular seus congregados a seguirem o exemplo e a perfeição de Maria.²²⁵ Deste modo, torna-se compreensível a ênfase dada a figura de Maria em muitos momentos dos discursos desse periódico.

A proximidade de *O Apóstolo* com a representação de Maria nos permite perceber os reflexos de uma outra estratégia do Vaticano, que também se valia das representações da Virgem: a proclamação do Dogma da Assunção.²²⁶

Nas páginas da Boa Imprensa catarinense tratava-se de justificar a provação de

²²³ Única. *O Apóstolo*, Florianópolis, Dez. 1929, n.05, p. 01.

²²⁴ A Medianeira e Pio XI. Estrela do Sul, Santa Maria. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 dez. 1934, n.107, p. 01.

²²⁵ *As Congregações Marianas no Brasil*. 5ª ed., São Paulo: Ed. Loyola, 1997.

²²⁶ Com o desenrolar da Segunda Guerra e suas sérias consequências, o Vaticano passa a utiliza-se da representação da Virgem Maria como forma de dialogar com a sociedade, especialmente a européia. “O momento histórico era o de uma Europa devastada pela Segunda Guerra e, por conseguinte, de um significativo contingente de mulheres que havia assumido posições e desempenhado atividades até então apropriadas aos homens. Neste contexto, o dogma souo como uma profissão de fé na humanidade, que, desacreditada em si própria, podia canalizar a fé que ainda lhe restava em direção a Maria, sua mais digna representante.” In: ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. *Vozes da Mãe do Silêncio: a aparição da Virgem Maria em Piedade dos Gerais (MG)*. São Paulo: Attar, 2003, p. 84.

mais esse dogma católico, fundamentando-o em uma pretensa intimidade entre a crença popular e o culto mariano:

Com quanto não esteja ainda definido como dogma a Assumpção de S. S. Virgem é certo que o será em breve, pois essa é a crença geral na Igreja que, desde os primeiros tempos rendeu à Mãe de Deus um culto especial. E qual brasileiro que jamais sentiu o seu coração inflamar-se de amor Àquela que é venerada em quase todos os lares atraindo sobre eles bênçãos de Deus?²²⁷

Oficialmente, somente como o papa Pio XII, em 1950, o dogma da Assumpção de Maria alcançaria a categoria de “artigo de fé”. No entanto, esta relativa demora no reconhecimento oficial de mais este dogma mariano não diminuía a influência da representação da virgem nos discursos católicos direcionados à mulher e a sua educação.

A responsabilidade legada à mulher, dentro do discurso católico, de estar sempre vigilante em prol do catolicismo, principalmente dentro de sua família, chega a ser tratada como sua “sublime missão”, e que, portanto, deveria ser constantemente reafirmada, de modo a contrapor-se às tendências da sociedade que se modernizava acabava impulsionando-a para longe do ambiente doméstico.

A preocupação com a modernização da sociedade e a possível desvinculação do feminino do ambiente privado era tamanha que em 1938 o Apostolado da Oração de Florianópolis realizou suas atividades tendo como intenção geral para as orações o mês de abril deste corrente, o seguinte tema: “Que as mulheres com grande ardor se dediquem a Vida Doméstica”.

A Sublime Missão da Mulher

²²⁷ A Assumpção de S. S. Virgem e as Congregações Marianas. *O Apóstolo*, Florianópolis, 25 ago. 1929, n.02, p. 02.

Toda a grandeza moral dessa missão revela-se perante o satânico esforço da impiedade libertina da sociedade moderna, que, por mil insidiosas artes, trabalha por declarar a mulher, arrancando-a fora da sua sublime Missão.

(...)

Da escola sem Deus, passa para a família sem Deus; então o coração da Mulher, desligando de religião, da moral, do dever, do respeito de si mesma, torna-se instrumento de depravação e de sedução.

(...)

Bem se pode afirmar que tudo depende da Mulher, a saúde, o amor, a virtude, a religião, quando ela generosa e ardentemente se dedica a Vida Doméstica, em cujo trono ela impera como Rainha. [grifos meus]

Estes discursos de domesticidade feminina acabam perpassados pela idéia de que sua saída para o espaço público seria um fator de desordem social, uma vez que despertaria o desejo dos homens, pois no mundo público a mulher estaria mais próxima do modelo pecador, ou seja, de Eva. No entanto, ao resignar-se ao espaço doméstico, a mulher estaria se aproximando do modelo da perfeição: Maria.

Há nos textos da Boa Imprensa catarinense, dentro do período analisado para a realização desta pesquisa, poucas variações nas representações femininas. Muitas vezes centram-se na idéia da vinculação dessas com o espaço privado, desaconselhando-as o espaço público, especialmente bailes, festas e cinemas - lugares considerados de transgressão moral -, onde a respeitabilidade seria questionável, dadas as “liberdades” possíveis nestes espaços.

A modéstia era outro valor muito reiterado para as mulheres e se refere a vestimenta feminina, que deveria ser resumida a trajes que não deixassem a mostra nem cotovelos, nem joelhos, desaprovando também os trajes decotados. É válido ressaltar que a modéstia pregada pela Igreja Católica também excluía a utilização de quaisquer maquiagens, assim como depilações ou remodelamento de sobrancelhas.²²⁸

²²⁸ No decorrer da década de 1930 estes discursos apareciam com maior frequência, delimitando abertamente o tamanho das saias e das mangas, por exemplo. Estes discursos vão se modificando durante a década de 1940, e durante a década de 1950 já se resumem a criticar “as modas”, sem se referir aos tamanhos das

Não raramente era possível encontrar nas páginas de *O Apóstolo* “conselhos” elencados com *status* de mandamentos, almejando moldar a conduta das meninas e mulheres mais jovens, direcionando-as para a vida de esposas obedientes e mães dedicadas, chegando ao extremo de pregar a vigilância não apenas de suas ações, mas como também de seus pensamentos, como se pode ver a seguir:

1º Ama a tua mãe sobre todas as mulheres.

2º Não conserves pensamentos que tua mãe não possa conhecer nem pratiques atos que ela não possa ver.

(...)

5º Prefere a modéstia à beleza. Sê boa sempre.

(...)

7º Trabalha em tua casa como se não tivesse o auxílio de tua mãe. Pratica a tua vida como se Deus estivesse presente e faz diariamente a tua comunhão.

8º Aprender a falar sempre sem encolerizar-te, a sofrer e gozar sem extremos, e terás conseguido muito para seres feliz.

9º Habitua-te a ver em tua casa a mais agradável das residências e em teus pais os melhores amigos.

10º Trata e estima a todos os teus irmãos como a filhos, não te esqueças que, não sendo boa amiga, não serás boa esposa, que e não sendo boa filha, nunca poderás ser boa mãe.²²⁹ [grifos meus]

A obediência à família, a subserviência, a dedicação aos afazeres domésticos, são características ressaltadas para a composição de uma boa jovem católica e conseqüentemente, uma boa esposa e mãe – considerada a base de uma família cristã.

Nos discursos católicos nas décadas de 1930 e 1940, uma moça bem educada seria aquela obediente aos pais – prenúncio de uma futura obediência ao marido -, versada em prendas domésticas, e acima de tudo, recatada.

Que farei de minhas filhas?

Primeiramente ensinar-lhe-ei como se prepara o alimento, como se lava e se

saías ou das mangas.

²²⁹ Conselhos de uma boa mãe a sua filha. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1931, p. 02.

engoma a roupa, conserta-se as meias, pregam-se os botões, cortam-se cozem-se vestidos.

Dir-lhes-ei que 10 tostões contém 50 vinténs, e que vintém poupado é vintém ganho, podendo esperar a miséria o que despende mais do que tem.

(...)

Não pouparei esforços para que saibam calcular e preferir o operário honesto ao elegante vaidoso e imbecil.

(...)

Se tiver recursos, proporcionar-lhes-ei a aprendizagem da música, do desenho, deixando-lhes compreender que não são artes de primeira necessidade.²³⁰

Em *O Apóstolo* não havia referências de mulheres como proprietárias de quaisquer bens ou como trabalhadoras. Não tratavam das mulheres que sobreviviam como lavadeiras ou aquelas que plantavam e colhiam, nem de qualquer outra atividade feminina comum na Ilha de Santa Catarina, especialmente para àquelas vindas de classes menos favorecidas.²³¹

Isso se deve, especialmente ao fato de que essa era uma publicação que nasce destinada a elite da capital catarinense, onde, por toda a primeira metade do século XX as mulheres permaneceram intimamente ligadas ao espaço privado:

As mulheres da elite de Florianópolis, contudo, permaneceram reclusas aos papéis normativos. Além de esposas, filhas, irmãs e sogras, elas podiam ser, no máximo, damas beneficentes ou da diretoria de alguma associação cultural. Professora era, também, uma profissão aceita, principalmente para a moça solteira.²³²

As mulheres da elite florianopolitana mantiveram-se afastadas, por um longo tempo, de movimentos femininos que surgiam em outras capitais brasileiras, e que reivindicavam, por exemplo, o voto para as mulheres.²³³

²³⁰ Que faremos das nossas filhas? *O Apóstolo*, Florianópolis, 12 mar. 1933, n.64, p. 03.

²³¹ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas*: uma questão de classe. 2ª ed., Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, passim.

²³² PEDRO, 1998. P. 91.

²³³ Ibid. P. 82.

O silêncio em *O Apóstolo* no que se refere às mulheres trabalhadoras das camadas populares parecia estar em sintonia com o próprio poder público:

A presença de mulheres das camadas populares nas ruas do centro urbano de Desterro/Florianópolis, no final do século XIX e início do XX, improvisando inúmeras formas de sobrevivência, foi mal suportada pela elite local, que pressupunha a restrição das mulheres na esfera íntima familiar como referência principal das famílias distintas.

Através de inúmeras práticas, os representantes de poder público tentaram impedir a livre circulação dessas mulheres, no bojo de uma política que visava retirar das áreas centrais os “inconvenientes”, que desabonavam a imagem de cidade “limpa” e “civilizada” que pretendiam construir.²³⁴

Legando à mulher apenas ao privado, os discursos da Boa Imprensa afirmavam que o espaço doméstico seria o único local possível para a busca da santidade feminina²³⁵. Desde modo, o casamento recebia especial atenção, e *O Apóstolo* fornecia orientações especialmente direcionadas as mulheres:

No dia do casamento, um pai entregou à sua querida filha uma vassoura, um espelho e um crucifixo, com a seguinte explicação:

“A **vassoura** servirá para varreres diante da ‘própria’ porta e não diante da porta alheia;

O **espelho** servirá para examinares e veres as ‘próprias’ faltas; assim terá sossego e paz dentro e fora de casa;

O **crucifixo** servirá para suportares com paciência e mérito as inevitáveis ‘contrariedades’, herança de todos os mortais!”²³⁶

As virtudes que deveriam ser cultivadas pelas boas católicas eram reiteradas constantemente nas páginas de *O Apóstolo*. Assim, reafirmava-se que “mulher que se

²³⁴ Ibid. P. 115.

²³⁵ BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renuncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 220.

²³⁶ No dia do casamento... uma vassoura, um espelho e um crucifixo!. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jun. 1938, n.191, p. 01.

preza” deveria ser versada na arte de “bordar, coser, engomar, tecer, lavar, cozinhar e servir a mesa, além de arrumar a casa, inclusive estender as camas”, e deveria ainda “economizar, isto é, gastar menos do que tem”, mantendo-se afastada do “ciúme, da dissimulação, da mentira, do mexerico, da vã ostentação e desordem”, estando disciplinadamente reclusa ao lar e dedicada as suas atividades. Esta seria, então, a “mulher perfeita, mais preciosa do que ouro, as jóias e as pedrarias”.²³⁷

Havia, entre 1930 e 1945, interesses maiores que envolviam a reafirmação incisiva destas representações de identidades de gênero, que estavam para além de restritos interesses do catolicismo como fornecedor de referenciais simbólicos. Interesses que se aliavam aos anseios católicos e acabavam por produzir situações de poder.²³⁸ Tratava-se da aproximação da Igreja Católica com o Governo Vargas.

O Estado Novo tinha por característica a influência dos ideais nazi-fascistas, o que acabavam por inspirar a concepção de que a família seria o princípio e o fundamento da nação.²³⁹ Mas de que família estaria tratando? Nada menos do que “a família conjugal, moderna e patriarcal, formada por ‘indivíduos’ cujo lugar social não partiria de uma escolha pessoal, mas de papéis atribuídos e normatizados segundo o gênero”.²⁴⁰

Este desejo de normatização da família tem sua origem no século XIX acompanhado dos ideais de “ordem” e “progresso”.²⁴¹ É bem verdade que nunca foi possível estender o modelo de família nuclear burguesa a toda sociedade brasileira, mas no que se refere a discursividade, difundiam-se amplamente representações normativas, principalmente no meio urbano.

²³⁷ Mulher. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1959, n.709, p. 04.

²³⁸ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 6ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

²³⁹ LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2 ed., São Paulo: Papirus/Unicamp, 1986, passim.

²⁴⁰ VAITSMAN, 1994. P. 59.

²⁴¹ AREND, Silvia Maria Fávero. *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 16.

Durante o Estado Novo surgiu uma sintonia entre estes preceitos normativos surgidos a partir dos discursos médicos e adotados como parte do ideal da República brasileira²⁴² e o discurso religioso católico, isto devido à estratégica aproximação entre a Igreja e o Estado. Os reflexos desta proximidade eram perceptíveis em *O Apóstolo*:

A família cristã é a melhor garantia para a sociedade. Não teremos jamais uma pátria grande e gloriosa, se a família se corromper na dissolução do materialismo, na sede insaciável dos prazeres. Não comentamos este crime de lesa-pátria, envenenando a família, a célula-mater da sociedade.²⁴³

Tratava-se da civilidade, do autocontrole de uma vida familiar em prol da pátria brasileira, e na qual o papel desempenhado pela mulher é descrito como de primordial importância, mesmo que pautado no sofrimento:

O encanto da família depende do Poder da Virtude da Mulher, que sabe harmonizar, consolar, pacificar e vitalizar numa perene união os corações e as vontades do Esposo e dos Filhos.

(...)

O sofrimento bem se pode chamar a Herança obrigatória da humanidade: ora não existe nenhuma família sem sofrimento; a Mulher sofre mais que o homem, por causa da sua sensibilidade e dos ideais afetivos.²⁴⁴

Mesmo parecendo que estes discursos católicos sempre estiveram em total consonância com a política nacional, é preciso perceber sua cristalização dentro de um fluxo temporal.²⁴⁵ Em 1943 a legislação sofria mudanças – apesar de serem apenas pequenas brechas. Já não era mais necessária a autorização do marido para que a mulher casada pudesse trabalhar fora, mesmo que “somente se este não conseguisse prover os

²⁴² COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004, passim.

²⁴³ Cristianizemos a família. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1945, n.353, p. 02.

²⁴⁴ Apostolado: Intenção geral para abril – A Mulher Cristã. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1938, n.187, p. 03.

²⁴⁵ ALBUQUERQUE JR., 2007. P. 33.

meios necessários para a sobrevivência e a de seus filhos”.²⁴⁶ Na década de 1950 aumentam as vagas de trabalho para as mulheres e aumentam aquelas que freqüentavam universidades, mesmo que em cursos considerados tipicamente femininos. Quando enfim consolida-se, após 1955, o projeto desenvolvimentista no Brasil, empreendido por Juscelino Kubitschek, as rápidas transformações que passaram a ocorrer na sociedade contribuíram para que mais fissuras surgissem nas representações católicas de família.

Apesar dos discursos católicos de *O Apóstolo* manterem seus ideais normatizadores e suas representações cristalizadas durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, o fluxo da dinâmica social refletia-se em seus discursos, e tornava-se perceptível na ênfase que alguns temas ganhavam ou perdiam destaque em suas páginas.

Um exemplo: durante os anos que compreenderam o Estado Novo, os discursos normativos direcionavam-se com maior ênfase a família como elemento essencial para a pátria. Já na década de 1950, a ênfase dos discursos da Boa Imprensa catariense encontrava-se nos preceitos de conduta dirigidos a mulher, uma vez que as mudanças da sociedade brasileira sinalizavam para aquilo que o clero denominava de corrupção de costumes, ou seja, um maior acesso da mulher ao espaço público, o culto à beleza feminina, a sensualidade da moda, etc. Estas são nuances que nos permitem perceber de que maneira se davam as relações entre a produção do discurso católico de *O Apóstolo* e a sociedade que o recebia.

É importante ressaltar que além da norma de família nuclear pregada pelo discurso médico, a Igreja Católica somava outras características à sua representação de família, como a monogamia estrita e a indissolubilidade do casamento.

Para o discurso católico a família não podia ser resumida a um dispositivo de transmissão de bens ou nomes, mas como um lugar de civilidade e de controle da

²⁴⁶ VAITSMAN, 1994. P. 60.

sexualidade. E esta civilidade deveria estar embasada nos preceitos católicos.

A Igreja, nos discursos da Boa Imprensa, é descrita repetidamente como portadora dos preceitos de civilização. Se considerarmos que “civilização significa disciplina, e disciplina, por sua vez, implica controle dos impulsos interiores, controle este que, para ser eficaz, tem que de ser interno”,²⁴⁷ torna-se possível compreender a perspectiva adotada pelo discurso católico para embasar esta afirmação.

O princípio de autocontrole é muito presente nos discursos católicos. E na tentativa de legitimá-lo *O Apóstolo* lança mão dos escritos de Santo Agostinho. Seus textos sobre o casamento servem como norte para muitos argumentos desse periódico.

Vale ressaltar a abordagem feita por esse teólogo da Igreja Católica sobre a origem do casamento e da família, uma vez que vincula a estes a sexualidade. Para Santo Agostinho, o casamento - consequência da Queda de Adão e Eva -, e seria o resultado desse declínio, pois estes deixam seu estado “angelical” e deslizam para a natureza física, o que também acabaria por implicar em sua mortalidade. Assim, ele apresenta o casamento – da mesma maneira que a abstinência sexual – como “etapas sucessivas da harmonia humana”, sendo o casamento o responsável pela geração da prole, o que incluiria a relação física. Este último ponto sempre havia inquietado o pensador cristão, que demonstrava dificuldade, em suas obras, de legar um lugar específico para o prazer sexual, uma vez que para ele, no estado original, Adão e Eva tinham o desejo sexual ausente.

Em sua obra *A Cidade de Deus*, Santo Agostinho escreve que “o prazer sexual escapa a todo o controle da vontade”²⁴⁸, mas que esse não seria o verdadeiro “perigo” representado pela sexualidade, mas sim que, através dela, através do ato sexual se

²⁴⁷ GIDDENS, 1993. P. 27.

²⁴⁸ SANTO AGOSTINHO apud MARTINEZ, J. M. Blázquez. *Filosofía y Cristianismo: el temor ante la muerte*. In: ÁVILA, María Ángeles Alonso (org.). *Amor, Muerte y Allá en el Judaísmo y Cristianismo Atiguos*. Valladolid: Secretariado de publicaciones e Intercambio Científico, Universidade de Valladolid, 1999, p. 171. (Tradução nossa)

transmitiria “o pecado original”²⁴⁹, ou seja, a dificuldade da salvação perante Deus.

Agostinho [em sua obra *Casamento e concupiscência*] citou expressamente a criança, a fidelidade e o sacramento. Foi, talvez, o primeiro a destacar a relação entre sacramento e matrimônio, afirmando que Deus havia instituído este último, desde a origem do mundo, e depois fê-lo elevar-se, através de Jesus, ao papel sublime de representar sua própria união com a Igreja.²⁵⁰

Assim, o casamento para Agostinho,²⁵¹ superava a questão física, e tornava-se a perfeita concórdia entre marido e mulher, apontando para a unidade perfeita, que culminaria em uma sociedade envolta na perfeição cristã.²⁵²

É interessante perceber que a Boa Imprensa, em pleno século XX retoma como base de seu discurso Santo Agostinho. Esta parece ser uma tentativa de construir um discurso de longa duração, uma aura de atemporalidade para seus preceitos, mas que acaba constantemente colocado em xeque pela mesma sociedade a que se destina.

Para além das inúmeras perspectivas possíveis de discussão sobre casamento e família, dentro do pensamento da Igreja Católica, alguns pontos atravessaram o século XX e mantém-se em pleno século XXI. O casamento continua sendo concebido como uma união monogâmica, heterossexual e indissolúvel. E mais, continua sendo compreendido como espaço de controle da sexualidade, assim como nas páginas de *O Apóstolo*:

²⁴⁹ Ibid., 1999. P. 171.

²⁵⁰ VAINFAS, 1992 P. 13.

²⁵¹ Dois pontos tornam-se interessantes: o pecado e a sexualidade. O pecado, que mesmo sendo uma característica das religiões monoteístas, não contém definições claras no Novo Testamento, e a sexualidade, que seria a transmissora do “pecado original”. Estes dois pontos encontravam-se presentes nas páginas de *O Apóstolo*. No Novo Testamento, certamente não houve outro autor que desprendesse maior atenção à questão sexual do que Paulo. Ele coloca, dentro de uma mesma discussão a sexualidade e o pecado, vinculando-os. Assim, para Paulo, o pecado estaria relacionado a viver “segundo a carne”, seguindo os “ditados desta”. SÁENZ, Antonio Piñeiro. Etre el judio y la salvación: peccado y transgresión en el nuevo testamento. In: ÁVILA, Maria Ángeles Alonso (org.). *Amor, Muerte y Allá en el Judaísmo y Cristianismo Atiguos*. Valladolid: Secretariado de publicaciones e Intercambio Científico, Universidade de Valladolid, 1999, p. 83. (tradução minha)

²⁵² BROWN, 1990, passim.

Algo acontece de muito grave na nossa civilização.

Há uns bons cinquenta anos para cá, os homens se mostram mais e mais preocupados com o sexo. Um cientista chegou a atribuir ao sexo tanta importância que o considerou como fundo de “eu” humano. Ao lado da psicanálise, apareceram outras doutrinas preocupadas com educação sexual, com distúrbios sexuais, com concursos sexuais de beleza...

O que significa tudo isso? Doença!

A humanidade exasperou em si o sexo, e cada vez mais desvitaliza, cada vez procura maiores excitações. Conseqüentemente, tudo fala de sexo: os anúncios de jornais e revistas bem como as modas, os livros, os simples olhares. Aparecem ainda por cima os super-doentes que, numa inversão total, passam a exaltar o sexo como a única realidade e a justificar o mesmo esterquilínio. [sic]

Ao contrário, no homem sábio, o sexo é humilde componente debaixo da disciplina do todo; componente que não chama atenção, que vive integrado como qualquer órgão no corpo, como as desaperecebidas de cada parte: tudo no reino da Saúde.²⁵³

Esta grande preocupação com a sexualidade por parte da Igreja Católica acabaria por legar ao casamento uma função muito específica: controlar os corpos, institucionalizando-os. Em suma, a sexualidade conjugal passa a ser o lugar da norma.

E será através dessa presença da Igreja no casamento, elaborando e instituindo normas, que melhor a Igreja almejava penetrar na vida privada, acabando por transformá-la em um de seus sacramentos fundamentais.²⁵⁴ Desta maneira, a sexualidade passa a ter espaço correto e fixo: o espaço conjugal. E a Igreja Católica não pouparia esforços para relembrar a sociedade sobre isso.

A inserção da Igreja no espaço conjugal faria com que ela acabasse tomando pra si as cerimônias de casamento, tornando-as institucionalizadas, e passíveis de legitimidade somente com seu aval. Isso ocorre a partir do século XII quando a figura do sacerdote, do

²⁵³ Domínio do Sexo. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1958, n.669, p. 02.

²⁵⁴ CARNEIRO, Henrique S. *A Igreja, a Medicina e o Amor*: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil. São Paulo: Xamã, 2000, p. 17-18.

padre, vai adquirindo mais importância dentro do evento matrimonial. É quando, também, a celebração passa a implicar, além da cerimônia, também na publicidade do casamento e seu registro, que era realizado pelo próprio sacerdote: era uma forma de se controlar as uniões.²⁵⁵

Desde o século XIII, mas principalmente com o Concílio de Trento, no século XVI a Igreja Católica intensificou o seu controle sobre a vida cotidiana, pois foi a partir deste Concílio que o casamento passa a ser cobrado enquanto parte da regra. Seria o controle do que antes apenas pertencia ao privado. Mas não se tratava de qualquer casamento, e sim um casamento estável, consagrado pelas autoridades e capaz de gerar filhos legítimos. Na Europa, em alguns lugares, mais do que em outros, em algumas classes sociais mais do que em outras, o rito iria se instalando.²⁵⁶

A normatização estrita da instituição matrimonial e do vínculo conjugal – monogâmico, indissolúvel e sagrado – correspondeu a sistematização de uma liturgia. A partir do século XI, a começar pelos países anglo-normandos, o rito da *desponsatio* passou a ser encenado (ou representado?) na entrada de igreja, e o papel do padre cresceu notavelmente: os pais da moça tinham que entregá-la ao sacerdote, que a *dava* ao futuro esposo; e era ainda o padre que unia as mãos dos noivos e observava a troca de alianças, definida por Hincmar (séc. IX) como ‘símbolo da fidelidade e do amor, e laço da unidade conjugal, a fim de que o homem não separe aqueles que Deus uniu’. No século XIV, o padre cristalizaria totalmente a sua influência, ao dizer: *ego conjugo vos* (sou eu que vos uno). E, assim, criou-se a liturgia matrimonial (precursora da cerimônia moderna): o padre substituiu ritualmente o pai da noiva; a entrada da igreja tomou o lugar da casa; a Igreja, enfim, sobrepôs-se à família e impôs aos leigos a sua moral.²⁵⁷

Na primeira metade do século XX, *O Apóstolo* tem uma difícil missão: reafirmar a

²⁵⁵ CARVALHO, Maristela Moreira de. Sexualidade, controle e constituição de sujeitos: a voz da oficialidade da Igreja Católica (1960-1980). In: *Esboços: revista do programa de pós-graduação em História da UFSC*. Florianópolis, n. 09, 2002, p. 171.

²⁵⁶ FONSECA, Claudia. História Social no Estudo de Família: uma excursão interdisciplinar. *Boletim informativo e bibliográfico das ciências sociais.BIB*, n. 27, 1º semestre 1989, p. 51-73.

²⁵⁷ VAINFAS, 1992. P. 33.

importância do casamento não apenas como meio de controle da sexualidade, mas reafirmar a relevância do casamento religioso frente ao casamento civil – devido a instituição do casamento civil após o término do sistema de Padroado. E mais: era preciso reforçar as representações e o valor simbólico do casamento religioso, uma vez que esta não era uma prática tão corrente, como se pode imaginar. Um exemplo: os “raptos de noivas” praticados na ilha de Florianópolis, nas regiões mais distantes do centro. Nestes casos, quando o casal resolve morar junto, somente viria a formalizar da união, especialmente no religioso, depois do nascimento do primeiro filho, como forma de garantir o seu batismo na Igreja Católica.²⁵⁸

No mais, o discurso da Boa Imprensa sobre o casamento não se restringia a reafirmar a importância de sua legitimação dentro de um âmbito religioso, mas também se dedicava a demarcar um modelo de família patriarcal, reforçando a hierarquia entre homens, mulheres e filhos.

Nessa perspectiva, uma representação muito corrente nas páginas de *O Apóstolo* é a de que a harmonia familiar deveria ser mantida pela esposa, através de sua submissão e subserviência ao marido. Não existiam dúvidas, nesses discursos, sobre seu papel no fracasso ou no sucesso da vida matrimonial, seja por ação ou por omissão.

Se há razões que levam um homem a perder o amor pela sua casa – o que se dá freqüentemente – necessário se torna procurar as razões opostas, isto é, as que fazem o homem amar o seu lar.

Eis os resultados de uma enquête realizada entre 100 homens, de todas as categorias (ministros, advogados, médicos, engenheiros, comerciários, operários, etc.). Todos responderam mais ou menos a mesma coisa. E pelas

²⁵⁸ Convém salientar que: “Ao contrário do que ocorre em zonas urbanizadas, a nova família formada através da fuga dos noivos incorpora-se ao grupo familiar maior e passa a existir como mais um braço da família extensa”. In: MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p. 25.

respostas, ficou bem esclarecido que são doze as principais razões que levam o homem a ter amor à sua própria casa:

- 1- O sorriso da esposa.
- 2- A mesa bem posta.
- 3- O conforto que os fez sentir em sua própria casa.
- 4- O acolhimento que a esposa faz aos seus amigos levando-os a fazer boa figura.
- 5- Os motivos de bom gosto completados por arranjo de ótima impressão.
- 6- A ordem e uma certa vaidade feminina.
- 7- O respeito e a compreensão que a esposa nutre pelo seu trabalho.
- 8- Os filhos bem educados.
- 9- O calor familiar.
- 10- A ausência de cenas de ciúme.
- 11- A possibilidade de confiar, desabafando, os seus aborrecimento e também seu mau humor.
- 12- Sobretudo pelo bom humor: sorria sempre.²⁵⁹

O texto acima, retirado das páginas de *O Apóstolo* exemplifica bem a responsabilidade legada à mulher no que refere ao sucesso do casamento. Descrito como o resultado de uma pesquisa, este artigo deixa muitas dúvidas sobre as circunstâncias e os objetivos que envolveriam sua realização, não fornecendo quaisquer referências que possibilitem ao leitor ter certeza de sua confiabilidade. A suposta pesquisa tenta se revestir de uma aura de universalidade ao afirmar que teriam sido entrevistados 100 homens das mais diferentes profissões e classes sociais, de ministros a operários, na tentativa de provar que, independente de quaisquer variáveis haveria um único padrão de família, e que em todas estas, seria a mulher, reclusa ao espaço doméstico, dedicada as suas funções no lar e munida de um profundo espírito de subserviência, o diferencial entre o sucesso e o fracasso da unidade familiar.

Este empreendimento de reafirmação do modelo patriarcal, nuclear e pautada na privacidade de um lar, não acontecia por acaso. Tratava-se de uma batalha contra as muitas configurações de famílias existente no Brasil, assim como, na capital catarinense.

²⁵⁹ Missa pelo marido. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jun. 1933, n. 70, p. 04.

Assim, a normatização das famílias deveria começar com a preparação para o casamento, e este tema ganhava destaque em *O Apóstolo*. Esta preocupação estava presente em todo o período que analisamos, mas foi nos primeiros momentos da década de 1950 que o periódico ganhou uma sessão dedicada ao assunto chamada *Noivado e Matrimônio*. Esta sessão trazia textos assinados por clérigos e trechos de livros publicados pela Boa Imprensa, como o livro intitulado *Na Escolha do Futuro*, escrito pelo Pe Geraldo Pires de Souza. Em geral os textos tratavam de como as jovens deveriam escolher seu futuro marido, de conselhos para se tornar uma boa esposa dedicada ao lar, filhos e ao esposo, mas dava destaque ao celibato pré-nupcial. Relatos de jovens que haviam “praticado o mal” e que acabavam vivendo “o resto da vida trás da sina deste erro” ²⁶⁰ eram comuns. Muitos eram os alertas sobre as possíveis “investidas sensuais” do noivo, pois se ele não fosse capaz de suporta os sacrifícios exigidos pela noiva, e almejava “satisfazer todos os seus desejos” não estaria à procura de uma “verdadeira união dos corações e dos sentimentos” ²⁶¹ e com certeza não faria um bom matrimônio.

Cinzas do véu existem quando o noivado decai de sua casta significação. Um véu incendiado pelo fogo de paixões mal respeitadas pelos noivos bem merece a cobertura de cinzas fúnebres. Na noiva o véu é o símbolo de pureza. Acautele-se nas visitas do noivo! ²⁶²

Assim, o conselho era de que se fazia necessário “converter o noivado em esforço constante do aperfeiçoamento”, ²⁶³ onde a noiva deveria manter sua compostura e seu recato, e acima de tudo, demonstrar obediência aos seus pais, provando que seria capaz de ser uma esposa também obediente, ²⁶⁴ pois a esposa cristã deveria saber que “obediência e

²⁶⁰ Noivado e Matrimônio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jun. 1951, n. 503, p. 04.

²⁶¹ Noivado e Matrimônio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 nov. 1951, n. 513, p. 04.

²⁶² Noivado e Matrimônio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1951, n. 514, p. 04.

²⁶³ Noivado e Matrimônio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 set. 1951, n. 508, p. 04.

²⁶⁴ Em um trecho do livro *A Escolha do Futuro*, publicado em *O Apóstolo*, traz a história de um jovem que

amor são as qualidades ou virtudes do matrimônio que hão de presidir as relações entre os esposos”, obediência, respeito e amor ao cabeça do casal.²⁶⁵ É preciso lembrar que se trata de um modelo de família muito difundido na década de 1950, que representava os homens revestidos de autoridade e poder, sobre as mulheres e responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos.²⁶⁶ Isto construído dentro de uma perspectiva que pressuponha uma hierarquia, respaldada pelo discurso sobre a natureza dos papéis sexuais.

Há um problema muito sério no lar. Quem manda? Marido ou mulher? O homem na rua e a mulher na casa? Mandam ambos? Não! Deus estabeleceu o homem como chefe da família. Diz São Paulo: “Vir caput est mulieris, sicut Christus est caput Ecclesiae” – *O homem é o cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja.*²⁶⁷

A citação acima ilustra perfeitamente a reafirmação de uma representação hierárquica de família, centrada na figura masculina e pensada como reflexo da própria hierarquia clerical.

No que se refere à castidade pré-nupcial, os discursos da Boa Imprensa estavam dirigidos às moças casadeiras, uma vez que a “pureza” era descrita como única forma de se alcançar um bom casamento. Entretanto este ideal aparecia constantemente ameaçado pelo romantismo inspirado na literatura e no cinema e pelos flertes despreocupados, representados, em *O Apóstolo*, como as portas para um matrimônio desastroso, capaz de “des cristianizar as famílias e arruinar a sociedade”.²⁶⁸

rompe o noivado a perceber que a noiva não se mostra obediente aos pais e que portanto não o seria enquanto esposa. Noivado e Matrimônio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 nov. 1951, n. 513, p. 04.

²⁶⁵ BRANDÃO, Ascânio. Quem manda?. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1950, n. 473, p. 04.

²⁶⁶ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mari Del. *História das mulheres no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

²⁶⁷ BRANDÃO, Ascânio. Quem manda?. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1950, n. 473, p. 04.

²⁶⁸ Ideal da Noiva. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 out. 1951, n. 512, p. 04.

Estas incríveis e despudoradas atitudes de “pombinhos” em cinemas e nas trevas, as liberdades dos pares de namoradinhos por aí afora, isto é amor? Nunca! É o desprestígio e o desrespeito da mulher, o túmulo da pureza e a mais desastrosa preparação para o matrimônio.²⁶⁹

As preocupações com a normatização dos corpos e das ações femininas são o norte dos discursos veiculados em *O Apóstolo*. A resignação, a obediência, a dedicação à família, suas maiores virtudes. Os desvios de conduta das moças solteiras são legados a falta de zelo das mães – nunca dos pais –, pois seriam elas as responsáveis pelos filhos e filhas e por sua educação.²⁷⁰

Oração da Dona de Casa

Meu Deus, dai-me coragem de retomar cada dia, alegremente, o meu humilde e grande “cada dia”, de recomendar, como se fossem novos, esse gestos, sempre iguais de lavar, de varrer, de descansar, de remendar, de limpar o pó.

Dai-me a graça de ser a alegria da casa, também quando estiver com vontade de chorar! Que esses trabalhos comuns feitos em espírito de oração e embebidos de amor se tornem redentores, como os trabalhos de Jesus e Maria em Nazaré. Fazei que nunca se aceite a mediocridade nem para a sopa que devo preparar nem para a costura que devo terminar, nem para a palavra de paz que devo distribuir...

Fazei-me criadora de serenidade e de alegria em dar do que em receber.²⁷¹

É interessante perceber que apesar de tamanho empreendimento discursivo visando a submissão feminina dentro da unidade familiar, esta não se tratava de uma prática uniforme entre as famílias católicas, pois nas páginas do próprio *O Apóstolo* surgiam sinalizações de que havia situações que não se encaixavam dentro das representações tão difundidas pela Boa Imprensa catarinense. Em um pequeno texto intitulado *Missa pelo Marido*, publicado repetidamente durante a década de 1930, é possível perceber esta falta

²⁶⁹ É Pecado Namorar ?. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jan. 1954, n. 564, p. 02.

²⁷⁰ O namoro e a coruja. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 nov. 1946, n. 393, p. 04.

²⁷¹ Oração da Dona de Casa. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1959, n. 724, p. 03.

de sintonia:

Senhora: Quero encomendar uma missa para que Deus se lembre de meu marido com uma boa morte.

Vigário: Por que isso?

Senhora: Não imagina quanto ele me faz sofrer, enquanto ele viver, não terei sossego.

Vigário: Lastimo sua sorte; mas nesta intenção não posso rezar missa.

O que posso fazer é dizer a missa para que Deus tire do mundo aquele de vós dois que for o mais culpado dessas brigas.

Senhora: Ah. Não, assim não quero; neste caso é melhor esperar um pouco.

Despediu-se, saiu e não voltou mais!

Está aí um caso típico.²⁷² [grifo meu]

Este *caso típico*, apesar de apresentar um casamento que se encontra longe dos modelos pregados pela Boa Imprensa acaba, novamente, legando à esposa a culpa pelo insucesso de matrimônio.

Raros são os textos que realmente apresentam situações em que o homem, como marido, atua como responsável pelas dificuldades da vida a dois. Mesmo nessas situações, a indissolubilidade dos laços matrimoniais e a resignação feminina são novamente reafirmados, destacando virtudes como a paciência, a perseverança e a oração, pois “uma esposa piedosa tem um poder imenso diante de Nosso Senhor”.²⁷³

Tanto pode a paciência da mulher! Calar, sofrer, rezar... eis as armas de Santa Rita. Porque não a empregam tantas esposas infelizes?

Confiança, minhas senhoras. Nem sempre uma pobre mulher tem a felicidade de um bom casamento e se há cruz difícil de carregar é a de um marido mau e de gênio e dedução diferentes da esposa!

Que fazer? Adotar o lema de Santa Rita: calar, sofrer, rezar.²⁷⁴

²⁷² Missa pelo marido. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jun. 1933, n. 70, p. 04. Foi publicado também em: Missa pelo marido. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 fev. 1936, n. 135, p. 02.

²⁷³ BRANDÃO, Ascânio. Calar, Sofrer, Rezar... *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jul. 1948, n. 433, p. 04.

²⁷⁴ Idem.

O discurso pela resignação e submissão feminina é sustentado pela representação máxima da perfeição da mulher dentro do catolicismo: Maria. Descrita como “aquela que aceita, resignada, os desígnios do Pai, sacrificando-se muitas vezes na dor para agradá-lo”²⁷⁵, ganhava especial destaque nas páginas de *O Apóstolo*.

Para a legitimação dos discursos sobre a submissão feminina não era difícil encontrar trabalhos teológicos capazes de dar-lhe sustentação. Um exemplo é Santo Agostinho, que “validou a dominação dos homens sobre as mulheres e o domínio do pai sobre os filhos como parte da ordem divina ordinária”, utilizando como justificava a premissa de que se eles houvesse permanecido no paraíso, “Adão e Eva teriam gerado filhos e os teriam alimentado com a autoridade paternal”. Deste modo, independente de sua queda, a vida social no paraíso também estaria centrada no domínio dos pais sobre os filhos,²⁷⁶ assim como dos homens sobre as mulheres.

A atenção dispensada à família nas páginas da Boa Imprensa catarinense teve seu auge durante o período do Estado Novo. O Governo de Getúlio utilizou-se de imagens, símbolos e comparações que o catolicismo costumava propagar.²⁷⁷ As representações de família, tão comuns nos discursos católicos, seriam de grande utilidade para o governo, especialmente durante o período da ditadura varguista.

As relações familiares, segundo o catolicismo, deveriam estar alicerçadas nas idéias da Igreja Católica, e inspiradas em sua estrutura clerical, onde os “pais” seriam os sacerdotes e os “filhos” os fiéis. “Na família divina, o Deus-pai é aquele que dá e toma para si a vida e é aqueles a quem se deve obedecer com resignação”.²⁷⁸ Assim, a religião católica acaba por “legitimar as instituições infundindo-lhes um *status* ontológico de

²⁷⁵ CARVALHO, 2002. P. 170.

²⁷⁶ BROWN, 1990. P. 329.

²⁷⁷ LENHARO, 1986. P. 16.

²⁷⁸ CARVALHO, 2002. P. 170.

validade suprema, isto é, *situando-as* num quadro de referência sagrado e cósmico”.²⁷⁹ O Estado Novo buscou utilizar-se destes recursos, abrindo importante espaço discursivo, onde a hierarquia familiar passa a legitimar a obediência não só à Igreja, mas também ao Estado, e aos seus poderes.

Dentro do plano católico de edificação de uma civilização cristã brasileira, a idéia de pátria surgia como objetivo para a construção do progresso, dentro de uma fundamentada ética cristã. O desempenho pessoal deveria almejar um bem maior: o bem social, e, portanto, se fazia necessário manter uma harmonia nas relações.²⁸⁰ E qual lugar poderia ser considerado o berço de todas essas relações sociais, que não a família?

A hierárquica pregada pelo catolicismo - transcendente-clero-fiéis, marido-esposa-filhos - acabou sendo utilizada para justificar também a obediência do cidadão para com o Estado, onde o país era representado como uma grande família - um artifício muito utilizado nos discursos de *O Apóstolo* –, baseada na submissão aos superiores e no cumprimento dos deveres.

Quizera que todos os homens reconhecessem que a felicidade, a única verdadeira, consiste no amor à família, no amor ao trabalho, na obediência aos superiores, no fiel cumprimento do dever de cristão e do dever de estado.²⁸¹

A família em *O Apóstolo* acaba representada como “uma espécie de dobradiça entre a ordem pública e a ordem privada, cujas faces externa e interna são correspondentes”.²⁸²

²⁷⁹ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado* – Elementos para uma teoria sociológica da Religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 46.

²⁸⁰ SOUZA, Rogério Luis de. As Imagens do Renascer Brasileiro: Catolicismo e Ideal Nacional (1930-1945). In: *Fronteiras: revista Catarinense de Historia*. Florianópolis, n. 11, 2003, p. 43.

²⁸¹ ILSÉ MARIA. Vem, quero mostrar-te uma coisa bela. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 dez. 1935, n. 131, p. 04.

²⁸² DUARTE, Luiz Fernando [et.al]. *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p. 63.

Mesmo sabendo que “A família não reproduz a sociedade; e esta, em troca, não imita aquela”, mas que o “dispositivo familiar” pode servir como mecanismo de manobras políticas,²⁸³ especialmente no âmbito discursivo, é que se torna possível compreender como a família católica acaba por tornar-se importante artifício durante o Estado Novo, atuando como ponto de intersecção entre o discurso católico e o discurso político.

Na representação da sociedade brasileira como uma grande família, o detentor do maior pátrio era descrito como sendo o papa - graças à difusão do ultramontanismo -, entretanto, os líderes políticos também acabam beneficiados por tal representação, pois o amor a Pátria confundia-se com o amor a Deus, em um projeto nacionalista empreendido vigorosamente na Era Vargas, onde a Igreja representava o papel de regeneradora.²⁸⁴

Esta foi uma aliança lucrativa para ambos os lados.

Desde o início de seu governo provisório em 1930, Getúlio Vargas fez questão de atender a alguns pedidos da Igreja, proferidos através da figura do Cardeal Leme, que entre outras questões, reivindicou “garantias em favor da indissolubilidade do matrimônio”,²⁸⁵ legitimado através da representação da família como *celula mater* da sociedade, ou seja, a maior responsável pela manutenção da ordem social.

Todos sabem que a família – célula-mater da sociedade, primeiro “oásis da civilização no deserto da barbárie – vem sendo minada e assediada por terríveis inimigos, não nos parece o menor deles o divórcio, cujo instituto homens sem entranhas ou sem juízo querem a viva força introduzir na legislação da pátria.”²⁸⁶

A mais do que simplesmente uma ameaça à estabilidade social, o divórcio configurando-se, dentro dos discursos da Boa Imprensa, como uma ameaça ao Estado e

²⁸³ FOUCAULT, 1985, p. 95.

²⁸⁴ SOUZA, 2003, p. 34-36.

²⁸⁵ ISAIA, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 86.

²⁸⁶ A Sagrada Família. *O Apóstolo*, Florianópolis, Jan. 1930, n. 06, p. 02.

uma forma de traição à Pátria.

Porque é que a Igreja se opõe ao divórcio:

Será porque:

1º o divórcio mina o Estado? Ou

2º faz os filhinhos órfãos? Ou

3º promove pobreza e prostituição? Ou

4º por ser o matrimônio, por lei Divina, indissolúvel? Ou

5º por o divórcio destruir o lar? Ou

6º porque inclina para o crime?

7º porque destrói o amor mútuo entre marido e esposa?²⁸⁷

O divórcio, este promotor de uma grande anomia social, recebia atenção especial também do próprio papa Pio XI, que dedicou uma encíclica chamada *Casti Connubii* (1930) a indissolubilidade do casamento, instigando os católicos de todo mundo a empreenderem campanhas antidivórcio.

No próprio Evangelho se acha, sim, a solução, não, porém, a proposta pelo divórcio, mas a imposta por Deus, porque exigida pela finalidade natural da família: a monogamia indissolúvel.²⁸⁸

O Apóstolo dedicava-se apresentar exemplos vindos de países onde o divórcio havia se tornado legalizado, relatando inumeráveis malefícios que tal prática acabava causando a sociedade, numa forma de convencer aos católicos brasileiros a oporem-se a esse “perigo”, que alguns desobedientes a Roma desejavam implementar no país.

Esta campanha discursiva antidivórcio em *O Apóstolo* possui a característica de ser dirigida aos homens, filhos e maridos, representados como os personagens ativos na decisão pela opção ou não do divórcio. As mulheres católicas, apresentadas absolutamente

²⁸⁷ Quem acerta a melhor resposta? *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 out. 1936, n. 151, p. 02.

²⁸⁸ O Divórcio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1946, n. 376, p. 03.

contra o “concubinato, o amor livre, o direito vergonhoso da mancebia legislada”,²⁸⁹ são descritas como as grandes vítimas – ao lado de seus filhos – do divórcio. Isto se deve a representação de família adotada pelos discursos católicos, onde o homem é descrito como provedor e cabeça do casal, deste modo, apto a tomar decisões como a opção pelo divórcio, sem o qual esposa e filhos estariam desamparados.

O divórcio levaria, segundo os escritos publicados em *O Apóstolo*, mulheres a mendicância, destinadas a morrerem na “mais negra miséria”,²⁹⁰ assim como “criancinhas a quem o adultério legalizado faria órfãs de pais vivos”.²⁹¹

Quantas crianças analfabetas, quantas mães no meio das ruas da cidade, mendigando, quantas famílias esfaceladas!

E o que é isso?(...) Pois eu lhes direi: É uma sombra do maldito divórcio.

Portanto, vocês, como chefes de família dedicados, pais honrados, filhos dedicados, excomunguem em nome de “Deus” esta maldita sombra, e gritem com toda a força de seus pulmões, para que todo operário, como você, o escute:

Para a felicidade do Brasil expulsemos o divórcio.

Para a felicidade de todas as classes, excomunguemos o divórcio.²⁹²

Certamente, a maior prova do poder anômico do divórcio, apresentado na Boa Imprensa, foi o suicídio. Considerado, entre os católicos, além de um pecado gravíssimo, “o maior ato de desespero e de desgraça de que o homem é capaz”, o suicídio é vinculado em muitos momentos ao divórcio, que segundo “estatísticas” – que podem ser consideradas no mínimo duvidosas, graças à ausência total de qualquer referência quanto sua procedência – seria o seu “principal impulsionador”. Assim, concluía-se que “os divorciados suicidas são três vezes mais numerosos do que os casados”²⁹³ e que a manutenção da indissolubilidade

²⁸⁹ O divórcio do Brasil. *O Apóstolo*, Florianópolis, 19 mar. 1934, n. 90, p. 04.

²⁹⁰ Rainha da Beleza. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 maio 1938, n. 189, p. 04.

²⁹¹ FARACO, Daniel. Novamente o Divórcio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 out. 1943, n. 319, p. 04.

²⁹² O Divórcio e a Lama. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1947, n. 403, p. 04.

²⁹³ Divorciados suicidas. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 maio 1935, n. 117, p. 04.

do vínculo matrimonial seria a única maneira de impedir que esta “a desgraça” anômica alcançasse a civilização brasileira.²⁹⁴

Mesmo com todo esse empenho católico, em 1942 foi introduzido no Código Civil o artigo 315, que estabeleceu a separação, mesmo que sem a dissolução de vínculo matrimonial – o desquite. Ainda neste ano, sob a lei nº 4529, de 31 de junho, também se regulamentou a anulação do casamento.²⁹⁵ Estas alterações legais, apesar de sinalizarem um avanço em direção da aprovação do divórcio no Brasil, também deixavam claro, aos divorcistas da época, que não seria fácil vencer a resistência católica.

O divórcio trazia consigo características da modernidade tão combatida pela Igreja Católica. Esta fornecia à sociedade brasileira um novo grau de liberdade, no que se referia a família, concedendo a um cada de seus membros novas perspectivas, numa invenção e reinvenção de sentimentos e afetividades. A família conjugal moderna não se resumia apenas a família da privacidade, mas do sentimento.²⁹⁶

Com o fim do Estado Novo a Igreja Católica não poderia mais contar com o apoio político com que contava outrora. Eram novos tempos, e muitas mudanças ocorriam na economia e na cultura brasileira, abrindo novas brechas para os debates sobre a aprovação da Lei de Divórcio, que em 1951 é proposta por Nelson Carneiro.

Com esta nova proposta de lei, os católicos são convocados pelo clero brasileiro a

²⁹⁴ Neste momento o termo “anomia” desenvolvido por Durkheim é muito válido. Este pesquisador trata em sua obra *Le Suicide* daquilo que chama de “suicídio anômico”, que ocorre “quando a sociedade se vê perturbada, seja por uma crise dolorosa ou por favoráveis, mas súbitas transformações, ela se vê provisoriamente incapaz de exercer essa ação; e aí está de onde resultam essas ascensões bruscas da curva dos suicídios”. In: RODRIGUES, José Albertino (org.). *Durkheim*. São Paulo: Ática, 2001, p. 117. A Igreja Católica parte do mesmo princípio ao afirmar que o número de suicídios cresce com o divórcio, colocando-o como fator de desestabilidade para a sociedade.

²⁹⁵ COSTA, Caroline de Souza. *Unões informais no Brasil em 2000: uma análise sob a ótica da mulher*. UFMG/FACE/CEDEPLAR, Belo Horizonte: 2004 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: http://www.cedeplar.ufmg.br/demografia/dissertacoes/2004/Carolina_de_Souza_Costa.pdf... Acesso em: 16 nov. 2008.

²⁹⁶ SEGALLEN, Martine. *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar, 1996, p. 13-14.

oporem-se à investida dos divorcistas, e *O Apóstolo* dedica as edições do ano de 1951 à campanha antidivorcista, publicando, em letras garrafais, frases que reafirmavam a importância da manutenção do vínculo matrimonial, ressaltando a importância dos laços familiares como princípio da cristandade, como manutenção da integridade nacional, além de descrever o matrimônio como única forma de proteger a esposa e a criança.²⁹⁷

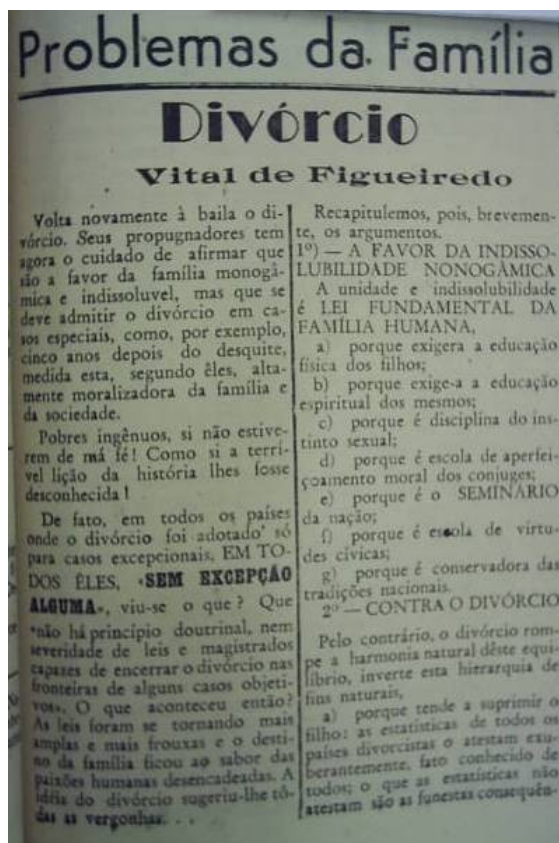


Figura 6: Texto antidivorcista publicado em setembro de 1951.

²⁹⁷ *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 de outubro de 1951, n. 511.



Figura 7: Texto antidivorcista escrito pelo Mons. Brandão (foto) - voz da moralidade católica em *O Apóstolo*.

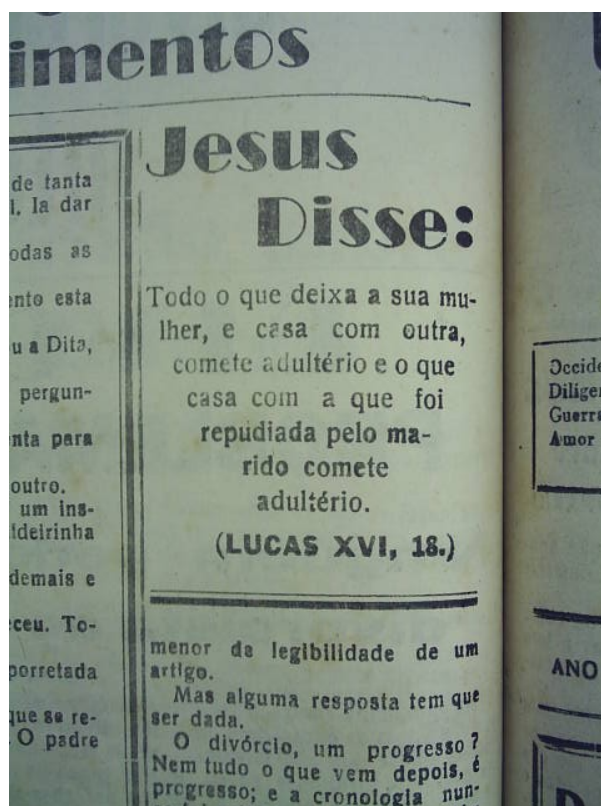


Figura 8: Referências bíblicas possuíam o maior poder legitimador do discurso católico, e

não poderiam ser dispensadas na campanha antidivorcista.

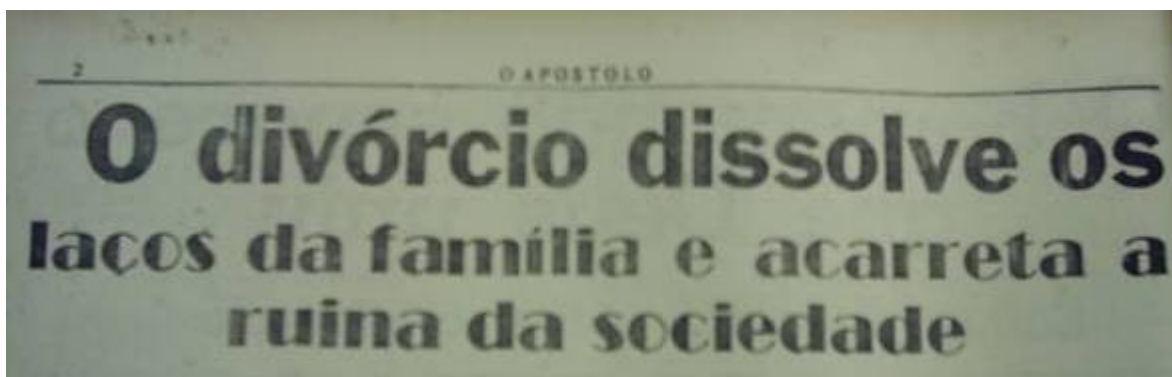


Figura 9: O apelo à manutenção da família era a grande bandeira católica.

A edição de *O Apóstolo* de 01 de outubro de 1951 é especialmente dedicada ao combate a Lei Nelson Carneiro.

O divórcio, solução de alguma coisa? Como explicar, então, as estatísticas dos países divorcistas? Cresce escandalosamente o número de divórcios, as uniões livres, o concubinato, os filhos ilegítimos, e diminuí-se de - modo geral - a prole.

Paralelamente, é nos lares desfeitos que nasce e se desencadeia a desgraça e a criminalidade infantil.²⁹⁸

Para os colaboradores de *O Apóstolo* o divórcio representava-se como a “chaga de uma civilização paganizada”, que sinalizava para a calamidade e para o flagelo social. Dentre estes colaboradores merece destaque o Mons. Ascânio Brandão, que publica um texto em 15 de setembro de 1951, no qual culpa, pelo avanço das idéias divorcistas, o cinema e o romance, pois estes, segundo ele, acabavam por criar “mulheres fúteis e levianas e os maridos infiéis e gozadores da vida, sem nenhum senso de responsabilidade” que acabavam suspirando pelo divórcio. Para ele a indissolubilidade do casamento se dava

²⁹⁸ Estorvo Imenso. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 out. 1951, n. 511, p. 04.

pela vontade do próprio Deus, que o teria estabelecido no momento de criação do primeiro homem e da primeira mulher, “desde então nascem sempre neste mundo homens e mulheres em número mais ou menos igual”, e que seria esse o sinal “dos desígnios do nosso Criador”. E para aqueles que não se sentiam felizes e com seu casamento, o Monsenhor aconselhava: “Suportais-vos com paciência! A lei de Deus e a vossa própria felicidade temporal e eterna exige de vós este sacrifício – vivei unidos até a morte”.²⁹⁹

Mesmo com a derrota do projeto Nelson Carneiro, discursos antidivorcistas continuaram sendo veiculados em *O Apóstolo* por toda a década de 1950, pois, como costumavam afirmar “os inimigos da família não dormem”,³⁰⁰ e tanto os leigos como o clero católico responsável por este periódico, acreditavam na necessidade de lutar contra o egoísmo individualista dos divorcistas,³⁰¹ ou seja, uma luta contra os valores oferecidos pela modernidade.

Ainda que as discussões da emenda que aprovou o divórcio no Brasil tenham ocorrido apenas no mês de junho de 1977, e a assinatura da Lei 6.515/77, em 26 de dezembro do mesmo ano,³⁰² a lei do desquite abriu precedentes para que esta se efetivasse, e mesmo que se continuasse afirmando que “a razão principal porque a Igreja Católica se opõe a o divórcio é porque o próprio Deus declarou o vínculo matrimonial indissolúvel”,³⁰³ a sociedade passava a viver outros valores individuais que não compartilhavam mais dos ideais de resignação e abdicação de si, no qual o casamento católico se apoiava.

As representações de matrimônio, nos discursos da Boa Imprensa catarinense, estavam fundamentados em uma instituição familiar articulada a partir da concepção de

²⁹⁹ BRANDÃO, Ascânio. Divórcio: uma campanha. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 set. 1951, n. 510, p. 04.

³⁰⁰ BRANDÃO, Ascânio. Divórcio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1954, n. 569, p. 01.

³⁰¹ Católicos Divorcistas. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1958, n. 669, p. 04.

³⁰² FÁVERI, Marlene de. Desquite e divórcio: a polêmica e as repercussões na imprensa. In: *Caderno Espaço Feminino*, 17, n. 1. CDHIS, Uberlândia, 2007, p. 335-357.

³⁰³ Quem acerta a melhor resposta?? *O Apóstolo*, Florianópolis, 11 out. 1936, n. 152, p. 02.

laços eternos entre seus membros, e que para tanto, estes abdicariam de sentimentos e anseios particulares em prol do bem social, não permitindo que a nação mergulhasse na “anarquia e na desordem” ou na “destruição e na morte”. Mas acima de tudo o casamento monogâmico indissolúvel representava a disciplina do instinto sexual.³⁰⁴

Isso implica dizer que a indissolubilidade dos laços matrimônias, nos discursos católicos, não estavam fundamentados na “concepção moderna de amor singular, eterno e dirigido a um indivíduo único e insubstituível, que povoa o imaginário social romântico e burguês”³⁰⁵, mas sim, na disciplina, no controle dos impulsos interiores, capazes de atuar sobre os desejos, controlando seus anseios, em uma perfeita representação de civilização,³⁰⁶ da qual a Igreja Católica orgulhava-se de ser a portadora.

Os discursos sobre o corpo, seu controle e sua preservação dentro dos preceitos cristãos, contidos nas páginas de *O Apóstolo*, não se limitavam apenas à indissolubilidade do casamento, e serão temas explorados em seguida.

2.2 O Corpo: um templo sacrossanto.

*“Meditai bem isto gentis senhoritas, pensai um pouco na vossa alma”.*³⁰⁷

Neste início do século XXI, o corpo é assunto corrente em toda a mídia, seja para preservar a saúde, destacar a beleza de alguns ou dar dicas para outros, seja pela ênfase a prática de esportes, ou ainda vinculando-o a moda. A verdade é que o corpo é tema para

³⁰⁴ Problemas de Família: o divórcio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 set. 1951, n. 508, p. 03.

³⁰⁵ VAISTSMAN, 1994. P. 35.

³⁰⁶ GIDDENS, 1993. P. 27-28.

³⁰⁷ Pode-se dançar? *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jan. 1936, n. 133, p. 03.

matérias que vão desde reportagens científicas até a propagandas de alimentos, medicamentos, cosméticos, tudo pensado para a obtenção do corpo perfeito.

Essa preocupação com o corpo, entretanto, não é exclusiva deste nosso novo século, mas uma preocupação que se remete ao século XVI, especialmente no âmbito da medicina, e que ganha fôlego, especialmente no Brasil, durante o século XIX, dentro dos conceitos desenvolvidos por eugenistas e higienistas, que “acirram suas proposições quanto a confluência das relações entre saúde e beleza ligadas à corporalidade”.³⁰⁸

Foi na primeira metade do século XX que estes discursos médicos encontraram um espaço especial junto aos projetos do Estado, como importante instrumental para a construção de uma nação forte e saudável.

Durante a Era Vargas o grande objetivo médico – com destaque para os eugenistas - era produzir homens fortes e saudáveis com o objetivo de defender a nacionalidade brasileira.³⁰⁹

De fato, não se trata de mera coincidência o aparecimento de revistas especializadas em saúde, higiene e educação física no final dos anos 30. O corpo está na ordem do dia e sobre ele se voltam as atenções de médicos, educadores, engenheiros, professores e instituições como exército, a Igreja, a escola, os hospitais.³¹⁰

Mas para que esses corpos pudessem estar dentro desta nova norma médica, e a ordem social pudesse ser reformulada, a medicina higienista e eugênica voltava seus olhos para a instituição familiar, almejando, a partir desta, criar corpos saudáveis, não apenas sob o ponto de vista físico, mas também moral. Acreditando, neste sentido, que a família

³⁰⁸ ZUCON, Otávio. A normatização do corpo entre a medicina e a publicidade (1920/1945). In: *Esboços: revista do programa de pós-graduação em história da ufsc*. Florianópolis, n. 12, 2004, p.185-195.

³⁰⁹ GRANDO, José Carlos. As concepções e corpo no Brasil a partir de 30. In: GRANDO, José Carlos (org.). *A [des] construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001, p. 63.

³¹⁰ LENHARO, 1986. P. 75.

pudesse ser o fundamento de reorganização social, pois era sua célula base.³¹¹

Desejava-se transformar a família em um ambiente higienizado, dentro de uma nova política do Estado, produtora de “corpos dóceis”, obedientes e economicamente ativos. Era o desejo de modernidade que levava o Estado, com auxílio dos médicos, a voltarem os olhos para a família, que era estimulada a “desenvolver práticas sociais que se adaptassem à modernidade, ao ‘civilizado’”,³¹² numa espécie de “anatomia política”, engendrada em uma simbiose discursiva muito bem utilizada na “mecânica do poder”.³¹³

O Estado Novo lançava mão do biopoder³¹⁴ ao buscar a organização da vida da população brasileira, buscando o ajustamento dos corpos ao novo momento industrial pelo qual o país estava passando, ou seja, um “ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos”.³¹⁵ Estava posto o interesse de preparar a sociedade e os indivíduos para o trabalho. “Daí o estímulo às práticas desportivas”, entretanto, “o aperfeiçoamento do corpo físico não deveria conter exageros na ordem física e moral”.³¹⁶

A Educação Física, como prática regular, surge como instrumental para implementação desse projeto de desenvolvimento do país, na produção de corpos saudáveis para o trabalho. Proveniente dos primeiros momentos da República, essa era uma influência não apenas dos militares, mas do pensamento positivista que “chega ao Brasil para atender às necessidades de ‘jovem país’ que necessitava de um referencial teórico-filosófico que o

³¹¹ GRANDO, op. cit. P. 66.

³¹² MATOS, Maria Izilda Santos; MORAES, Mirtes. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940). In: *ArtCultura*: revista de história, cultura e artes, v. 9, n. 14, jan-jun, 2007, p. 23-37.

³¹³ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 24ª ed., Petrópolis: Vozes, 1987, p. 119.

³¹⁴ Termo utilizado a partir dos trabalhos desenvolvidos por Michel Foucault. As relações entre o Estado moderno e o controle de sua população, segundo a historiadora Silvia Maria Fávero Arend, foram temas muito presente na obra de Michel Foucault, com destaque para *Microfísica do Poder* e *História da Sexualidade I*. In: AREND, Silvia Maria Fávero. *Filho de Criação*: uma história dos melhores abandonados no Brasil (década de 1930). UFRGS, Porto Alegre: 2005. (Tese de Doutorado).

³¹⁵ FOUCAULT, 1985. P. 132.

³¹⁶ SOUZA, 2004. P. 104.

pudesse guiar rumo ao progresso”.³¹⁷

Dentro dessa ótica de disciplinamento dos corpos e das mentes do projeto civilizador do Estado brasileiro, a norma médica ocupava importante papel, em sintonia com os anseios governamentais, mas também a Igreja Católica teve seu espaço nesta amalgama discursiva.

Através dos seus jornais católicos e associações cristãs, a Igreja no Brasil, tomando para si uma discursividade médica, mostrará para a população a importância das medidas profiláticas e eugênicas na formação de uma estirpe saudável e apta para o trabalho. Estas medidas não feririam os princípios morais-cristãos. A esterilização, a desnatalidade e o aborto continuariam a ser combatidos veementemente. A regeneração desta estirpe exigiria uma disciplina dos hábitos cotidianos, o aprimoramento físico sem exageros e o redimensionamento dos valores sociais. O esforço por uma vida casta, o fomento pelos casamentos inter-étnicos, a instrução nos preceitos ditados pela higiene e pela puericultura, remodelaria, dentro dos parâmetros da medicina social e da eugenia cristã, a raça brasileira.³¹⁸

Assim como no discurso médico, o discurso católico também estava intimamente centrado na família. Havia, ainda, outros pontos de intersecção entre o discurso médico e o discurso religioso, em uma simbiose que acabava por facilitar a legitimidade de ambos. Dentre estes pontos de intersecção, encontra-se o matrimônio, que ganhava destaque tanto pelo discurso médico, quanto religioso, compreendido como o único local legítimo da sexualidade, assim como local privilegiado para o nascimento do filho legítimo, saudável, portador do futuro promissor da nação.

Os eugenistas desejavam combater os “perigos venéreos”, chegando a dedicarem extensos trabalhos ao tema da sexualidade. A Igreja Católica construía representações de família baseada na fidelidade entre os cônjuges e na castidade pré-nupcial. Para ambos

³¹⁷ GRANDO, 2001. P. 65-66.

³¹⁸ SOUZA, 2004. P. 43.

discursos o “casamento tende a constituir o único lugar lícito para os prazeres do sexo”.³¹⁹

As representações dos membros da família, as identidades de gênero dentro desses discursos também se assemelham. A mulher constantemente descrita como frágil e necessitada de proteção, enquanto o homem é apresentado como indivíduo forte. Para a esposa o espaço doméstico e para o homem, o espaço público, onde este deveria desenvolver a civilização urbana. Tanto no discurso médico, quanto no discurso religioso, era comum legitimar-se o domínio do homem sob a mulher.

Mas com a hegemonia masculina no mundo público, acabaria se construindo a responsabilidade masculina para com sua família. A representação do homem articula-se no sentido de colocá-lo como provedor da família, o forte, chefe autoritário, trabalhador, o norte, o exemplo maior.

Dentro dessa representação de masculinidade, que se tornava hegemônica na sociedade brasileira da primeira metade do século XX, o discurso médico elencava o alcoolismo e as doenças venéreas como as maiores ameaças ao homem moderno, pois “poderiam distanciá-lo do trabalho e de sua função de provedor, marido fiel, atencioso com os filhos e trabalhador”.³²⁰

Se considerarmos a embriaguez sob o ponto de vista social, verificaremos, seus desastrosos efeitos sobre o indivíduo, sobre a família e, conseqüentemente, sobre a Nação. A embriaguez leva o indivíduo ao desprezo de si mesmo, de sua dignidade de pessoas humanas, e o torna incapaz de qualquer reação, do menor domínio sobre os instintos. Transforma-o aos poucos em um escravo de todas as paixões, cujas conseqüências são por demais evidentes, para que repitamos aqui em público.³²¹

Os católicos da Boa Imprensa catarinense também estavam engajados nessa luta

³¹⁹ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 178.

³²⁰ MATOS; MORAES, 2007. P. 30.

³²¹ A Igreja ante os problemas atuais. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 julho de 1952, n. 528, p. 03.

contra o alcoolismo. Nas páginas de *O Apóstolo* eram comuns orientações contra este vício, assim como pedidos de orações para o “desenvolvimento de obras contra a embriaguez e todo o uso imoderado de bebidas alcoólicas”.³²²

Descrito como um grande mal, o alcoolismo é apresentado como responsável por inúmeras mortes, mas principalmente, como principal causador da pobreza de muitas famílias, onde “Os casos de grande miséria, devidos a embriaguez do chefe da família, sobem a 75% na Inglaterra; a 80% em Paris e Genebra; a 90% na Alemanha” [grifo meu].³²³

Mas este não era o único mal a atingir o homem moderno, segundo a ótica católica.

Na primeira metade do século passado, a Boa Imprensa acabou por legar muita importância ao corpo, compreendendo-o como um templo santo da alma e como um caminho para a santidade. Entretanto, os discursos presentes nas páginas de *O Apóstolo* forneciam, mesmo que em menor intensidade, referências de masculinidade.

Os textos da Boa Imprensa, aliados com discursos médicos higienistas, além de pregarem a fidelidade masculina no matrimônio – a fidelidade feminina parecia implícita -, passaram também a pregar a abstinência sexual masculina também antes do casamento.

A castidade era apresentada como uma virtude muito cara para os católicos do século XX. Deste modo, entrar em consonância com o discurso médico da castidade masculina pré-nupcial não careceu de maiores esforços. Em *O Apóstolo* a campanha de convencimento dos jovens rapazes foi mediada pelo médico Biase Faraco, que além de atuante nos seguimentos leigos da Igreja Católica catarinense, era médico-chefe do Serviço de Sífilis do Centro Oficial de Saúde da capital.³²⁴

³²² Intenção Geral para Agosto. In: *O Apóstolo*. Florianópolis, 28 de junho de 1929, n. 01, p. 04.

³²³ O Demônio da Humanidade. *O Apóstolo*. Florianópolis, 25 de agosto de 1929, n. 02, p. 02.

³²⁴ Informação retirada de um anúncio do consultório médico do Dr. Biase Faraco. In: *O Apóstolo*.

Transcrevendo para *O Apóstolo* muitos pareceres de colegas de profissão, o Dr. Biase Faraco buscava apresentar a “castidade comparável com uma boa saúde”, numa tentativa de “persuadir à juventude masculina que a continência até o matrimônio é possível, não prejudicial, e sim benéfica”.³²⁵

O ilustrado e respeitável professor de pediatria Dr. Olintho de Oliveira, cuja competência científica todos reconhecem, produziu na Liga de higiene Mental, do Rio de Janeiro, uma magnífica e documentada conferência, exaltando o valor, a possibilidade e a necessidade fisiológica e moral da castidade entre os jovens até o momento do matrimônio, disto advindo os maiores benefício para o corpo e para o espírito do indivíduo e futuramente para seus descendentes. [grifo meu]³²⁶

Havia por parte do discurso médico, uma grande preocupação, particularmente entre os higienistas e eugenistas, com taras e vícios, vinculando-os a hereditariedade, ou seja, com o comprometimento da prole, que deveria ser saudável para cumprir sua função no país. Era a articulação dos desejos do Estado de um Brasil moderno e dinâmico com o saber dos intelectuais da medicina.³²⁷

E para mostrarmos como os perniciosos efeitos do álcool à prole, extraímos da mencionada conferência [conferência realizada pelo higienista brasileiro Dr. Belisario Penna] as seguintes linhas, mais que convenientes:

“Cito o caso de uma rapariga forte e bela, casada aos 19 anos, em primeiras núpcias, com um homem abstinente. Desse matrimônio teve um filho robusto, que cresceu e desenvolveu-se normalmente. Enviuvando-se, contraiu segundas núpcias, com um homem dado ao vício etílico, tendo desse consórcio cinco filhos. O primeiro, raquítico, não podia andar sem muletas; o segundo idiota; o terceiro, com luxação congênita do quadril; o quarto normal; o último finalmente com quatro dedos apenas em cada mão. Conheço (continua o dr. Belisario Penna) caso mais frisante: de um casal de jovens sadios, robustos e abstêmios,

Florianópolis, 01 jan. 1940, n. 229, p. 03, e confirmada em entrevista informal com representantes da família Faraco.

³²⁵ Saúde e Castidade. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 ago. 1942, n. 291, p. 02.

³²⁶ Castidade. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 set. 1935, n. 126, p. 03.

³²⁷ ZUCON, 2004. P.187.

nasceram, dentro dos cinco primeiros anos após o casamento, duas meninas e um menino que criam sem acidentes. Desde o quinto ano após o casamento entregou-se o chefe desse família ao uso de bebida alcoólica, embora nunca tenha atingido a embriagues completa. Daí para cá teve esse casal mais 6 filhos: 2 morreram em convulsões aos 2 e 3 meses de idade; um nasceu morto; um é imbecil, outro, epilético, e o último embora sem manifestação nervosa, é muito fraco”.³²⁸

Para o discurso católico, a prole era o fim primeiro e último do matrimônio, uma vez que neste âmbito religioso, somente com “a chegada do filhinho à família começa a ser verdadeiramente uma família”³²⁹.

Desta maneira, nas páginas de *O Apóstolo* encontravam-se um grande número de propagandas de fármacos, destinados aos mais diversos tipos de mal-estares infantis, sempre visando o desenvolvimento de crianças robustas. Conselhos de alimentação infantil, assim como dicas de higiene para as mães, também estão presentes nesse periódico, afirmando que “A higiene e a puericultura indicam as regras para a racionalização da alimentação, de suma importância sobre tudo nos casos de alimentação artificial dos bebês”, pois “no dia em que, pelo menos a maioria das mães tiver conhecimento destas matérias [higiene e puericultura], redur-se-ão [sic] ao mínimo as doenças e, conseqüentemente, também, a mortalidade infantil”, o que acabaria acarretando em um bem ainda maior para a nação, pois “assim procedendo, diminuem as possibilidades de erro e concorrem para a criação de filhos fortes e belos”.³³⁰

Tratava-se não apenas de um forte exemplo da aproximação entre os discursos médico e religioso, mas da ascensão de novos sentimentos relacionados à infância, que passavam a ser cultivados na sociedade brasileira desse século.³³¹

³²⁸ O Demônio da Humanidade. *O Apóstolo*, Florianópolis, 25 ago. 1929, n. 02, p. 03-04.

³²⁹ Lares sem filhinhos, *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 ago. 1935, n. 123, p. 04.

³³⁰ A higiene e as doenças na infância. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jan. 1937, n. 157, p. 02.

³³¹ Para a pesquisadora Martine Segalen, analisando os trabalhos de Philippe Ariès, a invenção do sentimento de infância está relacionada com o da vida privada, e ambos surgem com a modernização da sociedade.

Nos discursos médicos reproduzidos nas páginas de *O Apóstolo* as representações femininas se mantinham vinculadas ao lar e a maternidade, uma vez “Cabia à mulher a responsabilidade pela saúde e pelo bem-estar de seus membros e, portanto, ampliava-se sua responsabilidade como dona-de-casa no controle dos mandamentos de higiene, principalmente em relação à infância”.³³²

Nas escolas modernas existe o louvável exemplo de ensinar as crianças noções gerais de higiene. As meninas maiores aprendem, em cursos especiais, higiene do lar e sobretudo puericultura, afim de melhor conduzirem quando mães. [grifo meu](...)

Graças a educação higiênica das mães, aos esforços da assistência pública e ao inestimável concurso da classe médica, a situação da infância tem melhorado sensivelmente em todo país.³³³

A preocupação com a infância, dentro do discurso católico, não se restringia a uma boa higiene e a alimentação, mas era perpassada pela interdição à educação sexual para as crianças que, segundo publicou-se em *O Apóstolo*, apenas acabaria servindo “aos interesses da luxúria e da esterilidade sistemática”,³³⁴ assim como, para o desprezo pela preservação da castidade. A Boa Imprensa instruía aos fiéis que, em “casos urgentes” – mesmo que não esclarecesse o que poderia ser classificado como um ‘caso urgente’ –, os únicos aptos a darem explicações sobre questões ligadas à sexualidade seriam os padres.³³⁵

Este “silêncio geral e aplicado”³³⁶ pela Igreja Católica não apenas para as crianças, mas também para os jovens, tinha por objetivo a formação da personalidade

Até o século XVII a família conjugal não existia e nem mesmo o “sentimento de infância”, deste modo, tão logo o bebê sobrevivesse aos perigosos primeiros anos de sua vida, passava a ser visto como um pequeno adulto. In: SEGALIN, 1999. P. 13-14.

³³² MATOS; MORAES, 2007. P. 25.

³³³ A Educação Sanitária das mães. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 fev. 1937, n. 160, p. 02.

³³⁴ *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 maio 1934, n. 94, p. 02.

³³⁵ Um decreto do papa restringindo direitos paternos. *O Apóstolo*, Florianópolis, 21 jul. 1931, n. 22, p. 04.

³³⁶ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 6ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 10.

destes “durante a fase mais impressionável, a infância e juventude, que se imprime em sua personalidade em formação”.³³⁷

Esta preocupação católica com a educação sexual da juventude tinha objetivos específicos, que iam desde a manutenção da castidade pré-nupcial até o combate a práticas contraceptivas, chamada pela Boa Imprensa de “esterilidade feminina”, ou seja, a opção por controlar o número de filhos é descrita como doença, e como tal deveria ser combatida.

O controle de natalidade era muito mal visto pela Igreja, uma vez que os católicos eram incentivados até mesmo por discursos papais, a terem famílias muito numerosas.

Nas páginas de *O Apóstolo*, pequenas histórias de caráter pedagógico³³⁸ apresentavam famílias que optavam por terem um único filho passando por inúmeras dificuldades, pois haviam deixado de viver “conforme os princípios de Jesus Cristo”, ao se negarem a terem famílias numerosas,³³⁹ pois uma vez que o fim maior do matrimônio seriam os filhos, ficava vetado todo e qualquer método anticoncepcional.

Artigos trazendo dados sobre a diminuição do número de filhos nas famílias urbanas das grandes capitais mundiais é tratada em *O Apóstolo* como “suicídio da espécie” humana.³⁴⁰ Entretanto, não havia referências a diminuição de filhos nas famílias brasileiras.

Também o tema aborto encontrava espaço dentro dos discursos veiculado em *O Apóstolo*, sendo condenado veementemente. As práticas abortivas, também no século XX, eram praticadas entre as moradoras da ilha de Santa Catarina. Esta era uma questão, geralmente, resolvida entre as próprias mulheres, através de métodos caseiros como chás, transmitidos entre as casadas e já com alguns filhos.³⁴¹ De modo geral estas eram práticas

³³⁷ ELIAS, 1993. P. 204-205.

³³⁸ Pensando pedagógico enquanto prática discursiva. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed., Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

³³⁹ Porque sempre “o filho único”? *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 fev. 1934, n. 87, p. 02.

³⁴⁰ O suicídio da espécie. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jan. 1937, n. 158, p. 03.

³⁴¹ PEDRO, Joana et al. Mulheres, Memórias e Experiências... Usos e disputas sobre o controle e autonomia

que não chegavam ao conhecimento público. Somente em alguns casos, quando se instaurava inquéritos policiais e a imprensa local passava a legar atenção ao assunto. A participação da imprensa na cobertura desses casos acabava gerando grande comoção, devido à carga de dramaticidade com que era tratado o fato. Com textos construídos a partir da idealização do amor materno, a imprensa acabava por causar a condenação prévia dessas mulheres.³⁴²

O jornal *O Apóstolo*, diferente de outros conterrâneos seus, dedicava-se apenas divulgar normas de conduta, não legando destaque a notícias, mas dedicando-se a publicação de pequenas histórias pedagógicas, centradas em diálogos entre mulheres, reafirmando conceitos como “pecado”, “punição divina”, e a “natureza” maternal da mulher.

Conta uma parteira que em sua casa entrou uma senhora: “Peço um conselho!” Reparei que ficou vermelha e embaraçada. Animei-a a falar e ela disse: “Doente não estou, mas me disseram que a senhora é muito boa... Tenho quatro filhos pequenos... o maiorzinho já me ajuda quando vou ao arroio para lavar a roupa. Todos eles pedem pão... e breve terei mais um filhinho... peço que me aconselhe... eu já não posso... não quero...”

Respondi-lhe: Isto é um crime! É um grande pecado!

“Mas eu lhe pagarei bem; aconselhe-me!”

respondi-lhe: O meu conselho é este: Indo lavar roupa com o filho maiorzinho, mate-o e enterre-o bem, lavei bem as manchas de sangue. Dizei a todos que se afogou, ninguém descobrirá...

A mulher espantada gritou: “Que conselho é esse? Eu? Matar meu filho? Que mãe seria eu?”

Acrescentei: Os homens não saberão... Só Deus o saberá...

A mulher começou a chorar. Disse-lhe: Veja, boa mãe, aquilo que a senhora queria fazer ao filho que está para nascer seria um crime muito maior. O vosso filhinho maiorzinho, morrendo, iria ao céu, pois é batizado.

Assassinado aquele que ainda não nasceu, o privareis da visão da Deus por toda

do corpo feminino. In: PEDRO, Joana. *Práticas Proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX*, 2003.

³⁴² PEDRO, Joana; SILVA, Cristiani Bereta da. Um outro olhar sobre o corpo e práticas femininas: medicalização do aborto e infanticídio na cidade de Florianópolis – 1990-1996. In: PEDRO, Joana. *Práticas Proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX*, 2003, p. 112.

a eternidade. Nem neste nem no outro mundo terá paz quem cometer tal crime. Entretanto as famílias mais numerosas são as mais queridas por Deus. São as únicas famílias que dão santos ao céu e auxiliares à Igreja para a salvação das almas. A mulher chorou de alegria por ter recebido tão bom conselho.³⁴³

É interessante ressaltar que a palavra “aborto” raramente é veiculada em *O Apóstolo*. Apenas eufemismos tomam seu lugar, como se a simples menção da palavra tivesse o poder de induzir os fiéis à prática.

Alguns textos, como de costume, eram retirados de livros publicados pela Boa Imprensa, sendo que um merece especial destaque: trata-se de *Diário de uma criança que não nasceu*, cujo autor é apresentado como M. Schwab, publicado com destaque de primeira página. Trata-se de um diário imaginário de um feto em desenvolvimento no ventre de sua mãe. Apresentada pelo próprio jornal como uma obra dramática, descreve o desenvolvimento do embrião como um ser consciente, envolto em expectativas para com sua vida após o nascimento e dotado de um amor incondicional por sua progenitora. A representação criada por esse texto induz o leitor a pensar o feto, mesmo nos primeiros instantes após a concepção, como um ser humano ciente das relações sociais que envolveriam o seu nascimento. O objetivo de igualar a prática do aborto ao assassinato se fazia mais do que presente:

15 de Outubro – Hoje teve início a minha vida. Papai e Mamãe não o sabem. Eu sou menor do que a cabeça de um alfinete, contudo sou ser independente. Todas as minhas características físicas e psíquicas estão já determinadas. Por exemplo, eu terei os olhos do papai, os cabelos castanhos, ondulados da mamãe. E isso também é certo – eu sou uma menina.
(...)
24 de dezembro – (...) Todos ficarão felizes com meu nascimento.
(...)

³⁴³ “Eu matar meu filho”. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 maio 1936, n. 142, p. 03.

28 de Dezembro – Hoje, minha mãe me assassinou !!!³⁴⁴

A maternidade recebia grande atenção e destaque nas páginas de *O Apóstolo*, vinculada constantemente a figura de Maria. A “mãe de Deus”, aquela que através de sua maternidade divina cruzou o umbral de elevação ao transcendente, servia como ideal de mulher, como a mãe dotada de um amor incondicional por sua prole.

Esta representação a-histórica de Maria acabava também descolando o sentimento de amor materno de suas modificações e de sua construção histórica.³⁴⁵

As representações de mulher católica, em *O Apóstolo*, estavam perpassadas por uma grande preocupação com os corpos femininos e por vezes, por conflitos com outros discursos que disputavam a legitimidade de dissertar sobre estes.

Durante as décadas de 1930 e 1940, os médicos passam a recomendar, para a manutenção de uma boa saúde, a prática de exercícios físicos, tanto para homens quanto para mulheres. Esta recomendação, mesmo vinda da medicina – discurso autorizado -, era visto com certa desconfiança por parte dos católicos, que apenas aceitavam o exercício físico feminino se este estivesse pautado no cultivo do “pudor”, isto é, se fosse possível manter o corpo da mulher escondido, obscuro, em silêncio, uma vez que o “pudor que encobre seus membros ou lhes cerca os lábios é a própria marca da feminilidade”.³⁴⁶

As práticas esportivas e os exercícios físicos eram vistos frequentemente acusados de propiciarem às mulheres uma “exibição nudista e despudorada” de seus corpos, mas nem por isso sua prática deveria ser repudiada pelas “boas moças católicas”, pois “A Igreja não condena, ao invés incentiva a educação física”, mas a “indecência” precisaria ser

³⁴⁴ Diário de uma criança que não nasceu. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 nov. 1958, n. 668, p. 01.

³⁴⁵ BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 6ª Ed, Rio de Janeiro: Nova Terra, 1985, passim.

³⁴⁶ PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Rachel (org). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Edunesp, 2003, p. 13.

combatida, para que se preservasse o corpo feminino, que acabava exposto “aos olhares do povo em praças públicas numa ostentação inconveniente e indigna para uma jovem cristã”,³⁴⁷ pois afirmavam, de maneira contundente, que somente o “pudor será o triunfo e a glória das famílias e da pátria”,³⁴⁸ pudor este, direcionado apenas ao corpo feminino.

Os discursos católicos não se colocavam contra a construção de corpos femininos modernos, entretanto estes deveriam seguir as orientações da religião, tornando-se “bem comportados”, dentro dos rigorosos padrões morais do catolicismo, ou seja, mulheres auto-controladas, domésticas, saudáveis, e maternais.

Estes padrões femininos almejados pelo catolicismo - que já não faziam parte do cotidiano de grande parte da população brasileira, especialmente nas classes populares -, tornavam-se cada vez mais difíceis de serem inculcados, isto devido às mudanças pelas quais a sociedade brasileira passava durante a primeira metade do século XX.

A industrialização das grandes capitais oferecia a elas oportunidades de trabalho e grupos organizados de mulheres exigiam seu direito ao voto. A participação feminina na política se acentua a partir da Constituinte de 1934, quando também o trabalho feminino passa a ser regulamentando.

Entretanto, nesse contexto aparentemente favorável à desvinculação da mulher do espaço privado, inúmeras “vozes reacionárias” surgem, “exigindo da mulher a sua volta ao lar, sua moralização dessexualizada como fator de reordenamento da família”,³⁴⁹ tendo com grande expoente dessas manifestações o clero católico. Preservar a mulher seria, sob esta ótica, preservar a família, onde:

O trabalho feminino é acusado de diminuir o apego familiar e dissolver a

³⁴⁷ BRADÃO, Ascânio. Ginástica e Pudor. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jan. 1941, n. 254, p. 02.

³⁴⁸ “O Culto do Pudor na Vida e nos Costumes”. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jul. 1940, n. 242, p. 02.

³⁴⁹ NATUZZI, José. A Mulher Cristã: A salvação da Sociedade. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 abr. 1938, n. 188, p. 01.

unidade moral da família. A ausência do lar é responsabilizada pelo abandono dos filhos e pelo seu desencaminhamento moral. O trabalho feminino aumenta a probabilidade de abortos; certas ocupações tipicamente femininas atuam como meros canais camuflados de prostituição feminina.³⁵⁰

A idéia de preservação do feminino presente nos discursos católicos acaba sendo perpassada pela questão do corpo, uma vez que “O corpo não era uma coisa neutra, situada entre a natureza e a cidade. Paulo o estabeleceu firmemente com um ‘templo do Espírito Santo’”, sendo assim, “pertencia ao Senhor”,³⁵¹ e não a mulher.

Constituía-se, então, um medo da violação deste “templo sagrado” em prol do prazer e da luxúria. Este medo refletia-se, também, nos discursos sobre a beleza feminina, que era descrita, nas páginas de *O Apóstolo*, como sinônimo de perdição, brigas e de condenação ao inferno.

Assim, “A condenação da beleza era sinônimo da ruptura com o corpo”.³⁵² Legitimava-se, deste modo, um discurso de demonização da beleza feminina.

Entretanto, este discurso de reprovação ao culto à beleza parecia caminhar na contramão das tendências do século XX. Os filmes norte-americanos encantavam as brasileiras, católicas ou não, que começam a adotar como seus referenciais representativos, modelos de beleza retratados nas salas de projeção. O corpo feminino não mais representava a condenação ou o pecado, mas o glamour do “belo sexo”.

Mesmo que a Boa Imprensa ainda descrevesse a verdadeira mulher, aquela passível de ser santificada, como aquelas que se dedicavam a “Vida Doméstica”, aquelas que zelavam pela “virtude” e pela “honradez da família”³⁵³, iniciava-se o tempos das divas e das *misses*, que já eram ensaiadas desde a década de 1920, mas que ganhavam destaque

³⁵⁰ LENHARO, 1985. P. 102.

³⁵¹ BROWN, 1990. P. 55.

³⁵² CARNEIRO, 2000. P.69.

³⁵³ NATUZZI, José. A Mulher Cristã: A salvação da Sociedade. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 abr. 1938, n. 188, p. 01.

nas décadas de 1940 e 1950.

As roupas estilo de Paris e as maquiagens *made in* Hollywood. Vestidos e *maillots* mais ousados deixavam à mostra os ombros e as coxas, a maquiagem se acentuava inspirada nas atrizes norte-americanas dos filmes mais vistos nas salas de cinema do Brasil. Era a época do pó-de-arroz, do *rouge*, e do *baton*, tudo inspirados nas divas Gloria Swanson, Greta Garbo e Joan Crawford.

Estes novos padrões de beleza serviam de norte para as críticas católicas, que em *O Apóstolo* colocam a vaidade como sendo “o pecado da mulher” a atual “tentação de Eva”,³⁵⁴ pois no lugar da “imagem divina é uma outra que surge: a imagem do pecado e do vício, uma imagem a nos afastar sempre e sempre de Deus”.³⁵⁵ A beleza, a vaidade e o demônio são colocados lado a lado nos textos da Boa Imprensa:

Salão de Modas: Sodoma e Gomorra

Grande sortimento de vestidos que dão pelos joelhos, roupas sem mangas, decotes, tintas de toda a qualidade, com pinças para as sobrancelhas e cola negra para as pestanas, aparelhos para esmerada manicura.

Como tudo isso se consegue as *toilettes* mais próprias para profanar as igrejas, comungar sacrilégios, provocar infidelidades, brigas em casa, ensinar a corrupção às crianças, e, enfim, tornar o mundo um inferno.

Todas as Senhoras, Senhoritas e meninas que honrarem esta casa comercial serão por isso mesmo consideradas como *fiéis* agentes do *demônio*.

As contas serão liquidadas na hora da morte.

O Diretor-Gerente LÚCIFER.³⁵⁶

A sociedade desta primeira metade do século passado é descrita pelos colaboradores de *O Apóstolo* como “ébria de mil prazeres” e que, deste modo, estaria

³⁵⁴ BRANDÃO, Ascânio. Modas e Vaidades. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 dez. 1939, n. 228, p. 04.

³⁵⁵ Maria Desidéria. *O Apóstolo*, Florianópolis, jul. 1930, n. 11, p. 02.

³⁵⁶ Salão de Modas: Sodoma e Gomorra. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1938, n. 184, p. 04.

lançando “no abismo da desgraça e da perdição” ³⁵⁷ seus jovens e principalmente suas mulheres, que se encontravam entregues a vaidade, distanciando-se do modelo de Maria, a perfeição feminina.

Jovens cristãs olhai o espelho de Maria Santíssima.

Deixai um pouco tanta vaidade e tantas horas perdidas diante de um espelho de aço. Olhai pela meditação, pela oração, pelo recolhimento interior e por um bom exame de consciência, olhai mais vosso modelo, pensai mais na vossa alma do que neste palmo de cara.

Vocês, meninas vaidosas e sem piedade, tão descuidadas da alma e da Salvação, vocês andam precisando muito de uma caveirinha... e precisando olhar mais o espelho verdadeiro, Nossa Senhora, espelho de todas as virtudes porque é espelho da Justiça. ³⁵⁸

Muitos eram os argumentos contra a vaidade feminina, e mesmo que essa não pudesse ser considerada uma novidade para a civilização ocidental, parecia revestida de um novo fôlego, capaz de abalar, ainda mais, a eficácia dos discursos católicos, dificultando ainda mais o diálogo com a sociedade a que eram destinados.

As críticas a esses novos padrões de beleza mostravam-se ferrenhas:

Quase não se reconhece aquela moça. Ela está escondida atrás de uma máscara colorida. Como o pedreiro que cobre os tijolos com reboque, ela reboca a cara inteira! Que pena...

Você não sabe mulher, se você não o faria? Você não sabe que essa fraqueza que se chama vaidade contém erros também. Porque o exagero é errado. O excesso não cabe em nada que é direito. E se por desventura você não tem o rosto direito, o reboque não conserta. Pelo contrário, denota a sua ansiedade de ser mais bonita, o seu desespero medíocre. E você se torna ridícula.

Eu sou homem. Não gosto de mulheres assim pintadas. Revelam inferioridade. Somos o que Deus fez. ³⁵⁹

³⁵⁷ Campanha da Modéstia. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 ago. 1947, n. 412, p. 03.

³⁵⁸ BRANDÃO, Ascânio. Espelhos. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 maio 1950, n. 478, p. 04.

³⁵⁹ Para as moças lerem: máscara colorida. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 dez. 1951, n. 516, p. 03.

Entretanto, o destaque dado à beleza feminina somente parecia crescer, mesmo diante dos esforços da Boa Imprensa. Jornais e rádios, não apenas no Brasil, mas em todo mundo passam a noticiar os concursos de beleza como Miss Brasil e Miss Universo. Mas no caso brasileiro, esses concursos ganham especial destaque após 1930, quando o Rio de Janeiro torna-se sede do Concurso Internacional de Beleza, e a brasileira, vinda dos pampas, Yolanda Pereira torna-se a grande vencedora. Com o passar dos anos o *glamour* e o destaque dado pela imprensa nacional a tais eventos apenas cresceram.

O combate aos concursos de beleza, por parte da Boa Imprensa, foi intenso. Avolumavam-se, em suas páginas, “relatos” das vidas – e mortes – de mulheres que, em algum momento haviam ganho concursos de beleza. Estas eram constantemente descritas em ambientes de desgraça, proporcionados por sua falta de pudor e modéstia, entregues a mais absoluta miséria, chegando por vezes ao suicídio. A mensagem católica era muito enfática: “Beleza sem virtude nada vale; e o título de rainha é prenúncio de desgraça!”.³⁶⁰

Nada mais insensato, nada mais injusto, nada mais nocivo do que esses concursos! Será que não tem a mulher outro predicado digno de aplaudir senão o seu belo corpo, ainda que fossem todas elas de contagiante beleza física? Onde está a sua caridade que não entra em concurso? Onde está a sua dedicação ao bem comum? Onde e quando foi premiada a mãe de dez ou quinze filhos?³⁶¹

De acordo com *O Apóstolo*, “estes concursos servem para fazer perder o pudor à mulher, expondo-a a graves perigos” e mais: “fomentam a sensualidade nos homens”³⁶² criando situações propícias ao pecado e a corrupção feminina.

Os concursos nacionais de beleza que estão prestes a encerrar-se com a escolha da miss universo, mostraram, coerentemente, a marca da nossa civilização.

³⁶⁰ Beleza sem virtude. *O Apóstolo*, Florianópolis, 24 jul. 1932, n. 48, p. 02.

³⁶¹ A mulher humilhada. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1955, n. 607, p. 01.

³⁶² O Perigo dos Concursos de Beleza. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 nov. 1954, n. 582, p. 01.

Antigamente, no esplendor do paganismo, não havia esse refinamento disfarçante. As coisas eram mais cruas, mais sinceras, porém, não mais pagãs...

Salomé, quando dançou mais ou menos desnudada, diante do rei Herodes, fê-lo sensualmente em consciência. Tinha em mente uma finalidade horrorosa, e não se pejou de açular publicamente o decrépito monarca, a fim de amolecer-lhe a vontade.

Para o paganismo isso foi um ato comum, costumeiro, de acordo com os cânones daquele mundo carnal.

Hoje, em plena civilização cristã, não costumamos fazer bem assim, não personalizamos tão publicamente as coisas. Procura-se fazer uma excitação coletiva, sem endereço particular, espécie de posta-restante sensorial, onde cada Herodes possa colher a notícia carnal que lhe convier. E, então, cada um se paganiza ou não, conforme o seu índice privado de retorno histórico, isto é, de acordo à sintonia que mantenha com o chamado mundo pagão defunto há dezenas de séculos.³⁶³

Na década de 1950 as *misses* tornavam-se celebridades, como foi o caso de Marta Rocha, a Miss Brasil, que mesmo perdendo título de Miss Universo, tornou-se representante de uma época em que este concurso revestia-se de significados para a sociedade que se modernizava.

Acompanhando estas modificações, também a moda tornava-se mais dinâmica. Desde os anos 30, os modelos são substituídos como em um passe de mágica e as cores das confecções variam a cada estação. O tradicional vestuário com as cores preta e branca – casaco branco, vestido preto ou luvas e chapéus pretos com vestidos brancos – logo se tornariam *démodé*. Mudam-se também os tecidos, e as roupas trazem enfeites de renda, faixas de cetim e golas *jabot* com laços de crepe *georgette*. A moda muda, buscando atender à necessidade de exibir as formas femininas. Os trajes noturnos desnudam as costas femininas. E nos bailes os decotes aumentam. Os cabelos curtos inspirados na participação da mulher européia na I Guerra atravessaram os anos 20 e chegaram aos anos 1930 e 1940.

Mas esta ousadia legada à moda não agradaria o clero católico. E mesmo que o

³⁶³ Palavras à Miss Brasil. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jun. 1957, n. 646, p. 02.

próprio Sumo Pontífice tenha afirmado que “A moda em si não é má”,³⁶⁴ esta é chamada de a “pior das ditaduras”, uma senhora que “tiraniza as multidões”, pois lhe bastaria “um aceno, uma ordem para que dobrem-se milhões de criaturas com uma subserviência espantosa”.³⁶⁵ A moda, esta filha tirana da modernidade, deveria ser combatida pelo catolicismo, pois, segundo seus discursos, cabia à Igreja Católica o papel de ordenar sociedade, velando pela “moralidade pública como nenhuma instituição humana, porque tem ela um ideal de santidade e pureza”,³⁶⁶ especialmente no que se referia a mulher:

O respeito à dignidade da mulher cristã é seriamente ameaçada. É o ideal da santidade de que se deve revestir *o corpo – Templo do Espírito Santo* e que há de ressuscitar no Juízo Final.
Respeito ao corpo!³⁶⁷

A ousadia da moda mobilizava *O Apóstolo*, a ponto de noticiarem, em 1935, que a “Liga da Decência”, formada por distintas senhoras de Chicago, nos EUA, havia adotado regras para um “modesto” e cristão vestir da mulher católica, numa sutil sugestão às católicas brasileiras:

As regras são quatro:

1. O decote, tanto de frente como de traz, não deve descer mais de três até seis centímetros abaixo da cova do pescoço;
2. As mangas devem, ao menos, cobrir cotovelos, e o vestido cair ainda abaixo dos joelhos;
3. As meias devem ser compridas e nem ser de cor de carne nem transparentes;
4. O vestir em geral deve ser tal, em quantidade e qualidade, que antes esconda do que ponha à mostra as formas e as linhas da pessoa.³⁶⁸

³⁶⁴ O Papa e as Modas. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jan. 1954, n. 564, p. 01.

³⁶⁵ Modas e Modos – A Ditadora. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jul. 1949, n. 457, p. 04.

³⁶⁶ Idem.

³⁶⁷ Ibidem.

³⁶⁸ Senhoras e Senhoritas lá e cá? *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1935, n. 130, p. 01.

Tal publicação destas atitudes vindas do exterior pareceram reberberar entre as católicas brasileiras, pelo menos é o que nos leva a crer outra publicação de *O Apóstolo*, de 1936, onde se relatava, que ao final de um retiro promovido pelas Filhas de Maria³⁶⁹ da cidade de Monhangaba, em São Paulo, 216 moças teriam assinado o seguinte documento:

1º Nunca me vestirei sem decência, ou seja, sem mangas, decotadas, como saias curtas, sem meias, de vestidos transparentes.

2º Jamais quereirei ter o atrevimento de corrigir em mim a obra Divina.

Neste sentido, não usarei pintura a face e unhas, não tocarei em sobancelhas, etc.

3º Nunca lerei romances, jornais ou revistas contrárias à moral ou decência.

4º Jamais assistirei a cinemas ou teatros impuros.

5º Fugirei aos bailes de toda espécie; o demônio preside todos eles.³⁷⁰

Na citação acima é possível perceber a atenção especial dada às moças solteiras, compreendidas como mais susceptíveis a cederem as tentações do mundo moderno e de afastarem-se dos preceitos cristãos – colocando em risco a futura formação de famílias cristãs –, os conselhos morais para estas jovens eram publicados em grande quantidade em *O Apóstolo*. Os temas não variavam muito, estando em sua maioria preocupados com a castidade pré-nupcial e com a exposição feminina ao espaço público.

Neste sentido, as moças solteiras eram constantemente desencorajadas a freqüentarem bailes. Esta é uma temática interessante, pois durante todos os trinta anos de publicações analisadas para a construção deste trabalho de análise, este tema sempre esteve presente.

Assim, os bailes são descritos como espaços “perigosos” para a virtude feminina,

³⁶⁹ A Pia União das Filhas de Maria tratava-se de uma Associação de mulheres promovida pela Igreja Católica, ligada ao culto mariano. Ver: PERROT, Michelle. Drama e conflitos familiares. *História da vida privada*.

³⁷⁰ 216 moças assinaram... *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 abr. 1936, n. 140, p. 02.

e as salas de baile, apresentadas como uma ameaça à reputação do “belo sexo”. Na verdade os bailes configuravam-se em “ocasiões oportunas de demonstração de poder e prestígio” que reservavam “às mulheres um lugar de destaque”³⁷¹ e que acabavam se configurando em um espaço de sedução. Por essa exposição ao espaço público e por esse ambiente sedutor, é que os bailes são combatidos pela Boa Imprensa:

Os vestidos, usados à noite, geralmente de fazendas leves, aumenta o perigo, quando se atenta na licenciosidade dos decotes. A forma como se dança, diminui a tal ponto a distância entre o cavalheiro e a dama, a dar a impressão de não ser possível de estarem mais unidos. [grifo meu]³⁷²

Os bailes promoviam uma maior intimidade entre moças e rapazes, homens e mulheres, propagando a sedução e a sensualidade. Havia poucas possibilidades argumentativas para, dentro do âmbito do discurso, buscar coibir tamanha proximidade, a não ser a ameaça do pecado e de sua punição, que viria, mesmo que não nesta vida:

A dança inter-sexual é a maior ruína da moralidade. É uma das favoritas do demônio; sim, ele sabe apresentá-lo ao homem como um bem, como uma felicidade, e o engana e o cega, e o seduz, e o arroja vencido no laço terrível e traiçoeiro. É um dos caminhos mais curtos para ir as profundezas do inferno, no trono de Lúcifer, onde há choros e ranger de dentes.³⁷³

Mas além das ameaças de punições provenientes do plano transcendente, havia as reiteraões de sansões sociais, as quais a mulher católica estaria sujeita ao freqüentar os salões de bailes, pois as “graves tentações de um salão de baile” acabariam afastando-a dos valores cristãos,³⁷⁴ assim como, de um futuro feliz com um bom casamento.

³⁷¹ ASSIS, Nancy Rita Sento Sé. Amor de Baile: ensaio sobre o lugar da virtude no processo de civilização dos costumes. In: *Revista Ártemis*, vol. 7, dez. 2007, p. 37.

³⁷² Deve a Filha de Maria freqüentar bailes?. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jan. 1938, n. 182, p. 03-04.

³⁷³ Os bailes e a moralidade. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jan. 1937, n. 157, p. 04.

³⁷⁴ Antes do Baile. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 fev. 1945, n. 351, p. 02.

Aqui vai uma história autêntica, e não inventada.

Há pouco, encontrando-me com um grupo de rapazes alegres, meus amigos, perguntei-lhes:

- Onde vêm vocês?
- Do baile.
- Do Baile? E porque foram dançar?
- Ora essa! Para conhecermos as raparigas com quem não devemos casar!³⁷⁵

Nestes discursos católicos, a moral feminina e masculina acabam remetendo impreterivelmente ao espaço privado e ao público como sendo este último descrito como exclusivamente masculino, e o espaço privado, como sendo o único espaço onde a dignidade feminina pode ser preservada. Assim, utilizando-me das próprias palavras de *O Apóstolo*: “Norma Geral: Dado o estado da sociedade, os bailes em geral são desaconselhados para as moças cristãs”³⁷⁶, assim como qualquer atitude em que a mulher pudesse conferir algum tipo de autonomia sobre seu próprio corpo estava totalmente desaconselhado.

³⁷⁵ Para que saibam. *O Apóstolo*, Florianópolis, jun. 1930, n. 10, p. 04.

³⁷⁶ Deve a Filha de Maria freqüenta bailes?. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jan. 1938, n. 182, p. 04.

CAPÍTULO III

**NO SILÊNCIO DOS PENSAMENTOS: ENTRE AS REPRESENTAÇÕES E A
MODERNIDADE.**

3.0 Representações conflitantes.

*“Todo evento histórico é cultural e simbólico e precisa de alguma forma de linguagem ou de simbologia para acontecer, para estabelecer os laços de comunicação entre os homens, sem os quais não haveria economia, política ou sociedade, nem mesmo objeto ou sujeito”.*³⁷⁷

Para o mundo ocidental, a modernidade trouxe consigo a invenção de sentimentos³⁷⁸, de novas relações que se tornavam cada vez mais fluídas, mas não menos complexas.³⁷⁹ Envoltas em uma frenética dinâmica social, em seus mais variados espaços, despontavam mudanças de perspectivas, encantos e desencantos com o mundo, num intenso fluxo de lutas e de interesses, de embates, de avanços e resistências.

Todas estas mudanças e conflitos que se configuravam na primeira metade do século XX no Brasil acabaram produzindo uma nova gama de representações e de ideais. Homens e mulheres não eram mais os mesmos e seus desejos e sonhos mudavam com a mesma rapidez com que as cenas projetadas nas telas do cinema se sucediam, deixando perceptível, ao observador, o movimento.

Entre 1929 e 1959 o jornal *O Apóstolo*, como porta-voz da oficialidade católica

³⁷⁷ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: 2007, p.27.

³⁷⁸ Como exemplo temos a noção de infância e de vida familiar privada, que dialogam diretamente com os relacionamentos familiares. In: SEGALIN, Martine. *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar, 1996.

³⁷⁹ GIDDENS, Antony. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, passim.

em Santa Catarina, dedicou-se a combater todas as representações que não se encaixavam aos seus preceitos morais. Não foi um empreendimento fácil na década de 1930 e tornou-se ainda mais difícil com o passar dos anos.

A intensa batalha discursiva empreendida pela Boa Imprensa no sentido de reforçar a eficácia de seus modelos representativos, tinham um foco principal: as mulheres.

Nesse sentido, a leitura, como prática íntima e silenciosa apresentava-se como uma ameaça aos empreendimentos católicos. Os romances, seus heróis e heroínas, as histórias sedutoras e sensuais, nas mãos das jovens ou de senhoras católicas, acabaram inspirando muitos textos nas páginas de *O Apóstolo*.

Mas não apenas a leitura tirava o sono daqueles que se dedicavam ao ofício de lutar para inculcar a moral católica na sociedade brasileira. As salas escuras dos cinemas, os enredos fantásticos de suas películas, seus galãs perfeitos e suas divas maravilhosas, também ameaçavam as representações católicas, que não haviam sofrido significativas alterações durante os longos anos da sua circulação do jornal *O Apóstolo*.

A paixão e a sensualidade, presentes na literatura e no cinema, eram acusadas pelos católicos, de inspirarem o pecado, a infidelidade e a traição, fornecendo referenciais de conduta que não correspondiam à moral católica, além de, segundo sua ótica, instigarem a anomia social.

Fazia-se necessário reforçar modelos de santidade, numa tentativa de contrapor-se a este caos relacional iminente, que segundo a Boa Imprensa, tomava conta do mundo e ameaçava a ordem cristã. O próprio Vaticano trabalhava no sentido de promover representações mais eficazes, com poder simbólico de se contraporem aos valores da sociedade que se modernizava.

Mas se fazia necessário divulgá-las: eis a missão da Boa Imprensa, que não deixou nada a desejar, não apenas divulgando representações católicas, mas auxiliando na

criação de novas, como foi o caso de Albertina Berkenbrock, o modelo da virtude feminina de *O Apóstolo* na década de 1950.

Sobre este emaranhado de representações masculinas e principalmente femininas, entre referências modernas e os discursos da Boa Imprensa catarinense que nos deteremos agora.

3.1 A pedagogia da punição em O Apóstolo.

*“É que Deus dos outros tempos ainda existe e ainda é capaz de desferir golpes fulminantes nas cabeças duras dos que querem teimar por má fé e má vontade”.*³⁸⁰

Na obra *Hóspede da Utopia*, Fernando Gabeira escreve, logo em suas primeiras páginas: “Ninguém acredita, mas acontecem cem histórias enquanto o narrador tenta contar uma”.³⁸¹ Ao se decidir por realizar uma análise, o pesquisador acaba por encontrar situação semelhante: é preciso então escolher por qual das perspectivas possíveis - e que são muitas -, deseja realizar sua pesquisa, desprezando as demais, não por serem melhores ou piores, mas pela simples necessidade de tomar e seguir um determinado caminho que o guie a conclusão de seus objetivos.

Este trabalho dedica-se a realizar uma análise do conteúdo dos discursos do periódico *O Apóstolo*. Entretanto, neste momento gostaria de fazer uma digressão, buscando elencar algumas características da composição deste discurso, para destacar o modo como seu conteúdo normatizante construía-se e articulava-se dentro dos padrões requisitados pela Boa Imprensa.

Dispensar atenção ao discurso e seu funcionamento significa dizer que este não se

³⁸⁰ Castigo Terrível. In: *O Apóstolo*, 1º de abril de 1936, n. 139, p. 04.

³⁸¹ GABEIRA, Fernando. *Hóspede da Utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 24.

dá despropositadamente, uma vez que “não se fala somente por falar, mas porque há uma utilidade em fazê-lo. Em virtude dessa concepção utilitarista da linguagem considera-se razoável indagar, para cada ato de fala, os motivos que poderiam tê-lo suscitado”.³⁸²

Em *O Apóstolo*, havia o objetivo de produzir influências sobre o comportamento de seus fiéis, sobre sua conduta e seus valores morais. Na busca por galgar tais objetivos, a Boa Imprensa utilizou-se de dois estilos discursivos muito similares e complementares entre si: o discurso pedagógico e o discurso religioso.³⁸³ Estes se articulavam na produção de representações normatizantes consonantes com os ditames provenientes não apenas do Vaticano, mas também de acordo com os interesses do clero brasileiro e seus diálogos com a sociedade, variando conforme os momentos históricos.

Os discursos pedagógicos e os discursos religiosos, que compunham *O Apóstolo*, encontram-se tão mesclados um ao outro, numa alquimia tão objetiva, que por vezes torna-se impossível separá-los com exatidão.

Isto não significa afirmar que havia uma grande densidade nos discursos veiculados por este periódico católico, muito pelo contrário, tratavam-se de discursos rasos, que encontravam sua força legitimada pelo fato de proclamarem-se vinculados ao transcendente - por serem discursos religiosos constituídos a partir do catolicismo.

A falta de densidade desses textos da Boa Imprensa pode ser evidenciada ao pensá-los como discursos pedagógicos, uma vez que estes por si mesmos são incapazes de garantir sua eficácia, necessitando de uma vinculação com o discurso religioso, para que sua legitimidade e seu valor simbólico possam estar garantidos.

³⁸² ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento*: as formas do discurso. 2ª ed., Campinas, São Paulo: Pontes, 1987, p. 18.

³⁸³ Classificação baseada no trabalho realizado por Eni P. Orlandi (op. cit). Neste, a estudiosa compreende discurso pedagógico como aquele onde o locutor tem por objetivo ensinar (influenciar) algo ao ouvinte, mas sem a intenção de promover debate. O discurso religioso é compreendido como aquele em que o locutor cria a ilusão, não de estar falando em nome do transcendente, mas de que através dele o próprio transcendente se comunica. ORLANDI, 1987. P. 23.

Mas, para a análise aqui proposta, outra característica dos discursos veiculados por *O Apóstolo* merecem um maior destaque. Apesar de ter seus textos embasados em uma perspectiva normativa pautada em discursos pedagógicos e religiosos, este representante da Boa Imprensa lançava mão, constantemente, de discursos que davam ênfase a punição aos fiéis que destoassem das normas apresentadas.

O pecado e a punição inevitável estavam presentes na maioria dos textos em *O Apóstolo*, compondo o empreendimento pedagógico desse jornal, onde todos os que ousassem desafiar os preceitos religiosos do catolicismo através da descrença, do desrespeito ou da blasfêmia acabariam sofrendo com a ira divina, às vezes antes do que o esperado, pois, como muitos textos a Boa Imprensa traziam, “Deus nem sempre espera a outra vida para castigar”.³⁸⁴

A representação de um Deus vingativo que não toleraria o desrespeito e que não viria a perdoar as falhas de conduta moral - especialmente aquelas cometidas por mulheres - aparece repetidamente nas páginas da Boa Imprensa catarinense.

A blasfêmia, condenada desde o Concílio de Trento³⁸⁵, estava entre os temas mais explorados dentro desta pedagogia da punição veiculada nas páginas de *O Apóstolo*, como se pode perceber nesse texto a seguir:

Um lavrador de temperamento impaciente, cujo nome pudemos conhecer, revolveia com o arado uma faixa de terra. (...) “Nem Jesus Cristo colocado neste arado seria capaz de amolecer a terra”!

Mal acabava de proferir a blasfêmia, o infeliz sentiu-se preso ao instrumento, imobilizado como uma estátua, permanecendo nesse estado por várias horas. Baldados estavam os esforços de parentes e vizinhos para desprendê-los do arado que foi tomado de uma cor diferente, enquanto uma estranha fumaça partia de suas peças.

Separado, enfim do arado, foi ele acometido de terríveis convulsões; ninguém podia aproximar-se fora uma garotinha, sua parenta, que conseguia acalmá-lo

³⁸⁴ Castigo da Blasfêmia. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 set. 1957, n. 651, p. 04.

³⁸⁵ Blasfêmia é Pecado. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 dez. 1957, n. 658, p. 04.

com sua presença e suas preces. O fato despertou viva emoção nos moradores da Vila Ródia e vizinhança e atraiu grande número de curiosos para ver de perto o blasfemo de Ródia...³⁸⁶

Apesar da mensagem expressa com um direcionamento muito preciso, descrevendo a blasfêmia como um grave pecado passível de atrair a mais terrível ira divina, este é um texto que acaba por despertar, em um leitor atento, mais dúvidas que certezas.

Logo em seu início, o texto fala de um homem “cujo nome pudemos conhecer” e que seu ato de blasfemar havia despertado a punição divina. No entanto o nome desse homem não é divulgado, assim como não são divulgados outros detalhes dessa suposta intervenção divina, como, por exemplo, quando teria ocorrido tal fato ou o lugar onde haveria se dado. Aparece apenas o nome de uma suposta vila – Vila Ródia -, sem quaisquer outras referências geográficas que possibilitassem aos leitores a confirmação da veracidade de tal história. Tal informação parece ser desnecessária, uma vez que este relato é ainda descrito como sendo de conhecimento público, pois “grande número de curiosos” havia sido atraídos para “ver o blasfemo”. A falta de conclusão, quando não se explica qual teria sido o destino do “lavrador impaciente”, induz o leitor a uma sensação de proximidade temporal com o acontecimento relatado, como se este pudesse estar ocorrendo ao mesmo tempo em que este tornava conhecido pelas páginas de *O Apóstolo*.

Mas do que informar, o objetivo deste representante da Boa Imprensa estava centrado em inculcar representações e referenciais simbólicos, guiando o leitor a conclusões dirigidas, sem espaços para questionamentos ou reflexões mais críticas.

As conclusões finitas em si mesmo, presentes nos textos de *O Apóstolo*, refletem aquilo que se desejava ensinar (inculcar) ao leitor e que se construía a partir da ideologia da própria Igreja Católica: a normatização das condutas, ou seja, o que os católicos tratavam

³⁸⁶ Mais um Blasfemo castigado... *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 fev. 1949, n. 447, p. 04.

como “moral”.

Definida pelos próprios intelectuais católicos, a moral seria “um sistema de normas que torna possível a organização social, permitindo estabelecer um acordo entre interesses individuais, de grupos e de instituições e classes sociais, que formam as sociedades humanas”,³⁸⁷ o que em suma, compreendia um conjunto de normas.

O termo “moral” é recorrente na composição de inúmeros discursos veiculados em *O Apóstolo*.

No que referia à conduta moral feminina, estes textos ganhavam uma frequência e uma eloquência ainda mais apurada.

A Dança é a ruína...

Quem o disse? Um Padre? Uma freira? Disse-o Max Linder, bravo artista cinematográfico, mas nada modelo quanto a moral, pois acabou por matar sua própria esposa e a si mesmo. Durante o processo no tribunal civil de Paris, sobre a tutela contestada da filha de Max Linder, Lydia, foi apresentada uma carta deste exmo uxoricida e suicida ao irmão, na qual lhe recomendava “que não fizesse de sua Lydia uma *habituée* das salas de dança” porque (são palavras precisas deles) “A DANÇA É A RUÍNA DAS MOCAS”.³⁸⁸

A preocupação e a reiteração do espaço privado como sendo o único espaço onde a dignidade feminina poderia ser preservada é constante em todas as edições de *O Apóstolo*. Festa, bailes e exposições ao mundo público – mundo compreendido como exclusivamente masculino – eram descritas como passíveis de punição divina, e mesmo que essa punição não fosse imediata, é apresentada como infalível.

No texto *A dança é a ruína*, encontra-se o relato de uma tragédia familiar protagonizada por um famoso “artista cinematográfico”. Convém ressaltar que já havia uma

³⁸⁷ KRÜGRER, Helmuth. Estrutura Psicológica do Ato Moral. In: *Revista da Universidade Católica de Petrópolis*, Petrópolis, v. 4, n. 13, maio-agosto, 1996, p. 13-25.

³⁸⁸ A dança é a ruína... *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 set. 1937, n. 173, p. 04.

pesada crítica por parte do clero e de católicos mais atuantes ao cinema e aos novos modelos e modos de conduta que eram divulgados através de suas películas. Assim, mesmo não sendo um “modelo quanto à moral”, o artista havia legado ao mundo, mesmo após sua morte, a confirmação do espaço privado como único lugar para a constituição de uma mulher respeitável. Era a confirmação dos discursos católicos.

Muitos dos textos dirigidos à conduta feminina não estavam restritos apenas às meninas e sua formação, mas também às senhoras casadas. Um bom exemplo, presente em *O Apostolo*, é a coluna *Palestras Familiares*, assinado por um colaborador que adotava o pseudônimo de Tapajós Mirim, e que durante as décadas de 1930 e 1940 encontrava-se na maioria das publicações quinzenais deste periódico.

A fórmula dessa coluna era simples: uma pequena história descrevendo fatos cotidianos, de onde surgiam discussões sobre questões morais, salientando os preceitos ditados pela Igreja, que enfim, acabava por ensinar uma “lição moral” ao leitor.

Em uma das publicações desenrolava-se uma história sobre o desleixo de uma “comadre” em relação às datas e festas religiosas. Desleixo esse que se refletia nos filhos, uma vez que não eram ensinados a respeitá-las, ou seja, que eram educados, segundo o texto, de maneira errônea.³⁸⁹ Desta maneira, assinalava, de forma didática e direta, qual seria a forma correta para agir diante da educação religiosa dos filhos pela mãe.

Este discurso baseado na moral e proferido na forma de pequenos “contos” com finais instrutivos, apesar de simples e de caráter pedagógico, traziam consigo um objetivo maior, instituído dentro de um contexto de luta contra um sentimento de anomia, salientando o papel da Igreja como única capaz de impedi-la.

Essa sensação de caos iminente fundamenta-se na incapacidade de interpretação do momento histórico que a Igreja vivia, onde o tumulto de acontecimentos modernos

³⁸⁹ Tapajós Mirim. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jun. 1933, n. 71, p.03.

acabava por gerar uma ameaça aos limites de sua capacidade analítica, assim como de sua introspecção moral.³⁹⁰

Sobre a moral é valido ressaltar:

Todas as formas de moralidade são regimes de regras. Regras sociais são critérios que regulamentam e institucionalizam de forma explícita ou implícita, escrita ou consuetudinária, os costumes, ou seja, os comportamentos sociais. Tudo que as regras têm a dizer aos comportamentos pode reduzir-se ao que é proibido e ao que é obrigatório, o que deve ser feito, com infinitos matizes. É, portanto, no terreno do proscritivo e do prescritivo que se ordenam os sistemas morais.

A moral surge quando se supõe uma regra superior ao mero interesse pessoal.³⁹¹

Muito do discurso pedagógico vinculado à moralidade católica sinalizava para a busca daquilo que chamavam de bem maior, superando o individualismo pregado pela modernidade, e seguindo as orientações papais. Dentro desta perspectiva, também a felicidade e a satisfação pessoal eram representadas, dentro dos discursos de *O Apóstolo*, como a extensão da realização familiar, de onde fluíam todas as esperanças discursivas para a efetivação de uma sociedade perfeita, harmoniosa e baseada nos preceitos do cristianismo católico.³⁹²

A família torna-se um ponto muito importante neste processo de moralizar a sociedade, uma vez que é descrita como uma instituição que vive uma situação de risco, representada como em profunda crise e como vítima de deturpações. Conseqüências de

³⁹⁰ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989, p.73.

³⁹¹ CARNEIRO, Henrique S. *A Igreja, a Medicina e o Amor: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2000, p. 110-111.

³⁹² A Igreja Católica buscava reiterar sua representação de família não sem motivos, uma vez que as mudanças empreendidas pela modernidade tiveram seus reflexos diretamente nesta. A pesquisadora Cynthia A. Sarti afirma que “o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos a partir de papéis preestabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social”. SARTI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria Do Carmo Brant de. *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002, p. 43.

uma sociedade desordenada pela modernidade, pelos valores não-cristãos e pelo afastamento dos padrões morais tradicionais do cristianismo católico, segundo a Boa Imprensa.

O discurso religioso baseia-se na reversibilidade discursiva, ou seja, se efetiva uma troca de papéis, não como locutor e receptor da mensagem, mas como sensação experimentada pela mensagem. “Visto nesta perspectiva, o milagre é a confirmação da ilusão da reversibilidade, da passagem de um plano a outro: nele se juntam a interferência divina e a inexplicabilidade da ciência dos homens.”³⁹³ Do mesmo modo, a punição divina também surge como uma forma de reversibilidade de papéis no discurso de *O Apóstolo*.

Através dessa fórmula, o discurso acaba por ganhar legitimidade, tornando-se uma visão de mundo,³⁹⁴ uma vez que os textos de *O Apóstolo* são apresentados como reverberações da voz do Papa - graças aos processos empreendidos pela romanização da Igreja Católica brasileira -, que por sua vez é tido como o representante de Deus na terra. Deste modo, que mesmo sendo um “faz-de-conta” que se constitui em relação com o imaginário, a “própria” voz de Deus acaba sendo a voz do papa, que falaria e seria ouvido como “se fosse” a voz de Deus. E “essa é a forma da representação, ou seja, da relação simbólica” que se estabelece para legitimar tal discurso religioso.³⁹⁵

Em outras palavras, pode-ser perguntar o que realmente significa a crença num contexto religioso e qual o papel do locutor, da autoridade religiosa, neste contexto. Para justificar-se uma crença se faz necessário uma referência a uma autoridade religiosa, pois ela é o referencial terreno do transcendente para o fiel. A aceitação da autoridade papal dentro do discurso religioso, por exemplo, não implica em afirmar que se cultua a figura do papa, mas que se aceita que essa autoridade defina o culto. Desta maneira se constrói a

³⁹³ ORLANDI, 1978. P. 251.

³⁹⁴ GEERTZ, 1989, passim.

³⁹⁵ ORLANDI, 1987. P. 244.

visão de mundo, um referencial que guia o fiel, e lhe possibilita compreender o que o cerca.³⁹⁶

A partir dessa relação simbólica se forma a mistificação: “em termo de discurso, é subsunção de uma voz pela outra (estar no lugar de), sem que se mostre o mecanismo pelo qual essa voz se representa na outra. O apagamento da forma pela qual o representante se apropria da voz é que caracteriza a mistificação”.³⁹⁷

Esta mistificação era muito presente nos discursos de *O Apóstolo*. Criava-se uma aura simbólica de verdade, de uma presença divina nos textos veiculados pela Boa Imprensa, que seria a própria voz e ordem divina. Deste modo, a crítica ou a transgressão das normas proferidas e reafirmadas pela Igreja e reproduzidas nas páginas de *O Apóstolo* seriam transgressões gravíssimas, uma afronta ao próprio divino e passíveis de punições severas.

Vejamos o caso da blasfêmia, por exemplo (...), a blasfêmia tornou-se preocupação obsessiva para o cristianismo.(...) sendo a blasfêmia a apropriação do inapropriável, um seu traço fundamental é a gratuidade: não muda nada, não traz nada, não prejudica nenhum ser humano. Essa gratuidade reside no exercício de uma liberdade e por isso é um pecado atroz: o blasfemo ultraja Deus gratuitamente, por pura malícia.(...) ‘Essa gratuidade reside no exercício de uma liberdade que se quer *sem limites*’ ”.³⁹⁸

A representação do castigo baseia-se na crença de que este seria eminente e impreterível, o que tornava comum nesses discursos normativos, que depois de muitas orientações, o encerramento contivesse a ameaça da punição severa. Independentemente da temática, seja na educação dos filhos, na preservação de seus corpos, na organização familiar, ou em atitudes cotidianas como leituras e cinema, o castigo é presença constante

³⁹⁶ GEERTZ, 1989. P. 125-126.

³⁹⁷ ORLANDI, op. cit. P. 244.

³⁹⁸ ORLANDI, 1987. P. 254.

nos textos de *O Apóstolo*.

Meditação brevíssima (Para todos os dias)

O passado já foi; o futuro não é meu; só o momento presente tenho eu na mão para servir a Deus e salvar a Eternidade... – *Pondera bem: um Deus – um momento – uma eternidade!*

Um Deus que te olha, - um momento a fugir-te – uma eternidade à tua espera.

Um Deus que é tudo, um momento que é nada, uma eternidade que tudo tira ou tudo dá... para sempre...

Ó Deus! Ó Momento! Ó Eternidade!

A vida é curta, o Céu é belo, o inferno é horroroso...³⁹⁹

O “Deus onisciente” vigia, e a eternidade depende da aceitação das normas e do regramento da vida baseada nelas, uma vez que estas são proferidas pela Igreja, através da Boa Imprensa, ou seja, de acordo com os desígnios do *próprio* Deus.

Estas meninas sensitivas e mimosas, devotazinhas “chics” de missa “chic” de domingo, elas, coitadinhas não suportam a idéia do **Inferno!**... Só admitem o Céu, e todos os mandamentos e leis de Deus e da igreja que não incomodam...

Isto de **penitência, austeridade de vida cristã**, ai! Não... isto não aceitam, não toleram... Querem ser devotas, piedosas, mas que nada as aborreça...

Pensam em chegar ao Céu um dia confortavelmente de... avião...

(...)

Senhoritas, madames, senhores católicos de flor de laranjeira, Deus é bom, sim infinitamente bom, Ele não vos condenará, vocês se condenarão principalmente por não acreditarem no inferno e viver no pecado!...

Cuidado!⁴⁰⁰ [grifo meu]

A existência de um inferno é por várias vezes ressaltada, assim como a existência do próprio Diabo, pois estes garantiam a certeza de uma punição, mesmo aos “católicos flor de laranjeira”.⁴⁰¹ E se este mau viver - mesmo que composto por uma seqüência de

³⁹⁹ Meditação Brevíssima. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1939, n. 226, p. 02.

⁴⁰⁰ Não acredita no Inferno? *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1941, n. 274, p. 02.

⁴⁰¹ A flor de laranjeira, dentro do universo simbólico do catolicismo, representa pureza.

pequenas transgressões como a vaidade e a frivolidade, a descrença no pecado ou na existência de um inferno - persistisse, acabaria por legar-lhes uma eternidade de punição.

O castigo possuía espaço garantido como principal artifício de convencimento nestes discursos normatizantes publicados em *O Apóstolo*, assim como na disputa por fiéis dentro do mercado religioso florianopolitano, que possuía várias outras Igrejas protestantes, assim como maçons e espíritas.⁴⁰²

Em um desses textos intitulado *Castigo de Deus*, encontra-se a história de uma senhora chamada de D. Maria Isabel da Silva, que de católica é convertida ao protestantismo, em certa feita se põe a blasfemar contra um crucifixo. Tal afronta ao símbolo cristão católico não teria ficado impune: “A mulher apóstata, fulminada no momento em que acabava de insultar o crucifixo: Trágica coincidência ou castigo de Deus?”.⁴⁰³

Os textos produzidos dentro dessa temática de punição imediata são comuns e não demonstram grandes variações quanto a sua estruturação. Seguem dois exemplos:

No carnaval de 1863 um grupo de inimigos da Religião organizou em Perugia, na Praça, uma farsa blasfema escarnecendo do Papa. Ao chegar em casa aquele que representava o Papa, caiu na soleira com uma congestão ao grito: “chame um padre!”

Mas quando o padre chegou, o homem já era cadáver.

Prova a história de todos os tempos que os que desprezam, os ministros de Deus, morrem sem a assistência do sacerdote.⁴⁰⁴

E também o seguinte:

⁴⁰² SILVA, Márcio Cláudio Cardoso da. *Um olhar sobre os protestantes no espaço social de Florianópolis – Representações no jornal O Apóstolo (1929-1933)*. UDESC, Florianópolis: 2001 (Trabalho de Término de Curso).

⁴⁰³ Castigo de Deus. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 abr. 1935, n. 116, p. 02.

⁴⁰⁴ No Carnaval de 1863. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 abr. 1936, n. 140, p. 03.

Refere o último número da “Voz de Fátima” que há pouco morreu em Lisboa um homem daqueles muito ricos. O tal *cavalheiro* há um ano, passando diante dum cruzeiro, encostou-se à cruz, de braços abertos, a imitar Nosso Senhor e em seguida voltando-se para a cruz fez uma careta, pondo a língua para fora.

Certinho um ano depois o *herói* morria entre sofrimentos horrendos, causados por um cancro na boca. A língua aos pedaços apodrecia... Há na verdade casos que não parecem *acazos*. Lembremo-nos sempre do que diz o Apóstolo: Com Deus não se brinca.

*Deus non irridetur.*⁴⁰⁵

Nestes dois exemplos, pode-se perceber algumas características comuns: em nenhum deles se torna possível a averiguação da veracidade dos fatos relatados, que aconteceram em um lugar distante ou não nominado, contendo personagens sem nome, ou com nomes comuns - como no caso de D. Maria Isabel da Silva, onde temos um nome comum e um sobrenome ainda mais fácil de se encontrar em terras brasileiras. O desfecho utilizado nestes textos parece ignorar as possíveis desconfianças de seus leitores para com as informações fornecidas, lançando uma indagação desafiadora aos mais céticos: mesmo que pareça uma acaso, não seria acaso em demasia?

Outra característica dos discursos veiculados em *O Apóstolo* é a constante reafirmação da antítese do pecado: a obediência. Esta obediência deveria existir em todas as suas instâncias, seja entre pais e filhos, entre patrão e empregado, entre o cidadão e o Estado, entre o fiel e a Igreja, mulher e marido, sempre reiterada como princípio do conjunto normatizador desse jornal, pois sem a obediência, nenhuma dos demais preceitos poderia surtir efeito. Tratava-se do princípio hierárquico adotado pela própria Igreja Católica e transferido para as relações sociais.

Surgindo ao lado do castigo, a obediência é representada, nas páginas de *O Apóstolo*, como o mais sublime “valor cristão”, estabelecendo um vínculo de dependência entre o fiel e a Igreja.

⁴⁰⁵ Uma acaso? *O Apóstolo*. 15 de abril de 1936, n. 140, p. 02.

A relação cristã de obediência desenvolve-se dentro do que Foucault chamou de “instância de obediência pura”,⁴⁰⁶ “a título de uma anulação da própria vontade e do próprio desejo, aplicando uma renúncia e um abandono de si mesmo”, uma vez que o cristianismo não seria uma religião baseada na lei, como os relatos nos relatos hebraicos do antigo testamento, mas seria uma religião “da vontade de Deus”,⁴⁰⁷ e que, portanto, ao obedecer os emissários dessa vontade no plano imanente, o fiel seria capaz de atrair “bênçãos” divinas.

Não deveria haver, em todo o Estado, nem uma única família que não assine O APÓTOLO.

Desobedecer ao Papa pode trazer, principalmente nestas circunstâncias críticas, conseqüências graves.

Obedecer ao Papa num assunto tão importante atraí bênçãos especiais de Deus sobre a família e sobre todos os nossos interesses.⁴⁰⁸

Obedecer a Deus significava obedecer a Igreja Católica e seus representantes. Deste modo a Igreja deseja aplicar a arte de “conduzir” os indivíduos e suas famílias, de dirigir as “almas”, de manipular a vida cotidiana e a intimidade, de guiar as relações com as autoridades, as leis e a moral, de produzir e legitimar verdades.

O papel da Boa Imprensa seria, então, o de veicular estes discursos, reafirmando estas representações, configurando uma visão de mundo pautado nos preceitos católicos, que se contrapunham a outras cosmovisões que ameaçavam a moral cristã.

Toda esta articulação seria amplamente utilizada no combate a leitura e aos cinemas.

⁴⁰⁶ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 3 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1982.

⁴⁰⁷ PRADO FILHO, Kleber. *Michel Foucault: Uma historia da governamentalidade*. Rio de Janeiro: Insular/Achiame, 2006.

⁴⁰⁸ *Único jornal católico deste estado*. Panfleto de divulgação de *O Apóstolo*, distribuído entre os anos de 1934 e 1935.

3.1 O fruto proibido: amores e romances

“Como ler tudo? por ventura, a borboleta se aproxima da chama sem chamuscar as asas?

*Quem passa pela lama não há de sujar-se? Será possível que uma jovem leia uma obra apaixonada, imoral sem profanar e manchar a conduta de sua alma?”*⁴⁰⁹

A força representativo-simbólica exercida pela Igreja Católica no mundo ocidental durante a primeira metade do século XX, pode ser percebida através de seus discursos, que serviram como fornecedores de referências coletivos e como as matrizes de práticas que acabaram por construir o próprio mundo social.⁴¹⁰

Estes discursos construídos a partir de uma pesada argumentação normativa, mostravam a resistência da Igreja Católica às mudanças em que ocorriam na sociedade mundial, apontando-as como corruptoras dos valores cristãos.

Isto não significava que a Igreja fechava-se em seu próprio espaço religioso, ao contrário, dialogava “diretamente com a esfera pública, mostrando seu interesse na participação e na construção da nova sociedade”,⁴¹¹ mostrando-se muito preocupada com questões relacionadas especialmente com a família.

E foi através desse diálogo, perceptível nas páginas de *O Apóstolo*, que se pode perceber a defesa de preceitos que Uta Ranke-Heinemann nomeou de os “três bens mais

⁴⁰⁹ “Eu leio tudo!”. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1935, n. 130, p. 03.

⁴¹⁰ CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 72.

⁴¹¹ SOUZA, Rogério Luiz de. As Imagens do Renascer Brasileiro: Catolicismo e Ideal Nacional (1930-1945). In: *Fronteiras: revista Catarinense de História*. Florianópolis, n. 11, 2003, p. 37.

importantes para os cristãos”: os filhos, a fidelidade e a indissolubilidade do casamento.⁴¹² Valores estes, que encontravam na figura feminina seu ponto de interseção.

Tanto a literatura, quanto as fitas cinematográficas, eram encaradas como grandes ameaças às representações femininas e masculinas católicas e portanto ameaças também a estruturação da família dentro dos padrões cristãos. Isto porque podiam fornecer aos leitores/leitoras e espectadores/espectadoras modelos e expectativas que se contrapunham àquelas construídas a partir dos discursos da catolicidade, afastando-se – segundo os discursos católicos - dos ideais de fidelidade, de castidade ou de casamento indissolúvel. Estava posto o medo da sensualidade e do erotismo.

A maioria dos temas da literatura e do cinema que se tornavam condenáveis aos olhos do clero católico tratava do amor romântico, isto porque este se encontrava vinculado a um amor sensual,⁴¹³ a uma busca pelo prazer, e pela satisfação pessoal. Isto porque, o sexo deveria estar limitado ao casamento, onde deveria ser autocontrolado, ordenado, disciplinando o prazer.⁴¹⁴

Nós católicos, nos descuidamos muito deste urgentíssimo e grave problema das leituras. Muitos que se dizem fervorosos crentes, devoram livros perniciosos e contra a moral e a fé, permitem em seus lares, sob pretextos literários ou científicos, revistas, romances, obras condenadas pela moral, o bom senso e a Igreja.⁴¹⁵

Esta preocupação com as representações fornecidas aos fiéis católicos e com a propagação dos modelos cristãos de organização familiar – neste momento tratava-se da família nuclear burguesa – acontecia de maneira diferente ao tratar-se de homens e

⁴¹² RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

⁴¹³ GIDDENS, 1993. P. 73.

⁴¹⁴ Ibid. P. 31

⁴¹⁵ BRANDÃO, Ascânio, Leituras. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1950, n. 400, p. 04.

mulheres, colocando-se como grande fornecedora de subsídios para a construção de identidades de gênero.

As representações femininas desprendiam maiores preocupações, apresentando a mulher como a guardiã por excelência dos valores da família, e que, portanto, “protegê-la” seria o único meio para manter a moralidade familiar e social intacta, evitando assim um possível caos relacional.⁴¹⁶

Porque a mulher materializada pela leitura do romance, pelo espetáculo da imoralidade, pelas influências de uma literatura, de um teatro e de uma imprensa, que inspira um paganismo absoluto, fatalmente náufraga na fê do seu batismo e na religião dos seus pais. (...)

Porque a consciência da mulher, sem o apoio dos princípios da religião, sem a nobre visão das realidades santas, abandona-se ao tumulto das suas paixões, provocadas pela sua natural sensibilidade e pelo violento pendor de agradar e de ser admirada. (...)

Eis a ferida mortal da Mulher; destinada ao mais puro amor da família e da prole, transforma-se em um Egoísmo indomável, ambição de riqueza, ambição de luxo, ambição de prazeres. (...)

A verdadeira Personalidade da Mulher resplandece no poder individual da sua maternidade na Família, como também no lugar preponderante das suas virtudes na sociedade. (...)

Da mulher depende a sólida formação do Lar, a absoluta organização da Família; sua orientação segue sempre o rumo e a inspiração da mulher se for mundana e frívola, a família perece e se degrada; se for cristã e virtuosa, a família engrandece e se nobilita.

Porque, sem exagero, pode-se afirmar que o homem na família considera-se sempre um Ausente e por vezes dolorosamente um Estranho; vendo sua vida, suas funções, seus deveres, seus negócios e seus divertimentos fora da família. (...)

Bem se pode afirmar que tudo depende da Mulher, a saúde, o amor, a virtude, a religião, quando ela generosa e ardentemente se dedica a Vida Doméstica, em cujo trono ela impera como Rainha. [grifo meu]⁴¹⁷

⁴¹⁶ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado* – Elementos para uma teoria sociológica da Religião. São Paulo: Paulus, 1985.

⁴¹⁷ Apostolado da Oração - Intenção Geral Para Abril: “Que as Mulheres com grande ardor se dediquem na Vida Doméstica”. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 mar. 1938, n. 186, p. 02 e 04.

As paixões, as ambições, o prazer, divertimentos fora família, seriam reflexos da mulher influenciada pelo romance, este silencioso inimigo que afasta a impressionável leitora de seu verdadeiro destino: a vida doméstica, o espaço em que sua presença, de corpo e alma, seria essencial para manutenção da saúde, do amor, da virtude e da religião.

Ao se propor a censura de romances, os discursos de *O Apóstolo*, descreviam a mulher como dotada de uma natureza “volúvel”, isto dado ao seu coração, que durante as tomadas de decisões, se sobrepunha a razão, que ao contrário dos homens, que eram capazes de reflexões práticas.

Esta [a mulher], é toda coração, e pelo coração ela pensa e age. Pelo coração é capaz dos maiores sacrifícios. É intrépida e decidida. Dedicada. Uma obra qualquer não pode triunfar dizia Lacordaire, si não tem a mulher à frente ou a influência da mulher. É de um a incrível capacidade para sofrer e se dedicar. Uma heroína. Mas... é inconstante, pensa pouco pela cabeça e mais pelo coração. Quando ama, vai até o sacrifício e à morte, se for preciso.⁴¹⁸

Estes argumentos serviam para sustentar não apenas a censura da leitura, mas também para as salas de cinema. Descritas como grandes perigos, pois criavam na “frágil cabeça feminina”, o anseio por experimentarem o amor romântico⁴¹⁹ que em nada combinava com os preceitos cristãos de família. A facilidade de ludibriar a cabeça feminina é sempre descrita como fatal, ao contrário dos homens, que não se deixavam levar pelas imoralidades pregadas por esses perigosos meios de diversão.

As mulheres são entendidas como figuras estratégicas na propagação do catolicismo, não apenas durante a primeira metade do século XX, mas também em pleno

⁴¹⁸ BRANDÃO, Ascânio. Maridos e mulheres. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 set. 1946, n. 390, p.04.

⁴¹⁹ Pensando amor romântico a partir do trabalho de Antony Giddens (op. cit.). Neste, o autor define amor romântico como um amor dedicado a uma pessoa única e insubstituível, mas no qual também incidem o desejo da satisfação e do prazer sexual.

século XXI, quando ainda reafirma-se que “São as mulheres, não o clero, que determinam a fé da próxima geração”.⁴²⁰ Esta perspectiva nos auxilia na compreensão do esforço empreendido pela Boa Imprensa na manutenção das mulheres no ambiente doméstico, assim como, dentro das igrejas. Indubitavelmente, a grande ameaça parecia ser a apologia da cultura desse século de mudanças ao individualismo, a liberdade, a satisfação pessoal, ao prazer e ao amor.

Para o universo religioso do catolicismo, o amor poderia ser entendido como sinônimo de “obediência, adoração e desencarnação”.⁴²¹ O amor romântico não encontrava lugar no casamento cristão, que desprezava o erotismo e transformava esse sentimento em um amor a Deus, em caridade,⁴²² numa tentativa de direcionar os atos dos cônjuges em direção à abdicação de si em prol da família.

Estas posturas clericais do início do século XX muito devem a Santo Agostinho e toda a sua obra, que tratou de separar de forma radical o amor da sexualidade. Para ele o ato sexual, assim como o desejo, tinha apenas a função de gerar descendentes.

Em *O Apóstolo* esse amor romântico configurava-se não apenas como uma ameaça, mas também como a negação do “amor puro”, ou seja, um amor desencarnado.

Hoje, esta palavra *amor* anda profanada. Os noivos de agora só falam em *amores*. É um amor sem fim, desesperado, louco e, muita vez, ridículo.(...) E a realidade é que, hoje, se ama, verdadeiramente, muito menos que outrora. Este amor sensual, grosseiro, carnal, que respiram a poesia e o romance moderno, são a negação do amor verdadeiro. Este é puro, são, nobre, delicado e cristão. Une dois corações, duas almas, para a vida e para a eternidade. O *amor amorudo* destes noivados loucos de hoje, é muito grosseiro, para que se lhe chame *amor*.(...)

⁴²⁰ REESE, J. Thomas. *O Vaticano por dentro: a política e a organização da Igreja Católica*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999, p. 375.

⁴²¹ VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1992, p. 50.

⁴²² VAINFAS, 1992. P. 51-52.

Até chuchu e um pé de couve tem poesia.⁴²³

Preocupados com a literatura, os membros do clero católico, empenhavam-se em criar representações das chamadas *más leituras*, ou leituras impróprias, de forma que fosse possível “conservar intacta a fé e a pureza do coração”,⁴²⁴ em outras palavras, efetivar os valores normativos da Igreja na sociedade.⁴²⁵

Apesar do relacionamento dos seus fiéis com a leitura ter sido elemento de constante preocupação por parte da Igreja Católica, no final do século XIX e na primeira metade do século XX, no Brasil, tal preocupação resultou em ações práticas por parte do clero. Em Petrópolis é fundada a editora Vozes,⁴²⁶ a primeira editora católica brasileira, que acabou fornecendo, através de um intenso trabalho de censura, obras “apropriadas para moças, senhoras e gente de alma limpa”⁴²⁷, ou seja, para leitoras “frágeis” e “inocentes”, passíveis de sucumbir diante do fascínio exercido por romances considerados “perigosos”, que abordavam temas como paixões, adultério, divórcio, e que acabavam, que enfatizavam o amor romântico inconseqüente - sentimento comumente vinculado ao feminino, que segundo a ótica católica, desprezava a moral sexual e proporcionava a “destruição” das famílias.

⁴²³ BRANDÃO, Ascânio. Noivados e Casamentos. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 fev. 1938, n. 184, p. 02.

⁴²⁴ A Má Leitura. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1930, n. 08, p. 04.

⁴²⁵ Esta preocupação estava mais centrada nas classes médias, que eram o principal foco dos discursos católicos até o início da década de 1960. A preocupação do clero para com as classes populares apenas aconteceria com maior ênfase a partir do Concílio Vaticano II, quando a “opção pelos pobres” viria auxiliar na criação da Teologia da Libertação.

⁴²⁶ Desde de 05 de março de 1901, a editora Vozes ou Vozes de Petrópolis, tem a licença concedida como oficina tipográfica, instalada nos porões do convento franciscano de Petrópolis, que passou a chamar-se *Tipografia Escola Gratuita São José*. A partir do êxito das primeiras publicações – de cunho didático -, a tipografia começou a produzir outras obras destinadas ao público católico, entre elas, ainda em 1907, a revista *Vozes de Petrópolis*, que se tornou mais conhecida do que a própria editora, terminado por renomeá-la, em 1911.

⁴²⁷ PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1997, p. 38.

O cuidado da Boa Imprensa para com a leitura como uma prática perigosa esteve presente em toda a trajetória de seu representante catarinense, *O Apóstolo* – no que se refere ao recorte temporal aqui adotado (1929 e 1959). Isso nos leva a crer que a leitura tornava-se cada vez mais uma prática entre as jovens católicas, especialmente porque a escolarização feminina crescia.

O processo de aumento da escolarização das brasileiras, que ganha impulso durante a década de 1930 sob o governo de Getúlio Vargas, faz com que, na década de 1950 a leitura se tornasse uma prática muito comum entre as jovens, especialmente das classes médias. Nas escolas a leitura fazia parte de uma educação humanista, considerada um procedimento nobre por excelência,⁴²⁸ como nos mostra os trabalhos da historiadora Maria Teresa Santos Cunha, que trata das práticas de leitura de normalistas florianopolitanas entre as décadas de 1950 e 1960.

Sobre o ato ler, esta pesquisadora escreve:

O ato de ler que, à primeira vista, nos é tão familiar, ainda permanece misterioso principalmente se pensarmos que pela leitura é possível um deslocamento no espaço e no tempo e, sem sair do lugar, ela permite viver as mais ousadas aventuras do corpo, da mente e das paixões, sem perder o juízo ou trair o coração.

Segundo esta pesquisadora, o gênero mais lido entre as estudantes normalistas eram os romances. Entretanto é válido salientar que a pesquisa da professora Maria Teresa Santos Cunha se realiza com mulheres que freqüentavam o Curso Normal em um colégio católico da capital catarinense, o Colégio Coração de Jesus, coordenado pelas Irmãs da

⁴²⁸ CUNHA, Maria Teresa Santos. Práticas de leitura entre professores primários – Florianópolis - SC (1950-1960). In: MORGA, Antonio (org.). *História das Mulheres de Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas & Argos, 2001, p. 215.

Divina Providência. Assim, os romances lidos por estas estudantes tratavam-se de histórias *açucaradas* e carregadas de um caráter moralizante.

O tom geral das estórias era de uma moral conservadora: mulher abnegada, fiel, voltada ao lar, portanto, ao mundo do privado enquanto o homem, o herói, continuava a preencher o estereótipo clássico: bonito, rico, bem sucedido economicamente, mais velho, voltado ao mundo do público.⁴²⁹

Tratava-se de obras publicadas com a aprovação da Igreja Católica, mesmo que não fossem editados pela sua grande representante, a editora Vozes de Petrópolis.⁴³⁰

O espaço urbano da capital catarinense, durante os anos 50, não se diferenciava muito da realidade de outras cidades interioranas do estado. Uma classe média se formava a partir do comércio, de funcionários públicos, bacharéis e profissionais liberais, entretanto sem grandes tensões sociais, como ocorriam em outras capitais brasileiras.⁴³¹ E é neste contexto de famílias de classe média, em que o livro encontrava-se perfeitamente integrado e a leitura fazia parte do cotidiano doméstico,⁴³² que *O Apóstolo* desejava inculcar o conteúdo de seus discursos, preocupado com o que ocupava a mente dos membros da família em seus momentos silenciosos de leitura.

Em *O Apóstolo*, este trabalho de censura literária acontecia abertamente, desde os anos 30, de maneira pedagógica, buscando fornecer a seus leitores as concepções católicas de *boa e má* leitura.

Três espécies de livros devem ser proibidos e banidos:

Os **livros voluptuosos**, porque só servem para manchar a imaginação e atear no coração um fogo impuro;

⁴²⁹ CUNHA, 2001. P. 209.

⁴³⁰ Tratava-se da coleção *Biblioteca das moças*, editada pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, a partir de 1935. IN: CUNHA, op. cit., p. 208.

⁴³¹ Ibid. P. 210.

⁴³² Ibid. P. 215.

Os **livros ímpios**, que roubam a fé e abafam o sentimento religioso;
 Os **livros frívolos**, porque não deixam nada no espírito;
 Com outras palavras, deve-se evitar leitura de livros antireligiosos, heréticos, espíritas, maçons, pornográficos, romances sensuais e eróticos. [grifos meus]⁴³³

O clero católico estava ciente de que a leitura de histórias românticas acabavam afastando a leitora de sua situação de passividade, uma vez que o indivíduo busca na leitura “o que lhe era negado no mundo comum”, freqüentemente rejeitando “a idéia da domesticidade estabelecida como único ideal proeminente”.⁴³⁴

Nas páginas da Boa Imprensa, esta visão de mundo propagada pelo clero era compartilhada por alguns de seus leitores, que esporadicamente, enviavam textos para a redação do jornal, que depois de atenta apreciação, publicava-os:

As mais das vezes esses livros são romances amorosos, compostos em estilo que excita a imaginação que provoca a curiosidade, faz acordar as paixões, e deste modo conduz o leitor ao pecado. [grifos meus].⁴³⁵

Neste contexto de perigo, instaurado pelas práticas de leitura, o papel da Igreja estava posto: impedir o “pecado”. Deste modo, “A Igreja é obrigada a proibir tal leitura a fim de defender seus filhos que não percebem o perigo” [grifo meu].⁴³⁶ Justificava-se assim, a censura.⁴³⁷

⁴³³ A Má Leitura. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1930, n. 08, p. 04.

⁴³⁴ GIDDENS, 1993. P. 55.

⁴³⁵ A Má Leitura. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1930, n. 08, p. 04.

⁴³⁶ Ibid.

⁴³⁷ A censura dos livros era realizada por membros do clero e por leigos engajados que se destacassem em associações católicas. Este trabalho de censura da Igreja Católica é estudado no trabalho de Aparecida Paiva (op. cit.), com especial destaque para o censor Frei Pedro Sinzig e por sua colabora e escritora baiana, Amélia Rodrigues.

O jornal *O Apóstolo* estava embebido de orientações contra a leitura de livros que não fossem pré-aprovados pela censura eclesiástica, proibindo os católicos e as católicas até mesmo de manterem de tais obras na intimidade de seus lares.⁴³⁸

A prática da leitura era constantemente descrita como um perigo que crescente:

Para muitos a leitura tornou-se uma necessidade vital.

O desenvolvimento intelectual e espiritual, também da classe do povo, o crescente descontentamento, que muitos encontram na vida, a atração as coisas que produzem sensação, tudo isso coopera para excitar o desejo de ler.⁴³⁹

Quinzenalmente era possível encontrar em *O Apóstolo* indicações de leituras aprovadas pelos censores católicos, na maioria publicados pela editora Vozes, e que eram apresentados como sendo de “alto valor espiritual”⁴⁴⁰, pois em sua grande maioria, se tratavam de publicações de hagiografias⁴⁴¹ de santos ou de candidatos a canonização, e que, portanto, estavam em perfeita consonância com os preceitos católicos. Eram reflexos do empenho dos censores católicos em estender seu poder de influência e promover uma “verdadeira enchente de bons livros, para reparar o mal que fizeram e fazem as enchentes lamacentas de livros maus”.⁴⁴²

Não imaginemos que não há perigo para nós se lermos livros proscritos. Além disso a Igreja proíbe essa leitura não somente para afastar de nossas almas o perigo, que há na leitura de maus livros, mas também para que tenhamos enseja de provar nossa obediência em matéria tão lúbrica, e ao mesmo tempo para que não cooperemos para a má vontade dos hereges e outros inimigos da Igreja, que tanto maior estímulo para a publicação de suas obras, quanto maior o números de leitores que encontram entre católicos.⁴⁴³

⁴³⁸ É proibido aos Católicos. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jan. 1940, n. 229, p. 03.

⁴³⁹ A má leitura. *O Apóstolo*, Florianópolis, abr. 1930, n. 08, p. 04.

⁴⁴⁰ Nossos livros preciosos. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 maio 1936, n. 142, p. 04.

⁴⁴¹ A hagiografia é um ramo da história da Igreja que trata dos santos e de sua veneração.

⁴⁴² Boa leitura. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 abr. 1935, n. 116, p. 03.

⁴⁴³ É lícito ler-se tudo? *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jul. 1935, n. 122, p. 04.

A leitura dos chamados maus livros é representada em *O Apóstolo* como um envenenamento, sutil mais fatal, que poderia facilmente atingir tanto as jovens, meninos e meninas, quanto a mães de família, e até mesmo aos homens – mesmo que com menor eficácia.

Já entraram alguma vez numa das nossas grandes livrarias?

Quantas maçãs rosadas; em todas elas se apresentam lindos livros, de capas sedutoras e títulos sugestivos. Muitas mocinhas que passam, já não podem desprender o olhar da vitrina. Pedem ao pai ou ao irmão que as acompanha; manuseiam esta ou aquela obra, folheiam esta ou a qual novidade literária, e não deixam de escolher a que mais sedutora se lhes apresenta.

Horas depois o veneno começa a agir. Denuncia-se pelas faces coradas que não sabem ocultar a sensação. Quando os pais dão fé, muitas vezes é tarde: murchou a flor da inocência.⁴⁴⁴

Segundo o discurso católico, as mulheres casadas, apesar de sua experiência e de sua fé, não estariam a salvo da “invasão de maus princípios”, pois nada poderia “neutralizar o efeito de leituras perniciosas, sobretudo quando elas se tornam habituais”, uma vez que estas “más leituras” “intoxicam” a leitora com um “veneno sutil” que “só age quando as doses estão bem acumuladas”, e que acabariam, desta maneira, por prejudicar todo o ambiente familiar.⁴⁴⁵

Esta preocupação se dava porque em muitos romances desde o século XIX apresentava-se, no desenrolar de suas aventuras, o casamento como um elemento dissociado do amor, deixando dúvidas sobre a certeza de felicidade para um casamento longo e indissolúvel.

⁴⁴⁴ Maçãs de faces vermelhas. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 mar. 1944, n. 330, p. 02.

⁴⁴⁵ Cautela com o veneno! *O Apóstolo*, Florianópolis, ago. 1930, n. 12, p. 03.

Este empreendimento de censura levado a cabo pelos membros da imprensa católica acabava tornando-se, também, uma resposta ao momento cultural e artístico pelo qual passava o Brasil nas décadas de 1930 e 1940 e sua extensão pelos anos 50.

No âmbito literário, a partir de 1930 surge um novo modernismo no Brasil, uma busca pela realidade pautada no regionalismo, não como os românticos, mas numa tentativa de “redescobrir” o país a partir de sua diversidade regional e de seus diferentes modos de vida. Neste novo contexto despontam obras como *O país do Carnaval*, em 1931, do então estreante Jorge Amado, onde o realismo e romantismo misturam-se para retratar a vida das populações pobres das terras da Bahia. Também obras como *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933) e *Bangüê* (1934) de José Lins do Rego e autores como: Érico Veríssimo e Graciliano Ramos estariam entre as publicações brasileiras das décadas de 1930 e 1940.

Uma das mais significativas influências dos autores brasileiros dessa primeira metade do século XX foram Émile Zola e Eça de Queiroz, que coincidentemente eram os autores diretamente proibidos e atacados por *O Apóstolo*. As moças que lessem tais obras estariam proibidas de comungarem, pois não estariam com suas consciências “limpas”.⁴⁴⁶

Como se vê, a má literatura combatida pelos católicos, não era filha apenas do século XX. Também no século XIX obras literárias de autores que provenientes de várias correntes tratavam de temas como “o amor e as emoções derivadas das relações humanas nesse tocante”, discorrendo sobre temas como namoro e casamentos até “pura pornografia e odes ao amor romântico”.⁴⁴⁷

Os leitores de romances tinham a sua disposição farta informação sobre sexualidade humana, podendo satisfazer-se na atividade psicanalítica econômica da leitura, ou seja, usufruindo, “com um gasto de energia bem inferior ao que

⁴⁴⁶ Três classes de moças. *O Apóstolo*, Florianópolis, 30 jun. 1934, n. 97, p. 03.

⁴⁴⁷ DENIPOTI, Cláudio de. *Páginas de Prazer: a sexualidade através da leitura no início do século XX*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1999, p. 73.

seria exigido na realidade, aventuras esplendidas e prazeres proibidos, e tudo com pouquíssimo risco”.⁴⁴⁸

Sobre a produção literária brasileira, o famoso intelectual católico Tristão de Athayde teria, em certa feita, resumido o pensamento do clero católico e de seus fiéis mais fervorosos: “Passou a hora das coisas bonitas”.

Havia, nos textos da Boa Imprensa catarinense, uma interessante preocupação com a privacidade da leitura, com a possibilidade de uma introspecção individual e independente proporcionada pelo silêncio em que se pautava a prática de ler, o segredo de palavras ditas e compreendidas solitariamente, que impossibilitavam uma supervisão ou a atuação de mecanismos de constrangimento social. Era a sombra de uma liberdade abominada pelos clérigos, e que passava a ser classificada dentro do *hall* dos pecados, para que enfim, algum controle pudesse ser aplicado.

O perigo das más leituras é, sob certos aspectos, até mais funesto do que a das más companhias, porque pode tornar-se mais traiçoeiramente familiar. Quantas moças ou jovens senhoras, fechadas em seus quartos, lêem o livro do momento e dele ouvem, cruamente, coisas que não permitiriam em sua presença fossem pronunciadas por outrem, e assistem à descrição de cenas das quais por nada nesse mundo queriam ser atoras [sic] e vítimas. Ai! Deste modo, preparam-se, entretanto, para se tornarem tais no dia de amanhã.⁴⁴⁹

A censura católica, no que referia a literatura, chegava ao extremo de apoiar atitudes como a do secretário da educação do Distrito Federal, o Coronel Pio Borges, que teria, em 1940, mandado queimar 4.824 livros que retirados de escolas públicas da região, por serem estes considerados “impróprios para a infância”. Esta verdadeira inquisição foi classificada, nas páginas de *O Apóstolo*, como um “gesto louvável” e como um “ótimo exemplo”.⁴⁵⁰

⁴⁴⁸ DENIPOTI, 1999. P. 73.

⁴⁴⁹ Os perigos da leitura. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jan. 1951, n. 493, p. 02.

⁴⁵⁰ Queima de maus livros. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1940, n. 236, p. 04.

O medo da palavra escrita, apesar de não ser algo novo para os membros da Igreja Católica, que desde muito se preocuparam com tal tema, trata-se não apenas do reflexo de um instante histórico, mas de uma história da duração⁴⁵¹, repleta de detalhes que permitem perceber as sutis modificações ocorridas nestes discursos normativos, que persistem.

A palavra escrita tem influência extraordinária através dos tempos e gerações, porque pode voltar a ser lida uma e mais vezes, refletida e meditada. Daí a importância das Campanhas do Bom Livro, da Boa Imprensa.⁴⁵²

O *Index Librorum Prohibitorum* – Índice dos Livros Proibidos, ou simplesmente *Index* como se tornou mais conhecido -, foi criado em 1559 a partir do intenso trabalho desempenhado pela Congregação da Inquisição – que mais tarde passou a chamar-se Congregação para a Doutrina da Fé - também é citado em *O Apóstolo*. Nas páginas deste representante da Boa Imprensa, o *Index* é lembrado com o mesmo objetivo que outrora impulsionara sua criação: fornecer aos católicos uma lista de livros considerados perniciosos, contendo as regras da Igreja no que se referia à prática da leitura.

Visando combater a leitura de livros imorais e prevenir os fiéis da corrupção, o *Index* teve sua trigésima segunda edição publicada em 1948, onde constavam nada menos do que 4.000 títulos, censurados pelas mais diferentes razões: pela heresia, a imoralidade, sexualidade explícita, até posicionamentos políticos como, por exemplo, o marxismo, muito combatido neste período, entre outros temas.

Em *O Apóstolo* o *Index* é lembrado para mostrar que também em terras brasileiras livros considerados maus foram encontrados pelos atenciosos clérigos que atuavam junto ao Papa, no Vaticano, legitimando ainda mais o trabalho de censura que a muito estava

⁴⁵¹ RÉMOND, RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. IN: MORAES, Marieta; AMADO, Janína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Ed. EFGV, 2006, p. 207.

⁴⁵² A Boa Leitura. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jul. 1948, n. 433 p. 03.

sendo empreendido pela Boa Imprensa em terras catarinenses.

Um zeloso sacerdote catarinense me pediu de prevenir a todos que a “Sociedade Brasileira de Difusão do Livro Ltda” edita maus livros. Dos 10 livros anunciados em cartões de propaganda para este ano, 4 são perniciosos ou exigem grande reserva, outros dois até estão no “index”, isto é sua leitura está sob pecado grave proibida pela Sta. Igreja.⁴⁵³ [grifo meu]

Tratava-se da constante preocupação com a normatização dos costumes e a tentativa de colocar a Igreja Católica no patamar de fornecedora de representações e referenciais simbólicos para toda a população brasileira, espalhando assim, o que o clero católico chamava de espírito civilizador. E a Boa Imprensa configurava-se em uma de suas armas nesta homérica aventura.

Em nossos criminosos dias, para pelejar pela Imprensa católica, torna-se indispensável saber enfrentar heroicamente a hostilidade dos inimigos, a apatia dos indiferentes a má vontade dos comodistas, a incompreensão de quase todos. Não se faz literatura religiosas com bonitas palavras de doces promessas, nem de conversas fiadas. Somente o heroísmo, o otimismo indestrutível, o idealismo sadio e sobranceiro lograrão algum resultado.⁴⁵⁴

Tanto os clérigos quanto os leigos envolvidos na produção dessa Boa Imprensa tinham consciência de que este empreendimento católico pela imprensa poderia torna-se um verdadeiro curinga para a disputa por fiéis contra a demais religiões e contra os novos padrões de individualismo sugeridos pela sociedade moderna.

A Imprensa é tudo; um poder imenso, a primeira potência do mundo...
O homem moderno já não pensa, já não reflete por si – pensa o que o pensa o jornal.
(...)
Como são mais prudentes os filhos das trevas que os filhos da luz, a má imprensa, ou neutra, apoderou-se do mundo e da opinião pública.
(...)

⁴⁵³ Leitores! Não comprem maus livros. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jun. 1949, n. 456 p. 04.

⁴⁵⁴ Boa Imprensa!... *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jul. 1949, n. 457 p. 04.

O Apóstolo da Boa Imprensa nesta terra de Santa Cruz é um herói...⁴⁵⁵

A campanha pela censura literária empreendida nas páginas de *O Apóstolo* não se restringia apenas à proibição da leitura de alguns livros classificados como perniciosos, mas consistia também na indicação de algumas publicações da própria Boa Imprensa. Estas indicações eram acompanhadas de uma breve sinopse da obra, assim como de referências de seus autores (em sua maioria clérigos católicos) e indicações de como poderiam ser adquiridas.

Recomendamos aos nossos assinantes e leitores:

“Manual das Mães Cristãs”
(novidade no gênero)

(...) É um manual de orações especialmente destinado às mães católicas do Brasil. Contém todas as orações de que a mãe precisa para viver bem a sua religião: Orações da manhã, para antes e depois da S. Comunhão e confissão, para necessidades especiais, novenas, aos santos e padroeiros, etc.
O livro apropria-se também para instrução às mães e às jovens que se preparam para o matrimônio.

PREÇO: 25,00 CR\$.⁴⁵⁶

Outras obras com fins didáticos também eram anunciadas em *O Apóstolo*, como *Instrução aos Noivos*, de autoria do Pe Candido Santini S. J., que tinham como enfoque falar sobre o matrimônio enquanto sacramento da Igreja Católica devidamente regimentado dentro do Direito Canônico.⁴⁵⁷

Também livros que relatavam a vida de beatos e beatas, santos e santas são constantemente anunciados. Alguns livros anunciados poderiam ser adquiridos na própria redação desse jornal,⁴⁵⁸ como era o caso do livro *Palavras Abertas sobre o Matrimônio* que

⁴⁵⁵ BRANDÃO, Ascânio. A Boa Imprensa. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 mar. 1953, n. 544, p. 01.

⁴⁵⁶ Boa Leitura. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 set. 1951, n. 510, p. 03.

⁴⁵⁷ Idem.

⁴⁵⁸ Boa Leitura. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 ago. 1952, n. 530, p. 03.

poderia ser adquirido pelo preço de CR\$ 10,00 como o redator chefe do jornal, o Pe Emílio Dufner.⁴⁵⁹ Tudo para impedir que os católicos acabassem caindo na tentação de terem em suas mãos os chamados maus livros.

Assim, todo este trabalho de censura empreendido pelo clero católico e a experiência com ele adquirida serviriam para que uma nova ameaça aos preceitos morais cristãos, a seus discursos normativos pudesse ser combatida: o cinema.

3.3 O cinema: o inebriante veneno dos bons costumes.

“Os grandes males que, em grande parte, minam os alicerces das nossas famílias são as más leituras, maus cinemas, as modas despudoradas. Uma onda de imoralidade invadiu o nosso caro Brasil.”⁴⁶⁰

Toda a postura de vigilância e controle que o clero brasileiro empreendia, desde o século XIX em relação à literatura no Brasil, passa, a partir do século XX, a ser estendida para a censura cinematográfica.

Desde sua invenção até sua ascensão como prática de lazer, o clero e seus censores encontraram no cinema um forte contraponto às suas representações discursivas, pelo fascínio que exercia em seu espectador, capaz de envolver e sensibilizar mais do que as palavras e as pregações clericais, pois se tratava de um mágico espetáculo das imagens em movimento.

O relacionamento tenso entre a Boa Imprensa brasileira e o cinema precede a fundação de *O Apóstolo*. Foi no final da década de 1910 que o cinema passou a ganhar uma

⁴⁵⁹ Palavras Abertas sobre o Matrimônio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 set. 1951, n. 510, p. 03.

⁴⁶⁰ Problemas da Juventude: Maus cinemas, leituras, modas e fogo. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 ago. 1951, n. 507, p. 03

maior atenção por parte dos clérigos católicos, e é quando se iniciam os trabalhos de censura.

Segundo Cláudio Aguiar Almeida neste momento histórico que cresce o interesse do clero pelo cinema devido consolidação dos Estados Unidos como o maior produtor e exportador mundial de filmes:

Associando o comunismo aos judeus, os católicos sentiram-se profundamente incomodados pela expansão do cinema norte-americano, que tinha parte significativa de seus estúdios controlados por empresários de origem judaica. Reagindo a essa expansão, que trazia com ela os germens do comunismo, o grupo de *Vozes de Petrópolis* elegeu o cinema como uma de suas prioridades, promovendo uma série de ações que objetivavam colocar o mercado cinematográfico brasileiro sob o seu controle.⁴⁶¹

Com o fim da Primeira Guerra Mundial os produtores cinematográficos mundiais encontravam dificuldades em concorrerem com os norte-americanos. O que acabou consolidando na hegemonia do Estados Unidos no mercado internacional.⁴⁶²

Em 1918 o centro da Boa Imprensa em Petrópolis anuncia um acordo com as principais “agências cinematográficas” com escritórios no Brasil, para que todos os filmes que estreassem no circuito nacional passasse previamente pelos crivos de censores católicos. Havia é claro uma condescendência entre a Boa Imprensa e a agências, no que referia a fitas consideradas inadequadas,⁴⁶³ no entanto, inaugurava-se um trabalho de censura que perduraria por toda a primeira metade do século XX e do qual participaria o jornal catarinense *O Apóstolo*.

Em Florianópolis o cinema chega em 1901, através de cinematógrafos. Mas ao contrário de capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, não havia exhibições de

⁴⁶¹ ALMEIDA, Cláudio Aguiar. *Meios de Comunicação Católicos nba Construção de uma ordem autoritária: 1907/1937*. USP, São Paulo: 2002. (Tese de Doutorado), p. 95.

⁴⁶² Ibid., P. 101.

⁴⁶³ Ibid. P. 103.

muitos cinematógrafos na cidade, o que tornava esta prática de lazer pouco popular entre os florianopolitanos.⁴⁶⁴

Apenas nas décadas de 1920 e 1930 o cinema passaria a ocupar espaço de destaque entre as diversões dos moradores da capital catarinense. Neste período não apenas os adultos, mas também as crianças freqüentavam as salas de exibição.⁴⁶⁵

Símbolo da modernidade, estas imagens em movimento ganharam, no Brasil assim como o mundo todo, cada vez mais espectadores, e acabaram exercendo uma forte influência em homens e mulheres, assim como nos modelos de feminino e de masculino.

O cinema passava a exercer uma função pedagógica em seus freqüentadores, uma vez que, diferente da fotografia, as películas mostram a cidade em movimento, destacando a corporalidade, ou seja, as pessoas vivenciando o meio urbano, criando cânones de comportamento e beleza tanto masculina como feminina.⁴⁶⁶

As novas representações de homens e mulheres fascinavam: todos incomparavelmente belos, vestidos por figurinistas sofisticadíssimos, embalados por histórias desenroladas em vidas fascinantes, no *glamouroso* ambiente onde brilhavam as divas, que, senhoras de si, mas escravas do amor romântico, rendiam-se ao abraço forte e aos beijos apaixonados de seus galãs.

Nas décadas de 1930 e 1940, quando a indústria cinematográfica norte-americana já se encontrava consolidada, transformando Hollywood em um referencial mundial para o cinema, também a influência norte-americana tornando-se cada vez mais visível em terras brasileiras: os filmes, a revista *Seleções do Reader's Digest*, a coca-cola⁴⁶⁷ popularizando-

⁴⁶⁴ DEPIZZOLATTI, Norberto Verani [et. al.]. *O Cinema em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. UFSC/EMBRAFILME, 1987, p. 18-19.

⁴⁶⁵ Ibidem. Passim.

⁴⁶⁶ SCHPUN, Mônica Raisa. *O Cinema em São Paulo: experiências de italianos e italianas, práticas urbanas e códigos sexuais*. In: ArtCultura: revista de história, cultura e arte, v. 9, n. 14, jan-jun, 2007, p. 71-81.

⁴⁶⁷ A Coca-cola começa a ser vendida no Brasil a partir de 1942.

se, tudo em uma grande leva de sonhos americanizados, era o “*american way of live*”, ditando os últimos conceitos da moda: bigodes à *la Gable*, penteados à *la Garbo* e maiôs à *la Grable*.

Os reflexos desta influência norte-americana, especialmente vinda de Hollywood, podiam ser percebidos na imprensa feminina e de variedades, que passaram a dar cada vez mais espaço a cuidados de beleza, a técnicas de prolongamento da juventude, a conquista de uma silhueta esbelta⁴⁶⁸, ou seja, a tentativa de proporcionarem às leitoras a sensação de se aproximarem dos modelos de beleza apresentados pelo cinema, isto sem deixar de lado as últimas fofocas sobre a vida dos astros.

Estas fofocas hollywoodianas rendiam munições para a Boa Imprensa, que preocupada em zelar pela “moral da família brasileira”, criticava o destaque dado ao corpo feminino nas telas do cinema, afirmando que esta exposição acabaria sufocando “os sentimentos do pudor, da vergonha e da delicadeza cristã”, pois o “cinema desperta prematuramente nos corações dos rapazes e donzelas o fogo das paixões”.⁴⁶⁹ Desta maneira, segundo a ótica católica, tanto a vida pessoal dos atores e das atrizes quanto os próprios filmes cinematográficos apenas serviam para “ridicularizar publicamente o matrimônio”, considerado o “verdadeiro altar do amor”⁴⁷⁰, um amor cristão-católico, que em nada se assemelhava aos amores das telas de cinema.

O cinema e o romance modernos estão criando esta mentalidade perigosa e maisã [sic] de um critério de amor que tudo desculpa e que permite tudo, contanto que traga o selo do amor. Em certos filmes o enredo todo gira em torno do falso amor e do adultério. Glorificam a infidelidade conjugal, desculpam escândalos gravíssimos da mocidade incauta e inexperiente. Enfim, temos visto doutrinação sistemática dos inimigos da moral cristã, querendo a todo custo nos

⁴⁶⁸ SCHPUN, Mônica Raisa. *O Cinema em São Paulo: experiências de italianos e italianas, práticas urbanas e códigos sexuais*. In: ArtCultura: revista de história, cultura e arte, v. 9, n. 14, jan-jun, 2007, p. 71-81.

⁴⁶⁹ Para os pais lerem e... meditem. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 fev. 1941, n. 2567, p. 02.

⁴⁷⁰ O matrimônio no país do divórcio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 fev. 1934, n. 87, p. 03.

impingir, em nome do tal amor, tudo quanto é pouca vergonha, para dizê-lo num português mais claro. O amor é coisa seria é digna! Não profanem esse nome!⁴⁷¹

Era contra todo esse fascínio exercido pelo cinema que os discursos de *O Apóstolo* se colocavam, e mesmo fosse uma luta quixotesca, os católicos criticavam veementemente as estrelas de cinema, lançando mão de argumentos sensacionalistas de veracidade duvidosa:

Um professor da universidade de Praga na Tchecoslováquia, tomou sobre si o imenso trabalho de pedir em todas as grandes fábricas de filmes notícias sobre mais do que mil atores cinematográficos, ‘estrelas’ ou ‘não-estrelas’, masculinos e femininos.

E o resultado? 310 foram assassinos, 74 falsários, 43 incendiários, 165 ladrões, 181 perjúrios, 405 adúlteros, etc.

Esta é a corja de criminosos que entusiasma milhões de visitantes dos cinemas. Isto são os modernos educadores do povo. Não admira que eles exalem um ar fétido de imoralidade.⁴⁷²

A influência cultural norte-americana no Brasil não ocorre simplesmente por acaso. Apesar do empreendimento do Estado Novo em promover sentimentos nacionalistas – campanha amplamente apoiada pelo clero católico brasileiro e pela Boa Imprensa -, em 1939, durante a 8ª Conferência Pan-Americana, Getúlio acabou abrindo as portas do Brasil para os norte-americanos, em troca de crédito para saldar a dívida brasileira com ingleses e francês. Vargas desejava construir uma usina siderúrgica em Volta Redonda e o então presidente norte-americano, Franklin Roosevelt, desejava uma base militar em Natal. Mas o que os brasileiros não imaginavam, era que desses desejos resultaria um “banho de civilização” estadunidense sobre o país.⁴⁷³

Dentro desta “política de boa vizinhança” promovida pelos EUA, surgiram no

⁴⁷¹ BRANDÃO, Ascânio. O tal amor... *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1947, n. 401 p. 04.

⁴⁷² Estrela de Cinema. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 ago 1934, n. 100, p. 02.

⁴⁷³ BRANDI, Paulo. *Vargas: da vida para a história*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

cinema hollywoodiano produções que tinham como tema o Brasil - mesmo que com um desconfortável sotaque espanhol.

A grande representante brasileira destas produções foi Carmen Miranda, a Pequena Notável, que com sua fantasia de baiana e seus turbantes coloridos, auxiliou na construção de representações cinematográficas confusas do Brasil para o exterior, mostrando-o entre danças ao som da *rumba* e da *conga*.⁴⁷⁴

Mas não apenas pelas lentes estrangeiras era possível ver o Brasil. O cinema nacional, mesmo com poucos recursos, lançava seus filmes, que iam do drama, as comédias e musicais, assim como uma quantidade considerável de produções tendo como tema o carnaval.

Com o Estado Novo, o cinema brasileiro, na contra mão da americanização da sétima arte, vai passar a dar destaque ao sentimento nacionalista, adotando como grande temática os clássicos da literatura nacional, como pretensão realizar obras mais sérias e mais patrióticas, entrando em consonância com a política nacional. Tratava-se de uma produção quase que exclusivamente carioca, que aos poucos começava a ganhar projetos para serem desenvolvidos também em São Paulo.⁴⁷⁵

Mas o cinema brasileiro representava pouco se comparado às produções norte-americanas para as salas de exibição nacionais.

O clero, especialmente os ligados a Boa Imprensa, não pareciam preocupar-se com a influência do cinema nacional e se concentravam em atacar o cinema norte-

⁴⁷⁴ MAUD, Ana Maria. A embaixatriz dos balangandãs. In: *Nossa História*, v. 1, n. 6, abr., 2004, p. 56-61.

⁴⁷⁵ Os estúdios cinematográficos, timidamente despontavam no cenário nacional. Na década de 1930 destacou a Cinédia – que asseguraria a continuidade do cinema nacional durante quase vinte anos através de comédias musicais e carnavalescas, as chamadas “chanchadas” -, em meados da década de 1940 funda-se a Atlântida, e na década de 1950 a Companhia Vera Cruz, fruto de um período rico em acontecimentos intelectuais e artísticos no cinema brasileiro, numa grande profusão de lançamentos de produções cinematográficas. GOMES, Paulo Emilio Sales. *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1980, p. 71-79.

americano. Mas não apenas a postura nacionalista e a pouca visibilidade do cinema nacional eram as explicações plausíveis para tal atitude dos membros da Igreja Católica, pois desde que a Boa Imprensa inicia sua campanha de censura sobre o cinema, o faz baseada em um sentimento anticomunista e anti-semita.⁴⁷⁶

O mercado de filmes no Brasil tornou-se, pois, o esgoto internacional. A película imoral, atrevida, suja e picante, rejeitada pela “Legião da Decência” nos Estados Unidos é enviada para o Brasil, onde encontram um mercado excelente. E ainda mais, o filme indecente pode contar, entre nós, com extraordinário sucesso! Somos por acaso um povo cretino, um povo grosseiro e sensual, um povo sem alma cristã e sem tradição de pudor na família.⁴⁷⁷

Preocupados com o cinema, os porta-vozes da Igreja na capital catarinense, escreviam em *O Apóstolo*: “Parece que uns cinemas de Florianópolis (decerto que nem todos) se rebaixaram a servir de esgoto da América do Norte”, pois estariam exibindo “as imundices de fitas sujas e imorais, estas imundices escorrem agora por uns cinemas de Florianópolis, sem os assistentes sentirem náuseas, sem as autoridades responsáveis se inquietarem com isso”.⁴⁷⁸

Toda essa preocupação com os filmes exibidos nas salas de cinema da ilha de Santa Catarina eram justificados, nas páginas de *O Apóstolo*, através da tentativa de manutenção do modelo cristão-católico de família, que segundo a Boa Imprensa, era constantemente ameaçado pelos exemplos nada moralistas apresentados pelas fitas cinematográficas:

E que coisas são apresentadas nos cinemas? Os católicos de Baltimore, nos Estados Unidos, examinaram 404 fitas e deviam constatar que nestas 404 fitas foram apresentados: casos de infidelidade 117; ataques à honra de donzelas 113;

⁴⁷⁶ ALMEIDA, C., 2002.

⁴⁷⁷ BRANDÃO, Ascânio. Cinema. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 ago. 1953, n. 553, p. 03.

⁴⁷⁸ É degradante. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 dez. 1935, n. 131, p. 02.

divórcio como solução favorável de complicações em família 38; excessos na bebida 190 casos; mocinhas a fumar 82; danças vergonhosas 97; trajes indecentes 172; amores ilícitos 198.⁴⁷⁹

Sobre a citação acima, é interessante perceber que não há - como em muitos outros textos publicados em *O Apóstolo* -, referências sobre quem teria realizado tal análise das fitas cinematográficas, nem quando esta teria ocorrido, deixando suspeitas sobre sua veracidade.

Parte das críticas ao cinema norte-americano publicadas nas páginas de *O Apóstolo*, tinha como fonte e inspiração uma liga católica fundada naquele país: a *Legião da Decência*. Esta seria uma organização católica que lutava contra a produção e a exibição de filmes considerados imorais. Por várias vezes, nos textos publicados pela Boa Imprensa catarinense, esta liga católica aparece como vitoriosa em seu empreendimento de censura.

Também pelas páginas de *O Apóstolo* tentou-se fundar semelhante liga em terras brasileiras. Mas tal empreendimento não parece ter alcançado sucesso, uma vez que não se encontram referências neste jornal sobre uma *Legião da Decência* atuante no Brasil.

Reconhecido pelo próprio clero como “um dos divertimentos mais populares, um meio de distração, onde vamos deleitar-nos durante algumas horas, esquecidos dos labores quotidianos”⁴⁸⁰, o cinema inspirava ressalvas, especialmente ao tratar da frequência feminina às escuras salas de exibição.

Esta preocupação com as mulheres consideradas sempre tão “inocentes” e suscetíveis à sedução pelos modelos e os modos de vida apresentados nas fitas de cinema, mantinha-se constante, especialmente quando se tratava de moças “casadeiras”, pois como publicou *O Apóstolo*: “O cinema é um inimigo encarniçado ao matrimônio cristão”, “um eficaz propagador da moda e dos costumes imorais”, e que “despreza a família”, enfim,

⁴⁷⁹ Apostolado da Oração: intenção do mês de junho. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jun. 1935, n. 120, p. 02.

⁴⁸⁰ O cinema como divertimento e meio educativo. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 fev. 1938, n. 184, p. 01.

afirma a Boa Imprensa, “o cinema é a ante-sala do inferno”.⁴⁸¹

O próprio Papa Pio XII com sua “autoridade incontestável” - não apenas por “se tratar do chefe supremo da Igreja”, mas também “pela experiência e larga visão que melhor do que ninguém, possui do mundo”⁴⁸² – manifestou-se para criticar as posturas das mulheres católicas que se deixavam levar pela moda e as maneiras das artistas de Hollywood, sempre vinculadas a uma sensualidade pecaminosa.

Aparece um modelo de vestido de alguma destas doidas escandalosas artistas de **Hollywood**, e acham meninas de famílias honestas e até se dizem piedosas, que podem muito acompanhar trajes que servem mais para despir que para vestir uma mulher. Este exibicionismo despudorado de certas artistas, (...) constituem um verdadeiro ultraje à dignidade da mulher.⁴⁸³

Utilizado para veicular textos que fossem capazes de causar certo impacto aos seus leitores, o jornal *O Apóstolo* publica em abril de 1955 pretensos depoimentos de algumas jovens não identificadas, que relatam suas más experiências de vida, supostamente inspiradas no cinema, numa suposta tentativa de alertar aos demais católicos e católicas sobre o perigo real que o cinema representaria, afirmando que “O mau cinema é atentado contra o corpo e contra a alma”:

Quem entra hoje num cinema para assistir um filme, não passa duas horas de recreio e de educação, mas duas horas de auto-sugestão, de abalo do sistema nervoso, de palpitação do coração, de modo que quando sai daquela sala parece precipitado em espírito no inferno.

O cinema é culpado de minha vida perversa [relata uma das depoentes]. A fita que me atirou ao pecado foi: “Sob os tetos de Paris”.

Outras quatro afirmam: O cinema é culpado da minha desgraça. “Cai em pecado depois de ter assistido ao filme: ‘Na Terra dos Sorrisos’ ”. E assim por diante

⁴⁸¹ O Cinema?... que mal há!... *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jan. 1936, n. 133, p. 03.

⁴⁸² O Papa e as Modas. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 set. 1953, n. 554, p. 01.

⁴⁸³ Ibid.

(...).⁴⁸⁴

Não se tratava de pregar o fim do cinema enquanto prática recreativa, mas sim, de propor uma intensa censura aos filmes que não fossem capazes de refletir os interesses católicos em seu empreendimento civilizador e normatizador da sociedade.

O saudoso Pontífice Pio XI, na Encíclica sobre o cinema, já prevenira o mundo contra o abuso que o homem fizera dessa maravilhosa invenção do século. Como a pólvora, a imprensa, o rádio, não escapará o cinema à triste sorte das invenções humanas: servirão ao mal em detrimento do bem e da verdade.

O cinema entre nós tornou-se uma vergonha para a nossa cultura e o nosso brio de povo cristão. E repito – UMA VERGONHA.⁴⁸⁵

A má utilização do cinema, entretanto, estava para além dos filmes. Os respaldos e as críticas do clero católico estendiam-se também aos freqüentadores das escuras salas de exibição.

A Imoralidade do Público Cinematográfico

Que ninguém se escandalize. Não vai pensar que estamos enganados. Não pusemos o título errado. Não estamos sob a obsessão do trabalho cinematográfico da severa crítica na qual até os dedos se tornam hóspedes da imoralidade e censurável.

Um dia tinha que chegar a vez do público. Nem todas as vezes se fala em censura dos filmes. Seria injusto, posto que as películas, muitas películas, apóiam sua imoralidade, precisamente, nas possíveis reações desse público.⁴⁸⁶

Apresentando os espectadores das salas de exibições como cúmplices na propagação da chamada imoralidade cinematográfica, *O Apóstolo* apresenta dois tipos de cumplicidade dos *maus espetáculos*: uma cumplicidade ativa e outra mais generalizada, na qual quase todos caem. No primeiro tipo de cumplicidade com o mau cinema encontram-se

⁴⁸⁴ O Cinema é o único culpado desta minha vida. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 abr. 1955, n. 593, p. 02.

⁴⁸⁵ BRANDÃO, Ascânio. Cinema. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 ago. 1953, n. 553, p. 03.

⁴⁸⁶ A Imoralidade do Público Cinematográfico. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 mar. 1959, n. 708, p. 04.

todos aqueles que assistem as exhibições de filmes, e que acabam “saltando as barreiras de ordem pública” e que encontram-se “dispostos a se ‘deleitar’ com o que vão assistir sem respeito às pessoas que podem estar a seu lado, na frente e atrás de sua poltrona”.⁴⁸⁷

São os que mal aparece na tela o nome de uma estrela famosa por suas indecências, por suas atitudes provocantes, por seus vestidos ou a ausência deles, por seus gestos insinuantes, aplaudem calorosamente embora o filme – como já aconteceu mais de uma vez, para justo castigo – não venha a justificar seus “desejos” e saem frustrados. São os que durante as projeções não se recatam em formular insolências de todas as espécies, comentários em que o picante rebaixa os limites do bom gosto para cair no grosseiro e pornográfico. Os que por fim, fazem a película mais imoral do que pode ser.⁴⁸⁸

Mas não apenas esses são freqüentadores perniciosos dos cinemas eram condenados pela Boa Imprensa, havia ainda aqueles que, de uma forma ou de outra, acabavam justificando os “excessos” dos filmes, ou mantinham-se omissos diante das “escandalosas produções cinematográficas”. Segundo o texto da Boa Imprensa estes também pecavam contra a civilidade e a normatização empreendida pela Igreja Católica.

E a imoralidade passiva; é o pecado de omissão dos que vão a essas mesmas películas dispostos a “passar” por tudo isso, e embora não adotem uma atitude claramente ofensiva para a moral, como os anteriores, emprestam seu consentimento ao que vêem, e sorriem complacentes diante dos comentários indecorosos, sem a mínima reação viril e civilizada.⁴⁸⁹

Não somente com as atitudes individuais estavam preocupados os clérigos da Boa Imprensa, mas também com o comportamento dos casais que freqüentavam as escuras salas de cinema. *O Apóstolo* publicava alguns pequenos textos de fundo pedagógico, na intenção de coibir o cinema como prática recreativa.

⁴⁸⁷ Idem.

⁴⁸⁸ Idem.

⁴⁸⁹ A Imoralidade do Público Cinematográfico. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 mar. 1959, n. 708, p. 04.

Em uma destas histórias reproduz uma fictícia conversa entre jovens sobre o cinema como um ambiente onde o respeito se fazia ausente.

-Já reparaste como esses rapazes nos faltam ao respeito no cinema? Observa Ivone encarando Vanda. “São uns moços sem educação!”

Ouvindo esta queixa, fui logo atalhando:

- Sim, mas para fazer-se respeitar é preciso evitar a companhia de quem poderia faltar-lhes ao respeito... Além disso, vocês não devem julgar a si mesmas uns *anjinhos de outro mundo*, senão legítimas filhas de Eva, expostas a toda espécie de perigos...

Yvette, a mais moça da turma, interrompe: “Mamãe diz que as companhias no cinema são muito perigosas. Pelo que me contaram e pelo que tenho observado, hoje nos cinemas passam-se coisas inconvenientes. Por isso, uma menina deve antes de tudo fazer-se respeitar, pois se lhe faltam ao respeito, está tudo perdido...”

Um dos rapazes que ostentava na Lapela um minúsculo escudo mariano, saiu-se com ares de psicólogo e prosopopéia de catedrático:

-Mais do que para os garotos, a tela é muitas vezes mais nociva as meninas. As meninas são todas de um temperamento mais ou menos excitável. Quando chegam aos 16 anos, acrescenta-se o fator romântico.”⁴⁹⁰

Novamente a instabilidade do espírito feminino é reforçada, assim como a responsabilidade da própria mulher em “fazer-se respeitar”, não cabendo ao rapaz a responsabilidade por seus atos, como se a ele coubesse o papel de empreender as investidas e a ela de repeli-las. Em suma, o cinema passa a ser um ambiente desaconselhável as meninas e as mulheres, tanto pelo “fator romântico” dos filmes, quanto pelo ambiente propício a intimidades que haviam se tornado costumeiras nestas escuras salas.

A penumbra das salas de exibição preocupavam muitos clérigos envolvidos com a Boa Imprensa, que elencavam ao lado das mulheres, também as crianças como passíveis de deixarem-se envolver pelos maus exemplos contidos nas películas cinematográficas.

Muitos eram os malefícios descritos em *O Apóstolo* aos quais estas crianças estariam expostas ao assistirem as exibições de cinema. Os filmes de aventura, tão

⁴⁹⁰ As moças se queixam... Os rapazes também... *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jan. 1946, n. 373, p. 02.

sedutores os olhos dos jovens ainda hoje, eram os que mais despertavam críticas por parte dos clérigos, uma vez que estes filmes estariam “repletos de crueldade, de violência e deteriorando a alma, a inteligência e a imaginação infantil”.⁴⁹¹

Uma das edições de *O Apóstolo* de 1951 trazia o chocante relato de uma tragédia que, segundo a Boa Imprensa, foi inspirada nos enredos de filmes de aventura.

Dois irmãos, José, de 9, e Augusto de 11 anos, juntamente com um companheiro de brinquedos, Cristian, de 8 anos, foram os protagonistas da tragédia. Imitavam a cena de um filme de “far-west”. Augusto era quem dirigia a cena. José, armado com uma velha carabina ameaçava Cristian. A arma, que estava carregada, disparou e fulminou o pobre menino. Os dois irmãos não se impressionaram com a morte do amiguinho. Com maior sangue frio, procuraram apagar os vestígios do crime. Meteram o cadáver do infeliz companheiro num saco e o lançaram numa lagoa. Para logo, foi descoberto o cadáver e presos os pequenos criminosos que, interrogados, negaram cinicamente o crime.⁴⁹²

Como em todos os demais textos publicados nesse jornal, este também não traz quaisquer informações sobre o local onde teria ocorrido tal incidente, ou quanto teria acontecido. O leitor pode apenas, na melhor das hipóteses, confiar nas palavras desse representante da Boa Imprensa, sem a possibilidade de maiores confirmações. Mas, mesmo que se cultive a desconfiança sobre a veracidade deste artigo, não há como desprezar o efeito deste nos leitores e leitoras católicos, que vêem seus próprios filhos em situações como a descrita acima.

É interessante perceber que a postura dos discursos em *O Apóstolo* sofre modificações significativas no decorrer dos anos, no que se refere ao cinema. Em um primeiro momento, as orientações aos católicos eram de que evitassem totalmente as escuras salas dos famigerados cinemas. Com o passar dos anos, percebendo que era incapaz de afastar totalmente os fiéis das salas de exibição, a Igreja adota uma nova postura: a

⁴⁹¹ A Criança e o Cinema. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 ago. 1951, n. 507, p. 03.

⁴⁹² Idem.

censura dos filmes. Desta maneira, estes passaram a serem classificados em três categorias: familiares, aconselháveis apenas para homens, e desaconselháveis.⁴⁹³

Nas páginas de *O Apóstolo* era possível perceber que havia uma consonância entre os discursos católicos catarinenses e a preocupação do próprio Vaticano para com o cinema: “O santo padre em recentíssima assembléia na cidade do Vaticano falou sobre o problema do cinema”, onde deliberou que todos os fiéis deveriam ter uma promessa “renovada anualmente” de que “jamais assistir a maus filmes”, seguindo sempre as recomendações da censura eclesiástica.⁴⁹⁴

Em um terceiro momento das relações entre a Igreja Católica e o cinema, as perspectivas se ampliam, e também esta instituição passa a utilizar filmes como forma de difundir e reafirmar seus preceitos e suas normas de conduta.

O uso desses meios teve especial sucesso entre os padres pertencentes a ordens religiosas, afeitos a essa apologética modernizada e que passaram a usar as igrejas como locais de exibição de filmes num exemplo típico do encontro da tecnologia moderna com o culto religioso. Pio XI (1922-1939) mostrou-se pessoalmente interessado no cinema, criando, em 1928, a Organização Católica Internacional Para o Cinema (OCIC), como informa Puntel (2005: 120), e Pio XII (1939-1958) ampliou a discussão sobre o papel da comunicação na formação de uma opinião pública. Mas, somente com o Concílio Vaticano II (1962-1965), uma posição oficial sobre o uso dos meios de comunicação pela Igreja defendeu o direito e a obrigação de empregá-los para a evangelização.⁴⁹⁵

Em vários locais do Brasil salas de cinema passaram a ser construídas sob a classificação de “cinemas de orientação católica”. Projeto estimulado pela Boa Imprensa em Florianópolis, mas que acabou não surtindo resultados em terras catarinenses.

⁴⁹³ Trabalho iniciado com a Boa Imprensa de Petrópolis, na década de 1910, segundo Cláudio Aguiar Almeida (op. cit.).

⁴⁹⁴ O Santo Padre e o cinema. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 ago. 1936, n. 147, p. 04.

⁴⁹⁵ PEIXOTO, Maria Cristina Leite. “*Santos da porta ao lado*”: caminhos da santidade contemporânea católica. UFRJ, Rio de Janeiro: 2006 (Tese de Doutorado), p. 197.

A palavra autorizada do Sumo Pontífice, fez com que eles [os católicos que haviam se afastado do cinema] voltassem as vistas, para a maravilhosa arte que tinha sido considerada como cancro destruidor da sociedade.

Uma das soluções mais aconselháveis, para a moralização do cinema, é a criação de salas públicas, onde se exibam filmes que não ofendam a moral cristã. (...)

É por esse motivo, que assinalamos, com prazer a construção de dois grandes cinemas de orientação católica em Aracajú.⁴⁹⁶

Enfim, durante a primeira metade do século XX, estava claro e esforço empreendido pela Igreja Católica na manutenção de suas representações, especialmente aquelas referentes às mulheres, e sua “cruzada” contra os modelos dissidentes.

Sobretudo, é interessante perceber que essa reafirmação constante de representações dentro dos discursos católicos sinalizava para uma perda de sua eficácia, assim como, uma tentativa de reavivá-las.

Deste modo, seria inocência afirmar que a força das representações, os valores e o poder organizacional da Igreja Católica acabou por perder-se na história, mesmo diante da sociedade do século XXI, entre a efemeridade e o ritmo frenético das mudanças, a Igreja tem surpreendido ao mostrar-se presente, forte e influente.

3.4 Martírio e virgindade: as representações da santidade feminina

*“Renuncio aos prazeres deste mundo
E as ilusões terrenas...*

*Fuja minha alma deste caos profundo,
Fugindo a tantas penas.”⁴⁹⁷*

Dentro do conjunto de representações e de modelos de conduta fornecidos pelos

⁴⁹⁶ Moralizando o cinema. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 out. 1938, n. 200, p. 03.

⁴⁹⁷ LIEDA CRISTINA. Renúncia. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jun. 1933, n. 70, p. 01.

discursos católicos, são os santos e santas que recebem especial destaque. Descritos como modelos de perfeição em vida, estes eram utilizados como referenciais normativos, dentro dos discursos de *O Apóstolo*.

A santidade, dentro das perspectivas católicas, encontra-se revestida de diferenças de gênero tão fortes que acabam por criar dois tipos diferentes de santificação: um masculino e outro feminino.

Dentro da história da Igreja Católica, somente no século XIII as mulheres passaram a ocupar espaço no campo da santidade, isto porque até então se cultivava, por parte do clero, um forte sentimento misógino, que acabava por colocar a figura da mulher como responsável pela expulsão do homem do paraíso, ou seja, como uma “pecadora” por excelência. Apenas após esse século, e com as mudanças que ocorreram na concepção de santidade, é que se iria permitir a inclusão de mulheres dentro desse universo, uma vez que se deixaria de crer em uma santidade proveniente de uma perfeição inata ou herdada, para crê-se em uma santidade que cultivada, ou seja, adquirida através da adoção e da vivência intensa dos valores cristãos.⁴⁹⁸

É preciso considerar que a entrada da mulher dentro desse contexto católico de santidade não iria ocorrer do mesmo modo que o homem. Sua presença nesse espaço estava condicionada a um contexto específico: o corpo.

A santidade masculina desenhava-se, muitas vezes, a partir de uma vida pública do “homem santo”, que em muitas representações surge como líder, combatendo inimigos ou rivais heréticos. Esse “santo” é capaz de manifestar sua superioridade sobre os adversários, assegurando sua autoridade espiritual. Diferente dos homens, as mulheres cristãs não deveriam possuir acesso à vida pública, assim como não detinham riquezas ou heranças de que pudesse abdicar em prol de uma “vida santa”, portanto, sua santidade

⁴⁹⁸ VAUCHEZ, André. Santidade. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 12, Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1987, p. 290.

precisaria ser construída dentro de outro âmbito. Como até então as representações da mulher giravam em torno de Eva como tentadora-pecadora, graças às leituras do relato etiológico do Gênesis, a construção da santidade feminina acaba adotando como modelo uma anti-Eva, ou seja, Maria, a eternamente virgem. Desta maneira, a santidade feminina encampa o controle do corpo da mulher, ou seja, o controle de sua sexualidade para o celibato ou para o casamento.⁴⁹⁹

A integração de pessoas comuns no rol da santidade oficialmente reconhecida pela Igreja Católica, assim como a valorização do reconhecimento de milagres foi crescendo à medida que a Igreja Católica foi necessitando deste artifício simbólico em seus momentos de crise.

No século XX, o papa Pio XI canonizou trinta e quatro santos. Seu substituto, Pio XII canonizou mais trinta e três santos. Desde o século XVI até o século XX mais de 700 canonizações ocorreram, sendo que destas 482 ocorreram sob a bênção do papa João Paulo II, superando a soma de todos os seus predecessores. Isso se deve às profundas mudanças que nos trâmites de canonização promovidas por esse papa.⁵⁰⁰

O processo de canonização consiste em uma investigação realizada sobre a vida do candidato a santo, chamado nessa fase de “servo de Deus”. Instituído dentro de formalidades pré-definidas, este processo apenas tem início a partir do aceite oficial da Igreja, quando um processo é encaminhado, dentro do que é prescrito pela lei canônica, ao Vaticano. Analisado, o processo chega, enfim, ao papa que pode julgá-lo digno de culto universal, passando a ter seu nome incluído no Cânon, ou lista dos santos.

Santos, santas, canonizações e processos estavam muito presentes nas páginas de *O Apóstolo*. Alguns se destacavam pela frequência com que ganhavam seu espaço na Boa

⁴⁹⁹ Ibid. P. 292.

⁵⁰⁰ PEIXOTO, Maria Cristina Leite. “*Santos da porta ao lado*”: caminhos da santidade contemporânea católica. UFRJ, Rio de Janeiro: 2006 (Tese de Doutorado), p. 86-88.

Imprensa catarinense. No que se refere à santidade feminina, as virgens martirizadas recebiam maior destaque. Personagens como Santa Catarina são constantemente lembradas, e virtudes católicas representadas por elas, reiteradas: a firmeza, a fidelidade a Deus, o desprezo as honrarias mundanas e a preservação da virgindade.⁵⁰¹

Outra personagem que recebia destaque nas páginas de *O Apóstolo* era a menina Maria Goretti, especialmente durante a década de 1940, período em que foi canonizada.

Nascida aos 16 dias do mês de outubro de 1890 no seio de uma família pobre do interior da Itália, Maria Goretti teria morrido aos 11 anos ao resistir a uma tentativa de estupro. Descrita, pela Boa Imprensa, como uma menina católica muito devota, foi canonizada no ano de 1950 pelo papa Pio XII.

A canonização da menina Maria Goretti serviria muito aos interesses católicos, que necessitavam de representações que estivesse imbuídas de seus preceitos que estivessem direcionadas às meninas e às mulheres. Neste sentido, as edições de *O Apóstolo* entre os anos de 1947 e 1951 contaram com textos e referências, algumas com destaque de primeira página, contendo a vida e principalmente a morte de Maria Goretti, descritas com muita dramaticidade.

⁵⁰¹ Pureza, Martírio e Virgindade de Santa Catarina. *O Apóstolo*, Florianópolis, nov. 1929, n. 04, p. 04.



Figura 110: Capa do livro sobre a vida de Maria Goretti, escrito pelo Pe Alvino Braun – O Apóstolo - 1951.

Paralelamente a isto, publicavam-se histórias de outras jovens garotas que teriam seguido o exemplo de martírio de Maria Goretti e também teriam preferido a morte ao “pecado”, ou seja, que teriam morrido ao resistirem a estupros.

Muitos destes relatos não traziam detalhes que permitissem a verificação de sua veracidade, mas, como os próprios redatores de *O Apóstolo* afirmavam “que importa um

nome?”, pois era necessário apenas ressaltar que “até por cá há moças puras que amam a preciosa jóia da pureza e estão dispostas como Sta Maria Goretti a morrer, si é necessário, antes que ver esta flor manchada”.⁵⁰²

A virgindade é um tema recorrente na estrutura moral do catolicismo⁵⁰³, especialmente ao que se refere ao corpo feminino.⁵⁰⁴ O desejo do controle da sexualidade limitada ao casamento e a geração de descendentes, a disciplina do prazer limitado ao quarto do casal foi parte da formação das instituições modernas,⁵⁰⁵ e mesmo que a Igreja Católica tenha participado desse empreendimento, sempre se pautou em uma visão muito particular sobre o corpo e a sexualidade de seus fiéis.

Do tempo dos Apóstolos aos dias de hoje, o cristianismo estimulou diversas manifestações morais acerca do sexo. E se houve um traço unificante de todas essas “morais”, este foi a *recusa do prazer*, às vezes flexível, mas sempre presente em todas as reflexões e códigos éticos fundamentados no cristianismo.⁵⁰⁶

Todos estes preceitos católicos, sua moral vigente na primeira metade do século XX, a atenção legada ao corpo feminino e o empenho dos católicos envolvidos com a publicação de *O Apóstolo*, proporcionam reverberações e reapropriações de seus discursos no início desse século XXI, mostrando não a eficácia desses dentro de uma perspectiva de longa duração, mas a retomada e a resignificação, pela Igreja Católica, de valores normativos, na busca por dialogar com o atual contexto histórico.

Estamos falando de beatificação de Albertina Berkenbrock.

Nos dias que se seguiram a 10 de outubro de 2007, muitas foram as notícias

⁵⁰² Também por aqui há Marias Gorettis. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jan. 1953, n. 540, p. 02.

⁵⁰³ VAINFAS, 1992. P. 08.

⁵⁰⁴ Ibid. P. 10.

⁵⁰⁵ GIDDENS, 1993. P.31.

⁵⁰⁶ VAINFAS, op. cit. P. 81.

divulgadas pela mídia nacional sobre cerimônia de beatificação da menina Albertina Berkenbrock, a catarinense de nascimento que surge como candidata a obtenção do *status* de primeira santa *nascida* no Brasil.

A catarinense Albertina Berkenbrock foi beatificada pelo Vaticano na tarde deste sábado (20) em Tubarão, SC. Morta de forma trágica na comunidade rural de São Luiz, no interior de Santa Catarina, em 1931, aos 12 anos, a menina ganhou fama de milagreira.

Cerca de 10 mil pessoas acompanharam a cerimônia de beatificação de Albertina Berkenbrock, na praça da catedral de Tubarão, no sul de Santa Catarina. O cardeal português José Saraiva Martins, representante do Vaticano, leu a carta apostólica que confirmou a beatificação de Albertina.

Um coral de 400 vozes acompanhou a cerimônia, que terminou em um grande abraço de confraternização. A família de Albertina comemorou. O irmão dela, Vandolino Berkenbrock, esperou 90 anos pelo dia da beatificação: “tô feliz, muito feliz, deu para chegar o dia, né?”.⁵⁰⁷

Esta reportagem veiculada pelo *G1 – Globo.com notícias*, no dia 20 de outubro de 2007, por ocasião da beatificação da menina Albertina Berkenbrock, traz uma sutileza refletida nas palavras do irmão da nova beata, Vandolino, quando comenta que, enfim, “deu pra chegar o dia”. Neste singelo desabafo - para um observador mais atento -, é possível vislumbrar a vivência de um longo processo que envolveu o pedido de reconhecimento da santidade de Albertina, não apenas dentro do processo canônico e de investigações do Vaticano, mas como uma construção dessa representação de santidade junto aos fiéis, que envolveu muitas articulações discursivas, como ideais de feminilidades, virgindade, recato, obediência, mariologia, aliados a muito empenho de clérigos, organizações de católicos leigos e até da mídia, em um intenso trabalho iniciado na década de 1950, e que, enfim, acaba por legar a esta menina, descendente de imigrantes alemães, e nascida na pequena comunidade de São Luiz, na cidade de Imaruí, o *status* de beata.

⁵⁰⁷ G1 – GLOBO.COM NOTÍCIAS. São Paulo, 20/10/2007. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL153747-5598,00.html>>. Acesso: em 04 nov. 2007.

A presença da mulher dentro da santidade católica do século XXI ainda se encontra muito ligada ao corpo e a seu controle, especialmente no que tange às sensações sexuais. Neste ciclo, mulher, corpo, pecado e santidade é que se constroem, ainda na contemporaneidade, os modelos ideais a serem seguidos pelas católicas.

Deste modo, especialmente na contemporaneidade, para que estes modelos de santidade possam alcançar alguma influência entre os fiéis católicos, se faz necessário todo um processo de construção da representação de santidade. Assim, a vida, e em alguns casos a morte, desses santos e santas, precisariam ser legitimados, não apenas pela Igreja Católica, mas através de relatos de suas vidas e a constante repetição dessas publicamente.

Como ocorreu com muitos dos santos católicos, a santidade da menina Albertina também teve que passar por um processo de construção e de legitimidade pública. Tal processo que se iniciou ainda na década de 1950, e que teve como importante instrumento para sua efetivação o jornal católico *O Apóstolo*, que atuou não apenas auxiliando neste empreendimento, mas servindo de “palco” para que desfilassem os discursos que comporiam essa santidade feminina.



Figura 11: O interesse do clero catarinense na instauração do processo de canonização de Albertina era explicito nas páginas de O Apóstolo – 1953.

Evidentemente, a análise aqui proposta, possui um recorte que determina suas limitações. A escolha do periódico *O Apóstolo*, e a opção por não me estender a outros espaços de construções das representações de Albertina Berkenbrock, como a memória de seu grupo familiar, a visão dos fiéis, da imprensa leiga, acabam por tornar esse trabalho como uma pequena contribuição para um suntuoso leque de muitas outras possibilidades de análises e outros olhares.

Os meios de comunicação modernos promovem a divulgação e a defesa dos mais variados pontos de vista, desse modo, a presença da mídia nos processos de canonização não se trata de um mero detalhe, mas merece relevância. Um exemplo disso é o caso de *O Apóstolo* e da menina Albertina.

Considerando que o jornal católico *O Apóstolo*, durante a década de 1950 era o único representante da imprensa católica em Santa Catarina, a voz da oficialidade católica em terras catarinenses, pode-se dizer que dentro da sociedade católica, este periódico desempenhava importante papel como instrumento de divulgação, não apenas de fé, mas também de representações de família, de normas de conduta feminina e masculina, por exemplo.

Dentre as articulações discursivas veiculadas nas páginas desse periódico, há uma manobra, que indubitavelmente contava com apoio da arquidiocese, e que pode ser encarada como, no mínimo, intrigante: a opção de ignorar os trâmites vigentes no Código Canônico, onde constava que se fazia necessário um período de 50 anos entre a morte do candidato a beatificação e o início do processo.⁵⁰⁸ Esse era um cuidado tomado pela Igreja Católica, visando garantir que a reputação de santidade do candidato não se trata apenas de uma fama passageira.

Quando se inicia a campanha pela canonização de Albertina ainda não se haviam passado mais do que vinte anos do assassinato da menina.

Esse foi um dos grandes pontos que fizeram com que esta campanha não obtivesse êxito. Entretanto contribuiu para a construção de uma memória, assim como a representação da santidade de Albertina, que enfim, cinquenta anos depois, culminou em sua beatificação. Os demais passos instituídos pelo Código Canônico rumo a canonização foram seguidos e destacados com esmero nas páginas de *O Apóstolo*.

⁵⁰⁸ O Papa João Paulo II promoveu modificações no processo de canonização com o documento *Divinus Perfectione Magister*, que passaram a valer a partir de 25 de janeiro de 1983.

Dentro desses trâmites, consta como primeiro passo a transformação da vida do candidato a santo em um texto, escrito por um agente autorizado pela Igreja Católica. Geralmente são produzidos pequenos livros, com poucas páginas, e uma linguagem acessível, visando alcançar um maior número de devotos.

O segundo momento é o reconhecimento espontâneo da comunidade dessa santidade do candidato, para que enfim, com o reconhecimento do bispo local, se possa montar o processo que será encaminhado ao Vaticano.

Foi nestas primeiras fases que *O Apóstolo* desempenhou importante papel. Em suas páginas que de março a dezembro de 1953 foram publicadas, em primeira página, e ao lado de várias fotos, a hagiografia⁵⁰⁹ da menina Albertina.

Estas publicações ocorriam em uma coluna específica, estrategicamente arranjada logo na primeira página de cada edição, e intitulada *Pela terra catarinense – Conhecer para amar*. Esta coluna, que teve seu aparecimento na edição de 15 de fevereiro de 1940, de maneira geral, dedicava-se a apresentar belezas, curiosidades, locais de devoção e festas religiosas das mais diversas regiões de Santa Catarina.⁵¹⁰

⁵⁰⁹ A hagiografia é um ramo da história da Igreja que trata dos santos e de sua veneração.

⁵¹⁰ Esta coluna surge sob a responsabilidade do Pe Emilio Dűfner, sendo que na década de 1950 já estava a cargo do Pe A. B. Braun.



Figura 12: Primeira página marcando o início da seqüência quinzenal de trechos da hagiografia de Albertina Berkenbrock - O Apóstolo 01 de março de 1953.

A publicação seqüencial da história de Albertina teve considerável impacto entre os leitores e leitoras de *O Apóstolo*, fato este perceptível a partir da coluna das *Graças alcançadas*.⁵¹¹

Antes da publicação de trechos de sua hagiografia podia-se encontrar, em cada exemplar, uma, ou por vezes, nenhuma graça creditada a menina. Tão logo se iniciou a campanha pela beatificação, as notas de graças recebidas pela “interseção” de Albertina, nas páginas desse jornal, cresceram consideravelmente, chegando em 1956 a contarem com uma média de 10 entre 30 anúncios publicados.

⁵¹¹ Espaço vendido aos leitores, destinado publicação de agradecimentos, como forma de pagamento de promessa, as “graças” recebidas, e onde faziam referência a localidade de onde falavam, assim como, qual seria o santo que havia “intercedido” por sua causa. Em geral não constavam os nomes dos fiéis.

Minha filha casou-se, adoeceu, não encontrando cura. Prometi levá-la a gruta de Albertina e publicar a graça, e, curou-se imediatamente.

Gratidão a Albertina.⁵¹²



Figura 13: Ilustração representando Albertina Berkenbrock no centro da coluna Graças Recebidas – 1953.

É relevante ressaltar que para que as notas de agradecimento fossem publicadas, se fazia necessário uma doação espontânea por parte dos fiéis. E mais, quando se tratavam de notas de graças recebidas por intermédio da menina Albertina, os devotos acresciam, em suas doações, um montante que se destinava ao pagamento do processo de canonização ao Vaticano, provando a eficácia do jornal *O Apóstolo* não apenas na construção dessa santidade, mas também no engajamento por sua legitimação oficial.

⁵¹² *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 abr. 1956, p. 02.

Outro detalhe interessante que surge ao se analisar as notas de *graças recebidas*, é a grande diversidade de localidades de onde provinham essas *graças alcançadas*, sinalizando o não apenas o crescimento de devotos de Albertina, mas também a amplitude do espaço geográfico que sua fama de santidade passou a alcançar. Esse mérito também se deve ao jornal católico e sua ampla circulação por terras catarinenses.⁵¹³

Os milagres são muito importantes para a construção da representação de santidade no contexto do catolicismo, uma vez que, no interior dos discursos da Igreja Católica, encontram-se dois “patamares” por onde os fiéis poderiam obter contato com o transcendente: a ordem Temporal e a ordem Espiritual. Na ordem temporal a relação com o sagrado se efetiva através dos representantes da Igreja, ou seja, papas, bispos, padres, etc. Já na ordem espiritual, a relação com o sagrado se dá a partir de *mediadores* como Maria e os santos. Dentro deste contexto, o milagre seria a representação da reversibilidade do discurso religioso, ou seja, a passagem de um plano para outro, legitimando e reafirmando a fé.⁵¹⁴ Assim, a divulgação das notas de *graças recebidas* enquadra-se perfeitamente dentro do processo de construção da representação de santidade de Albertina Berkenbrock.

Não despropositadamente, a divulgação repetitiva da foto da lápide de Albertina, ou da capela construída no local em que seu corpo sem vida havia sido encontrado, com a mensagem: “Pela beatificação de Albertina”, desempenharam, igualmente, importante papel dentro desse processo.

⁵¹³ Na coluna *Graças Recebidas* encontravam-se referências a devotos da menina Albertina no planalto norte catarinense, no Paraná e até no Rio Grande do Sul.

⁵¹⁴ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento*: as formas do discurso. 2ª ed., Campinas, São Paulo: Pontes, 1987, 246-251



Figura 14: Túmulo coberto de flores "devoção do povo".

A divulgação, durante o ano de 1953, da biografia de cunho hagiográfico de Albertina nas páginas de *O Apóstolo*, consistia em pequenos trechos sequenciais ilustrados por fotos dos locais de devoção, como o túmulo da menina e a capela construída no local onde se teria encontrado seu corpo, assim como depoimentos de seus familiares e daqueles que teriam convivido com Albertina.



Figura 15: Túmulo da menina Albertina – O Apóstolo 1953.



Figura 16: O pai da 'Serva de Deus', retrato da simplicidade – O Apóstolo 1953.



Figura 17: Professor de Albertina – O Apóstolo 1953.



Figura 18: Irmã de Albertina, descrita como seu “fiel retrato” – *O Apóstolo* 1953.

Este trabalho biográfico era de essencial importância para as autoridades eclesiásticas, pois seria a partir dele que se poderia iniciar o processo de canonização formalizado pelo bispo local, que daria início às investigações.

Esse objetivo podia ser percebido no próprio título das publicações de *O Apóstolo*, onde Albertina era tratada como *Serva de Deus*. Esta é uma referência à segunda fase do processo oficial de canonização, quando se estabelece um tribunal de inquérito pelo bispo local e são chamadas as testemunhas para depor contra e a favor do candidato, que passa a ser tratado pelo título de “servo de Deus”.

Outro cuidado interessante que mostra a sintonia entre o jornal com a oficialidade católica é a recomendação de que o Servo de Deus não deve ser objeto de culto público, uma vez que ainda não havia recebido do Papa o reconhecimento de sua santidade.

Recomenda-se a todos os admiradores da Virgem assassinada, se abstenham de tudo que possa insinuar CULTO PÚBLICO, como acender velas em sua honra, chamá-la de SANTA, e semelhantes.

Podem invocá-la, e pedir muito a Deus seja servida de glorificar sua serva!

O autor protesta em nada querer adiantar-se ao juízo definitivo da Igreja, de conformidade com o Decreto de Urbano VIII.⁵¹⁵

Este Decreto de Urbano VIII (1623-1644) vai proibir culto público de qualquer santo ou santa sem aval da Igreja, atribuindo definitivamente o ato de canonização a hierarquia eclesiástica e condenando a criação popular de santos.⁵¹⁶

Na biografia de Albertina, dois são os eixos centrais que sustentam a representação de sua santidade: a luta por manter sua virgindade e o seu martírio. Convém destacar também que a linguagem utilizada para a produção desta narrativa é dotada de uma intensa dramaticidade, fundamentada em um maniqueísmo, um dualismo entre as forças do “bem” e as forças do “mal”, onde a tragédia transforma-se em benção, uma vez que é “escolhida” em lugar do pecado.

Essa ênfase insistente da narrativa em destacar sua trágica morte é perfeitamente explicável, uma vez que este é um ponto essencial na biografia de um santo ou de um candidato à canonização, pois se trata de uma aproximação do exemplo dado por Jesus Cristo, onde o mártir não procura sua morte, mas a aceita livremente. Até mesmo do ponto de vista do processo canônico de beatificação, a comprovação de martírio pode se converter em uma vantagem: normalmente o caminho entre “servo de Deus” e “santo” passa por dois milagres, uma para a beatificação e outro para a canonização. Entretanto um mártir pode ser

⁵¹⁵ *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1953.

⁵¹⁶ PEIXOTO, 2006.

beatificado sem o primeiro milagre, precisando apenas de um para sua canonização, uma vez que já teria passado pelo martírio, assim como Jesus Cristo.

Por este prisma, o relato da vida de Albertina inicia-se ironicamente com sua morte:

Silêncio profundo reinava agora na mata virgem!
Ao longe, pelos grotões, gritos de dor, afogado em gorgulhantes golfadas de sangue – “Não me judia!”
(...)
Estava consumado o sacrifício de uma jovem, cheia de virtudes infantis, vida cheia de paz e meiguice, cheia de orações e de cruzes: ALBERTINA, fora assassinada por Maneco! E fez-se silêncio tenebroso na mata... e o sangue continuava a escorrer suavemente da larga ferida. Eram 4 horas da tarde: 15 de junho de 1931.⁵¹⁷

As narrativas da morte de um santo concluem as expectativas de uma vida santa, onde se provam as virtudes que lhe são atribuídas. No caso de Albertina, sua grande virtude foi a defesa de sua virgindade, preferindo a morte do que entregar sua “pureza” a seu agressor, e mantendo-se, desde modo, em um estado de conciliação com os preceitos e virtudes católicas.

Um dos grandes objetivos da canonização é a efetivação de modelos capazes de representar não apenas a fé, mas todos as diretrizes pregadas para a vida uma em “perfeição cristã”, dentro da ótica da Igreja Católica.

Se ela foi pura em circunstâncias difíceis, no momento em que dum SIM dependeria a vida e momento em que um NÃO incorreria na morte certa, mas morte gloriosa de mártir, heroína, Albertina escolheu a morte... Albertina disse o NÃO... não pecarei, mas obedecerei a Deus!⁵¹⁸

⁵¹⁷ *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1956, p. 01.

⁵¹⁸ *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 ago. 1953, p 01.

A virgindade, assim como a abstinência sexual, não são tabus dentro dos preceitos da Igreja Católica ao contrário do que possa parecer, tratam-se sim, de princípios, metas de perfeição que podem guiar a santidade.

Estes preceitos da Igreja, no que se refere ao sexo e à virgindade, mostram-se harmoniosos na hagiografia de Albertina em *O Apóstolo*. Quando o autor escreve que a menina não entregou seu corpo, preferindo a morte, mantendo a virtude “desejada” por Deus, certamente tinha em mente as palavras de São Paulo, onde afirmava que “O corpo não era uma coisa neutra, situada entre a natureza e a cidade. Paulo o estabeleceu firmemente como um ‘templo do Espírito Santo’. (...) Pertencia ao Senhor”.⁵¹⁹ Desta maneira, para construir o relato e a representação da morte de Albertina, o autor procura manter-se rigorosamente dentro dos preceitos que fundamentam a moral católica.

O maior de todos os modelos dessa moral de abstinência sexual é indubitavelmente Maria, a mãe de Jesus, a personificação da santidade feminina, a anti-Eva redentora, a eterna virgem.

Nas páginas de *O Apóstolo* o culto a Maria, assim como a veneração a sua virgindade são constantes, por vezes aparecendo de maneira estratégica, ao lado das imagens da lápide de Albertina ou da capelinha construída no lugar de sua morte, possibilitando uma relação, mesmo que inconsciente, do leitor menos atento.

Sem dúvida não faltaram à Maria pretextos para eximir-se da purificação, porque a lei supunha a perda da virgindade, ao passo que Ela a conservava em todo seu frescor.

(...)

A lei presumia a transmissão do pecado original como fonte de todos os males mas Ela, por especial privilégio, fora isenta do pecado e, por isso, capaz de transmitir uma vida perfeita e santas aos olhos de Deus.⁵²⁰

⁵¹⁹ BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p.53.

⁵²⁰ *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 mar. 1956, p. 01.

Esta preocupação com o culto a virgindade alia-se oportunamente com os discursos produzidos para a construção da representação da santidade de Albertina. Um exemplo disso está nas fotos utilizadas para ilustrar sua biografia, e que eram estrategicamente situadas no centro das primeiras páginas, onde, em uma dessas imagens vê-se uma menina ajoelhada ao lado do altar da capela construída no possível local da morte da “Serva de Deus”. Essa garota retratada, aparentemente, com mesma idade com que Albertina teria sido assassinada, deixa subentendido a quem o culto á candidata à canonização estava direcionado, assim como, a quem seu “exemplo” de virtude deveria inspirar. No centro da imagem, encontra-se uma placa presa ao altar onde se lê: “Aqui morreu Albertina Berkenbrock por mão de um assassino em defesa de sua virgindade em 16 junho 1931”.⁵²¹

⁵²¹ *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1956, p. 01.



Figura 19: A representação de santidade de Albertina tinha por objetivo inspirar as jovens católicas. - O Apóstolo 1953.

Não apenas subjetivamente estas mensagens direcionadas às mulheres são veiculadas nas páginas desse jornal. Algumas surpreendem pela objetividade:

Donzelas, olhai para a virtude da pequena e heróica Albertina! Sede puras como ela foi santa! Com orações e sacrifícios triunfareis em todas as dificuldades da vida.⁵²²

É interessante perceber que na hagiografia de Albertina publicada em *O Apóstolo* há uma preocupação em legitimar sua virgindade, ou seja, não deixar brechas para possíveis dúvidas por parte dos fiéis de que a menina realmente havia sido martirizada em defesa de sua “pureza”. Deste modo, “(...) apesar de ser o vestido dela comprido até os pés o seu cadáver estava com as vestes levantadas até acima do joelho, todo ensangüentado(...)”⁵²³, o que levaria a crer que o estupro teria sido consumado. Seria uma voz autorizada, uma “parteira diplomada” da região, Martha Mayhofer, “senhora séria e boa”, ou seja, confiável o suficiente para realizar “o exame pericial”, que acabará por atestar “que Albertina morreu virgem e que não foi violada a sua pureza!”⁵²⁴, fazendo supor que sua morte estaria ligada a sua resistência aos “desejos” de seu agressor.

Para confirmar de maneira ainda mais enfática este imenso valor legado a virgindade dentro do discurso católico, o autor da hagiografia da menina arremata: “Que consolo para os pais!”. Pois mesmo que não haja “consolo humano; há-o na religião: ‘Albertina morrera pura!’”⁵²⁵.

Há, ainda, uma perfeita consonância entre o relato da vida de Albertina e a representação de uma Igreja Romanizada. Isso se torna perceptível, por exemplo, na descrição de cerimônias como a de Batismo da menina, assim como de sua Primeira Comunhão, quando ela teria demonstrado um especial interesse pelo catecismo. Esse seu interesse pelos ensinamentos da Igreja é muito importante para efetivação de sua santidade,

⁵²² *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 nov. 1956, p. 01.

⁵²³ *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 maio 1956, p. 01.

⁵²⁴ *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jul. 1956, p. 01.

⁵²⁵ *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jul. 1956, p. 01.

pois mostram seu respeito pela oficialidade católica, assim como por seus representantes terrenos.

Toda essa sua propensão ao catecismo é descrito, nessa narrativa, como sendo influência de sua família, que é por várias vezes é apresentada como um modelo de família cristã, freqüentadora de missas, orações e terços.

Como todas as boas famílias cristãs também o casal Berkenbrock não descurava e continuava prática da religião: Orações em família(...) Todos os domingo, e também nos dias festivos, iam para a capelinha de São Luiz, próxima uns 30 metros de sua pobre casa de madeira.⁵²⁶

Trava-se de uma articulação discursiva, que se consolidava a partir da junção de várias virtudes celebradas pelos preceitos da Igreja Católica, que iam desde a simplicidade de uma vida de trabalho - uma vez a Família de Albertina que sobrevivia de sua pequena propriedade rural -, até a valorização da união familiar a partir da prática da religião.

Todo este contexto de harmonia que se desenhava discursivamente em torno da vida familiar de Albertina, se estendia quando a própria menina era descrita dotada de virtudes consideradas tipicamente femininas - dentro das representações católicas.

Albertina é representada “como sendo de inteligência apoucada”, mas que, entretanto, “pertencia ao grupo das regularmente prendadas; na doutrina cristã era das mais atentas”.⁵²⁷ E mesmo sendo descrita como muito tímida, “Na doutrina era ela muito atenta, seus olhos brilhavam, deixando perceber que tinha compreendido o assunto explicado, bem que tinha dificuldade em se expressar”.⁵²⁸

Mas, não apenas estas eram as virtudes “tipicamente” femininas de que a menina era dotada, havia outras que mereciam destaque, como a bondade: “menina muito boa,

⁵²⁶ *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1956, p. 01.

⁵²⁷ *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 abr. 1956, p. 01.

⁵²⁸ *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 maio 1956, p. 01.

sempre me trazia o almoço, quando trabalhava na olaria”; a mansidão: “eu brigava com Albertina, mas ela não reagia e não respondia!”, e a obediência: “Era serviçal, sem resmungar; dócil, obediente e pronta; era amável muito delicada”; além de que “nunca se vingava, nem quando os irmãos a batiam; em casa era muito alegre; muito modesta, especialmente ao vestir e despir-se; nunca saíram palavras menos delicadas de sua boca”.⁵²⁹

Enfim, Albertina personificava o modelo católico de mulher, a norma a ser seguida pelas demais cristãs, ou seja, sua santidade rompia com a imperfeição de que eram “naturalmente” dotadas as mulheres, e estava inegavelmente próxima do mais forte modelo feminino da Igreja Católica: Maria.

Interessante é perceber que esta representação de santidade se constrói, também, a partir do confronto com uma outra representação totalmente oposta as inúmeras virtudes descritas para Albertina: a figura de Maneco, o seu assassino.

Na narrativa publicada em *O Apóstolo*, a figura de Maneco surge, em um primeiro momento, como sendo aquele que avisa e guia os habitantes da pequena comunidade até o local onde se encontrava o corpo já sem vida de Albertina. Nestes primeiros momentos, segundo a narrativa, não havia recaído qualquer suspeita sobre esse homem. Apenas mais tarde, quando se inicia a investigação, é que o fato da camisa de Maneco estar suja de sangue torna-se a principal prova de que teria sido ele o assassino da menina.

Tão logo Maneco passa a ser o principal suspeito desse assassinato, a narrativa adquire novas feições ao referir-se a ele, destacando com muita ênfase sua etnia, e tratando-o, a partir de então, pejorativamente como “Negro Maneco”.

⁵²⁹ *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 maio 1956, p. 01.



Figura 120: Única imagem publicada do suposto assassino de Albertina – O Apóstolo 1953.

As descrições desse personagem tomam contornos que reportam a uma imagem de incivilidade, como por exemplo, quando ele é descrito trabalhando nas terras da família Berkenbrock, onde vivia “nu da cintura para cima” e alimentando-se da caça de pequenos animais nas matas.

Deste modo articulam-se, neste discurso hagiográfico, representações antagônicas: a menina religiosa proveniente de uma família de descendência alemã, que valorizava os preceitos cristãos, e o “selvagem” Maneco, que parecia ignorar qualquer valor religioso.

A presumida culpa de Maneco não girava apenas em torno das suspeitas do crime que havia acometido a filha da família Berkenbrock, mas, dentro da narrativa veiculada em *O Apóstolo*, constituía-se a partir de sua conduta moral precária, uma vez que esse era um

homem que desprezava os valores morais de preservação do corpo e da pureza feminina, e que, portanto seria comprovadamente capaz de ter investido contra a vida da menina.

Maneco já desrespeitara, em aldeia vizinha, moça de boa família. Não teve a infeliz a virtude de Albertina, para resistir ao pecado, mas deixando-se levar pelo negro sensual, teve que arcar com as conseqüências de seu pecado, com a prole, morena e ilegítima.⁵³⁰

Quando, enfim, é dada por encerrada a investigação, Maneco confessa, na prisão, ter realmente ceifado a vida da menina Albertina.⁵³¹

Assim, afirmar que entre os católicos a doutrina moral, os critérios dessa doutrina e as maneiras de viver estão intimamente imbricados, não se trata de apontar para uma informação nova. Entretanto, analisar de que maneira a sacralização da sexualidade se dá a partir dos discursos, das representações especialmente no que se refere ao corpo feminino, é uma questão muito relevante.

E é dentro da tensão posta na sociedade contemporânea, entre secularização e religião, pautada em valores cristãos da primeira metade do século XX, que recentemente se realiza a beatificação da menina catarinense Albertina Berkenbrock, que acabou encarnando um modelo de santidade, que a primeira vista parece incompatível com a atual dinâmica social, mas que reflete o posicionamento conservador da Igreja Católica, assim como, seus objetivos de “re-catolicizar” uma sociedade imersa em “valores modernos”.

Mesmo que hoje, de modo geral, acredite-se em uma secularização da sociedade, o atual pontificado de Bento XVI vem chamar a atenção dos pesquisadores das ciências humanas, para que voltem novamente os olhos para a religião, demonstrando que essa não é

⁵³⁰ *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 set. 1956, p. 01.

⁵³¹ Entretanto a questão racial, por várias vezes mencionada na narrativa do jornal, nos leva a crer que sendo Maneco um afro-descendente vivendo em meio da uma colônia de descendentes de alemães, já seria mais do que motivo para condená-lo. Esta é uma questão que merece maior atenção pouco explorada neste trabalho..

uma questão que se encontra resolvida, e junto com ela, também não se encontram resolvidas as questões da mulher no contexto religioso, e que há muito ainda para ser explorado no que se refere ao corpo e a sexualidade dentro desses discursos, o que torna esse tema ainda mais interessante e sedutor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos, dentro das mais diversas disciplinas compreendidas como ciências sociais, vêm nas últimas décadas dedicando-se com especial ênfase a temáticas envolvendo religião e religiosidade, muitas delas realizadas a partir de um enfoque analítico das relações de gênero. Estas contribuições ao campo acadêmico, são inegáveis. O mesmo se pode dizer ao que se refere à utilização de periódicos como fonte e objeto de pesquisa e construções de análises. Assim, esta pesquisa não pode ser enquadrada como um trabalho realizado dentro de uma perspectiva inédita, mas sim, inspirada em outros estudos que auxiliaram em sua construção, no intuito de também contribuir com o aprimoramento dessas possibilidades de pesquisa.

Elaborada a partir de uma simbiose entre estudos sobre religião, análise de periódicos e perspectivas de gênero, a proposta desta dissertação foi de investigar os valores normativos veiculados por um instrumento específico de propagação dos preceitos católicos, o jornal *O Apóstolo*.

Ao elegermos as representações normativas veiculadas pelo discurso deste representante da Boa Imprensa, tínhamos como principal objetivo compreender as articulações que envolviam a construção discursiva sobre as normalizações da família católica utilizadas pela Igreja como forma de participação do espaço público.

Para tanto, foi necessário situarmos *O Apóstolo* no contexto político, tanto nacional como estadual, relacionando-o também, com os empreendimentos católicos como a Boa Imprensa, Apostolado da Oração e a Congregação Mariana. O contexto que envolvia a produção de *O Apóstolo* estava repleto de nuances que constituam a dinâmica de sua construção e de seus discursos, em uma acirrada disputa com representações que compunham o cenário cotidiano catarinenses e brasileiro. Nestas disputas, marcada também por crises e conflitos internacionais, por alianças e aproximações políticas, por mudanças na esfera do poder estadual e nacional, os discursos da Boa Imprensa buscavam manter-se como fornecedores de representações normativas, cujo objetivo maior apresentava-se como a formação de uma nação brasileira católica, ordeira e estável.

Mas a consolidação desse plano católico ultrapassava as possibilidades de *O Apóstolo*, de seu clero e dos fiéis, visto que outros periódicos, jornais e revistas não-católicos, assim como outros meios de comunicação como o rádio, cinema, literatura e a televisão – mesmo que com menor ênfase neste período analisado - eram capazes de fornecer representações e sugerir padrões de conduta, com mais eficácia do que os discursos católicos. Eram os valores modernos tão combatidos pela Boa Imprensa que, enfim, saíam vitoriosos.

Tratava-se de um momento histórico em que a Boa Imprensa, apesar de consolidada, começava a perder seu espaço para um modelo de imprensa que se modificava, profissionalizando-se, dividindo tarefas, criando agendas, tornando-se importante veiculador de notícias e informações, travestindo-se com a máscara da imparcialidade, tornando-se cobiçada mercadoria, e não mais declarado veículo de propagação de ideologias, como o havia sido outrora. O espaço para publicações como *O Apóstolo*, modificavam-se radicalmente.

Mas, mesmo que essa publicação estivesse fadada a perder grande parte de seu

espaço no meio público, os preceitos normativos propagados em seus discursos mantiveram-se presentes entre os fiéis católicos, buscando responder às novas perspectivas e modificações da sociedade. Retomados e resignificados no papado de Bento XVI, as representações de homem e mulher, de casamento monogâmico - heterossexual, indissolúvel e único local legítimo para a geração da prole -, a preservação do corpo como caminho para a santidade feminina, assim como o cultivo da representação de Maria como símbolo de perfeição, mantêm-se presentes, munidas de novas cargas de significações frente ao contexto histórico atual.

No desenrolar de nossa pesquisa, uma vez que nosso objetivo centrava-se na investigação das representações normativas fornecidas por esse jornal católico, priorizamos os discursos centrados nas representações de família, por ser ela o foco principal dos discursos normativos de *O Apóstolo*, em torno do qual gravitavam demais discursos referentes aos papéis de gênero e as condutas morais de homens e mulheres. Este não era o único enfoque possível, entretanto, foi o norte escolhido aqui escolhido.

Na medida em que trilhava este percurso, foi possível observar que o jornal continha certos discursos intrigantes, abrindo um novo leque de possibilidade analíticas que também gravitavam ao redor do tema central. Deste modo, alguns tópicos foram apresentados à pesquisa, como por exemplo, a campanha pela beatificação da menina Albertina Berkenbrock, que acabou por possibilitar uma análise sobre a concepção católica de perfeição feminina, e o lugar reservado à mulher dentro de seus discursos, assim como, o paradoxo em que a mulher é concebida dentro do catolicismo.

A delimitação que separava as representações de homens e mulheres, dentro dos discursos católicos de *O Apóstolo* tornava-se, então, cada vez mais bem definido, assim como a reprovação à adoção de novos padrões de beleza masculina e principalmente

feminina. Também os relacionamentos como namoro e casamento, ganhavam destaque, com maior ênfase para o papel feminino a ser desempenhado nestes.

É bem verdade que estes discursos não se referiam a uma realidade das classes populares brasileiras, mas buscavam a normatização de famílias católicas dentro da norma familiar burguesa. De modo geral, estes discursos almejavam instigar a quaisquer leitores a viverem de acordo com os preceitos normativos católicos, sob o risco de penas eternas ou regozijo perpétuo.

Ao passo que estas questões sobre a normatização familiar e a moral cristã apresentavam-se no decorrer da pesquisa, procuramos trabalhá-las de modo a não descolá-las de seu período histórico e das influências sociais e políticas que envolviam sua produção, pois, como escreveu Ronaldo Vainfas, é um erro pensar em uma moral cristã homogênea e imóvel ⁵³², esta se encontra dialogando com o seu momento histórico, mesmo que de forma a empreender resistência a este. Entretanto - ainda sob o caminho apontado por Vainfas -, é possível pensarmos a partir de uma problemática cristã, dotada de múltiplas expressões, mas pautada em preceitos normativos morais, intimamente ligados à propagação de identidades de gênero e uma intensa preocupação para com os corpos de seus fiéis.

Assim, esta pesquisa revelou outros assuntos relevantes, que merecem atenção para futuras pesquisas. O empreendimento normativo da Boa Imprensa em Santa Catarina ainda apresenta-se como um campo rico a ser explorado, especialmente se abordado através de outras temáticas e outras possibilidades teóricas, como por exemplo, os discursos anticomunistas dirigidos às famílias católicas, e uma abordagem mais ampla sobre os discursos relacionados à construção da representação de santidade feminina, entre outras possíveis.

⁵³² VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1992, p. 85.

Por tratar-se de um trabalho realizado dentro da perspectiva de uma análise de uma História do Tempo Presente, e ter sua problemática pensada a partir do atual momento histórico vivido pela Igreja Católica, sob o papado de Bento XVI, esta dissertação não pode ser considerada como uma abordagem completa e capaz de responder a todos os questionamentos possíveis de serem suscitados, pois esta História do Presente encontrava-se em movimento e, portanto, inacabada. Também existe o risco de cometer equívocos, uma vez que a imersão do historiador em meio à correnteza de seu tempo acaba por tornar-se não apenas um trunfo – pois lhe possibilita a proximidade com seu objeto de estudo e a compreensão de seu sentido dentro do meio social –, mas também pode se tornar capaz de turva-lhe os sentidos, numa busca angustiante por concluir o inacabado.

Diante dessas considerações, pretendemos esclarecer que não é nosso propósito encerrar essa discussão, ao contrário, almejamos sim, sinalizar para que novas pesquisas dentro dessa temática possam ser realizadas, especialmente focadas dentro do campo da História do Tempo Presente, pois através desta perspectiva abrem-se inúmeras possibilidades de se buscar uma compreensão da complexa teia de relações que se inscreve em nossa sociedade.

FONTES

1. Arquivos

- Arquivo Da Biblioteca Público Estadual de Santa Catarina.

Jornal: *O Apóstolo* de julho de 1929 a dezembro de 1959.

- Arquivo Histórico da Arquidiocese de Florianópolis.

Correspondências trocadas entre o Arcebispo de Florianópolis Dom Joaquim e o Pe Emílio Dűfner – 1934 a 1938.

2. Páginas da internet

ASSIS, Nancy Rita Sento Sé. Amor de Baile: ensaio sobre o lugar da virtude no processo de civilização dos costumes. In: *Revista Ártemis*, vol. 7, dez. 2007, p. 36-46. Disponível em: http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero7/artigos/artigo_04.pdf. Acesso em: 12 set. 2008.

CONCILIO VATICANO I - 1869-1870. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=concilios&artigo=vaticano1&lang=bra>>. Acesso em: 25 ago. 2008.

Coração de Jesus e Coração de Maria. *Sticna*. Disponível em: <http://www.sticna.com/consagracao_Coracao_Jesus_Maria.html>. Acesso em: 29 out. 2008.

COSTA, Caroline de Souza. *Uniões informais no Brasil em 2000: uma análise sob a ótica da mulher*. UFMG/FACE/CEDEPLAR, Belo Horizonte: 2004 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/demografia/dissertacoes/2004/Carolina_de_Souza_Costa.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2008.

CRAIDE, Sabrina. Escolha de Bento XVI foi consenso no Vaticano, diz teólogo. Agência Brasil: EBC – empresa Brasil de Comunicação. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/05/08/materia.2007-05-08.5415989622/view>. Acesso em 15 mai 2008.

G1 – GLOBO.COM NOTÍCIAS. São Paulo, 20/10/2007. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL153747-5598,00.html>>. Acesso: em 04 nov. 2007.

GUERREIRO, Lúcia. Bento XVI é estratégia anti-reformista de Igreja em crise, diz Leonardo Boff. UOL – *Últimas Notícias*, 19 mai 2007. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2007/05/19/ult1766u21766.jhtm>. Acesso em 15 mai 2008.

MARTINS, Márcio. Bento XVI, tradição doutrinária em busca da paz e da perspectiva de unidade. In: Revista “*Mundo e Missão*”. Disponível em: <http://www.pime.org.br/mundoemissao/papatradicao.htm>. Acesso em 15 mai. 2008.

PIO XII. *MUNIFICENTISSIMUS DEUS*: Definição do Dogma da Assunção de Nossa Senhora em Corpo e Alma co Céu, 1950. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus_po.html>. Acesso em 10 ago. 2008.

Biografia de Biase Faraco. Disponível em:
<<http://www.poetaslivres.com.br/poeta.php?codigo=61>>. Acesso em: 30 nov. 2008.

Biografia de Dom Sebastião Leme. Disponível em: <
<http://www.proerdpinhal.com.br/cardeal/index.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2008.

Biografia de Monsenhor Ascânio Brandão. Disponível em:
<<http://jornal.valeparaibano.com.br/2006/11/16/bairro/ascanio.html>>. Acesso em:
20 jul. 2008.

Biografia de Nereu Ramos. Disponível em: <
http://biografias.netsaber.com.br/ver_biografia_c_917.html>. Acesso em: 12 nov.
2008.

Histórico da Revista Ave Maria. Disponível em:
<<http://www.avemaria.com.br/revista/historico.jsp>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: 2007.
- ALMEIDA, Cláudio Aguiar. *Meios de Comunicação Católicos nba Construção de uma ordem autoritária: 1907/1937*. USP, São Paulo: 2002. (Tese de Doutorado)
- ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. *Vozes da Mãe do Silêncio: a aparição da Virgem Maria em Piedade dos Gerais (MG)*. São Paulo: Attar, 2003.
- AREND, Silvia Maria Fávero. *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
- _____. *Filho de Criação: uma história dos melhores abandonados no Brasil (década de 1930)*. UFRGS, Porto Alegre: 2005. (Tese de Doutorado).
- As Congregações Marianas no Brasil*. 5ª ed., São Paulo: Ed. Loyola, 1997.
- AZEVEDO, Thales de. *As Regras do namoro à Antiga*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 6 ed, Rio de Janeiro: Nova Terra, 1985.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mari Del. *História das mulheres no Brasil*. 2 ed, São Paulo: Contexto, 1997.
- BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da Religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras, um estudo sobre a atribuição através da religião. In: SACHS, Viola [et al]. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 27-58.
- BRANDI, Paulo. *Vargas: da vida para a história*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.
- BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1986.
- CARNEIRO, Henrique S. *A Igreja, a Medicina e o Amor: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2000.
- CARVALHO, Maristela Moreira de. Sexualidade, controle e constituição de sujeitos: a voz da oficialidade da Igreja Católica (1960-1980). In: *Esboços: revista do programa de pós-graduação em História da UFSC*. Florianópolis, n. 09, 2002, p. 159-180.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CIFUENTES, Rafael Llano. *Relações entre a Igreja e o Estado*. 2ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- CORNWELL, John. *O Papa de Hither: a história de Pio XII*. 2 ed., Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- CORRÊA, Carlos Humberto (org). *A realidade Catarinense no Século XX*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2000.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Práticas de leitura entre professores primários – Florianópolis - SC (1950-1960). In: MORGA, Antonio (org.). *História das*

Mulheres de Santa Catarina. Florianópolis: Letras Contemporâneas & Argos, 2001, p. 207-217.

DENIPOTI, Cláudio de. *Páginas de Prazer: a sexualidade através da leitura no início do século XX*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.

DEPIZZOLATTI, Norberto Verani [et. al.]. *O Cinema em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. UFSC/EMBRAFILME, 1987.

DIAS, Romualdo. *Imagens de Ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

DUARTE, Luiz Fernando [et al.]. *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

DUBY, Georges. *Eva e os padres: damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores: história dos papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Volume 2 – formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 1993.

FARIAS, Damião Duque de. *Em defesa da ordem: aspecto da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: Ed. Hucitec – USP, 1998.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. 2ª ed., Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

_____. Desquite e divórcio: a polêmica e as repercussões na imprensa. In: *Caderno Espaço Feminino*, 17, n. 1, CDHIS, Uberlândia, 2007, p. 335-357.

FERNANDES, Rubem César. Aparecida: nossa rainha, senhora e mãe, sarava!. In: SACHS, Viola [et al.]. *Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 85-111.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

FRANCO, José Eduardo; CABANAS, Maria Isabel Morán. *O Padre Antonio Vieira e as Mulheres: o mito barroco do universo feminino*. São Paulo: Arké, 2008.

FONSECA, Claudia. História Social no Estudo de Família: uma excursão interdisciplinar. In: *Boletim informativo e bibliográfico das ciências sociais.BIB.* n. 27, 1º semestre 1989, p. 51-73.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 6 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 24 ed., Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Microfísica do Poder*. 3 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRANCO, José Eduardo; CABANAS, Maria Isabel Morán. *O Padre Antônio Vieira e as Mulheres: o mito barroco do universo feminino*. São Paulo: Arké, 2008.

GABEIRA, Fernando. *Hóspede da Utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

GIDDENS, Antony. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOMES, Paulo Emilio Sales. *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1980.

GOMEZ, Josefa Buendia. *Palavras de mulheres: juntando os fios da teologia feminista, cadernos n. 4, católicas pelo direito de escolha*. São Paulo: Vozes, 2000.

GRANDO, José Carlos. As concepções e corpo no Brasil a partir de 30. In: GRANDO,

- José Carlos (org.). *A [des] construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001, p. 61-100.
- ISAIA, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003
- KRÜGRER, Helmuth. Estrutura Psicológica do Ato Moral. In: *Revista da Universidade Católica de Petrópolis*, Petrópolis, v. 4, n. 13, maio-agosto, 1996, p. 13-25.
- LAUERHASS JÚNIOR, Ludwig. *Getúlio Vargas e o trunfo do nacionalismo brasileiro: estudo do advento da geração nacionalista de 1930*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade e São Paulo, 1986.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2 ed, São Paulo: Papirus/Unicamp, 1986.
- LIMA, Maria do Socorro de Abreu e. Pela efetivação dos Direitos das mulheres: Associações Femininas em Recife dos anos 50. In: *Esboços: revista do programa de pós-graduação em história da ufsc*. Florianópolis, n. 17, 2007, p. 92-110.
- LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil Contemporâneo*. 2 ed, Porto Alegre,: Mercado Aberto, 1983.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi [et al]. *Fontes Históricas*. 2 ed, São Paulo: Contexto, 2006.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. *Trechos escolhidos*. 2 ed, Rio de Janeiro, Agir, 1970.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e Educação Feminina: (1859-1919) uma face do*

- conservadorismo. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.
- MATOS, Maria Izilda Santos; MORAES, Mirtes. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940). In: *ArtCultura*: revista de história, cultura e artes, v. 9, n. 14, jan-jun, 2007.
- MARTINEZ, J. M. Blázquez. Filosofía y Cristianismo: el temor ante la muerte. In: ÁVILA, Maria Ángeles Alonso (org.). *Amor, Muerte y Allá en el Judaísmo y Cristianismo Atiguos*. Valladolid: Secretariado de publicaciones e Intercambio Científico, Universidade de Valladolid, 1999, p. 145-179.
- MAUD, Ana Maria. A embaixatriz dos balangandãs. In: *Nossa História*, v. 1, n. 6, abr., 2004, p. 56-61.
- MORAIS, Eneida da Costa. *História do Carnaval Carioca*, s/ ed., Rio de Janeiro, 1958.
- NUNES, Karla Leonora Dahse. Antonieta de Barros: uma história. In: MORGA, Antonio (org.). *História das Mulheres de Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas & Argos, 2001, p. 250-268.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: Gênese, cultura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento*: as formas do discurso. 2 ed, Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.
- OTTO, Claricia. *Catolicidades e Italianidades – Tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis: Insular, 2006.
- PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1997.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. 2ª ed., Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.
- PEIXOTO, Maria Cristina Leite. *“Santos da porta ao lado”*: caminhos da santidade contemporânea católica. UFRJ, Rio de Janeiro: 2006 (Tese de Doutorado).

- PEREIRA, Moacir. *Imprensa e Poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli: FCC Edições, 1992.
- PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Rachel (org). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Edunesp, 2003, p. 13-27.
- PIAZZA, Walter F. *A Igreja em Santa Catarina: notas para sua história*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1977.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos ao passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: USP, 2003 (Tese de Doutorado).
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- PRADO FILHO, Kleber. *Michel Foucault: Uma história da governamentalidade*. Rio de Janeiro: Insular/Achiamé, 2006.
- RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. IN: MORAES, Marieta; AMADO, Janína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8 ed., Rio de Janeiro: Ed. EFGV, 2006.
- REESE, J. Thomas. *O Vaticano por dentro: a política e a organização da Igreja Católica*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.
- ROCHA, Greyce Bressan. *Sob a proteção de Nossa Senhora da Lapa: as práticas de devoção Mariana em Ribeirão da Ilha - 1980/2005*. UDESC, Florianópolis: 2005 (TCC).
- RODRIGUES, José Albertino (org.). *Durkheim*. São Paulo: Ática, 2001.
- RUDY, Antonio Cleber. *Entre a Luz e as Trevas: Cultura Libertária e Aversão ao Clero em*

- Santa Catarina (1910-1940). UDESC, Florianópolis: 2006 (monografia de especialização).
- SÁENZ, Antonio Piñeiro. Etre el juicio y la salvación: peccado y transgresión en el nuevo testamento. In: ÁVILA, Maria Ángeles Alonso (org.). *Amor, Muerte y Allá en el Judaísmo y Cristianismo Atiguos*. Valladolid: Secretariado de publicaciones e Intercambio Científico, Universidade de Valladolid, 1999, p. 83-96.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. *Nova História de Santa Catarina*. 4 ed., Florianópolis: Terceiro Milênio, 1998.
- SARTI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria Do Carmo Brant de. *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002, p. 39-49.
- SCHNEIDER, Marília. *Memória e História: Antoninho da Rocha Marmo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2001.
- SCHPUN, Mônica Raisa. *O Cinema em São Paulo: experiências de italianos e italianas, práticas urbanas e códigos sexuados*. In: ArtCultura: revista de história, cultura e arte, v. 9, n. 14, jan-jun, 2007, p. 71-81.
- SCIADINI, P., *Ser pequena para ser grande – Biografia de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico*, São Paulo, Loyola, 1996.
- SEABRA, Zelita. *Tempo de camélia: o espaço do mito*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SEGALEN, Martine. *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar, 1996.
- SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed UFSC, 1997.
- SILVA, Márcio Cláudio Cardo da. *Um olhar sobre os protestantes no espaço social de Florianópolis – Representações no jornal O Apóstolo (1929-1933)*. UDESC, Florianópolis: 2001 (Trabalho de Término de Curso).
- SIMÕES, Josanne Guerra. *Sirênico Canto – Juscelino Kubitscheck e a construção de uma imagem*. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, Faculdade de Educação, UFRGS. V. 20, n. 2, p. 71-101, jul./dez. 1995.

SOUZA, Rogério Luiz de. *A construção de uma nova ordem: catolicismo e ideal nacional em Santa Catarina (1930-1945)*. UFSC, Florianópolis: 1996 (Dissertação de Mestrado).

_____. As Imagens do Renascer Brasileiro: Catolicismo e Ideal Nacional (1930-1945). In: *Fronteiras: revista Catarinense de Historia*. Florianópolis, n. 11, 2003, p. 31-44.

TEIXEIRA, Francisco M. P. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Global, 1993.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão*. 2 ed., São Paulo: Ática, 1992.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VAUCHEZ, André. Santidade. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, v. 12, p. 287-300.

ZUCON, Otavio. A normatização do corpo entre a medicina e a publicidade (1920/1945). In: *Esboços: revista do programa de pós-graduação em história da ufsc*. Florianópolis, n. 12, 2004, p.185-195.

ANEXOS

APRESENTAÇÃO DE DADOS

O objetivo deste levantamento de dados é facilitar ao leitor/a uma visualização mais ampla de *O Apóstolo* a partir da temática proposta por essa dissertação.

Para facilitar a tabulação dos dados, foram adotados recortes temporais menores e alguns temas foram suprimidos – devido a sua pequena reincidência –, enquanto outros temas foram aglutinados.

É importante lembrar *O Apóstolo* é uma publicação mensal somente até 1931, tornando-se depois publicada quinzenalmente.

Cada edição contava com um número médio de quatro páginas.

ANO	Nº de jornais	Moda e Beleza	Misses	Boa Esposa e Mãe	Bailes	Cinema E Leitura	Divórcio	Santidade feminina	Voto feminino
1929 A 1930	109	23	5	32	7	16	5	6	7 *referente as publicações de 1933

ANO	Nº de jornais	Moda e Beleza	Misses	Boa Esposa e Mãe	Bailes	Cinema E Leitura	Divórcio	Santidade feminina	Aborto
1935 A 1939	120	19	4	40	15	22	9	4	2

ANO	Nº de jornais	Moda e Beleza	Corpo e pudor	Boa Esposa e Mãe	Bailes	Cinema E Leitura	Divórcio	Santidade feminina	Castidade masculina
1940 A 1945	144	10	9	10	6	8	2	2	6

ANO	Nº de jornais	Moda e Beleza	Corpo e pudor	Boa Esposa e Mãe	Bailes	Cinema E Leitura	Divórcio	Santidade feminina	Castidade masculina
1946 A 1950	120	12	8	19	8	8	6	23	2

ANO	Nº de jornais	Moda e Beleza	Corpo e pudor	Boa Esposa e Mãe	misses	Cinema E Leitura	Divórcio	Santidade feminina	Alcoolismo masculino
1951 A 1955	120	8	10	19	6	9	11	42	1

ANO	Nº de jornais	Moda e Beleza	Corpo e pudor	Boa Esposa e Mãe	Bailes	Cinema E Leitura	Divórcio	Santidade feminina	Misses
1956 A 1959	96	8	12	10	7	6	3	5	6